

# ANJOS PERDIDOS EM TERRA QUEIMADA

"VERÃO"

MONS  
KALLENTOFT



D. QUIXOTE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Ficha Técnica

Título original: Somnardöden  
Título: Anjos Perdidos em Terra Queimada

Autor: Mons Kallentoft

Edição: Maria da Piedade Ferreira

Capa: Rui Garrido

Foto de capa: © Corbis/VMI

ISBN: 9789722050128

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2008, Mons Kallentoft

Publicado originalmente por Natur & Kultur, Suécia

Publicado em Portugal com o acordo de Nordin Agency, Suécia

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.leya.com](http://www.dquixote.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

*Para minha mãe.  
E para Karolina, Karla e Nick.*

# PRÓLOGO

ÖSTERGÖTLAND, DOMINGO, 25 DE JULHO

[NA ÚLTIMA SALA]

NÃO VOU MATAR-TE, MEU ANJO ESTIVAL.

VOU APENAS AJUDAR-TE A RENASCER.

VOLTARÁS A SER VIRGEM DE NOVO. A SORDIDEZ DAS VELHAS HISTÓRIAS IRÁ DESAPARECER, O TEMPO IRÁ ENGANAR-SE E SÓ O BEM PERMANECERÁ.

PORTANTO, VOU MATAR-TE, JÁ TE MATEI, PARA QUE O AMOR POSSA RENASCER.

TENTEI NÃO TE MATAR, MAS, SEM ISSO, O RENASCIMENTO SERIA IMPOSSÍVEL, A MATÉRIA FICARIA, PERMANECERIA TEIMOSAMENTE, E TUDO O QUE É NEFANDO CONTINUARIA A VIBRAR DENTRO DE MIM E DE TI COMO UMA LAVA QUENTE E NEGRA.

A MALDADE NA SUA CRISÁLIDA. O TEMPO PERDIDO, ESTILHAÇADO.

TENTEI DE VÁRIAS MANEIRAS, FIZ INÚMERAS TENTATIVAS, MAS NÃO CONSEGUI.

ESFREGUEI, LAVEI, LIMPEI.

OS MEUS ANJOS ESTIVAS. VOCÊS VIRAM OS TENTÁCULOS BRANCOS COMO A NEVE, AS PATAS DA ARANHA COMO RECIFES, AS GARRAS CANINAS.

VIGIEI-VOS, APANHEI-VOS E TROUXE-VOS.

FINALMENTE, CHEGUEI.

ELE ESTÁ SENTADO NO SOFÁ. O SEU VENTRE É UMA CHAGA ABERTA E AS PEQUENAS VÍBORAS, COMO MINHOCAS, SAEM DESSE VENTRE E CONTORCEM-SE NO CHÃO.

CONSEGUES VÊ-LO?

AGORA, JÁ NÃO PODE FAZER MAL A NINGUÉM, NEM FINGIR QUE TU O DESEJAVAS. AS TÁBUAS DO CHÃO DE CARVALHO NÃO VÃO VOLTAR A RANGER E OS VAPORES DO ÁLCOOL NÃO VOLTARÃO A POLUIR O AR.

NESTE VERÃO, O MUNDO ESTÁ EM CHAMAS.

AS ÁRVORES PARECEM ESCULTURAS NEGRAS, MIRRADAS, MONUMENTOS AOS NOSSOS FRACASSOS E À NOSSA INCAPACIDADE DE NOS AMARMOS UNS AOS OUTROS, DE NOS ENTENDERMOS.

NÓS SOMOS IGUAIS, O FOGO E EU. DESTRUÍMOS PARA QUE A VIDA RENASÇA.

ALGUÉM APANHOU AS VÍBORAS, ATIROU-AS PARA UM BARRIL DE PETRÓLEO, JÁ ABERTO, REGOU-O COM GASOLINA E LANÇOU-LHE FOGO.

OS PEQUENOS ANIMAIS MUDOS ARRASTAM-SE EM LABAREDAS, FAZEM TENTATIVAS Vãs PARA EVITAR A DOR.

SOSSEGA, MENINA.

PASSEI DE CARRO PELA FLORESTA EM CHAMAS HÁ CERCA DE UMA HORA. OUVI-TE BATER POR DENTRO DA MALA DO CARRO, PRONTA PARA SAIR, DE VOLTA, PURA E LIVRE DE QUALQUER PECADO.

ELA PENSAVA QUE ME CONHECIA BEM. QUE PRETENSÃO.

MAS NÃO FIQUES COM MEDO. QUEM QUER QUE SEJAS.

A QUESTÃO É SIMPLES: NINGUÉM PODE VIVER COM MEDO, SEM FÉ. A MORTE É O CASTIGO PARA QUEM TIRA A ALGUÉM A CAPACIDADE DE TER FÉ.

A FÉ É VIZINHA DO AMOR E, POR ISSO, É VIZINHA DA MORTE E DAS PATAS BRANCAS DA ARANHA. NÓS PRECISÁVAMOS DE TI, APESAR DO QUE FIZESTE. APESAR DISSO. TU ERAS DONA DO NOSSO MUNDO. NÃO PODÍAMOS FUGIR, APESAR DE SER TUDO O QUE QUERÍAMOS. E, DE VEZ EM QUANDO, FOMOS À TUA PRESENÇA, POIS NÃO TÍNHAMOS ALTERNATIVA. É ISSO CONSTERNOU-ME, ESSA PERMANENTE PROCURA NO ESCURO. SEI AGORA QUE A MINHA ÚNICA ALTERNATIVA É MAGOAR-ME.

MAS, QUANDO RENASCERES, ESSA MALDIÇÃO VAI TERMINAR.

PORTANTO, EM BREVE, TUDO TERMINARÁ.

TUDO FICARÁ CLARO E PURO.

BRANCO E LUMINOSO.

NÃO SENTIRÁS NADA, MEU ANJO ESTIVAL. COMO NÓS NÃO SENTIMOS.

MAS NÃO TENHAS MEDO. É APENAS O AMOR QUE VAI RENASCER. VIRGEM.

E, DEPOIS, VAMOS ANDAR DE BICICLETA NO TALUDE, AO LONGO DO CANAL DE GÖTA, NUM VERÃO QUE DURARÁ ETERNAMENTE.

# PRIMEIRA PARTE

## O AMOR RENASCIDO

# CAPÍTULO 1

QUINTA-FEIRA, 15 DE JULHO

QUE BARULHO É ESTE, QUE RESSOA?

É a chuva que se faz anunciar. Trovoada. Finalmente, um pouco de água para refrescar a terra.

Mas Malin Fors não se deixa iludir. O calor deste verão veio para ficar, decidiu secar a vida na terra e a chuva não cairá tão cedo.

Através da algazarra dos outros clientes do *pub*, Malin pode ouvir o ruído do ar condicionado, a protestar contra os seus longos e exigentes turnos de trabalho, contra o facto de, neste verão, as horas extraordinárias não terem fim. A máquina parece estar prestes a falhar, estala, geme e parece dizer: «Basta, basta, basta. Vão ter de aguentar o calor ou combatê-lo com uma cerveja. Nem mesmo uma máquina como eu aguenta tanto.»

Está na hora de voltar para casa?

Está sozinha, sentada ao balcão do bar. Quarta-feira já se transformou em quinta-feira e o relógio já marca quase uma e meia da madrugada. O Pull & Bear está aberto todo o verão e os clientes que estavam a beber lá fora fugiram do calor e vieram refugiar-se neste paraíso fresco.

As garrafas estão alinhadas nas prateleiras, mesmo à frente do espelho.

Tequila. Envelhecida em barris. Dose simples ou dupla?

A humidade condensada no copo de cerveja acabado de servir, o cheiro a suor e a álcool antigo e entornado.

Malin vê o seu rosto refletido nos espelhos do bar, em todos os ângulos. Milhares de reflexos do mesmo rosto. Tem a pele levemente bronzeada do sol, o cabelo loiro cortado mais curto do que é habitual por causa do calor.

Malin descera até ao *pub* quando terminou o filme na televisão. Era uma produção francesa sobre uma família disfuncional em que uma mulher acabou por tirar a vida à irmã. Realismo psicológico, foi o que disse o

apresentador. E, de facto, podia dizer-se que sim, que era mesmo, embora a ação das pessoas, na vida real, não seja tão clara e tão fácil de perceber como no filme.

O apartamento tinha-lhe parecido demasiado vazio e ela não se sentia suficientemente cansada a ponto de ir para a cama dormir. Não, estava bem acordada, a sentir a solidão escorrer pelas paredes assim como o suor pelas costas e por baixo da blusa. Os tapetes da sala de estar cada vez mais desgastados. O relógio Ikea da cozinha que, de repente, um dia, em maio, perdera o ponteiro dos segundos, as facas que perderam o fio e precisavam de ser afiadas para um nível mais aceitável, todos os livros de Tove nas prateleiras, a última aquisição ainda alinhada na terceira prateleira. Títulos difíceis para um adulto, quanto mais para uma adolescente de catorze anos.

*O Homem sem Qualidades. Os Buddenbrook. O Príncipe das Marés.*

Ler é um passatempo infinitamente mais interessante do que qualquer outra coisa que uma rapariga de catorze anos possa inventar.

Malin toma mais um gole de cerveja. Ainda não se sente cansada. Será realmente solidão? Ou outro sentimento?

A calma estival na Judiciária não lhe dá trabalho suficiente para se sentir cansada ou para a deixar obcecada com o trabalho. Desejou o dia inteiro que alguma coisa acontecesse.

Mas nada aconteceu.

Nenhum morto foi encontrado. Ninguém telefonou a anunciar um desaparecimento. Nenhuma violação. Enfim, nada de extraordinário, a não ser o calor e os incêndios espontâneos nas florestas, principalmente em Tjälmo, que não se deixavam impressionar pela água dos carros de bombeiros. A cada dia, o fogo «engolia» hectares e mais hectares daquela magnífica floresta.

Ela pensa nos bombeiros que trabalham sem parar, todos voluntários. Nos carros-patrolha da polícia que ajudam a desviar o trânsito, mas nenhum trabalho para ela e para o seu colega Zeke Martinsson.

Quando o vento sopra do lado das florestas sente-se o cheiro do fumo dos incêndios, passando por toda a cidade de Linköping, toda ela envolta por um calor diabólico, dia e noite, provocado por ventos quentes do sul. O verão mais quente na memória dos homens.

E das mulheres, também.

Malin bebe mais um gole de cerveja. O gosto amargo e frio alivia o calor que ainda subsiste no seu corpo.

Lá fora, a cidade parece suar, de dia fica com uma cor de sépia mate. Linköping está vazia. Só ficaram os que têm de trabalhar ou os que não têm dinheiro suficiente para partir ou algum sítio para onde ir. A maioria dos estudantes da universidade voltou para as suas cidades. As ruas estão sem gente, mesmo durante o dia. Parecem as ruas de uma cidade fantasma. As lojas apenas estão abertas porque têm de estar, por força de um contrato. Apenas uma delas está a fazer negócio: a gelataria Bosses Glassbar que faz uns sorvetes, seguindo uma receita particular, num buraco na rua do hospital, a Hospitalgata. É o único lugar onde há gente a fazer fila o dia inteiro. É um mistério como toda aquela gente chega à Bosses sem ser vista pelo caminho.

Está tão quente que ninguém tem vontade de se mexer.

Trinta e oito, trinta e nove, quarenta graus. E anteontem foi estabelecido um novo recorde de calor para a cidade: quarenta e três graus, vírgula dois, na Estação Meteorológica de Malmslätt.

«Novo recorde de calor!»

«Batido o recorde anterior.»

«Este verão não tem comparação com nenhum outro.»

São as manchetes do jornal *Östgöta Correspondenten*, geralmente conhecido por *Corren*, a comentar a situação com uma energia e uma alegria que não correspondem ao estado de espírito da cidade atacada pelo calor.

Os músculos protestam, o suor escorre pelos corpos, os pensamentos derretem-se, as pessoas procuram incessantemente as sombras, a frescura. A cidade está letárgica, tal como as pessoas. Há no ar um cheiro a poeira e a fumo que não vem dos incêndios nas florestas, mas da relva que se consome lentamente, sem chamas.

Nem uma gota de chuva desde o primeiro dia de verão, o *sommardag*. Os agricultores falam de calamidade e hoje há um artigo no *Corren* da grande estrela do jornalismo local, Daniel Högfeldt, em que ele cita um professor do Hospital Universitário, dizendo que, com aquele calor, qualquer pessoa que faça um trabalho braçal no exterior deve beber no mínimo de um litro e meio a dois litros de água por dia.

Pessoas que façam um trabalho braçal?

Será que ainda existe algum trabalhador braçal em Linköping?

Aqui há apenas professores, engenheiros, informáticos e médicos. Pelo menos, essa é a sensação que se tem. Mas esses fugiram todos.

Mais um gole da terceira cerveja faz com que Malin se descontraia, se bem que, na realidade, o que ela precisa é de uma injeção de adrenalina.

Os clientes do bar saem, um a um. E ela sente como a solidão ocupa cada vez mais espaço.

Oito dias antes, Tove estava de mala pronta no *hall*, cheia de roupa e de livros, alguns novos que ela mesma comprara. Janne, o pai, atrás da filha. E Pecka, a amiga do pai, na rua, com o seu *Volvo*, pronta para lhes dar uma boleia para Skavsta.

Malin mentira a Janne quando ele lhe pedira uma boleia para o aeroporto, dias antes. Recusara, dizendo que tinha de trabalhar. Na realidade, queria manter as distâncias, mostrar-lhe que estava aborrecida por ele ter insistido em levar Tove com ele, para o outro lado daquele maldito planeta.

Bali.

Janne ganhara a viagem num sorteio entre os funcionários do município. O primeiro prémio para o «Grande Bombeiro».

Um sonho para Tove e para Janne. Apenas pai e filha. Para os dois, a primeira grande viagem juntos. Para Tove, a primeira fora da Europa.

Malin receara que Tove não quisesse viajar com o pai, por não querer ficar longe de Markus, o namorado, ou porque os pais do namorado, Biggan e Hasse, tivessem outros planos para eles.

Mas Tove ficara feliz.

– O Markus vai ficar bem – dissera ela.

– E eu? Como é que eu vou ficar bem sem te ter perto de mim?

– Mãezinha! É simplesmente perfeito: vais poder trabalhar tanto quanto quiseres, sem ficar de consciência pesada por minha causa.

Malin quis protestar. Mas todas as palavras em que pensava pareciam-lhe descabidas e, pior ainda, falsas. Quantas vezes Tove não teve de preparar a sua própria refeição e ir para a cama sem ver a mãe, só porque ela estava ocupada com algum caso?

Abraços no *hall*, Janne já a segurar a pega da mala de Tove.

– Tenham cuidado.

– Tu, também, mãe.

– Sabes muito bem que eu tenho cuidado.

– Adeus, até à volta.

Três vozes a dizer o mesmo.

Uma breve hesitação.

E, depois, tudo começara de novo. Janne dissera algumas palermices e ela sentira-se constrangida quando eles saíram e a porta se fechou. As lembranças do divórcio há doze anos vieram à superfície. Os silêncios, a raiva, a sensação de que as palavras não chegavam para exprimir tudo o que pensava e que tudo o que dizia estava errado.

Viver juntos, nunca. Separados, nunca. Um amor forte, mas impossível.

Malin recusa-se a reconhecer para si mesma que se sentira marginalizada por causa daquela viagem, como se fosse uma rapariguinha abandonada por aqueles que mais a deviam amar.

– Vemo-nos quando eu vos for buscar no regresso, ao aeroporto. Mas falamo-nos antes disso – dissera ela, já a porta estava fechada.

Depois ficara sozinha no *hall* de entrada. Só tinham passado cinco segundos depois de terem partido e Malin já sentia uma infinita falta dos dois. A ideia da distância era insuportável e, por isso, seguiu diretamente para o bar.

Para ficar bêbeda, como de facto estou agora, pensa Malin.

Bebi uma tequila, como agora. Fiz uma chamada pelo telemóvel, como acabei de fazer.

A voz clara de Daniel Högfeldt ao telefone.

– Quer dizer que estás aí sentada no Pull?

– Vens ou não vens?

– Calma, Fors. Vou já!

Os dois corpos enroscados um no outro. As mãos a acariciarem o peito sem pêlos de Daniel Högfeldt, sentindo ainda na ponta dos dedos a humidade dos seus beijos. Estou a marcar o teu peito, pensa Malin. Estou a marcar o teu corpo com as minhas impressões digitais. E porque é que fechas os olhos? Olha para mim! Estou a transbordar de ti, a ponto de explodir, por isso abre os olhos, os teus lindos olhos verdes, atlânticos.

A troca de frases, no bar, apenas dez minutos antes.

– Estás com sede?

– Eu não. E tu?

– Também não.

– Então, estamos à espera de quê?

Despem-se no *hall* de entrada. A torre da igreja surge como uma figura fantasmagórica pela janela da cozinha.

As badaladas do sino da igreja dão as duas horas quando Malin o ajuda a tirar a *T-shirt* branca, usada. O algodão é áspero e branco, a pele quente no peito.

As palavras dele: «Devagar, Malin, devagar!» Mas todo o corpo dela anseia, tem pressa, treme, e devorada pelo desejo, Malin sussurra: «Daniel, nunca houve tanta pressa como agora!» E pensa: achas que te chamo a meio da noite para o fazer devagar? Para isso não preciso de ti, posso fazê-lo sozinha ou com outro qualquer. Daniel, tu és a encarnação do corpo perfeito. E não tentes enganar-me, fingir. Ele empurra-a para a cozinha. O relógio meio quebrado do Ikea continua no seu tiquetaque habitual e a sombra da igreja na janela, os ramos das árvores parados, secos.

– Assim, sim – diz ele. E ela fica em silêncio, as pernas abertas, deixando que ele a penetrasse, o membro duro, intumescido, bem proporcionado, quente. Ela encosta-se para trás, por cima da mesa, agita os braços, a caneca ainda com um pouco do café da manhã resvala pelo tampo da mesa e cai no chão, partindo-se em mil pedaços.

Nessa altura, ela afasta-o e, sem dizer uma palavra, dirige-se para o quarto. Ele segue-a.

Ela para diante da janela, olha para o jardim em baixo, a rua mais distante e, à luz ténue que entra pela janela, ordena:

– Deita-te!

Ele obedece.

O corpo de Daniel estendido em cima da cama, o membro ainda ereto apontando para o umbigo. O armário onde guarda as suas armas de serviço, na parede, ao lado da janela. Daniel, de olhos fechados, estendendo os braços para trás, para cima da cabeceira da cama, de pinho maciço. Ela faz uma pausa, olha, espera, deixa que a expectativa se transforme em dor. Depois, sobe para a cama, deita o seu corpo sobre o dele e sente-o de novo dentro dela, da maneira que quer, de que mais gosta.

Sonho que as serpentes se movimentam de novo, em algum outro lugar. Como é que uma menina da idade de Tove se movimenta entre as árvores sedentas no que parece ser um parque, durante a noite. Ou uma floresta,

perto de uma lagoa de águas escuras. Imagino que flutuas sobre a relva amarelecida e lá longe, longe, um aspersor atira gotas de água abrasivas sobre uma sebe de lilases recém-cortada.

Sonho que é realidade, Tove.

Acontece agora e eu fico com medo, paralisada, alguém, alguma coisa, sai do seu esconderijo no escuro, corre e aparece por detrás dela, atira-a ao chão, e as raízes das árvores em volta avançam para o seu corpo e envolvem-no, enfiam-se nele, profundamente, como cobras vivas e quentes, cujos corpos famintos estão cheios de correntes de lava de tempos imemoriais.

Grita, mas nenhum som sai da sua boca.

E as serpentes perseguem-na até um amplo prado outrora fértil, mas que agora se assemelha a pele queimada pelo sol. O terreno estala, e das suas fendas sai um vapor de enxofre que sussurra com uma voz rouca: «Vamos destruir-te, minha menina. Vamos destruir-te!»

Grita, mas nenhum som sai da sua boca.

É, sem dúvida, um sonho, não é? Diz que é um sonho, Tove.

Estende a mão sobre o lençol ao seu lado. Está vazio.

Janne não está lá. Volta depressa, pensa ela.

Daniel também já partiu, deixando-a sozinha com os seus sonhos naquele quarto deprimente.

## CAPÍTULO 2

TOVE E JANNE ESTÃO AGORA A COMER *bacon* com ovos mexidos num amplo terraço com vista para a praia, a Kuta Beach, e nem sequer ali subsiste a recordação das bombas lançadas por terroristas.

Janne e Tove estão bronzeados, repousados, e os seus sorrisos radiosos mostram dentes brancos, bonitos e brilhantes. Janne, atlético, já deu o seu mergulho matinal na piscina aquecida do hotel. Ao sair da água, uma belíssima balinesa está à sua espera com uma toalha na mão, bem lavada e engomada.

Tove já está estendida ao sol.

Sorri para o pai, com um sorriso ainda mais aberto: «Paizinho, o que vamos fazer hoje? Comer arroz com mel e nozes num templo budista de mármore branco? Exatamente como nas fotografias do folheto da agência de viagens?»

Malin corrige a posição dos seus *Ray Ban* com uma das mãos e a imagem de Tove e Janne, juntos, em Bali, desaparece. Depois, agarra com mais firmeza o guiador da bicicleta ao passar pelo restaurante asiático da St. Larsgatan, a rua que vai dar à Trädgårdstorget, a praça central de Linköping. Malin pensa que, se der livre curso aos seus pensamentos, toda a espécie de associações de ideias podem acontecer, caricaturas daqueles que conhece melhor e mais ama.

São só sete e um quarto da manhã e, a esta hora, Janne e Tove devem estar na praia.

E Janne nem sequer gosta de mel.

Malin pedala ainda com mais energia, sente o cheiro de fumo dos incêndios, a cidade está amarelada através dos óculos escuros.

O corpo começa a acordar, mas debate-se. Parece que o dia ainda vai estar mais quente do que nos dias anteriores. Recusa-se a olhar para o termómetro pendurado na janela da cozinha, em casa. O asfalto está pegajoso por baixo das rodas da bicicleta. Parece que o pavimento vai

reventar a qualquer momento e expelir centenas de minhocas incandescentes.

Um verão para andar de bicicleta.

As distâncias são curtas no centro da cidade. Nesta época, em Linköping, toda a gente anda de bicicleta. Malin prefere o carro, mas a constante conversa sobre o ambiente, nos jornais e na televisão, fazem-na refletir. É preciso pensar nas próximas gerações. Elas têm direito a um planeta vivo.

Àquela hora, Malin está completamente sozinha na rua. Nas montras da M&M, na praça, cartazes anunciando um período de saldos. A palavra está por cima da figura de uma conhecida modelo de que Malin devia saber o nome.

É a época dos descontos de verão. O calor. Quanto menos roupa, melhor.

O sinal está vermelho. Malin para, perto do McDonald's na esquina da Drottninggatan, a rua da rainha. Corrige a posição da saia, passa a mão para endireitar a blusa branca de algodão.

Roupa de verão, roupas mais femininas. E com este calor, a saia é melhor do que as calças.

A pistola no respetivo coldre está escondida por baixo do casaco leve de algodão. Lembra-se da última vez que ela e Zeke estiveram no campo de tiro da polícia. De como os dois disparavam freneticamente as balas nas figuras negras de papel, ao fundo.

O McDonald's está instalado num velho edifício da década de 1950, com uma fachada de pedra escura e um terraço côncavo e branco na frente. Do outro lado da rua, num prédio ainda mais antigo, fica o consultório da psicanalista Viveka Crafoord.

Espremedora de cérebros.

Ela viu-me por dentro.

Malin recorda o que ela lhe disse durante uma conversa na fase final de uma investigação.

«E você? Qual é a razão dessa tristeza?», e acrescentara: «Telefone, se precisar de falar.»

Falar.

Já há demasiadas palavras neste mundo. Pouco ou nenhum silêncio. Malin nunca chegou a telefonar a Viveka Crafoord para falar sobre assuntos particulares, mas telefonou várias vezes nos casos em que precisou de «uma abordagem psicológica», como a própria Viveka gosta de dizer.

Mas já tinham tomado café juntas, algumas vezes, quando se encontravam por acaso na cidade.

Malin vira-se.

Olha de novo para a Trädgårdstorget, para as paragens dos autocarros, criadas especialmente para aquele lugar, e para os canteiros de flores e plantas nos passeios enfeitados com desenhos artísticos. Vê a fachada avermelhada do prédio que inclui uma loja de flores e sementes e a pastelaria Schelin.

Uma praça agradável numa cidade agradabilíssima.

Uma fachada polida. Tudo pode acontecer nesta cidade, onde o antigo e o moderno se encontram, em que os pobres e os ricos, instruídos e sem instrução, se enfrentam permanentemente, onde os preconceitos quanto ao próximo se espalham como o pó dos cobertores sacudidos. Na semana anterior tinha apanhado um táxi com um motorista de meia-idade que barafustava: «Malditos imigrantes! Não fazem nenhuma tentativa honesta para ajudar seja quem for. O melhor é usá-los como combustível na fundição Gärstad. Assim, ainda serviriam para alguma coisa.»

Ela queria sair do carro, mostrar a identificação, dizer «eu meto-o na prisão, seu patife», mas fica em silêncio.

Um homem de cor, de fato de treino verde, atravessa a praça, com uma longa ponteira na mão para evitar ter de se baixar para apanhar papéis e beatas no chão. Das garrafas e latas, já o Pant-Gunnar, ou outra das empresas de limpeza da cidade, tomou conta.

Malin olha em frente, segue a direito pela St. Larsgatan até virar à esquerda, onde o bairro mais sofisticado da cidade, o Ramshäll, começa.

Hasse e Biggan moram lá, os pais de Markus, perto do hospital onde ambos são médicos.

O sinal do cruzamento muda para verde e Malin volta a pedalar, seguindo em frente.

A cerveja e a tequila do dia anterior não lhe deixaram marcas no corpo. Nem mesmo Daniel Högfeldt. Ele saiu lá de casa ainda ela estava a dormir e, se o conhece bem, é de imaginar que esteja na redação do jornal neste momento, a reclamar contra o vazio estival e à espera de que aconteça alguma coisa.

Malin passa de bicicleta pela academia de ginástica, escondida por detrás dos arbustos verdejantes, e umas centenas de metros adiante, perto do início

da Linnégatan, vê o prédio da associação ambiental, Trädgårdsföreningen. Depois da academia, desaparecem as construções e surge um estacionamento. Por detrás dos carros parados, surge por fim o Hotel Ekoxen, considerado por todos o melhor da cidade. Mas Malin vira para o outro lado e toma a direção da entrada para o balneário Tinnerbäck, o *Tinnis*, como é conhecido. O balneário abre às sete horas da manhã e, no estacionamento, à entrada, estão apenas dois veículos, um *Volvo* vermelho, tipo *kombi*, modelo antigo, e uma carrinha branca, de marca desconhecida, que pode ser um *Ford*.

Salta da bicicleta, estaciona no lugar apropriado, perto da cabina da entrada, e pega na bolsa que se encontra na pequena cesta de carga.

Não há ninguém na portaria, junto do torniquete. Em vez disso, um aviso na janela suja: «O balneário abre às sete horas da manhã. Entrada livre até às oito horas.»

Malin empurra o torniquete. Na sua frente vê a piscina coberta, de vinte e cinco metros de comprimento, o lago, as encostas verdejantes, o relvado e, por toda a parte, água. Tem pressa de mergulhar.

O vestiário cheira a mofo e a detergente.

Ela puxa o fato de banho pelas coxas, pensa que ainda estão firmes, que o exercício físico mantém os anos sob controlo e que não se encontram muitas mulheres de trinta e quatro anos em melhor forma. Depois levanta-se, puxa o fato de banho por cima dos seios e o contacto faz com que os mamilos se encrespem sob o tecido sintético.

Malin solta os braços, descontraí-se. Tira os óculos de natação da bolsa. Está quente de mais para treinar no ginásio da Judiciária. É melhor nadar.

Pega na carteira, na pistola e no telemóvel e sai do vestiário, em direção à piscina ao ar livre. Passa pelos chuveiros. Não lhe apetece passar-se por água, embora saiba que isso é contra o regulamento. Tudo o que quer é entrar rapidamente na água e nadar. As suas férias só estão marcadas para meados de agosto.

Os seus colegas, na sua maioria, vão gozar o bem merecido descanso em julho, excepto Zeke e o chefe do departamento, Sven Sjöman.

Johan Jakobsson. A mulher e os filhos estão na casa de campo da família, à beira de um lago, em Nässjö. Johan não parecia estar muito entusiasmado ao contar a Malin, na Judiciária, os seus planos para as férias de verão.

– A minha sogra e o meu sogro mandaram construir duas pequenas casas de campo, uma para nós e outra para Petra, a irmã de Jessica, com cozinha, casa de banho e tudo equipado, só para que não haja desculpa para não passarmos lá as férias.

– Johan, tu tens trinta e cinco anos. Deves fazer o que te apetecer.

– Mas a Jessica é louca por aquele lugar. Quer que as crianças tenham de lá as melhores recordações da infância.

– São assim tão maçadores, os teus sogros?

– Maçadores? Isso é um eufemismo. A minha sogra considera-se uma vítima, de uma passividade agressiva difícil de imaginar.

Johan bebe mais um gole do seu café, mas é obrigado a cuspir tudo no lava-loiça da bancada da cozinha. O café estava quente demais e ele queimou-se.

– Maldito café, estava a escaldar!

Como o verão, exatamente.

Börje Svärd.

Ana, a sua mulher, parálitica, está internada numa enfermaria do Hospital da Universidade. Três semanas ausente da casa que ela decorou com enorme bom gosto, três semanas numa enfermaria, totalmente dependente de pessoas estranhas. Mas estar dependente não é novidade para ela que está já há tantos anos completamente paralisada.

Börje está a fazer a viagem dos seus sonhos à Tanzânia, para um safari. Malin sabe que ele tinha poupado durante vários anos para realizar esse sonho.

Sabe também que ele tinha deixado os cães num canil em Jägarvallen. E foi sobre os cães que desabafou com ela, quando lhe deu uma boleia, numa noite de sexta-feira, no final de junho.

– Malin – diz ele enquanto os seus bigodes estremecem de emoção –, sinto a consciência pesada por deixar os meus cães.

– Börje, eles vão ficar bem. O canil tem boa reputação.

– Seja como for. Ninguém abandona assim os seus animais. Quero dizer, eles são quase da família.

Semanas antes da viagem, Börje começa a afundar-se em tristeza, os remorsos não o deixam em paz.

– Ana também vai sair-se bem, Börje – diz Malin, no momento em que param diante do portão da rua Ågatan. – Eles vão tomar conta dela no

Hospital da Universidade.

– Mas eles não vão conseguir perceber o que ela diz.

Malin tem na ponta da língua as palavras «não te preocupes», mas resolve não as dizer. Prefere tocar no braço de Börje, em silêncio. E no dia seguinte, pela manhã, na habitual reunião de serviço na Judiciária, o chefe, Sven Sjöman, diz:

– Vai em frente, Börje. A viagem vai fazer-te bem!

Börje, que normalmente ficaria zangado com um comentário destes, recosta-se na cadeira e abre os braços:

– Vê-se assim tanto que eu preferia não ir?

– Não – reage Sven. – Vê-se nitidamente que precisas de viajar, que deves viajar. Vai à Tanzânia e mata um antílope. É uma ordem!

Malin está agora à beira da piscina. O cheiro do cloro entra-lhe pelas narinas. Caminha pela borda da piscina, vai em direção à ponta onde os marcos de partida parecem quadrados de açúcar amarelecidos, em contraste com as linhas negras, pintadas no fundo da piscina para orientação dos nadadores. Ao fundo, em frente, encontram-se os imponentes ulmeiros cujas folhas já estão a amarelecer. Mas Malin continua sozinha, na piscina. Aparentemente, mais ninguém na cidade consegue levantar-se tão cedo.

Karim Akbar. O chefe da polícia.

Os seus planos de férias não são tão controversos como a maneira como exerce a sua profissão. Ele, a mulher e o filho de oito anos alugaram um chalé em Västervik por três semanas, mas na realidade não são verdadeiras férias para Karim. Confidenciou a Malin que vai escrever um livro sobre a integração dos imigrantes na Suécia, segundo a sua própria experiência. A mulher e o filho vão fazer excursões na região e nadar.

Malin já sabe de que é que o livro vai tratar. Vai contar a história de um rapazinho curdo que vive num apartamento demasiado apertado em Sundsvall. O pai suicida-se por desespero de viver à margem da sociedade. O filho vinga-se, estuda Direito e torna-se o mais novo chefe da polícia de todos os tempos na Suécia e o único com um passado de imigrante. Os jornais vão falar do livro e ele irá participar em debates na rádio e na televisão.

Malin aproxima-se da zona de partida do meio. Gosta de nadar no centro da piscina. Curva-se e pousa a toalha e o telemóvel no chão, esconde a pistola entre as dobras da toalha e põe os óculos de natação. Pensa mais

uma vez nos colegas. Degerstad deve voltar no início de setembro do seu curso de formação em Estocolmo. E Andersson continua de baixa. E, por fim, prepara-se para saltar para a água.

Estica os braços, contrai os músculos, sente o corpo preparado para o impacto na água; subconscientemente, cada músculo, cada órgão, cada célula, cada pingo de sangue, faz um *checkup* tão completo como rápido.

Tudo pronto, músculos tensos. E lá vai ela.

Malin não ouve tocar o telemóvel. A insistência da chamada antecipa que alguma coisa aconteceu, que Linköping acordou da sua pesada letargia estival.

Um braço para a frente, o outro para trás. Inspiração a cada cinco braçadas. Nadar oitenta piscinas de vinte e cinco metros – é esse o plano.

Ao final da primeira piscina faz o retorno e sente, feliz, que o corpo está bem, corresponde bem ao esforço, acha que as horas no ginásio da Judiciária estão a resultar, que está a controlar o corpo e não o contrário.

Mas é uma ilusão. Porque, afinal, o que é uma pessoa sem corpo?

O corpo é uma bola na água, o fato de banho parece uma faixa vermelha de sangue. Em volta, as construções e as árvores aparecem apenas de relance quando respira. Além disso, nada.

Malin aproxima-se novamente da borda da piscina. A primeira série de quarenta voltas está a terminar. Prepara o corpo para mais uma volta, mas nesse momento ouve uma voz, num tom de urgência, grave e calmo.

– Desculpe, desculpe, hei...

Ela quer nadar, não quer parar nem falar com ninguém, nem responder a nenhuma pergunta. Quer exercitar o corpo, pôr de lado todos os pensamentos, afastar-se de tudo.

– O seu telemóvel...

Será que é Tove? Janne?

Diminui a velocidade e, em vez de virar, para e coloca as mãos na borda da piscina.

Entre a respiração ofegante ouve uma voz difusa, longínqua. E vê um rosto escuro, na contraluz.

– Desculpe, mas o seu telemóvel estava a tocar.

– Obrigada – diz Malin, enquanto tenta recuperar o fôlego.

– Não tem de quê – diz a voz, antes de continuar a andar e a sua figura desaparecer na contraluz.

Malin sai da piscina, senta-se na borda, ainda com os pés na água. Estende o braço para a toalha e agarra o telemóvel.

O número de Zeke no visor.

Além disso, uma mensagem.

Dispensa a mensagem e liga.

Zeke atende após três toques.

– Malin, és tu?

– Quem querias que fosse?

– O grande parque no centro da cidade – diz Zeke. – Vai para lá o mais rápido que poderes. Deves estar perto, não?

– O que aconteceu?

– Ainda não sei, exatamente. Recebemos uma chamada no departamento. Encontramo-nos no parque infantil junto da rua Djurgårdsgatan.

As palavras levam consigo a frescura da água. Fica o sol, o calor, o tom da voz de Zeke.

É agora que se abrem as fendas no campo seco, pensa Malin. O tempo das víboras incandescentes chegou.

## CAPÍTULO 3

MALIN REGRESSA AO VESTIÁRIO a correr, com a toalha no pescoço. As marcas das suas pisadas no cimento da escada evaporam-se antes de ela chegar ao cimo.

Tira rapidamente o fato de banho, não pensa sequer em tomar um duche para tirar do corpo o cloro da água da piscina nem pega no desodorizante, e nem se lembra de passar um pente no cabelo. Veste a saia, a blusa branca, põe o coldre e o casaco. E enfia as sandálias brancas.

Passa o torniquete da entrada. Monta na bicicleta. Respira fundo.

Agora. Agora, vai acontecer alguma coisa.

O que a espera naquele parque?

Alguma coisa aconteceu, de certeza. As palavras de Zeke, antes de desligar. Falou vagamente de um apelo recebido na Polícia quinze minutos antes. Tinham-lhe passado a chamada da receção. Na outra ponta do fio, uma voz assexuada, pouco clara, agitada: «Vi uma mulher nua no parque, está sentada no pavilhão por cima do campo de jogos. Alguma coisa horrível aconteceu.»

Uma mulher nua. No maior parque da cidade.

Quem telefonou não disse nada sobre a idade da mulher, nem se estava viva ou morta, na realidade, nada a respeito de nada. Deve haver uma patrulha já no lugar.

Talvez um falso alarme?

Mas Malin percebeu, pela voz de Zeke, que o caso era sério, o Mal tinha recomeçado a manifestar-se, essa corrente negra, subterrânea, indefinida, que existe sempre onde quer que o ser humano esteja.

Quem terá telefonado? Não se sabe. Uma voz ofegante.

Nenhum número registado no telefone de Zeke nem na receção.

Malin para junto do gradeamento do parque, perto do Hotel Ekoxen. Acaba de passar pelo portão de entrada para o hotel, onde há muitos autocarros com turistas alemães, os hóspedes mais frequentes nesta época

do ano. E ao passar em frente da sala de jantar, vê os velhotes alemães a enxamear a mesa central do pequeno-almoço.

No centro do parque, o grande relvado está rodeado de altos carvalhos. Ela sabe que é ali que se realizam as grandes festas, principalmente das escolas secundárias, na primavera, onde se bebe muito. Malin crê que ainda consegue distinguir o cheiro a bebidas alcoólicas, a vômitos e a preservativos usados. Em baixo, do lado direito, está situado o pavilhão, construído onde antes existia um restaurante que ardeu num incêndio, há muito tempo.

Malin recomeça a pedalar, mas já vê o carro branco da patrulha lá em cima. Pedala mais depressa.

Subitamente, sente a proximidade da violência. Viu-a demasiadas vezes de perto, reconhece de imediato o seu cheiro. Típico.

O carro-patrulha está estacionado perto do pavilhão, na base de uma pequena colina. Ao lado do carro, uma ambulância. Ao fundo, veem-se alguns edificios de apartamentos, com varandas envidraçadas e, entre as árvores, Malin consegue ver também uma construção do início do século passado. Encosta a bicicleta com a ajuda do pedal e observa a cena.

Por detrás de uma vedação de madeira verde há um baloiço feito de pneus, um escorrega e três balancés em forma de vaca. E uma caixa de areia.

Dois polícias de uniforme, com óculos de piloto exageradamente grandes, o estica Johansson e o bucha Rydström, deambulam pela relva, perto da caixa de areia. Ainda não deram pela sua chegada, até porque Malin se aproximou por detrás do carro-patrulha.

No entanto, deviam tê-la ouvido chegar. Ou ter reparado que os condutores da ambulância a cumprimentaram. Um é um homem forte, de meia-idade, que Malin sabe chamar-se Jimmy Niklasson, o outro, uma jovem loira, que não tem mais de vinte anos e que deve ser nova na profissão.

Malin também sabe a dificuldade que há para encontrar mulheres capazes de fazer aquele trabalho. Muitas não conseguem passar nas provas físicas.

Niklasson olha para Malin, preocupado.

Uma silhueta entre os dois, uma figura cor de laranja, envolta no cobertor do hospital e amparada pelos dois. A sua cabeça, meio tapada pelo cobertor,

está pendente, olha para o chão. É como se alguém existisse e, ao mesmo tempo, não existisse, entre os dois.

Malin aproxima-se do banco, lentamente.

Niklasson acena-lhe, cumprimentando-a. A jovem imita-o.

Por fim, Johansson e Rydström veem-na, gritam um para o outro:

– Achamos que...

– Ela deve ter sido...

– ...Violada!

E quando essa palavra atravessa a atmosfera, sai do parque infantil e chega ao banco, a figura no cobertor levanta a cabeça e Malin vê, finalmente, o rosto de uma menina com uma expressão distorcida pelo medo.

Uns olhos castanhos que se fixam em Malin e parecem perguntar: «O que está a acontecer? O que vai acontecer comigo agora?»

Meu Deus, pensa Malin, ela não é mais velha do que Tove.

– Bico calado, está bem? – grita ela aos dois colegas.

Onde está o Zeke?

A miúda deixa de novo descair a cabeça. Jimmy Niklasson afasta o braço do ombro dela e levanta-se. A loira continua sentada no mesmo lugar. Naquele instante, Malin sente-se confusa. Por momentos, acha que Niklasson é Zeke. Ou, então, gostaria que fosse Zeke – e não ela – a chegar primeiro ao lugar. Que fosse ele a fazer reinar a calma que ela vai ter de impor aos outros. Zeke é imbatível quando se trata de impor silêncio. Embora também seja bom na hora de reagir com firmeza e energia.

Johansson e Rydström estão agora diante dela, um muro de masculinidade de repente muito próximo. A voz espessa de Rydström:

– Encontrámo-la ali adiante, perto do pavilhão. Estava caída no chão de madeira.

Johansson:

– Ajudámo-la a levantar-se. Mas ela continuou calada, sem dizer uma palavra. Nada. Foi então que chamámos a ambulância.

– Muito bem – diz Malin. – Mexeram em alguma coisa lá em baixo?

– Não – responde Rydström. – Só nela. Sentámo-la aí nesse banco de jardim, exatamente como está agora. E trouxemos o cobertor que estava na bagageira do nosso carro. Depois, a ambulância trouxe outros cobertores.

– Há mais alguma roupa lá em baixo?

– Não.

– Ela estava a sangrar... das partes íntimas – diz Niklasson. E a sua voz é muito fina para vir de um homem tão grande e forte. – E pelo que pude perceber, foi agredida nos antebraços e nas pernas. De resto, está estranhamente limpa, como se a tivessem esfregado.

– Cheira a produto de limpeza – completa Rydström. – Tem o corpo quente. As feridas nos braços e nas pernas também parecem ter sido lavadas e desinfetadas.

– Levem-na para a ambulância – pede Malin. – Vai sentir-se mais calma lá dentro.

– Ela não quer – responde Niklasson. – Já tentámos, mas só abana a cabeça.

– Acham que ela sabe onde está?

– Ainda não emitiu um único som.

Malin vira-se para Johansson e Rydström.

– Quando chegaram aqui, não viram mais ninguém?

– Não. Quem é que poderíamos ter visto? – pergunta Johansson.

– A pessoa que telefonou, por exemplo?

– Não vimos ninguém.

Malin hesita.

– Vocês dois – diz Malin. – Cerquem o local do crime. Comecem lá em baixo na fonte e façam um círculo até aqui.

\*

Malin senta-se no banco do jardim. Preocupa-se em não invadir o espaço da jovem e tenta uma aproximação simpática

– Consegues ouvir-me? – pergunta Malin, ao mesmo tempo que repara na pele branca da miúda e nas feridas, como ilhas decorativas. Repara que, apesar do calor do verão, parece ter ficado na rua durante uma noite fria de inverno. Há na sua pele branca um leve tom de virgindade, como se tivesse dançado com o diabo a dança da morte e, de alguma maneira, sobrevivido.

A jovem permanece quieta, não emite qualquer som.

Um vago cheiro a desinfetante chega às narinas de Malin.

Faz lembrar o cheiro da piscina, no Tinnis.

A jovem da ambulância está do outro lado da miúda, em silêncio, e parece não se importar com o facto de Malin não se ter apresentado.

– Podes contar-me o que se passou? – Ainda silêncio, mas um pequeno movimento para o lado. – Estás com dores? Lembras-te de alguma coisa? Não tenhas medo.

Nenhuma reação. Nenhuma resposta. Nada.

– Fica aqui com ela – diz Malin levantando-se. – Não a deixes sozinha.

Lá em baixo, ao pé da fonte, os dois polícias colocam uma faixa em volta de uma árvore. E Niklasson afadiga-se dentro da ambulância.

– Podemos levá-la para o hospital? – A jovem motorista da ambulância tem uma voz suave e dócil, tranquila. – Já agora apresento-me, o meu nome é Ellinor. Ellinor Getlund.

Malin estende-lhe a mão.

– Malin Fors, inspetora. Embora fosse melhor ela ir já, vamos esperar um pouco. Talvez comece a falar se ficar aqui um pouco mais. Entretanto, vou dar uma olhadela lá em baixo.

O pavilhão encontra-se à sombra de um enorme carvalho.

Malin sente o suor nas costas por dentro da blusa.

O relógio no telemóvel marca oito horas e dezassete minutos.

Está tanto calor como numa fornalha.

\*

O pavilhão tem o seu próprio microclima. Malin foi encontrar um calor húmido, esquisito, ao entrar no espaço aberto. Certamente, cinco graus mais quente do que lá fora, apesar de não existirem paredes. É mais um conjunto de pilares do que uma sala.

É um calor irreal.

Como se moléculas particularmente agressivas se reunissem ali, como se houvesse um diabo invisível a dançar no ar.

Malin olha para os pés. Tem o cuidado de não pisar nenhuma marca de sapato ou de pé. Há uma poça de sangue um pouco mais adiante, rodeada de pequenos pingos do mesmo fluido. No conjunto, quase a forma de um corpo.

O que é que estavas a fazer aqui, tão tarde? Nem sequer és muito mais velha que a minha filha. Não devias ter vindo aqui. Não há roupa, nenhum

tecido, pelo menos, que Malin possa ver a olho nu.

Um toque de telemóvel. A voz tranquila de Ellinor Getlund atrás dela. A voz cada vez mais perto. Será que ela deixou a miúda sozinha?

Malin baixa-se, fica de cócoras. Respira fundo. Passa a mão pelo chão de madeira, com cuidado, para não tocar em nada de importância para os investigadores e técnicos forenses, como Karin Johannison.

Vê que há sangue na balaustrada, por cima do lugar onde a miúda foi encontrada, deitada.

Alguém te atirou por cima da balaustrada? Ou foste tu que saltaste?

Vozes de crianças, ao fundo.

O que estão a fazer tão cedo, a esta hora da manhã?

Malin levanta-se, vai até à balaustrada. Do outro lado, uma série de marcas de sapatos, de galhos de arbustos partidos um pouco mais além. Uma árvore, um pinheiro com o tronco seco. Foi ali que a esperaste? Foi para aqueles arbustos que a arrastaste? Ou é a pista de outra pessoa? De quem será? Será que aconteceu tudo de maneira completamente diferente?

As crianças riem-se.

Gritam: «Polícia, mãos ao alto!»

São muitas. E, de repente, começam a gritar. E, a seguir, vozes de mulheres irritadas ecoam no parque. E a voz de Niklasson: «Que raio, o que está a acontecer?»

Malin vira-se.

Dez crianças da creche, com os seus casacos amarelos, aparecem agora, a gritar. As educadoras olham, perplexas, quando uma miúda, nua, ferida, mas irrealmente limpa, corre na sua direção. As crianças gritam de medo diante da estranha aparição que surge na sua frente e se aproxima.

As crianças gritam. Simplesmente, gritam.

– Tinha-te dito para ficares junto dela – protesta Malin.

Ellinor Getlund vai atrás da miúda, o telemóvel numa das mãos, o cobertor cor de laranja na outra, apanhado da relva.

A miúda nua, quase transparente, salta por cima das estacas para os baloiços, sem se preocupar com as feridas nos braços e nas pernas ou com o sangue coagulado no interior das suas coxas. Passa por cima da areia. E senta-se num pneu do baloiço. E balança para frente e para trás, num movimento pendular que parece ser uma tentativa obcecada de parar o tempo.

O seu corpo branco brilha, o sangue nas pernas parece quase fosforescente.

Lá em baixo, junto da fonte, Rydström e Johansson continuam a cercar o lugar com a faixa amarela, como se nada estivesse a acontecer.

Onde é que tu estás, Zeke?, pergunta-se Malin. Estou a precisar de ti.

## CAPÍTULO 4

ZEKE ENTRA CAUTELOSAMENTE no pavilhão e dirige-se a Malin.

Chegou logo depois de a miúda ter sido retirada do baloiço, envolvida num cobertor cor de laranja e colocada numa maca dentro da ambulância. Ela entrou sem hesitar.

As crianças da creche fazem uma retirada conjunta do parque. Quando os seus primeiros medos se apaziguam, parecem divertidas com a imagem da rapariga que balança nua.

Algumas até parecem dececionadas, quando Malin e Ellinor Getlund ajudam a adolescente a descer do baloiço.

Malin explica a uma das educadoras que o parque infantil é agora um local de crime, mas que, por certo, no dia seguinte as crianças podem voltar a brincar no parque. A educadora nem pergunta o que aconteceu, parece mais interessada em retirar dali as crianças, o mais rápido possível.

Zeke chega a correr pelo caminho que leva ao pavilhão. A sua cabeça rapada abana de um lado para o outro e as gotas de suor na sua testa de quarenta e cinco anos ficam mais nítidas à medida que se aproxima. Camisa azul-clara, *jeans* azul-claros, casaco bege de linho, sapatos pretos de passeio, pesados de mais para o calor que se faz sentir, mas que lhe dão um ar oficial.

Malin está fora de si quando ele, sem fôlego, para ao seu lado. Está ao pé da ambulância e tinha acabado de dar uma descompostura a Ellinor Getlund.

– No local do crime, fazes aquilo que quem está no comando te diz para fazeres. E eu disse-te para ficares ao lado da miúda e não a perderes de vista.

Ellinor Getlund, nada intimidada, insiste:

– Quando é que podemos levá-la? Ela precisa de ir para o hospital.

– Quando eu disser.

– Mas...

– Nada de mas...

Vira-se para Zeke:

– Por que razão demoraste tanto?

– Fiquei sem gasolina. Felizmente, o posto da Statoil mais próximo estava a duzentos metros. Há muitos anos que não passava por uma situação destas. Foi este maldito calor.

– Calor?

– Faz o cérebro trabalhar mais devagar.

– É verdade. Espero que não façamos muitos erros durante esta investigação.

Malin conta-lhe o que sabe, o que vira no pavilhão, e dirigem-se os dois para lá. Agora, Zeke está ao lado de Malin na sala sem paredes, o seu rosto com uma expressão de ceticismo.

– Ainda não sabemos ao certo se ela foi violada, pois não?

– Não, mas tudo indica que sim, não é?

– É verdade.

– E isso pode ter acontecido ali, entre os arbustos.

Zeke concorda.

– Ou, então, alguém lhe fez mal noutra lugar qualquer e trouxe-a depois para aqui. Merda, que calor está aqui. É estranho.

– Gostava que falasses com ela – diz Malin. – Vê se consegues que ela fale contigo, diga qualquer coisa. Tenho a sensação de que é aqui, e não em qualquer outro lugar, que vamos conseguir que ela fale.

A porta traseira da ambulância está aberta.

A rapariga envolta no cobertor cor de laranja está sentada em cima da maca, com a jovem enfermeira tão colada a ela que nunca irá poder sair de onde está. A jovem puxa o cobertor para cima da cabeça, mas continua com os olhos no chão. Cheira a hospital e a produtos de limpeza no interior da ambulância. Veem-se os tubos de oxigénio ao longo da cabina e as máscaras amarelas penduradas no teto. Há um aparelho cardiopulmonar fixado na outra ponta da ambulância.

Já salvaste alguma vida?, pensa Malin. Não vais poder salvar a miúda aqui dentro.

Alguém pode?

Zeke entra primeiro. Malin, a seguir. Faz um sinal a Ellinor para se levantar. Sentam-se os dois, um de cada lado da jovem.

Zeke vira-se para ela:

– Será que podes levantar a cabeça e olhar para mim? Caso possas, tudo bem. Se não quiseres, tudo bem, também.

A miúda continua imóvel.

– O que aconteceu aqui a noite passada? Podes contar-nos? – Um silêncio que dura vários minutos. – Alguém te agrediu? – Zeke passa a mão pela cabeça careca e brilhante. – Se não quiseres falar, não há problema. Mas seria bom se soubéssemos, pelo menos, o teu nome.

– O meu nome é Josefin Davidsson.

Depois, volta a ficar em silêncio.

A ambulância avança na direção da fonte.

Josefin não disse mais nada. Apenas o seu nome.

O que teria acontecido?

O que estaria a fazer no parque?

Onde estão as suas roupas?

Alguém a lavou?

Quem são os seus pais?

Onde mora?

Quem foi que telefonou? A primeira pessoa que a viu? Ou...

Malin estranha o silêncio dela. Procura imaginar as razões do seu silêncio. As únicas palavras que ela pronunciou circulam nas suas cabeças cada vez mais suadas: «O meu nome é Josefin Davidsson.»

– E agora? – diz Zeke, assim que a ambulância desaparece da sua vista.

– Agora, vamos esperar pela Karin.

– Johannison?

Malin consegue detetar o desprezo na voz dele. Pensa: Por que razão não gostas dela, Zeke? Porque ela é bonita? Porque ela é inteligente? Ou porque ela é rica? E rica é o mesmo que *fina*?

– Bali. Vamos ficar na estância de Uluwatu, num hotel da cadeia Bulgari  
– diz Karin Johannison, ao mesmo tempo que raspa o sangue coalhado do chão do pavilhão. – Tenho férias marcadas para agosto e vamos passar lá um mês. É a melhor época.

– Janne e Tove estão lá agora.

– Que ótimo. Em que sítio?

- Num hotel em Kuta Beach.
- É uma das melhores praias. Mas muito turística.

Malin repara em como Karin ainda está bronzeada, apesar de ter trabalhado todo o verão no laboratório. Parece indecentemente fresca e bem-disposta, como de costume, os olhos azuis sempre com um brilho positivo, a pele bem tratada. O vestido, de um tecido cor-de-rosa, caro, que se molda perfeitamente ao seu corpo, contribui para a impressão de classe.

Antes, Karin tinha passado a pente fino os arbustos e o relvado em volta do pavilhão. Encontrara alguns dejetos, que colocara dentro de pequenos sacos de plástico que identificara com um marcador vermelho.

– Vou procurar impressões digitais. Mas podem existir milhares ou também nenhuma. É difícil encontrá-las na madeira.

– Eu pensava que vocês podiam encontrar impressões digitais em tudo – diz Zeke.

Karin não responde.

– Pode ter acontecido como tu disseste, Malin. Que o criminoso a atacou ali nos arbustos e depois a arrastou para aqui e a atirou por cima da balaustrada. Vamos ver o que dizem os médicos sobre os ferimentos dela.

– Nem sabemos ainda se foi violada. E se quem a atacou foi um homem.

A voz de Zeke, provocante.

– Está na hora de voltar para a Judiciária – diz Malin. E fica a imaginar onde Daniel Högfeldt possa estar àquela hora. Ele, ou alguém do *Corren*, já devia estar aqui há muito tempo. Mas talvez o informador deles na Polícia esteja de férias. Ou talvez a notícia sobre a miúda não fosse suficientemente dramática para ser transmitida na rádio.

Mas Daniel vai aparecer. Tão certo quanto o calor deste verão. A história mais quente da estação está aqui. Mais quente do que os incêndios nas florestas.

«Adolescente violada no parque.»

Do outro lado do cordão de segurança reúnem-se os curiosos, pessoas vestidas à verão. E todas a fazer a mesma pergunta que eles:

O que terá acontecido?

Zeke deixa o carro. Um dos agentes há de levá-lo para a garagem da Judiciária. Malin vai buscar a bicicleta, olha uma última vez para o

pavilhão, antes de ela e Zeke abandonarem o parque.

Isto é só o começo, parece dizer o sol, o verão vai tornar-se ainda mais quente, mais insuportável. Esperem para ver: depois da luz, a escuridão.

– Vens, Fors?

A voz de Zeke, a um tempo enervada e calma.

Finalmente, um caso a sério a que se dedicar. E é verão. Está dispensado de ver hóquei sobre o gelo.

Malin sabe que Martin, o filho de Zeke, a grande estrela e orgulho da cidade, no Linköping HC, não tem treinos durante três semanas. Zeke odeia o hóquei, mas é leal ao filho e vai vê-lo jogar sempre que joga em casa. Mas nestes dias de calor nem gelo existe no Cloetta Center.

O caminho pedonal na saída do parque passa entre dois prédios de apartamentos com os seus canteiros de flores a murchar e a perderem a cor ao calor. Na rua em frente, Djurgårdsgatan, passa o autocarro 202 que segue na direção do Hospital da Universidade.

São menos de seiscentos metros até à Judiciária, pensa Malin. E é ali, tão perto do coração da lei, que uma miúda acaba de ser atacada e violada.

O sentimento de segurança é uma quimera.

Quatro adolescentes passam a voar nas suas bicicletas. Equipamentos de jogos aquáticos nas cestas de transporte.

A caminho da frescura. Do balneário de Glyttinge? Ou do Tinnis?

Gritos e brincadeiras. Férias de verão. E uma sombra à espera, por detrás de uma árvore, no escuro.

## CAPÍTULO 5

*VAMOS TOMAR BANHO, queremos ir nadar, disseram vocês. Mãe, viste as minhas braçadeiras, mãe, viste a minha boia, onde está a boia? Eu não quero ir ao fundo, mãe.*

*Estou a ouvi-los. Estão lá em cima, mas não sei se podem ouvir-me quando vos chamo. Quando eu chamo: mãe, mãe, pai, pai, onde estão? Têm de vir buscar-me. E quem são vocês todos, que gritam para ir tomar banho, que perguntam por boias, por sorvetes?*

*Mas eu senti as gotas.*

*Que demoram, que ficam. A que cheiram as gotas? Têm um cheiro diferente do que a água costuma ter. Cheiram a ferro? A esterco?*

*Os vossos passos. Ouço os vossos pés por cima de mim.*

*Acho que estou deitada no chão numa cave, mas talvez seja eu que estou a tomar banho, toda esta humidade, toda esta escuridão que me rodeia talvez seja água. Deve ser água, eu gosto de água.*

*E agora vocês estão a brincar. Onde está a minha bola, mãe?*

*Devo ir buscá-la? Mas os meus braços não conseguem alcançá-la. Estão presos e estendidos ao lado do meu corpo. Tento mexer os braços, mas eles parecem estar colados.*

*Mas porque me estão a pisar?*

*Não quero que andem por cima de mim.*

*Onde é que eu estou?*

*Onde é que tu estás, pai?*

*Eu sei nadar, sei boiar, mas não chego a parte nenhuma. Sei nadar. Mas não consigo respirar.*

*O meu espaço está fechado.*

\*

A creche do outro lado do parque, em frente da janela da sala de reuniões do departamento, está fechada durante o verão. Não há crianças nos

baloços nem nos escorregas pintados de vermelho. Não há mãozinhas gordas de três anos a esgravatar na areia da caixa.

Em vez das crianças, dois pintores, diante das janelas da creche. Os dois, montados, cada um no seu escadote, de tronco nu, a manejar os seus rolos de tinta cor-de-rosa, para cima e para baixo, nas paredes, a um ritmo muito mais rápido do que imaginamos.

Cores alegres para crianças alegres.

Malin olha em volta, na sala de reuniões. As paredes estão pintadas de amarelo-claro, um quadro branco ao fundo, perto da porta. Trouxeram cadeiras novas. As antigas tinham vindo com defeito de fabrico. E as novas, agora, de madeira encurvada e os assentos cobertos de oleado preto, são ainda, se possível, menos confortáveis.

Com o calor, o suor, o oleado cola os tecidos nas coxas das pessoas. O ar condicionado da Judiciária não é suficiente para manter a sala a uma temperatura agradável.

O relógio na parede da sala marca dez horas e vinte e cinco minutos. A reunião matinal está bastante atrasada por causa do incidente no parque.

Qual é a temperatura agora?

Trinta e cinco graus lá fora. Trinta, aqui dentro.

Em frente de Malin está sentado Sven Sjöman, com ar de sofrimento. As marcas de suor na camisa acastanhada, junto aos sovacos, estão cada vez maiores, a alastrar para a barriga que aumentou de tamanho durante a primavera e o início do verão.

Toma cuidado, Sven.

Os ataques de coração não são raros com este calor. Mas tu és prudente. Até aí, eu sei. Se há alguma coisa que define a tua personalidade é, justamente, a sabedoria e o bom senso. Estás com cinquenta e cinco anos. És polícia há trinta e três. E ensinaste-me tudo o que eu sei na profissão. Enfim, quase tudo.

Mas, principalmente, fizeste-me acreditar em mim, fizeste-me sentir que tinha qualidades para ser uma boa investigadora, uma boa detetive.

«Tu és o polícia mais talentoso com quem já trabalhei, Malin.»

Estás consciente do impacto dessas palavras, Sven? Certamente, senão, nunca as terias dito.

Zeke está ao seu lado. Gotas de suor escorrem-lhe pela ponta do nariz e pela testa. Malin tem o cabelo encharcado, como se tivesse terminado uma

sessão de treino no ginásio.

– Muito bem. Quer dizer que somos só nós. – Diz Sven. – Portanto, é a nós três que cabe pôr ordem no que aconteceu a noite passada. E também chegou ao nosso conhecimento outro caso, esta manhã. Uma miúda, de nome Theresa Eckeved, de catorze anos, foi dada como desaparecida pelos pais. Ambos os casos estão a partir de agora sob a minha responsabilidade.

– Bem, bem – diz Zeke. – Estamos diante de uma nova moda, a das miúdas!

Primeiro, não acontece nada, pensa Malin. Depois, nada acontece. Por fim, acontece tudo ao mesmo tempo.

– Desaparecida – diz Malin. – Uma rapariga de catorze anos? Com toda a certeza fugiu de casa

– Um momento, um momento – interrompe Sven. – Os pais de Theresa Eckeved fizeram-me um relato do que aconteceu. Mas vamos começar pelo caso de Josefin Davidsson.

– Uma coisa de cada vez – completa Zeke a sorrir. Malin nota que a energia está a regressar aos seus olhos pesados pelo calor do verão. No conjunto, um amargo paradoxo. É a violência e o sofrimento alheio que lhes dão trabalho e dessa maneira contribuem para a alegria deles. Será que posso, realmente, sentir alegria no trabalho? – pensa Malin.

Depressão e entusiasmo, volta a pensar depois.

Este misto de excitação e de entusiasmo no trabalho é um sentimento de culpa que os polícias sentem frequentemente.

Violação. E tu disparas.

Assassínio. E tu, de repente, explodes de entusiasmo.

– Josefin Davidsson está a ser examinada pelos médicos no Hospital da Universidade. Vão verificar se foi violada e, nessa altura, vai para as mãos dos psicólogos para receber ajuda e conseguirem que ela volte a falar.

– Já verifiquei – diz Malin. – Existem cento e vinte Davidsson só em Linköping. Vamos ter de pôr todas as pessoas disponíveis a telefonar para todos eles, caso ela não fale ou ninguém se manifeste.

– E não sabemos, também, quem foi que telefonou para aqui a informar que a miúda andava sem destino no parque – acrescenta Zeke.

– Não sabemos, não. E vai ser difícil saber – diz Sven. – A chamada deve ter vindo de um telemóvel pré-pago, por cartão ou em dinheiro. Já sabemos como são essas coisas. Pode ter sido alguém que passou, viu, mas não quer

ter nada que ver com a polícia. Ou, então, alguém envolvido no ataque à rapariga. E até agora ninguém da família de Josefin Davidsson se manifestou – continua Sven. – Nem um sinal. Vamos ter de interrogar as pessoas que vivem junto do parque. E quando os médicos e os psicólogos tiverem acabado o trabalho, vamos tentar ouvi-la, lá mesmo, no hospital.

– Talvez ela seja mais velha do que parece – diz Malin. – E talvez tenha ficado sozinha em casa, enquanto os pais andavam em viagem.

– Isso leva-nos ao caso de Theresa Eckeved – diz Sven. – Os pais foram a Paris e Theresa deveria estar em casa do namorado, uma vivenda em Sturefors.

Malin estremece quando ouve as palavras «vivenda» e «Sturefors».

Sturefors.

O subúrbio de Linköping onde ela cresceu.

Milhares e milhares de imagens passam pela sua mente. Os seus pais, a andar, nunca ao lado um do outro. Ela, a correr em volta, no quarto, no jardim, tendo sempre a sensação de que não sabe onde está, que a realidade é outra, muito diferente daquela em que vive. E que cada recanto, cada arbusto, cada palavra, cada alusão, escondem um segredo. O desejo de ser adulta e a esperança vã de que tudo se esclareça nessa altura, de que tudo fique claro e nítido.

O quarto de adolescente. Posters dos Duran Duran.

Nick Rhodes. *See them walking hand in hand across the bridge at midnight* e *Girls on film*.

– Mas quando eles chegaram a casa, ontem à noite, a Theresa não estava e depois de uma conversa com os pais do namorado ficou claro que ele esteve o tempo todo na casa de campo da família, sem a Theresa.

Markus.

Tove.

No começo, talvez ela não tenha mentido sobre a relação, mas escondeu a verdade. Como se esforçou para encontrar um lugar próprio para um amor com o qual julgava que eu ia ficar zangada. Ela não confiava, então, em mim. Achava que eu ia censurá-la, ralhar-lhe. É verdade. Convenci-me de que devia defender-te. Tentei apenas evitar que cometesses o mesmo erro que eu. Meu Deus, fiquei grávida de ti aos vinte anos, Tove. Eu não aguentaria ver-te na mesma situação de caos em que fiquei. Por isso, não confiei em ti, pensei em mim. E tu escondeste-me o teu primeiro amor.

Essa atitude, como lhe podemos chamar?

Maternidade falhada. Nem mais nem menos.

– Os pais não lhe telefonaram enquanto estiveram em Paris?

Zeke parece cansado novamente. A sua voz está rouca, arrastada.

Devem estar arrependidos de ter feito a viagem, pensa Malin.

– Aparentemente não – responde Sven. – A miúda não atendeu o telemóvel nem o telefone de casa, mas eles acharam isso normal, nada que os fizesse ficar preocupados.

– Nada?

– Creio que a miúda atravessa uma fase de rebeldia. Além disso, já perdeu o telemóvel várias vezes.

– E quanto tempo ficaram eles em Paris? – pergunta Zeke.

– Seis dias.

– Portanto, ela pode estar desaparecida há quase uma semana. E os pais não fazem a mínima ideia de onde ela possa estar?

– Não, pelo menos quando lhes fiz essa pergunta.

Sven Sjöman endireita a camisa, antes de continuar:

– Vamos dar prioridade ao caso da miúda do parque, mas podem começar, no entanto, por ir até Sturefors. Falem com os pais de Theresa, tentem acalmá-los, mostrem-lhes as estatísticas. Ela vai voltar, mais cedo ou mais tarde.

Nessa altura, Sven menciona uma morada apenas a um quarteirão de distância da casa onde Malin cresceu. O mesmo bairro.

O mesmo sonho prematuro da década de 1970. Piscinas em alguns dos jardins. Casas amplas, com fachadas de madeira e azulejos. Árvores de fruto já adultas e imponentes sobre relvados bem tratados.

Malin nunca mais lá foi desde que os pais venderam a casa para comprar um apartamento antigo num parque sofisticado, o Infektionsparken. De momento, vivem em Tenerife a maior parte do ano. Normalmente, só voltam à Suécia no verão, mas, como o pai lhe disse ao telefone: «Este ano vamos ficar por aqui. A tua mãe começou a jogar golfe e vai fazer um curso este verão. É mais barato agora do que na estação alta, ou seja, no inverno.»

– Vou continuar a regar as plantas, pai. Não se preocupe. Estão em boas mãos.

Na realidade, as plantas sobreviventes já são poucas, agora, no apartamento dos pais. É muito possível que as que restam não consigam

aguentar o calor do verão. Mas, o que se pode esperar? Faz agora um ano que os pais estiveram em Linköping pela última vez. Afinal, para que querem manter o apartamento aqui?

– E os *media* – lembra Malin. – O que vamos dizer aos jornalistas? Eles vão lançar-se sobre os dois casos como hienas esfomeadas.

– Com toda a certeza – concorda Sven. – Mas vamos com calma. Ainda não sabemos se o caso de Josefin é de violação e ainda vai demorar um bom bocado antes de eles saberem do desaparecimento de Theresa, não é? Talvez ainda tenhamos um dia inteiro para trabalhar com calma. E talvez precisemos da ajuda do público nos dois casos. Vamos ver como vão evoluir as coisas. Transfiram para mim todas as chamadas dos jornalistas. Eu sei como enfrentar as hienas, enquanto o Karim estiver fora.

– Com certeza ele vai voltar assim que souber das histórias – diz Zeke. – Ainda mais se os dois casos aquecerem.

– Podem ter a certeza disso – confirma Malin. E, nesse momento, o seu telefone começa a tocar.

O telemóvel está mesmo à sua frente, em cima da mesa, e o aparelho emite o sinal, ao que parece, com raiva, impositivamente, como se quisesse lembrar aos três que até então a conversa versara apenas a teoria. Estava na hora de enfrentar a dura realidade.

Malin vê o número no visor.

Atende.

Escuta.

– Sobre isso vais ter de falar com o Sven Sjöman. É ele que se ocupa das relações com a imprensa durante o verão.

Estende o telemóvel a Sven, levanta as sobrancelhas e solta um sorriso irónico.

– É o Daniel... Daniel Högfeltdt, do *Corren* – diz ela. – Quer que confirmemos as informações sobre a adolescente violada no parque e a rapariga de Sturefors que desapareceu. E quer saber se há suspeitas de alguma ligação entre os dois casos.

# CAPÍTULO 6

## ALGUMA LIGAÇÃO?

Há uma miúda desaparecida, outra agredida, talvez violada. Rebuscado? Pode ser. Não é impossível. O tempo e a investigação vão demonstrar a ligação, caso exista.

De momento, sabemos apenas que devemos começar sem ideias preconcebidas. Essa é a ordem do dia. E, assim, é Brokindsleden que está no nosso caminho, que podemos ver pelo parabrisas, em frente. Ao lado da estrada, corre a pista para bicicletas, agora deserta por causa do calor. O ar está parado, cintilante, sem oxigénio. Os campos de trigo definham devido ao calor, como se um punho gigantesco tivesse pressionado a colheita contra o solo e tivesse dito: «Não julgues que podes viver, não neste verão. Este é o ano dos incêndios e da terra queimada.»

As mãos de Zeke no volante do *Volvo*. Firmes. Como as mãos do seu filho, Martin, quando pega no taco de hóquei.

No final da época, Martin recebeu um convite para jogar na equipa do Toronto Maple Leafs, no Canadá, mas agradeceu e declinou. A sua namorada está à espera de bebé e quer tê-lo e criá-lo em Linköping. E os principais patrocinadores, a Cloetta, com os seus chocolates, e a SAAB com os seus carros e aviões, colocaram na mesa um aliciante número de milhões de coroas para que Martin ficasse.

– Agora, está rico, o meu rapaz – foi o comentário de Zeke. – E ainda mais rico vai ficar quando for para os Estados Unidos.

Aquelas palavras de Zeke soam como se ele quisesse que Martin se mudasse para a América, como se já estivesse farto, até à ponta dos cabelos, de ouvir falar de hóquei sobre o gelo, de honrarias, de elogios e de dinheiro.

– É um desporto de merda, o hóquei.

Malin pergunta-lhe o que ele pensa de, em breve, ir ser avô.

– Deves estar excitado e orgulhoso.

Mas Zeke solta apenas um grunhido como resposta. E Malin não insiste no assunto. Sabe que, quando o bebé nascer, ele vai ficar louco de alegria.

Tem a certeza. O miúdo irá esfregar a mão na careca dele e dizer: «Bola, bola!» E Zeke vai adorar.

Sturefors.

Continuam a rodar em silêncio e aproximam-se agora do bairro. Malin fecha os olhos.

O calor lá fora não tem cheiro. Mas aqui, dentro do carro, qual é o cheiro? *Wunderbaum* e perfume masculino, *Aramis*.

A que é que cheira agora? Nos jardins das casas? Qual é o perfume?

A relva recém-cortada.

Pés de menina que voam na relva. Sozinha no jardim. Cheira ao pai. À mãe. Ouço-a gritar comigo enquanto me leva para dentro de casa. Ralha-me. E o pai cala-se. E eu quero que ele venha em minha defesa, desafie a mãe, mostre que vale alguma coisa.

Mas ele fica ali, de pé, parado, ao lado da mãe. De boca aberta, enquanto a mãe grita comigo. Com as palavras de protesto a subirem-lhe à boca e a voltarem para trás, enquanto ela continua, insistentemente, a ralhar comigo.

O vento a fustigar-me os cabelos quando percorro o bairro de bicicleta, ao longo das ruas até chegar à escola. As pernas a rodar, os pés a pedalar e eu a voar pela pista de ciclismo.

É uma competição. Tudo na vida é uma competição.

E uma noite, quando vocês pensavam que eu estava a dormir, quando eu estava junto à porta do vosso quarto, lembro-me agora, só agora, pela primeira vez, do ar condicionado do carro, do que disseram: «Ela nunca deve saber. Tem de ficar entre nós.»

A voz azeda da mãe. O tom de voz de alguém que nunca está satisfeito.

Pai, o que é que eu não devo saber?

Os jogos de futebol entre os rapazes, no campo por detrás do edifício vermelho da escola. As camisolas vermelhas da equipa da casa.

Os corpos quentes. As luzes dos projetores. As equipas: Bankeberg SK, Ljungsbro IF, Linköping FF, Saab. Os rapazes e, ao seu lado, as raparigas, por baixo do cobertor, na cave, imagina se vem alguém.

A cerca de madeira pintada de verde. Famílias que tentam ser famílias. Crianças que são crianças. Que nadam nas águas da vida e sabem que um dia vão ter de assumir as responsabilidades dos adultos.

Sturefors.

Prédios de apartamentos de poucos andares e vivendas, perto de uma lagoa, Stångån. A maioria delas construída nas décadas de 1960 e 1970. Algumas construídas pelos próprios moradores, artesãos interessados em ter o seu próprio lar, feitos por si. Outras, compradas por engenheiros, professores e funcionários.

Nada de médicos por aqui, nessa época.

Mas agora, sim, com certeza.

Doutores e engenheiros por detrás da paisagem amarelecida, nas traseiras das cercas, por detrás de azulejos amarelos e brancos, e das placas vermelhas das fachadas.

Relvados por aparar. Árvores que começam a dar frutos e todas as casas com pequenos canteiros de flores que murcham e morrem ou gritam por água. Abandonar a cidade no verão era um hábito normal para a maioria dos habitantes de Sturefors.

– Podes virar à esquerda, aqui. – Diz Malin. – É já na próxima saída.

– Conheces o bairro?

– Sim...

Zeke desvia por momentos o olhar da estrada, não se preocupa com o painel onde se lê «Atenção às crianças» colocado num muro de um branco cintilante.

O conta-quilómetros indica trinta e cinco quilómetro por hora, cinco a mais do que o permitido.

– Como é possível?

Nem Zeke, o meu colega mais próximo, tem conhecimento deste episódio da minha vida, pensa Malin. E também não precisa de saber.

Não tenho qualquer desejo de lhe contar que cresci numa rua muito próxima daqui, que vim da maternidade de Linköping para morar aqui e viver aqui até sair de casa, neste bairro chamado Sturefors, de pessoas bem na vida. Não penso contar nada sobre Stefan Ekdahl e do que fizemos um dia na cama dos meus pais, quatro meses depois de eu fazer treze anos.

Malin pensa em Janne.

Estamos separados há mais de dez anos, mas nunca conseguimos desligar-nos por completo. A minha mãe e o meu pai estão casados desde a idade da pedra e talvez nunca tenham estado tão próximos um do outro.

– Acontece apenas que conheço – responde Malin.

- Há alguma coisa que não me tenhas contado, Fors?
- Talvez – diz ela, no momento em que Zeke já estaciona o carro diante de uma casa de tijolos brancos, rodeada de um muro baixo da mesma cor.
- A casa de Theresa Eckeved. Só tem de sair do carro e avançar, minha senhora.

Uma piscina cintila ao fundo do jardim. Em volta, arbustos bem aparados e canteiros recentemente limpos das ervas daninhas.

Café e bolos. As cadeiras com almofadas de uma bonita cor azul. No teto, uma ventoinha sopra uma agradável frescura. Um balde de gelo está pousado ao lado da cafeteira.

– No caso de quererem o café *con hielo* – explica Agneta Eckeved, antes de se sentar com eles à mesa.

– Obrigado, prefiro o meu quente – responde Zeke, do seu lugar na ponta da mesa. – Mas obrigado por se ter lembrado.

E a seguir as palavras de Sigvard Eckeved, inquieto e nervoso.

– Não compreendo porque é que ela nos mentiu.

E nessa perplexidade há também uma certeza, a de que ele já não decide muito na vida da filha. Se é que decide alguma coisa.

Os bolos deitam um cheiro repugnante com o calor e o café queima a língua.

A voz de Sigvard Eckeved é clara, mas tem uma ressonância grave quando conta aquilo que eles já sabem: que estiveram em Paris e que o namorado devia ter ficado com Theresa. Mas o namorado ficou o tempo todo com os pais, na casa de campo destes, perto de Valdenarsvik, que a carteira e o telemóvel de Theresa não foram encontrados, etc. Malin e Zeke deixam-no falar, apenas com curtas intervenções da mulher, a confirmar as palavras do marido. A sua voz muito mais preocupada. Saberá mais alguma coisa, pensa Malin, que devêssemos saber?

Logo que Sigvard Eckeved para de falar, Zeke pergunta:

– Têm fotografias da Theresa? Para nossa orientação e para enviar para todas as esquadras do país, caso seja necessário.

Agneta Eckeved levanta-se, abandona a sala sem dizer uma palavra.

– Ela deve ter fugido, não? – pergunta Sigvard, assim que a mulher desaparece por detrás de uma porta. – Foi com certeza isso que ela deve ter feito, não? Não deve ter sido outra coisa, não acham?

– É justamente isso que vamos ter de apurar – responde Malin. – Mas ela vai voltar, com certeza. Pelas estatísticas, em casos semelhantes é esse o desfecho em quase cem por cento dos desaparecimentos.

Malin também pensa assim. Mas se ela não voltar, o que é que eu vou fazer das palavras de esperança que acabei de pronunciar? Nessa altura, aquilo que eu disse agora não te vai servir de nada. Mas uma coisa é certa: as minhas palavras produzem maior bem agora do que mal, mais tarde.

Agneta Eckeved volta com vários envelopes cheios de fotografias.

Ela mesma as espalha por cima da mesa, diante de Malin e Zeke.

– Vejam e escolham as que quiserem levar.

\*

*Sempre disseram que sou uma rapariga bem-comportada.*

*Mas como é que vou acreditar neles? Como é que vou saber se não é uma coisa que eles dizem só da boca para fora? Aliás, estou-me nas tintas se sou bem-comportada ou não. Quem é que quer ser bem-comportado? Agora já sou adulta.*

*E tu falaste comigo de outra maneira. De um modo que me fez corar, mas a água estava fria, portanto, ninguém notou nada.*

*Lixo.*

*Está sujo, aqui? E de onde é que vêm estas fotografias? Como é que eu posso vê-las? Não entendo.*

*Já as vi quase todas antes. São deste ano. Algumas delas foram tiradas pela mãe, que é louca por tirar fotografias à família. Para com essa mania de tirar fotografias, mãe!*

*Mas vem.*

*Vem buscar-me.*

*Estou com medo, pai.*

*Praia em Maiorca, no verão passado.*

*Inverno em St. Anton, sol em céu azul, neve perfeita.*

*Natal e Páscoa.*

*Como é que eu posso ver as fotografias e ouvir o que dizem, embora não esteja aí com vocês?*

*E a água? Que água é esta? Porque é tão lamacenta, dura, como argila gelada, quando devia rodear-me suavemente o corpo. Dá-me a boia, mãe!*

*– É muito bonita, não é?*

*E tem uma voz de rapariga mais velha.*

*Muito bonita, não é verdade, Reke? Quem é o Reke?*

*Estou tão cansada, pai. Porque não dizes nada, pai? Vejo-te à mesa do terraço, o sol a refletir-se na água da piscina e os reflexos a baterem no teu rosto. Mas aqui, onde estou, está escuro, frio e húmido. E estou sozinha.*

*Não devia estar aqui. Até aí eu sei.*

*Não quero estar aqui. Quero estar com vocês. Eu posso vê-los, mas é como se vocês não existissem, como se eu não existisse.*

*Eu não existo?*

*Ao pensar nisso, fico com um medo que nunca senti antes. Ao pensar em ti, pai, sinto calor.*

*Mas também medo.*

*Porque não vens?*

Malin escolhe uma fotografia onde o rosto de Theresa Eckeved está bem nítido. Lábios pequenos, mas espessos, faces ossudas de adolescente e olhos escuros, quase negros, vivos. Cabelos escuros, meio compridos.

– Não vale a pena perguntar com que roupa saiu. Mas talvez valha a pena perguntar que tipo de roupa costumava usar.

– *Jeans*. E camiseiros. Nunca uma saia ou um vestido. Acha que é demasiado feminino – diz Agneta Eckeved.

– Na fotografia, parece uma verdadeira rapariga, bem feminina.

– Não se fie nas aparências. Na verdade, é uma verdadeira maria-rapaz – diz Sigvard Eckeved.

– Fazem alguma ideia de onde ela possa estar? Algum amigo ou amiga em especial? – pergunta Zeke.

Ambos, mãe e pai, abanam a cabeça negativamente.

– Ela não tem muitos amigos – diz Agneta Eckeved. – Quer dizer, ela conhece muita gente, mas não tem muitos amigos.

– Gostaríamos de ter o número de telefone do namorado – acrescenta Malin. – E também dos amigos que conhecem. E ainda de outras pessoas que tenham ligações com ela. Algum professor, treinador ou outros quaisquer.

- Ela não gosta muito de desportos – responde Sigvard. – Mas havia uma rapariga que vinha aqui por vezes tomar banho na piscina. Uma nova amiga, que vivia na cidade. Lembras-te do nome dela, Agneta?
- Chama-se Nathalie. Não faço a menor ideia do seu apelido.
- E o número de telefone?
- Não, infelizmente. Mas chama-se Nathalie. Disso tenho a certeza.
- Se se lembrarem, telefonem-nos, está bem?
- A Theresa tem computador? – pergunta Zeke.
- Sim, está no quarto dela. Mas não o usa com muita frequência.
- Podemos levá-lo? Para verificar as mensagens, esse género de coisas?
- É claro que sim.
- Obrigado – diz Zeke.
- A piscina é muito tentadora, sem dúvida – acrescenta ele, depois.
- Podem tomar banho, se quiserem – diz Sigvard.
- Obrigado, mas o dever chama-nos.
- De facto, é muito tentadora – diz Malin. – E sobretudo refrescante.

*Parem com essa conversa fiada.*

*E venham mas é procurar-me. Desapareci. Compreendo agora. Deve ser isso. Senão, virias procurar-me. Não é verdade, pai? Pensam que eu estou aqui de livre vontade?*

*Vocês acreditaram que foi o meu namorado. Como é que puderam ser tão ingénuos?*

*Quero contar-vos a verdade.*

*Eu grito, mas vocês não me ouvem.*

*E o toque dos telemóveis, lá em cima.*

*Parem de me pisar. Parem de me pisar.*

– Sim, é Fors.

Malin encontra-se na escada anos sessenta da elegante moradia dos Eckeved, tira o seu telemóvel da bolsa e atende ao terceiro sinal. Zeke está ao seu lado, com o *Toshiba* de Theresa debaixo do braço.

– Daqui é Sjöman. Podem ir diretamente para o hospital, enfermaria dez. O médico já a examinou. E ela está melhor. Contou até quem é.

– Josefin Davidsson?

O calor como uma rede em brasa, em volta do cérebro.

– Que outra pessoa poderia ser? Quem?

– Queria ter a certeza.

– Ela tem quinze anos e mora com os pais em Lambohov.

Ao desligar, Malin vê, pelos vidros verdes, de ambos os lados da porta, a silhueta de Sigvard Eckeved a andar, com ar preocupado, para frente e para trás, no *hall* de entrada.

# CAPÍTULO 7

## SIGVARD ECKEVED, AO LONGO DOS ANOS

CHEGASTE DEMASIADO TARDE para nós, Theresa.

Uma filha temporã. Eu já tinha quarenta e dois anos e a tua mãe quarenta e um.

Fizemos todos os testes e os médicos diziam que talvez não fosses normal, mas um dia chegaste ao mundo, em fins de fevereiro, e vieste como uma menina perfeita, um dom do céu.

Para mim, és o perfume, o sentimento, o som, a respiração, à noite, na nossa cama enorme.

Vens de gatas até mim, ficas a meu lado, e o que é que eu sou para ti? O mesmo que tu és para mim. Somos um para o outro, Theresa.

Dizem que as crianças chegam como um presente a quem temos de encaminhar na vida. Damos ao mundo uma criança e um mundo à criança.

Eu torço o nariz a essa definição.

Tu és minha.

Eu sou teu, Theresa.

Juntos, somos o mundo. Ter um filho significa compreender que todos os seres humanos são apenas um.

Tens dois anos e corres pela casa, pela sala de estar, começas a falar, gesticulas e apontas, absorves o mundo, absorvemos ambos o mundo. Embora eu, de vez em quando, ralhe contigo, tu vens para mim, procuras o mundo através de mim.

Tu tens quatro anos e meio. Com o tempo, afastas-te cada vez mais, mas de cada vez fazes nascer em mim uma nova emoção, aproximas-te de mim.

Tens doze anos.

Suavemente, entro no teu quarto durante a noite, acaricio a tua face, sinto o perfume dos teus cabelos.

A felicidade pertence-nos, ponho-me então a pensar. Tu, eu, a tua mãe, os nossos sonhos e a vida que vivemos juntos. O mundo existe através de ti.

Tens catorze anos.

Umás vezes decidida, teimosa, zangada, outras vezes a gentileza em pessoa. Tu és o ser mais bonito que este mundo já viu.

Eu compreendo-te, Theresa, acredita. Não sou ingénuo. Só não quero ir depressa de mais.

Temos sentimentos, tu e eu.

Sentimos um amor infinito.

## CAPÍTULO 8

O HOMEM NEGRO QUE FAZ A LIMPEZA passa o esfregão para a frente e para trás no chão de linóleo manchado de amarelo, uma sombra que fica iluminada pelo sol e que volta a transformar-se em sombra, à medida que o seu imponente corpo passa em frente da janela aberta ao sol, ao fundo do corredor da enfermaria.

Quando o sol as ilumina, certas partes do chão parecem levantar-se. No ar, um leve cheiro a detergente e a suor, o suor que, lentamente, sai dos corpos convalescentes.

Enfermaria dez.

Uma enfermaria no sétimo andar do edifício do hospital. As portas para algumas salas estão abertas. Quadros claros nas paredes amarelas, de pintura já escurecida. Pelas janelas das salas, Malin consegue ver a cidade, banhada pelo sol, quieta, silenciosa, no seu arfar, na sua involuntária desertificação.

Os doentes descansam nas suas camas. Alguns vestem umas batas esverdeadas, já quase amarelas, cor de urina. Outros, vestem as suas próprias roupas. Não está muito quente dentro do hospital. Os ventiladores, ao que parece, são suficientes. No entanto, é como se a dormência dominasse a enfermaria. É como se os doentes ficassem ainda mais doentes, como se aqueles que têm de trabalhar aqui durante o verão não conseguissem levar a cabo as tarefas que lhes estão destinadas.

Uma enfermeira aparece finalmente numa das portas.

Cabelos ruivos, soltos. Sardas que cobrem mais de metade do seu rosto redondo.

Olha para Malin e Zeke com os seus grandes olhos verdes.

– São vocês que vêm da polícia? – pergunta ela. – Ainda bem que chegaram tão depressa.

Malin e Zeke param em frente da enfermeira. Vê-se assim tão facilmente quem somos, pensa Malin que pergunta:

– E a miúda, Josefin Davidsson, onde é que a podemos encontrar?

– Na sala onze. Está lá com os pais. Mas, primeiro, é melhor falarem com a doutora Sjögripe. Podem entrar, ela vem já.

A enfermeira ruiva aponta para a sala de onde acabara de sair.

– Dentro de cinco minutos a doutora estará aqui.

O relógio pendurado na parede do corredor indica meio-dia e vinte e cinco.

Deviam ter almoçado no caminho. Os estômagos começam a reclamar.

Fecham a porta e sentam-se cada um na sua cadeira de madeira, diante de uma secretária cujo tampo laminado está coberto de brochuras, de dossiês e de pastas de arquivo. Ao lado, uma janela que dá para a área de ventilação. Mais pasta de arquivo nas prateleiras por detrás da escrivaninha.

Está mais quente aqui.

Um ruído escapa-se da conduta de ventilação empoeirada situada no teto.

Cinco minutos, dez. Ficam os dois sentados, em silêncio. Querem economizar as palavras para as apresentarem mais tarde, lavadas e puras. Naquele momento, é preferível calarem-se. Afinal, de que iriam falar?

Na tua opinião, o que se terá passado?

Veremos.

Será que ela foi violada ou o sangue vem de algum outro lugar? E o cheiro a *Klorin*? A pele tão esbranquiçada? Os ferimentos lavados.

A porta abre-se e entra a Dra. Sjögripe, de bata branca.

Deve ter uns cinquenta e cinco anos, cabelos curtos, grisalhos, que lhe enquadram o rosto, fazendo as faces, o nariz e a boca parecerem mais angulosos do que realmente são.

Tem uns óculos de leitura, com armação de plástico transparente, pendurados no pescoço. Um modelo barato para um par de olhos brilhantes, inteligentes, conscientes e cheios de autoconfiança como só podem ser os olhos de quem teve tudo na vida, desde o primeiro momento.

Tanto Malin como Zeke quase saltam das cadeiras, diante da repentina entrada da médica.

Sjögripe. A aristocracia da província sueca de Östergötland. O castelo familiar de Sjölanda, perto de Kisa, possui uma das mais importantes propriedades agrícolas de toda a província e as maiores fábricas da indústria agro-alimentar.

– Louise Sjögripe.

O seu aperto de mão, robusto, sem ser demasiado forte, feminino, mas afirmativo.

A Dra. Sjögripe deixa que eles se sentem primeiro, antes de ocupar o lugar por detrás da secretária.

– Dadas as circunstâncias, Josefin Davidsson agora está bem – diz Louise Sjögripe. A sua maneira de pronunciar as palavras faz com que a voz pareça rouca.

– O que é que nos pode contar? Suponho que foi a senhora que a examinou, não?

A voz de Zeke revela uma certa irritação, mas a maioria das pessoas não notaria, se não o conhecessem, de tal modo o tom é impercetível.

Louise Sjögripe sorri.

– Fui eu que a examinei e fiz o relatório das minhas observações. Vou dizer-vos o que penso.

– Ficaríamos agradecidos, quer dizer, contentes – diz Malin, a tentar olhar a médica e aristocrata nos olhos, mas a autoconsciência que eles demonstram faz com que ela desvie o olhar para a janela.

– Não há dúvida de que a miúda foi maltratada. Os ferimentos nos braços e nas pernas não poderão ter sido feitos por ela, auto-infligidos, pois não são ferimentos provocados por defesa perante um ataque. Normalmente, quando a pessoa se defende, os ferimentos não costumam ser, como dizer, tão regulares. Penso que alguém a maltratou com um objeto afiado e, depois, a lavou e limpou minuciosamente.

– Que tipo de objeto? – inquire Malin.

– É difícil de dizer. Uma faca? Talvez sim, talvez não.

– E o sangramento na vagina?

– O hímen rompeu-se por penetração. A parede interna do ducto vaginal cedeu e daí o sangramento. Mas foi um sangramento normal em caso de primeira penetração. É de crer que foi usado um objeto macio e com uma certa cautela. – Louise Sjögripe respira fundo, mas não tanto por aquilo que disse aparentemente lhe causar qualquer problema. Antes, por querer dar mais ênfase àquilo que viria a seguir. – Não havia qualquer vestígio de esperma dentro dela. E o perpetrador do ato também não deve ter usado preservativo. Não encontrei nenhum indício de lubrificante. O que eu encontrei, porém, foram vestígios de plástico azul, pequenos, quase

microscópicos, como se Josefin Davidsson tivesse sido penetrada por um objeto e não pelo pénis de um homem.

– E?

Zeke tenta fazer uma pergunta, mas a Dra. Sjögripe agita a mão na sua frente, a impedi-lo.

– Já enviei uma amostra para o laboratório. Conheço os procedimentos. Também tirei uma amostra do sangue nas coxas dela. O sangue era dela. E podem ficar tranquilos. Não disse nada sobre os ferimentos aos pais da jovem. Os senhores estão a investigar o crime, não quero imiscuir-me. Limitei-me a expor-vos os pormenores médicos.

Malin e Zeke entreolham-se.

– Portanto, ela não pode ter feito a si mesma todos os ferimentos, não é verdade? – pergunta Malin, depois.

– Não. Isso seria praticamente impossível. A dor seria demasiado grande. A penetração? Não é de crer.

– E os exames de sangue? – pergunta Malin. – Foi encontrada alguma situação estranha? Ela poderá ter sido drogada?

– As nossas primeiras análises não confirmaram nada. Mas enviei amostras para o laboratório central para uma análise mais completa e, então, vamos saber se ela teria alguma substância estranha no sangue. Mas também é certo que há substâncias que desaparecem rapidamente.

– E quanto ao facto de ela ter sido lavada e esfregada com força? Ela cheirava a um produto desinfetante...

– Alguém a lavou com muito cuidado, minuciosamente, é verdade. Como se quisessem deixá-la absolutamente limpa. Não tinha no corpo um pelo sequer que pudesse levar a descobrir a quem pertence através do teste de ADN.

– Há a possibilidade de encontrar vestígios do eventual material de limpeza usado no seu corpo?

– Provavelmente. Raspei um pouco da epiderme das costas e das coxas da miúda. E já mandei as provas para o laboratório.

– Na sua opinião, como é que ela está agora? Já fala? No local do crime, não disse uma palavra.

– Fala. Parece estar bem. Mas, sobretudo, parece não se lembrar de nada.

– Não se lembra?

– Não. Os bloqueios mentais não são muito invulgares, depois de situações traumáticas. E quase se pode dizer que talvez seja melhor assim. A violação é um dos grandes males da nossa sociedade. As transgressões vão cada vez mais longe. A falta de respeito pelas pessoas desconhecidas, pelos seus corpos, na maior parte das vezes corpos de mulheres. Quer dizer, só aqui, em Linköping, tivemos dois casos de violação em grupo em três anos.

Falas como se citasses as palavras de um artigo polémico, pensa Malin, que pergunta:

– Quando é que ela começou a falar?

– Quando a examinei. Fez-lhe doer e ela gritou «ai» e, de repente, parece ter recuperado a fala. Antes disso, nem uma palavra. Disse apenas o nome e olhou para o relógio da sala. Depois, perguntou o que estava a fazer no hospital e disse que os pais, certamente, deviam estar preocupados.

– Será possível levá-la a lembrar-se do que aconteceu?

– Essa não é a minha área, inspetora Fors. Eu sou médica, não psicóloga. Uma psicóloga falou com ela há umas horas atrás, mas Josefin não se lembrava de nada. Está agora com os pais na sala onze. Podem lá ir agora. Na minha opinião, acho que ela está em condições de ser interrogada.

A Dra. Sjögripen pega numa pasta, põe os óculos que estavam pendurados no pescoço e começa a ler.

A sala onze é de uma brancura total, iluminada por uma luz clara e calorosa. Os grãos de pó flutuam no espaço, dançam lentamente, para a frente e para trás, na solidão da sala.

O casal Davidsson está sentado na borda da cama, cada um de um dos lados de Josefin, que veste um vestido de verão, até ao joelho, de um tecido leve, com flores vermelhas e brancas. Tem os ferimentos cobertos por ligaduras, tão brancas como a sua pele.

Podia ser eu a estar sentada ali, pensa Malin.

Pais e filha sorriem para ela e para Zeke, quando entram na sala, depois de terem batido à porta. Ouviram, então, a voz clara de Josefin:

– Entrem.

– Malin Fors, inspetora da polícia criminal.

– Zacharias Martinsson, também inspetor.

Os pais levantam-se. Cumprimentam.

Birgitta e Ulf voltam a sentar-se. Eles e Josefin sorriem para os recém-chegados, como se os factos da noite anterior não tivessem acontecido.

Já passei pelo que tu passaste, pensa Malin. Saí numa noite quente de verão, sozinha. Mas comigo não aconteceu nada de mal, isto é, não doeu muito.

Quinze anos.

Apenas um ano mais velha que Tove.

Podias ter sido tu a estar nessa cama, Tove. Eu e o teu pai, Janne, ali ao lado, desesperados. E eu, a pensar, que maldito monstro pôde fazer uma coisa dessas e como iria eu prender o homem. Ou a mulher. Ou ambos.

– Somos nós que estamos a investigar o que aconteceu à Josefin – diz Malin. – Temos algumas perguntas a fazer.

Os pais acenam com a cabeça, compreendem.

Em seguida, Ulf Davidsson conta:

– Ontem, quando eu e Birgitta nos fomos deitar, não demos conta de que a Josefin ainda não tinha regressado a casa e, depois, pela manhã, achámos que ela ainda estava a dormir no seu quarto. Não queríamos acordá-la. Mas também não reparámos que a bicicleta dela não estava lá fora...

– Eu não me lembro de nada – interrompe Josefin. – A última coisa de que me lembro é de ter saído de casa, de bicicleta. Queria ir ao cinema ver *X-Men Três* na sessão das dez.

O pai:

– Sim, nós moramos em Lambohov. Ela costuma ir de bicicleta para a cidade.

Malin e Zeke entreolham-se. Depois olham para os pais.

Sabem exatamente como agir em conjunto.

– Posso falar a sós convosco no corredor, enquanto a minha colega fala com a vossa filha? – pergunta Zeke.

Os pais hesitam.

– Pode ser? – pergunta Malin. – Temos de falar com cada um em separado. Posso começar por falar contigo, Josefin?

– Tudo bem – responde Birgitta Davidsson. – Vem, Ulf – diz ela, enquanto se dirige para a porta, não sem antes olhar demoradamente para a filha.

Malin deixa-se cair na cama. Josefin afasta-se um pouco, embora não fosse preciso. É a mesma rapariga que estava sentada no banco do parque,

pela manhã. É a mesma adolescente e, ao mesmo tempo, não é.

– Como te sentes?

– Estou bem, mas as feridas doem-me. Tomei uns comprimidos que a médica me deu. E agora a dor já quase passou.

– E não te lembras realmente de nada?

– Não. Não me lembro de nada. Só de ter saído de casa, de bicicleta.

Não havia nenhuma bicicleta no parque, pensa Malin. Onde teria ido parar a bicicleta?

– Ias encontrar-te com alguém?

– Não. Disso lembro-me bem, foi antes de eu sair de casa.

– Chegaste a entrar no cinema?

Josefin abana a cabeça:

– Não sei. Tudo isso está como que apagado da minha memória, até que acordei aqui, quando a médica começou a examinar-me. E, então, vi que estava num hospital.

Ela não se lembra de mim, pensa Malin. Nem do parque, esta manhã.

– Podes tentar lembrar-te? Por mim?

A repariga fecha os olhos e franze a testa.

Depois, começa a rir-se.

Abre os olhos e diz:

– É como se fosse uma folha em branco! Em teoria, sei que alguém me agrediu, mas, de resto, é como se fosse uma folha em branco, e não é desagradável.

Ela não quer lembrar-se.

Não pode.

O organismo defende-se. Esconde as imagens, as vozes, os sons, num recanto do seu subconsciente, fora do alcance daquilo a que chamamos pensamento.

Mas as lembranças estão lá, a germinar, estremecem, doem, e enviam para o corpo ondas de choque. Transformam-se em dor, paralisação, hesitação e preocupação.

– Não te lembras de como ficaste ferida? Ou de alguém te ter lavado?

– Não.

– E a tua bicicleta, onde a deixaste?

– Não faço a mínima ideia.

– De que marca é?

- Uma *Crescent*, vermelha, com três mudanças.
  - Não estabeleceste contacto com ninguém pela Internet? Nada que te pareça estranho?
  - Não costumo fazer nada disso. MySpace? Chat? Acho patético.
- Pancadas na parede, do lado do corredor. Malin já estava à espera disso.

Pouco antes, Zeke dissera:

- A vossa filha foi atacada e tudo leva a crer que lhe introduziram um objeto redondo e macio, não um pénis, na vagina. De certeza com violência.
- E, nessa altura, Ulf Davidsson começa a bater na parede com o punho e a murmurar qualquer coisa que Zeke não consegue entender. Birgitta Davidsson, em silêncio, ao lado dele, a olhar fixamente para a porta da sala:
- Mas ela não se lembra de nada. É como se nada tivesse acontecido, não é verdade? Como se não existisse?
- Ulf Davidsson recompõe-se e volta para junto da mulher. Abraça-a, deixa o braço por cima dos ombros dela. E diz:
- Não. Não existe.

A família de novo reunida na cama.

As perguntas feitas pouco antes continuam suspensas no ar. As respostas flutuam no espaço como os grãos de pó.

- Todos os outros viajaram agora no verão, só nós é que ficámos em casa.
  - Têm os números de telefone de amigos a quem possamos interrogar?
  - Não, ela não tem realmente amigos.
  - Nós vamos ficar na cidade porque queremos poupar dinheiro para irmos no inverno à Tailândia.
  - Isso, particularmente, não nos interessa.
  - Algum namorado?
  - Não.
  - Alguma outra pessoa que possa ter alguma coisa que ver com isto?
  - Que nós saibamos, não.
  - Não faço ideia.
  - Ninguém na família? Nas pessoas mais próximas?
  - Não – diz Ulf Davidsson. – A nossa família mora longe, e nenhum deles iria fazer uma coisa dessas.
- Duas adolescentes.

Theresa. Josefin.

E nenhuma delas parece existir de verdade. São como sombras de pó numa cidade estival. Invisíveis e incógnitas. Quase adultas, tão vagas como o fumo dos incêndios florestais.

Em seguida, uma batida na porta que se abre sem que ninguém tenha reagido e dito «Entre!».

Uma esfregona introduz-se no quarto e, atrás dela, um homem de cor, gigantesco, com um casaco azul pequeno de mais para o seu corpo.

– Preciso de limpar – diz ele, antes que alguém fizesse alguma objeção.

No corredor, a caminho dos elevadores, deparam-se com uma mulher loira, de meia-idade, com um vestido cor de laranja que Malin julga ser um modelo de Gudrun Sjödén.

O dedo de Malin no botão do elevador.

– Essa aí deve ser a psicóloga – diz Zeke. – Achas que vai conseguir alguma coisa?

– Não. Não há hipótese. – Malin suspira e pensa que a única hipótese de resolver aquele caso é que Josefin volte a lembrar-se do que aconteceu. Ou que exista alguma testemunha. Ou que Karin Johannison ou os seus colegas do Laboratório SKL cheguem a resultados conclusivos.

Hipnose, pensa Malin.

Sob hipnose, podemos lembrar-nos de todo o género de coisas, não é?

## CAPÍTULO 9

O RELÓGIO MARCA DUAS e meia da tarde.

Um grupo de crianças rodeia Malin.

O ar frio e seco é um choque para o seu organismo, embora seja um choque agradável. As cores são vivas, amarelo, azul, verde. Um palhaço, números que saltam aos olhos e um cheiro artificial a carne grelhada.

Está fresco e Malin tem fome.

Os vidros fumados tornam a luz do dia suportável. Malin não é obrigada a usar aqueles malditos óculos de sol, que fazem cair uma espécie de ligeiro véu sobre a realidade, o que ela detesta. Mas na rua são indispensáveis. A luz é tão forte hoje que dá a impressão de termos uma lâmpada em frente da cara, como num interrogatório.

O McDonald's está perto da Ponte de Brasken, do outro lado da lagoa Stångån, que dá para Johannelund. Normalmente, Malin não consome aquele tipo de comida, mas hoje, depois da visita ao hospital, ela e Zeke abrem uma exceção.

Jovens com *Happy Meal*.

A passagem da entrada do hospital para o carro, estacionado ao sol no meio do parque de estacionamento, faz com que cheguem a duvidar da possibilidade de conseguirem viver no exterior dos edifícios, num calor como aquele. E, depois, o carro! Deviam estar sessenta graus naquele ambiente abafado, mais parecido com o de uma sauna. Para não falar dos protestos do motor, o cheiro a óleo queimado e, depois, com o ar condicionado ligado, primeiro o ar quente empurrado pelo ventilador e, depois, o ar frio, frio, frio, cada vez mais frio.

O restaurante cheio de famílias com crianças. Alguns imigrantes obesos, atrás do balcão, discutem entre si, riem à socapa, e lançam olhares furtivos na direção dos dois.

– Será que não há nenhuma maneira de encontrar a pista do tipo que telefonou para a polícia, sobre a Josefín?

Zeke lança a pergunta diretamente no ar.

Impossível, segundo o departamento técnico. Telemóvel pré-pago, com cartão. Vamos ter de conviver com esse ponto de interrogação. Esperemos que a pessoa volte a entrar em contacto de novo.

Malin dá mais uma dentada no seu *McFish*.

– E a bicicleta?

– Alguém pode tê-la roubado. Ou então está noutro lugar qualquer. A miúda pode ter sido atacada noutro sítio e levada, depois, para o parque. Impossível saber, já que ela não se lembra de nada. Vamos pôr todos os colegas vigilantes, a ver se encontramos a bicicleta.

Zeke concorda.

– Agora, vamos telefonar para o namorado de Theresa Eckeved – diz Malin, antes de dar mais uma dentada no filete de peixe.

– Tu ou eu?

– Eu telefono, tu comes.

– Obrigado. Porra, como é que esta merda pode saber tão bem quando se está com fome? O Martin ficaria louco se me visse comer esta porcaria.

– Ah, mas ele não está aqui – diz Malin, ao mesmo tempo que tira da algibeira um papel com o número de telefone do namorado de Theresa.

Ele atende ao quarto sinal.

– Peter.

– Estou a falar com Peter Sköld?

Voz de adolescente, ainda a mudar de tom. Chateado. Cético.

– Claro, que outro poderia ser? Tanto quanto sei, só existe um Peter com este número...

«Tanto quanto sei?»

Os adolescentes, agora, falam assim?

Será que a Tove também usaria uma expressão como esta? Um pouco à moda antiga, refinada?

– O meu nome é Malin Fors. Sou inspetora da Polícia de Linköping. Gostaria de te fazer algumas perguntas a respeito da tua namorada, Theresa Eckeved. Tens uns minutos para me responderes?

Silêncio no aparelho, como se Peter Sköld estivesse a pensar em como escapar das perguntas.

– Pode telefonar mais tarde?

– Prefiro agora.

Novo silêncio.

– O que há com a Theresa? Os pais dela também telefonaram para saber se ela estava aqui.

Um pouco de preocupação na voz.

– Eles telefonaram-nos, dando-a como desaparecida. Ninguém sabe onde ela está, e os pais disseram-nos que ela tinha a intenção de ficar contigo. Mas tu já deves saber.

– Eu estive na casa de campo durante várias semanas. Combinámos ver-nos quando eu voltasse.

– Mas ela é a tua namorada, não é?

– Sim, claro.

A resposta veio rápida de mais. Passa à próxima pergunta, Malin, com mais pressão.

– Quando é que vocês se encontraram pela última vez?

– Antes de eu ir para o campo. Bebemos um café no Ekholmens Center.

– É muito bonita, a Theresa. Como é que vocês se conheceram?

– O quê?

– Como é que se conheceram, da primeira vez?

– Ela, quer dizer, nós... – Peter Sköld cala-se de novo. – Conhecemo-nos numa festa que as nossas escolas organizaram em conjunto.

– Em que escola andas?

– Ekholmen.

– Em que ano?

– Vou começar o nono. Já fiz quinze anos.

– E onde é que foi essa festa?

– Na escola. Afinal, o que é isto? Um interrogatório?

– Ainda não – responde Malin, a pensar que ele está a mentir. Mas porquê? – Ela é mesmo a tua namorada, não é?

– Já lhe disse que sim.

– E a Nathalie? Conheces a Nathalie?

– Está a falar da Nathalie Falk?

– Da amiga da Theresa.

– Falk. Eu conheço-a. Ela está na mesma escola que eu, mas noutro ano. Não somos amigos, mas conheço-a.

– E ela e a Theresa são amigas?

– Pode-se dizer que sim.

– Tens o telefone dela?

– Espere... – Um *bip* no aparelho. – É o zero, sete, zero, três, um, cinco, dois, zero, dois, três. Ouça, esta conversa ainda vai demorar muito? Vou sair para ir à pesca com o meu pai. Vai demorar?

Malin memoriza o número e diz:

– Por que razão achas que ela disse aos pais que ia ficar contigo?

– Como é que eu posso saber uma coisa dessas?

O pai dele, agora, ao telefone. Voz impaciente, de cansaço.

– Então, ela desapareceu? Ah, é isso! Os pais dela pareciam preocupados. Hoje em dia, não é nada fácil tomar conta dos miúdos. Nunca se discutiu a ideia de eles passarem as férias juntos. Nós vamos sempre para o campo. E gostamos de ficar na intimidade da família, apenas em família. Se eles andam juntos? Bem, é o que ele diz. Mas não dormem juntos, pelo menos em nossa casa, se bem que é o que eles costumam fazer, hoje em dia. No entanto, estão muitas vezes juntos. Pelo menos, é o que o Peter diz. Mas eu não tenho tempo nem vontade de me meter na vida privada deles. Portanto, pouco sei sobre isso. Ela esteve em nossa casa uma vez, acho eu...

Meter-se, pensa Malin. E se o fizesses? Mete-te, sim. É o que tens de fazer. Caso contrário, de repente, eles desaparecem. E nunca se sabe se vão voltar.

A vida secreta dos adolescentes.

A minha vida.

Com Tove.

– Tenham um bom dia de pesca – termina Malin.

– Pesca? Eu nunca vou à pesca. Prefiro comprar o peixe na peixaria.

Há um grande número de crianças a comer hambúrgueres à volta de Malin, no momento em que ela procura anotar o número de telefone, memorizado.

– Podemos ir aí e falar contigo?

– Claro, mas eu tenho de trabalhar.

Nathalie Falk. Uma voz arrastada, mas um tom astuto. Uma atitude de segurança. Atendeu ao segundo sinal.

O que esconde aquela voz? Quais os seus segredos?

As palavras de Sven Sjöman vêm-lhe ao espírito:

*Uma investigação, Malin, tem várias vozes. Tens de aprender a ouvir essas vozes, é assim que descobrirás a verdade.*

Foi isso mesmo que disseste, Sven? De qualquer maneira, foi algo nesse sentido.

A voz de Peter Sköld. A voz de um mentiroso? pensa Malin.

– Nathalie, conheces a Theresa Eckeved? Os pais dela deram-na como desaparecida.

– Sim, conheço a Theresa. Quer dizer que ela está desaparecida? Certamente foi apenas a qualquer lado. Ela gosta de ficar sozinha. E não é assim tão fácil, hoje em dia, ficar sozinha, pois não?

– Onde é que estás?

– No trabalho. Trabalho no antigo cemitério.

\*

Zeke tira a chave da ignição do *Volvo* e Malin sente o hambúrguer de peixe a dissolver-se no estômago. A azia a subir-lhe à boca. Saem do carro.

O muro do antigo cemitério, o Gamla Kyrkogård, que deu o nome ao lugar, precisa de ser limpo. Algumas bandeiras flutuam junto ao asfalto do parque de estacionamento. Na frente, prédios de tijolos vermelhos, construídos na década de 1980. Nem viva alma nos prédios que parecem estar sob pressão e abandonados por causa do calor. A porta de uma varanda, no primeiro andar, está aberta e, ao prestar mais atenção, Malin consegue ouvir o som da música estereofónica que vem lá de dentro. Tomas Ledin canta uma canção idiota sobre amor e sexo, de que Malin nem gosta particularmente mas que, neste momento, até lhe provou que ainda existe vida na cidade; e que uma bomba atómica não arrasou tudo, menos a maldade, entre os homens de má vontade.

Atrás do muro, crescem arbustos, com as suas folhas ainda verdes, mas já com um leve tom amarelado da seca. As pedras dos túmulos em fileira no cemitério. Malin ainda não consegue vê-las, mas sabe que estão lá.

As pedras dos túmulos são antigas, exatamente como o nome do lugar indica.

A casa de apoio do cemitério está situada, talvez, a uns cem metros dali, por detrás da capela e do memorial onde Malin costuma ir, de vez em quando.

Malin e Zeke põem os óculos escuros e seguem por uma das veredas do cemitério, na direção do memorial onde veem a figura de uma rapariga que só pode ser Nathalie Falk. É uma figura baixa, mas musculosa. Uma camisa de linho branca envolve os seus já avantajados, mas certamente jovens, seios de adolescente. Tem nas mãos um ancinho e nas faces redondas, ainda de criança, um anel pendurado no nariz e cabelos negros, curtos, espetados.

Cumprimentam-na e Zeke tira os óculos escuros, a tentar estabelecer um contacto.

– Um ótimo trabalho de verão. Deve ter sido difícil consegui-lo, não?

– Fácil. E quente. Ninguém se dispõe a vir aqui limpar o cemitério das ervas daninhas o verão inteiro. Mas eu preciso de dinheiro.

Nathalie Falk dá um pontapé na relva com os seus *Doc Marten*, ao pronunciar a palavra dinheiro.

Em seguida interrogam-na a respeito da Theresa Eckeved.

– Portanto, não sabes para onde ela pode ter ido?

– Não faço a menor ideia.

– Quando é que te encontraste com ela pela última vez?

– Há quase uma semana.

– O que é que fizeram?

– Comemos um gelado na praça Trädgård.

– Por acaso, notaste alguma coisa estranha nela?

– Não. Nada de que eu me lembre.

O tom grave da voz de Nathalie Falk soava falso.

Suor na testa de Malin. E ao longo da sua espinha dorsal.

– Estás preocupada com ela? – pergunta Malin.

– Não. Porque haveria de estar?

– Ela está desaparecida.

– Ela sabe tomar conta dela. – Nenhuma preocupação na sua voz. E no olhar? O que há naquele olhar? – Gostava de fumar um cigarro – diz Nathalie.

– O fumo não nos incomoda – diz Zeke. – E sempre achei que o limite de dezoito anos é ridículo.

O maço de cigarros sai do bolso do calção, de tecido tipo camuflado.

Um gesto na direção deles:

– Querem?

Mãos que declinam. Malin pergunta:

– Vocês são muito amigas?

– Não. Eu não afirmaria isso.

– Conheceram-se na mesma festa que o Peter e a Theresa?

– Que festa?

– Uma daquelas festas conjuntas entre as escolas de Ekholmen e de Sturefors.

– Nunca houve nenhuma festa dessas. De onde é que vocês tiraram essa ideia?

Malin e Zeke entreolham-se.

– Como é que vocês se conheceram, então? – pergunta Zeke.

– Na cidade. Não me lembro bem onde e quando.

Na cidade. Tão simples como isso. Centenas de jovens que ficam a passear pelo centro da cidade, nas noites de sexta-feira e de sábado. Fazem compras, namoram, bebem e discutem.

O relógio marca exatamente dez da noite: sabes onde está a tua filha? O teu filho? Não. Não faço ideia.

– Queres dizer que não te lembras? – indaga Zeke. – Foi há muito tempo?

– Talvez há um ano. Mas gosto dela. Podemos falar de tudo.

– De quê, por exemplo?

– De quase tudo.

– Tu e o Peter estão na mesma escola?

– Sim.

– E são amigos?

– Mais ou menos. Falamos nos intervalos das aulas. De vez em quando, comemos juntos.

– Sabes se a Theresa tinha outros amigos? Se ela poderá ter ido para casa de algum deles?

Nathalie Falk puxa mais uma fumaça do seu cigarro. E diz:

– Néeee. Mas quem sabe? Todos temos os nossos segredos. Não é verdade?

– Está a esconder alguma coisa – diz Zeke, ao girar a chave na ignição. – Para mim, é evidente.

O carro parece um forno de piza.

– Até agora, todos parecem esconder alguma coisa.

– Uma durona, essa miúda, a Nathalie. Parece mais um rapaz.

- Não tem muito de feminino, concordo.
- E Peter Sköld mente que nem um pescador.
- Temos de levar o computador da Theresa diretamente para o departamento técnico – diz Zeke. – Poderemos encontrar todo o tipo de informações, *mails*, o histórico dos *sites* que visitou.
- E Josefin Davidsson?
- Eles já devem ter terminado o interrogatório porta a porta – responde Zeke, carregando no acelerador.

# CAPÍTULO 10

– A INVESTIGAÇÃO PORTA A PORTA à volta do parque não deu resultado nenhum – diz Svens Sjöman. – Ninguém viu nada, ninguém ouviu nada, entre os poucos que estavam em casa. Como sabemos, a cidade está vazia em julho. E, infelizmente, nenhuma testemunha se apresentou, nem mesmo a pessoa que telefonou. Acho que nada podemos fazer a não ser aguardar o relatório da Karin Johannison, continuar as nossas buscas e ver se encontramos a bicicleta.

O relógio pendurado na parede do refeitório marca dezassete horas e cinco minutos e o ponteiro vermelho dos segundos move-se lentamente.

Estão a fazer uma reunião no refeitório porque são apenas três.

Foi um dia longo, pensa Malin, ao ver Sven beber o seu café em goles enormes. O telemóvel está desligado ao seu lado. A informação também já foi dada na receção: não atendo mais nenhuma chamada da comunicação social.

– Estão loucos, completamente loucos – foi a primeira coisa que Sven disse a Malin e Zeke quando os dois chegaram. Desde que Högfeldt publicou o primeiro artigo sobre o assunto, o telefone não para de tocar. Já falei com o *Aftonbladet*, o *Dagens Nyheter*, o *Expressen*, o *Svenska Dagbladet*, e já nem sei quem mais. A *Östnytt* já veio aqui para me entrevistar, assim como o canal quatro da Sveriges tevê.

– É, estamos em tempo de vacas magras – diz Zeke. – Uma agressão com violação seguida de um desaparecimento estranho, dão pano para mangas. Mais uns incêndios e o verão está salvo.

– Falaste da bicicleta?

– Sim, falei nisso ao *Corren*. Disse-lhes que procuramos uma bicicleta *Crescent*, vermelha, de três velocidades. Eles disseram que vão publicar.

– Quando é que a Karin tem os resultados?

– Amanhã, o mais cedo possível. Foi o que ela me disse quando lhe telefonei há pouco. Entretanto, não encontrou nenhuma impressão digital na madeira do pavilhão.

– Ela não se apressa muito – comenta Zeke.

– Faz sempre o melhor que pode – contradiz Malin.

– Karin faz o que pode. Todos sabemos isso – afirma Sven. – E vocês? Até onde chegaram no caso de Theresa Eckeved?

– Parece que ninguém sabe onde poderá estar – diz Malin. – E quando falámos com o suposto namorado dela e com a única amiga com quem conseguimos entrar em contacto, nenhum dos dois sabia de nada.

– Suposto namorado? – pergunta Sven.

– É... Não podemos estar absolutamente certos sobre a relação deles – diz Malin. – Os dois jovens parecem esconder alguma coisa. E o namorado está a mentir, não tenho dúvidas.

– Como é que estão a pensar descobrir o que eles estão a esconder? E por que razão está a mentir?

De repente, Sven mostra-se impaciente, como se quisesse ter uma resposta imediata e não apenas uma explicação da estratégia da investigação.

– Estamos a trabalhar nisso – responde Zeke. – Não é fácil, com este calor.

– O calor é igual para toda a gente. – Depois, Sven fica menos exigente. – Enfim, para já, só temos um desaparecimento considerado normal.

– Mas ela pode já estar desaparecida há uma semana. Temos, simplesmente, de tentar falar com mais pessoas que conheçam Theresa. E convocar o rapaz, Peter Sköld, para ser interrogado – diz Malin. – Está na casa de campo dos pais, em Valdenarsvik. Vamos pedir ao pai que o traga cá. Também vamos pedir o registo de chamadas do telemóvel de Theresa. Ela não fez nenhum levantamento da conta bancária, desde o dia em que os pais partiram para Paris. Foram os pais que verificaram.

– Ela tinha computador?

– O departamento técnico já está a verificar o conteúdo.

– Ótimo. A juventude agora vive metade da sua vida em frente do ecrã.

Não Tove, pensa Malin. Pelo menos que eu saiba.

– E a agressão e violação a Josefin Davidsson? – pergunta Sven. – O que pensam desse caso? De qualquer forma, esse tem de ser o nosso foco principal.

– Vamos verificar se algum agressor sexual saiu recentemente da prisão ou de uma instituição psiquiátrica. Pode tratar-se de um reincidente – diz

Zeke. – Vamos também verificar se algum dos casos anteriores tem semelhanças com este.

– Ótimo. E a violação em grupo será uma possibilidade? Mesmo que no local do crime nada indique isso?

– Ainda não sabemos se ela foi realmente atacada no parque – declara Zeke. – Pelo que sabemos, pode ter sido atacada noutra lugar e depois levada para o parque.

– Ah, é verdade – diz Sven abanando a cabeça. – Esqueci-me de vos dizer que o laboratório terminou a análise aprofundada do sangue de Josefin Davidsson. Estava tudo perfeitamente normal. Nada indica que tivesse sido drogada, se bem que existem substâncias que desaparecem rapidamente do sangue, em poucas horas. E as provas da epiderme também não deram nenhum resultado específico, nada mais do que o habitual *Klorin* e sabonete. O sabonete deve ter vindo, com toda a certeza, das suas próprias roupas e o *Klorin* foi usado para a limpar totalmente. Talvez o criminoso quisesse garantir que não deixava nenhuma prova. Karin analisou as pequenas partículas azuis encontradas pela doutora Sjögripe dentro da vagina de Josefin. Ao que parece, pode tratar-se de uma violação em grupo?

Malin sabe onde Sven quer chegar. Não quer dizer nada de concreto, porque se arriscaria a passar por racista. Acaba por ser Zeke quem vai dar os nomes aos bois:

– Temos de verificar o que fizeram Ali Shakbari e Behzad Karami.

Shakbari e Karami.

Culpados de fazer sexo uma noite inteira com uma miúda bêbeda e indefesa. Mas não foram condenados, em vez disso foram postos em liberdade depois do julgamento, em junho.

– A miúda consentiu.

– Claro que consentiu, porra!

Na mesa da cozinha, num apartamento em Berga?

– Porra, ela queria. É uma cabra.

Impossível provar o contrário. E enquanto Sven bebe mais um gole do seu café já frio, Malin pensa nas verdades oficiais e nas verdades oficiosas. Por muito que a polícia e a comunicação social pensem que, em princípio, todas as violações em grupo são executadas por dois ou mais indivíduos imigrantes, ninguém ousa escrever ou dizer a verdade.

Não-verdades. Politicamente incorretas.

E assim o problema não existe. E, se não existe, não se pode discutir. E aí está um problema que não existe e para o qual não se pode encontrar solução. E assim, raparigas como Lovisa Hjelmstedt, a vítima de Shakbari e Karami, sofrem as consequências.

Raparigas como Theresa Eckeved.

Theresa está num sítio qualquer, sã e salva. Talvez em viagem.

Apenas isso.

Quando Malin se senta à secretária, depois de terminada a reunião, o seu telemóvel toca.

Onde é que ele está? Ah, na mala.

– Olá, mãe!

– Tove!

É Tove. Malin consegue imaginar a filha na sua frente, os seus olhos azuis, alegres e risonhos, os cabelos castanhos, a balançar ao vento que vem do mar.

Estarão bem?, pensa Malin. Sinto a tua falta ao ouvir a tua voz. Mas, ao mesmo tempo, é bom que não estejas aqui, na cidade.

Já deve passar da meia-noite, aí. O que estás a fazer a esta hora? Devias estar a dormir.

Mas Malin contém-se. Quer demonstrar confiança.

– Como estão as coisas por aí?

– Hoje, demos um passeio de barco. Fomos até uma pequena praia.

– Foi divertido?

– Foi, embora um pouco chato no regresso, mas eu tinha levado um livro comigo. E agora saímos e fomos jantar fora.

– E a comida? Estava boa?

– Mais ou menos.

– Muitos grelhados, não?

É como se a distância fizesse a nossa conversa muito mais superficial do que costuma ser, pensa Malin. Como é possível as palavras serem igualmente tão triviais. Ditas à mesa da cozinha, pela manhã, têm uma tonalidade, um conteúdo e um significado diferentes, como se dependessem da presença dela e de Tove.

É como se o contacto intuitivo se perdesse algures, entre todos os emissores, cabos e satélites.

– Que livro é que estás a ler?

– São vários. Mas não gosto de *Madame Bovary*. Muito antiquado. Som de música, ao fundo.

– É uma orquestra que estou a ouvir no telefone?

– Estão a tocar no restaurante. Está calor, aí, em casa?

– Um calor horrível, Tove.

– Aqui está agradável. Queres falar com o pai?

– Claro.

– Malin?

É a voz de Janne.

– Vocês estão bem?

– Sim, mas está calor. E aí?

– Quentíssimo. Inacreditavelmente quente. Nunca passei por uma situação assim.

– Devias ter vindo connosco. Aqui está muito bom.

Bali.

Ir com eles, viajar, pensa Malin. Fugir deste calor e abandonar aquelas pobres raparigas? Como ele tinha fugido para a Bósnia, para o Ruanda, para a Somália, para não pensar no seu amor impossível? Malin ouviu mil vezes a voz dele, em linhas telefónicas cheias de interferências, com um nó no estômago. Sarajevo. Kigali. Mogadíscio.

A voz de Janne, nas linhas cheias de ruídos. Uma mensagem sobre o que poderia ter sido, uma saudação vinda de uma vida inacabada.

A mesma coisa agora.

– Vi no *site* do *Corren*, na Internet, que houve incêndios florestais – diz Janne. – Devem estar a precisar de mim, aí.

E ela fica irritada. Pensa: sou eu que estou a precisar de ti, agora! Mas nunca percebeste isso. Sucumbiste sempre à tua maldita instabilidade emocional. Será que alguma vez vais ser suficientemente adulto para assentar os pés no chão e dizer: «É este o meu lugar na terra? Ser adulto não é necessariamente construir latrinas num campo de refugiados ou transportar sacos de leite em pó, de camião, por um campo minado. Ser adulto pode também querer dizer ficar no mesmo sítio.»

A irritação desaparece tão de repente como apareceu.

– Os outros conseguem resolver isso sem ti, Janne.

– Mas um colega ficou gravemente ferido.

– Tenho saudades vossas – diz Malin. – Dá um beijo à Tove por mim. Está na hora de ela ir para a cama.

*O site do Corren.*

O computador ilumina o quarto que, sem a imagem colorida do ecrã, fica completamente às escuras.

As persianas, como uma boca bem fechada, conseguem manter a luz do amanhecer – no verão, na Suécia, amanhece às primeiras horas da madrugada – fora do quarto.

Os incêndios florestais ainda paralisam a região. Um bombeiro ferido debate-se no meio do matagal seco, em chamas. Queimaduras no rosto e nas mãos. Deve ter sido a ele que Janne se referiu. São dramáticas as imagens do jornal. Os bombeiros como pequenas figuras de barro diante de uma grande parede de fogo, de árvores incandescentes, prontas para abraçá-los e queimá-los.

Daniel Högfeldt não voltou a telefonar-lhe, mas telefonou para Sven cinco vezes durante o dia.

No jornal, escreveu sobre os dois casos no mesmo artigo. Mas também escreveu em artigos separados.

«Linköping ainda em choque, depois da violação de uma rapariga no parque municipal...»

Linköping chocada?

Na realidade, ensonada. Letárgica, por causa do calor.

Faltam pormenores nos textos. Ficam-se pelas generalidades, por enquanto.

Daniel e os *media* fazem as suas próprias avaliações. Para eles, os dois casos transformam-se em apenas um. O desaparecimento de Theresa não tem nada de normal. Há, sim, uma ligação entre os dois casos, embora Sven não queira que se fale em ligação, para evitar espalhar o pânico em Linköping nesta época estival.

Malin viu-o nos telejornais. O seu olhar vacilante mostra uma insegurança que ela nunca lhe vira, como se a câmara o fosse devorar.

– Não podemos dizer com certeza que exista uma ligação... Continuamos a trabalhar nos dois casos... Nenhuma ligação...

Karim Akbar telefona do lugar onde passa férias a perguntar se deve voltar, para tomar conta das hienas, como tinha dito a Sven.

Resposta de Sven: «Vai à pesca com o teu filho, Karim. Escreve o teu livro.»

Depois, ainda no monitor, Malin lê um artigo sobre a onda de calor. Uma série de mortes nos lares de terceira idade da cidade, e de idosos encontrados mortos em casa pelo pessoal do serviço de assistência social, pessoas que morrem de ataques de coração, pessoas que não aguentam o calor nem o ar condicionado, que torna a atmosfera seca. Uma enfermeira comenta: «Está um calor terrível nos apartamentos dos nossos pacientes. E eles têm dificuldade em hidratar-se para regular a temperatura do corpo. E nós não conseguimos acorrer a todos nesta época de férias de verão.»

Malin desliga o computador e vai até à sala de estar, aproxima-se da janela e escuta o murmúrio que vem de baixo, do *pub*, no rés-do-chão.

Vou lá abaixo? Não, hoje não. Ainda que todo o seu corpo grite por uma tequila.

Em vez de descer, Malin vai para o quarto, deita-se na cama e fecha os olhos. A luz forte do dia ainda demora a desaparecer, como pontos reluzentes nos cantos dos olhos, mas é na escuridão do quarto que, de repente, surge a figura de uma mulher.

Malin vê Nathalie Falk no cemitério, a boca dela movimenta-se, mas não é a voz de Nathalie, mas de Peter Sköld no telefone.

Os dois adolescentes unidos na mesma mentira.

Mas já têm idade suficiente para saber que o seu silêncio pode tornar o trabalho da polícia praticamente impossível. Os que se calam safam-se quase sempre. A língua é a pior inimiga dos culpados.

Malin abre novamente os olhos.

Ouve as vozes lá em baixo, no *pub*, mais animadas do que durante o dia, mas não consegue distinguir as palavras na animação geral. Fecha os olhos. Sente o corpo de Daniel contra o seu, o seu peso... Talvez devesse...

Não.

Está na hora de dormir.

Cansada de mais.

No quarto do Hospital da Universidade, Josefin Davidsson está deitada sob uma fina cobertura branca, a querer lembrar-se daquilo de que o seu corpo se lembra e sabe que aconteceu. Os seus pais estão sentados, cada um na sua poltrona, junto da janela do quarto, a fixarem as luzes tremeluzentes de

Linköping. Ambos fazem a mesma pergunta a si próprios: «Afinal, o que aconteceu no parque? Quais os segredos que a relva queimada, a casca dos troncos e as folhas das árvores, a noite e a escuridão escondem?» Ao mesmo tempo, só têm um desejo: voltar para casa.

Eu quero lembrar-me, pensa Josefin, mas não me lembro de nada.

Quero mesmo? O que aconteceu não é menos real pelo facto de eu não me lembrar, não é verdade?

Em breve, vou poder voltar para casa, deixar o hospital.

Nessa altura, vou ficar deitada no terraço e tentar lembrar-me. Vou dizer a mim mesma, em voz baixa: lembra-te, lembra-te, lembra-te.

*Agora sei porque estou aqui. Quem sou. Sou Theresa.*

*Deve ser noite lá em cima. Não ouço as vozes dos banhistas.*

*E estou a dormir aqui, não é verdade?*

*Como é que aqui cheguei?*

*Porque estou a dormir aqui?*

*Quais serão os meus sonhos agora?*

A voz de Tove paira no quarto. O sonho.

«Tem cuidado contigo, mãe. Volto em breve para casa.»

De algum canto do sono de Malin, a voz diz as palavras que ela quer ouvir.

«Volto em breve.»

O que seria de mim sem ti?

Sem vocês?

E ali está Tove, diante da sua cama, a estender os braços na sua direção, mas quando Malin vai abraçá-la, Tove já quase se evaporou, o seu corpo frágil e transparente como um holograma indistinto, demasiado vago para ser uma recordação a que se possa agarrar.

Volta para casa, minha querida, meu amor. Não desapareças da minha vida. Promete.

# CAPÍTULO 11

QUINTA-FEIRA, 15 DE JULHO; SEXTA-FEIRA, 16 DE JULHO

DEVE SER UM TEXUGO SOLITÁRIO que se move lá atrás, naquele canto isolado da floresta.

Os abetos e os vidoeiros estão em sentido, se bem que a posição seja vacilante, perante um vento noturno, fraco, que sopra do mar Báltico e acaricia as ilhotas e as rochas do arquipélago.

Estás a cavar? À procura de quê?

Há alguma coisa aí enterrada? Ou queres apenas encontrar o caminho de volta para o teu buraco, esses corredores subterrâneos a que chamas lar?

Umhas costas pontilhadas de branco e preto, um ruído rastejante. O que se esconde na floresta?

Karim Akbar está sentado nos degraus de entrada para a casa de campo, a *stuga*, que a família alugou por três semanas. Arquipélago de Santa Ana, uma ilhota, Kobbholmen, e um barco próprio amarrado no pontão, perto da ilha Tättö. E o mais puro calor sueco. Mais quente do que nunca, este ano.

Sete mil coroas por semana. Sueco até ao tutano. O carvão continua em brasa na churrasqueira. Pontão de embarque privativo. Vista do *deck* de madeira para o estreito fiorde que conduz ao mar aberto. Dentro da *stuga*, dorme a sua família: a mulher e o filho de oito anos. Isto é o paraíso para Karim, que devia estar a dormir ao lado da mulher, mas será que ela o quer ao seu lado?

Por vezes, duvida. Tem a impressão de que ele e a sua vida em comum não lhe bastam. Como se ela quisesse outra coisa. Não o diz com palavras, mas pelo distanciamento e pela frieza quando ele se aproxima dela.

Mas não é isso que o preocupa. Quer pôr ordem no que acontece na cidade.

As raparigas. Uma desaparecida. Outra atacada. E Sven Sjöman na televisão. A sua testa suada. O cabelo despenteado.

Daniel Högfeldt tinha perguntado:

– Acredita que Theresa Eckeved ainda está viva?

Os pensamentos de Sven liam-se nitidamente no seu olhar, em contradição com o que dizia: «Partimos do princípio de que não está morta.»

Com os diabos, Sven, «Partimos do princípio de que ela está viva!»

Serviços noticiosos. Câmaras.

Esta é uma boa oportunidade para causar boa impressão, pensa Karim. Mas a casa é ótima, isto aqui é tão bonito e tão repousante. Ou será que me cansei de tantas imagens, de tantas palavras?

Quando aconteceu isso?

Nem sequer comecei a escrever o meu livro.

Não aguento ser politicamente correto e, assim, é melhor deixar a caneta em paz.

O texugo corre pela floresta.

É por causa das raparigas. Alguma coisa está em movimento. Alguma coisa sinistra. E eu quero estar lá quando for descoberta.

A espetada de carne anda-lhe às voltas no estômago, as partes esturricadas do borrego teimam em vir-lhe à boca.

Janne acordou cedo, foi obrigado a correr para a casa de banho.

O restaurante da noite anterior fora o pior de todos, até então.

Arroz gorduroso, carne rija, mas Tove parece ter gostado do polvo. Está a dormir agora, tranquila. Dormem num quarto de casal, camas separadas, chão de tijoleira. Janne sente a grade de alumínio do terraço ainda quente do sol do dia anterior. O mar está a uns cem metros de distância, por detrás de uma rua cheia de bares, restaurantes, lojas de recordações e um templo. Os balineses passam com as suas roupas coloridas, aparentemente nada impressionados com a exploração excessiva; a atmosfera está saturada dos fumos das procissões religiosas, de que Janne não compreende absolutamente nada.

Mas assim é a civilização aqui. Entretanto, as madrugadas em Bali são tépidas. Mas o vinho que bebeu à refeição provocou-lhe ansiedade. O sono não quer voltar.

O restaurante do hotel está fechado. A piscina, também.

Chega-lhe uma música fraca de um bar ainda aberto, mas Janne, ainda assim, consegue distinguir a respiração de Tove e nota que é igualzinha à da mãe. Lenta e estável, mas, de vez em quando, o ritmo altera-se, com um estremecimento que parece um riso abafado, nem angustiado nem torturado, antes de alívio, como se alguma coisa dentro delas encontrasse o seu tom natural.

O calor da noite é diferente do calor de África. Não tem nada que ver com a noite tropical durante a estação das chuvas. Quando a chuva cai e se sente na pele a podridão a espalhar-se. O ruído das gotas a cair pode esconder o mal que se movimenta entre as folhas, insetos e árvores.

Há sempre alguma coisa que divide as pessoas, que pode ser a religião, como na Bósnia. A origem étnica, como no Ruanda. E sempre a política, o dinheiro, os interesses pessoais, a violação do direito.

É aí que intervêm pessoas como eu. Os que vêm limpar depois da catástrofe.

Malin ao telefone, a linha cheia de interferências. A mesma cena incessantemente repetida, o que eles dizem um ao outro, palavras ocas e vazias.

O que é que eu fiz?

Malin.

O que é que nós fizemos? O que é que estamos a fazer? Está na hora de acabar com a brincadeira e começarmos a ser adultos.

Janne sai do terraço. Deita-se na cama, ao lado da filha. Ouve mais uma vez a sua respiração, a maneira como ela respira.

\*

Malin sonha com um vento frio que se infiltra na terra pesada. E com um pequeno ser minúsculo que geme e tenta vir para as suas mãos.

Sonha com um campo a perder de vista e com um céu carregado de nuvens.

Sonha que está a nadar no mar, ao lado de Tove e Janne, e que uma quarta pessoa nada ao lado deles, sem rosto, mas nada assustadora. Antes a

encarnação de tudo o que há de bom no ser humano, mesmo que só apareça nos sonhos de um verão quente.

Sonja, a mulher de Sven Sjöman, olha para o marido. A barriga dele parece derramar-se em cima do colchão, as rugas do rosto estão mais profundas, e ela ouve-lhe o roncar, que parece aumentar a cada ano e a cada quilo suplementar. É um milagre que ela aceite aqueles roncos, fazem pouco a pouco parte dela, da sua vida em comum.

Ela costuma acordar às três horas da madrugada, fica deitada ao lado dele, a ver como o jardim lá fora se transforma, muda os seus contornos, se modifica conforme a época do ano.

No verão as noites são relativamente curtas.

As árvores, as macieiras, as pereiras e as ameixoeiras ficam carregadas, mas nenhuma imaginação poderá fazer com que sejam outra coisa senão árvores.

Ela costuma fingir que dorme, quando ele se levanta em silêncio e desce para a sua cave de trabalho onde tem a marcenaria. Sabe que ele prefere acreditar que ela dorme, porque jamais a deixaria sozinha na cama se soubesse que ela estava acordada.

Em junho, ele comprou um novo torno mecânico. Muitas conchas de madeira vão surgir. Já começou a vendê-las nas lojas de artesanato, perto do castelo.

Em agosto, estão a contar ir à Alemanha. Sven, contrariado, com o passar dos anos, cada vez mais hesitante em fazer longas viagens. Ela, cada vez mais inclinada a querer viajar.

– Devíamos ir à Austrália, visitar o Joakim.

Dezanove horas dentro do avião? O rapaz vem passar o Natal connosco, não chega?

Irão à Alemanha de carro. Por estradas secundárias. Ficarão em hotéis onde ninguém parece ter dormido além deles.

Sven.

Há mais de trinta anos que estão casados.

Ela vê-lhe as preocupações durante o sono. As miúdas. Todas essas coisas horríveis de que falam os jornais e de que ele se recusa a falar.

Zeke Martinsson acorda, vai para a cozinha da sua casa em Landeryd, põe a cafeteira elétrica a funcionar.

O aroma da cafeína, do acordar de um novo dia, espalha-se pelo espaço.

O relógio na parede da cozinha marca cinco horas e vinte e três minutos.

Ele dorme quase sempre a noite inteira e acorda cedo, repousado.

A casa está quente. Pelo menos vinte e oito graus. A mulher queria instalar um aparelho de ar condicionado no quarto, mas o calor não vai durar por muito mais tempo. E seriam dez mil coroas deitadas pela janela! Mas o que são dez mil coroas, na verdade?

Martin ganha milhões só a jogar hóquei. Não tem nada contra o facto de ele ganhar dinheiro dessa maneira, desde que seja honestamente.

Os neurocirurgiões não ganham nada em comparação com o que ganham os jogadores de hóquei. E as enfermeiras? É tudo uma piada de mau gosto.

E as miúdas. Theresa e Josefin. O que se esconde por detrás de tudo isto?

Aqueles malditos violadores em grupo de Berga. Aqueles miúdos de merda, com uma imagem totalmente distorcida das mulheres. Tudo isso tem o dom de o enraivecer.

E Peter Sköld e Nathalie Falk. O que estão a esconder?

Zeke bebe pequenos goles de café quente e os vapores que saem da caneca e entram pelo nariz acabam por o estimular. Põe a caneca em cima da mesa, vai até ao *hall* de entrada e abre a porta que dá para a rua.

O jardim está tranquilo. As flores, os arbustos, as árvores, como se fossem pessoas, negros, petrificados.

O pai de Zeke ficou no Hospital Åleryd durante dez anos antes de ter o direito de morrer. Petrificado, fechado em si mesmo pela doença de Parkinson que nenhum remédio, novo ou antigo, conseguiu dominar. Como uma árvore seca e sem folhas no jardim.

Zeke sai para o jardim em cuecas. Os vizinhos não estão em casa, ou então dormem. Abre a caixa do correio e retira de lá o *Corren*.

Levanta o jornal na direção do sol, de um ângulo que já dá para ler o texto e ver as imagens da primeira página.

A fotografia de Theresa Eckeved. Da mesma película das fotografias que receberam dos pais dela, no dia anterior.

«Desaparecida há uma semana [...] os pais lançam um apelo [...]»

Zeke dobra o jornal, entra em casa, volta para a cozinha.

Café.

Tem de beber mais café.

Torna as ideias mais claras.

Hoje é um dia em que tenho coisas importantes a fazer.

## CAPÍTULO 12

PETER SKÖLD TEM MECHAS LOIRAS no cabelo e é magro, de uma magreza quase doentia. E o pai, Sten, um homem decidido, de olhos verdes e rosto anguloso, sente-se constrangido ao ver o filho cruzar as pernas nuas, ao sentar-se na cadeira do refeitório da Judiciária.

Nem um nem outro parecem estar cansados, apesar de terem sido obrigados a sair da casa de campo bem cedo.

Malin nota de imediato que Peter Sköld está consciente da importância do seu silêncio.

Porquê?

Porque existem coisas que são só tuas, não é verdade, Peter?

Malin senta-se e Zeke vai até à máquina automática de café.

– Alguém quer café?

Pai e filho declinam e Malin, que já começou o dia a beber três canecas de café em casa, também não aceita.

– Obrigada por terem podido vir tão cedo.

O relógio na parede marca oito e um quarto.

– Leva apenas um hora a chegar aqui. Nem isso. Um pouco menos – diz Sten Sköld. – E, dadas as circunstâncias, era o mínimo que podíamos fazer.

Malin vira os olhos para Peter Sköld.

O que é que vejo no teu rosto?

Medo? Ceticismo? Silêncio.

– Vocês andam realmente juntos, tu e a Theresa? – pergunta Malin.

A resposta vem rápida. A mão magra de Peter Sköld passa pelos cabelos.

– Sim.

Zeke senta-se à mesa, com uma caneca de café bem quente na mão.

– Não passas muito tempo com ela – diz Sten Sköld para o filho.

– O que é que tu sabes sobre isso? Andamos juntos.

– Peter, notaste alguma coisa de especial da última vez que a viste? – pergunta Malin.

– Não, o que é que poderia ter notado?

– O baile que mencionaste, quando falámos pela primeira vez, nunca aconteceu – diz Malin.

Peter Sköld pestaneja, antes de revirar os olhos e dizer:

– Okay. Nós encontrámo-nos na cidade. Eu não queria que o meu pai soubesse que por vezes fico a passear na cidade.

– Mas tu tens o direito de ir à cidade, Peter.

– Posso falar? Não é isso que costuma acontecer. Ouça, por favor, o que eu digo: nós *andamos* juntos. Mas não nos encontramos como eu disse. E as férias passei-as no campo.

– Passou, sim – confirma Sten Sköld, com um novo tom decidido na voz.

– Nunca encontras outros amigos quando vais a casa da Theresa?

Malin dispara literalmente as palavras à cara de Peter Sköld.

– E quem seriam esses amigos?

– Isso, só tu é que nos podes contar.

– Não há nada para contar.

– Não há mesmo? – pergunta Zeke. – De certeza absoluta?

– Afinal, onde é que querem chegar? – intervém Sten Sköld.

Peter Sköld sorri.

– Não tenho mais nada a dizer.

– E não sabes se a Theresa estava com outra pessoa, quando dizia que ia encontrar-se contigo? – pergunta Zeke.

– Nós andamos juntos! Já disse.

– Mas não pareces especialmente preocupado com o facto de ela estar desaparecida.

– Estou, sim. Estou preocupado. Mas mostro-o à minha maneira.

– À tua maneira?

Peter Sköld recosta-se na cadeira, afasta a franja da testa.

Seu filho da mãe, pensa Malin. Catorze anos? Quinze? E já um... Um quê?

Os olhos dele. Malin olha para eles, fixamente.

Vergonha. Há vergonha naquele olhar. E medo. Devia dar-te um abraço, mas agora tornaste isso impossível.

– Agora, vais contar-nos tudo o que sabes e poderá ser de interesse para nós – diz Malin.

– Caso contrário?

– Devagar com o andor – diz Sten Sköld. – O meu filho é suspeito de alguma coisa?

– E Nathalie Falk? – pergunta Malin.

Peter Sköld sorri de novo. Parece avaliar a situação antes de responder:

– Uma companheira de escola. Nada mais. Nós os três gostamos da mesma música.

– Que música?

– Tudo o que é novidade – diz Peter Sköld. – Não tenho mais nada a dizer. Podemos ir embora?

– Theresa está desaparecida. Uma jovem chamada Josefin foi violada – diz Malin. – O que é que estás a esconder-nos? Basta, já chega. Conheces Josefin?

– Eu não conheço nenhuma Josefin.

– O meu filho já disse tudo o que sabia – diz Sten Sköld, ao mesmo tempo que se levanta. – Agora vamos, Peter.

– Ele ainda não disse tudo – contrapõe Zeke.

Assim que o pai e o filho se vão embora, Malin e Zeke voltam ao gabinete.

– Ele não disse tudo – repete Zeke.

Talvez fizesses o mesmo, se estivesses no lugar dele.

Achas que o pai o impediu?

– Não, ele conhece o filho, mas não acho que quisesse impedir que o Peter falasse mais.

– O que é que ele sabe, Malin?

– Alguma coisa, Zeke, alguma coisa...

O mundo dos adolescentes.

O mundo de Tove.

Ela também não contou nada à mãe sobre Markus. E Malin tinha esperado tanto que as suas vidas se parecessem. Que houvesse mais pontos de contacto e de interesse entre elas, com o passar dos anos.

Foi isso que aconteceu?

Não.

Sim.

Não, não mintas a ti própria, Malin.

Malin não sabe se Tove tem segredos para ela. Evidentemente, já tiveram discussões acaloradas. Às vezes, pensa Malin, quase posso ver como ela me

despreza, a mim e à minha vida. Ou será que sou eu que me desprezo? É com certeza isso. Com certeza.

Sven Sjöman, esparramado na cadeira, na ponta da mesa de reuniões. Tem a cara violácea, por causa do calor e, talvez, pela falta de sono.

São exatamente nove horas da manhã. A reunião da manhã, nessa sexta-feira, começa à hora certa.

Ao lado dele, Willy Andersson, do departamento técnico.

Na frente de Andersson está o computador branco e arredondado de Theresa Eckeved, a ronronar. O cabo de ligação, estendido pelo chão, frouxo, mas pronto a contar-lhes algum facto.

Zeke e Malin estão de pé, por trás de Andersson, e olham para o ecrã.

– E então? – pergunta Zeke.

– Não usou muito o computador – diz Willy Andersson. – Não encontrei nenhuma fotografia, apenas dois trabalhos de biologia. Posso assegurar que não têm qualquer interesse.

Será que Andersson é capaz de julgar o que pode ter interesse para nós?, pensa Malin.

Trabalhos de biologia.

Com certeza que é capaz.

– Mais alguma coisa?

Malin nota esperança na sua própria voz.

– Ela apagava regularmente a memória *cache*, de modo que não posso recuar muito para descobrir os *sites* que visitou. Onde andou a surfar no passado. O disco rígido ainda pode ter algumas informações e talvez possamos obter outras junto do servidor do seu fornecedor de acesso, mas isso vai demorar.

– Quanto tempo?

– Semanas. As informações apagadas da memória *cache* só deixam traços fragmentários no disco rígido. Demora algum tempo até se conseguir refazer um ficheiro, deixá-lo compreensível a partir desses fragmentos. E agora, no verão, com as férias, é difícil convencer os fornecedores de acesso a percorrer as suas listas de servidores.

– Mas...

Malin percebe na voz de Willy Andersson que ele encontrou alguma coisa mais.

– Pelo que pude verificar na memória *cache* e no leitor da *webb*, posso confirmar que ela tem uma página no Facebook.

Willy Andersson clica na página.

O rosto de Theresa Eckeved aparece. Ingénuo. Mas também com alguma dureza no olhar.

Nenhuma informação pessoal. Apenas alguns, poucos, amigos: Peter Sköld, Nathalie Falk. Apenas um comentário de uma certa Lovelygirl. Um pseudónimo.

«Olá, querida! Que bonita que tu és.»

«Vai à merda.»

– É possível saber a identidade dessa Lovelygirl? – pergunta Malin.

– Está registada como membro, mas não tem página própria – responde Willy Andersson. – Posso contactar o Facebook e tentar que eles me deem os dados que nos permitam chegar até ela.

– Mais alguma coisa?

Sven faz a pergunta num tom de desafio, mas sente-se algum alívio na sua voz. Lovelygirl. Já é alguma coisa.

– Também tem um endereço eletrónico no Yahoo – diz Willy Andersson.  
– Mas não consigo abri-lo.

– O Yahoo é mais rápido do que o Facebook?

– Duvido. Vou contactar ambos, ainda hoje. Vamos ver.

– Faz isso, por favor – diz Sven. – E insiste que temos pressa em saber.

– Nada no Myspace? No Youtube?

Malin lembra-se de ter visto um vídeo do Youtube, cerca de um ano antes, em que se via uma adolescente a ser violada e torturada. Soube-se depois que tinham sido os seus melhores amigos a violá-la e a torturá-la.

Peter Sköld, Nathalie Falk. Torturadores?

– Nada no MySpace. Ainda não vi o Youtube. Mas posso fazer uma pesquisa ainda hoje.

– Faz isso – diz Sven mais uma vez. – Faz isso.

– E Peter Sköld e Nathalie Falk, também não têm páginas próprias?

– Não que eu tivesse encontrado – diz Willy Andersson levantando-se. As suas calças de algodão bege flutuam-lhe à volta das pernas magras. Andersson tem quarenta anos, mas parece ter cinquenta.

– Bom trabalho – diz Sven.

– Foi simples – diz Willy Andersson, ao mesmo tempo que desliga o computador e desaparece com ele debaixo do braço.

– Darei notícias – diz ele, antes de sair.

Apenas o calor e o barulho da porta a ser fechada permanecem na sala de reuniões.

– E vocês, o que é que vão fazer agora?

– Vamos verificar o álibi de Behzad Karami.

E, a seguir, apenas silêncio na sala. Um silêncio muito especial que Malin conhece e de que gosta muito. É o silêncio de uma investigação em curso, na qual as intuições dos detetives evoluem para ideias, uma pista da investigação que vale a pena seguir.

– Lesbianismo – diz Sven. – Será um caso com conotações homossexuais? Essa Lovelygirl, no Facebook, deu-me a impressão de ser lésbica.

– E a Nathalie Falk é bastante masculina – diz Zeke.

Malin pensa que ele é preconceituoso, mas no seu íntimo concorda com a versão dele. Sente as suspeitas a pairar no ar.

– Quer dizer, portanto, que pode existir uma pista homossexual? Não podemos descartar essa possibilidade.

– Talvez Nathalie Falk saiba quem é a tal de Lovelygirl? – sugere Malin.

– Está na hora de passar à ação – diz Zeke levantando-se. O seu olhar está cheio de expectativa.

O código.

Precisam desse maldito código para abrir o cadeado. O relógio marca um pouco mais das nove e meia. Estão os dois à sombra de um antigo edifício de apartamentos em ruínas. Os tijolos da fachada, outrora amarelos, estão escurecidos, têm agora um tom ocre. A relva e os canteiros de flores em volta, de que ninguém parece sentir-se responsável para pagar a manutenção, estão cheios de beatas, latas de cerveja e refrigerantes e garrafas de vidro partidas.

Malin e Zeke deixam o carro perto do centro comercial abandonado de Berga. Um posto da segurança social, um quiosque, uma pizaria e, depois, apenas lojas vazias, com contraplacados de madeira onde deviam estar montras.

Berga.

Apenas a alguns quilómetros do centro de Linköping, um pouco menos de setecentos metros do sofisticado bairro de Ramshäll.

Aqui, estamos noutra mundo.

Desempregados. Imigrantes. E, como sempre, mães solteiras, que tentam educar os filhos para se tornarem seres humanos razoáveis, mães que aguentam tudo, obrigadas a trabalhar dez horas por dia em trabalhos mal pagos.

Pais ausentes não é um mito por aqui.

A maioria dos habitantes de Berga está certamente em casa, apesar do verão.

Dois prédios abaixo, está o edifício onde Malin encontrara certa vez um dos seus antigos colegas de escola, que morrera de overdose. Vivia num pequeno apartamento, de uma divisão apenas, no primeiro andar. Malin já vivera no mesmo tipo de apartamento, com Tove, até acabar a sua formação.

Um cheiro pestilento emanava do apartamento. Os vizinhos tinham telefonado para a polícia, e ela e um colega foram até lá. O antigo colega jazia no chão, ao lado da cama, no meio de um monte de imundícies. O corpo deitava um cheiro insuportável e devia já estar em decomposição.

Jimmy Svennsson, com três «enes».

Outrora, era o Dom Juan da escola. Depois tornara-se um drogado e por fim um drogado morto.

Verão incendiário.

Zeke tinha perguntado:

– Como é que vamos fazer com a porta?

– Esperamos que chegue alguém...

– Achas que...

– Estava a brincar, Zeke, uma brincadeira matinal. – Malin tira um chaveiro da algibeira interior do seu casaco leve, azul-claro, e enfia a chave-mestra no buraco da fechadura, gira e a porta abre-se. – São muito simples, estas fechaduras.

Zeke olha para ela, com grande admiração.

– Sou obrigado a reconhecer que és tremendamente hábil nestas coisas, Fors.

A escada cheirava a mofo e as paredes, verde-limão, precisavam de ser pintadas.

Não havia elevador.

Estão sem fôlego quando chegam ao terceiro andar.

– Aposto que deve estar a dormir – diz Zeke, ao mesmo tempo que toca a campainha da porta de Behzad Karami.

Tocam, tocam, insistem e nada.

Malin liga para o telemóvel de Behzad Karami. Não encontrou nenhum número de telefone fixo.

O som da campainha deve ouvir-se em todo o apartamento.

*Ela estava completamente bêbeda.*

Depois uma voz no telemóvel, com um ligeiro sotaque estrangeiro, apesar de Karami ter imigrado com oito anos de idade.

– Sabes que horas são, meu sacana?

– Aqui, é Malin Fors, da polícia. Se abrir a porta, deixa de ouvir a campainha.

O dedo de Zeke continua a pressionar a campainha.

– O quê?

– Abre a porta. Estamos aqui fora.

– Oh, merda!

No telefone, Malin ouve um corpo que muda de posição, depois um arrastar de pés atrás da porta, mas Zeke continua a pressionar o botão da campainha, cujo ruído fica cada vez mais forte à medida que a porta se abre.

– Bom dia, Behzad. Então, já fizemos porcaria outra vez, não é verdade?

A voz de Zeke é de aversão pelo indivíduo na sua frente, ao mesmo tempo que retira o dedo do botão e para de tocar a campainha.

Behzad Karami tem o rosto inchado, de sono, mas talvez seja do álcool, ou sabe-se lá de quê. Tronco tatuado, ombros largos, colar de unhas e dentes de animais no pescoço. Dezanove anos de idade. Um potente *BMW*, negro, brilhante, estacionado por detrás do centro comercial.

Depois da escolaridade no reformatório, nunca mais foi condenado pelo que quer que fosse. Nem sequer por violação, e os seus «negócios» aparentemente correm bem.

– Vamos entrar – diz Zeke. E, antes de Karami ter tempo de protestar, já entrou no *hall*, passando por ele, e já se enfiou na única divisão do apartamento.

Behzad Karami hesita. Está à defesa desde a sua prisão preventiva.

Mas o caso Lovisa Hjelmstedt não tinha dado em nada.

Aparentemente, ela consentira e fora vista a dançar com Behzad Karami e Ali Shakbari, na discoteca. Viram-na sair, voluntariamente, com eles, embora a essa hora já estivesse tão bêbeda que mal podia segurar-se nas pernas.

– Há muito tempo que não se faz limpeza aqui, não é verdade, Behzad? – comenta Zeke. – Mas para uma pessoa tão pouco madrugadora como tu, é difícil limpar, não é?

Behzad Karami está diante de Malin, no quarto. As suas costas estão cobertas com o desenho de um dragão, a vomitar fogo, mas inexpressivo, sem qualquer imponência.

– Limpo quando eu quiser. Não é problema teu, *chui* de uma figa.

– Ah, é assim? – diz Zeke. – *Make my day*<sup>1</sup>. Fala, diz o que pensas...

– Calma, Zeke. Senta-te na cama, Behzad.

O pavimento está cravejado de nódoas e queimado das pontas dos cigarros, um lençol cor-de-rosa, sujo e amachucado, está enrolado na cama, roto, as persianas descidas escondendo a vista para os telhados de Berga. Há um televisor enorme, de ecrã plano, pendurado na parede, a aparelhagem e as colunas de som ocupam uma boa parte do chão. A zona da cozinha está surpreendentemente limpa, como se tivesse sido usada recentemente e depois meticulosamente arrumada.

Behzad Karami senta-se pesadamente na cama, esfrega os olhos e diz:

– Porra, vocês podiam ter vindo mais tarde. Afinal, o que é que querem?

– Uma rapariga foi violada ontem. Foi encontrada no parque municipal – diz Malin.

– Por acaso não ouviste falar em nada? – pergunta Zeke.

Behzad Karami baixa a cabeça para o peito e fixa os olhos no chão de linóleo verde. Depois, abana a cabeça e suspira:

– Nós não violámos a Lovisa. E eu não violei ninguém depois disso. Entendam isso, porra! Quando é que vão entender isso?

A voz.

Um tom que, de repente, revela medo.

Além dos músculos e das tatuagens, apenas um adolescente, mas também um homem que sente vergonha quando as pessoas murmuram nas suas

costas.

«Viste, foi ele que violou aquela rapariga...»

«Lá vai ele, o malandro...»

«Macaco! É isso que eles são, macacos!»

– Onde é que estiveste ontem à noite?

– Estive em casa dos meus pais. Recebemos a visita de parentes do Irão. Perguntem-lhes. Sete pessoas podem testemunhar que eu estive lá até às cinco horas, pelo menos sete pessoas.

– E depois disso?

– Vim para casa, para aqui.

Josefin, que não se lembra de nada. Ela foi atacada antes ou depois do cinema? A que horas?

– Vieste diretamente para casa.

– Foi isso que eu disse.

– E por que razão devemos acreditar nisso? – diz Zeke, ao mesmo tempo que dá uma palmada na cabeça de Behzad Karami.

– E Ali, sabes o que fez ontem?

– Não. Não faço a mínima. Também o vão chatear?

Malin repara como Zeke fica cada vez mais irritado. Como ele precisa de se conter para não se atirar a Behzad Karami. Em vez disso, levanta a voz ainda mais e diz:

– Quer dizer que não foste para o parque depois da festa? Que não ficaste escondido atrás de uma moita a ver se aparecia uma miúda?

Malin recua um passo, sai do *hall* e vai para a zona da cozinha. Um outro mundo no mesmo apartamento. De uma maneira geral, tudo limpo, as portas dos armários brancas, ainda que desgastadas pelo uso.

Ela passa um dedo pela bancada e cheira-o. Um aroma de limão. Abre um armário e descobre uma embalagem de *Klorin* ainda por abrir.

Ouve Zeke a gritar na sala.

Sabe que a cólera de Zeke pode ser tão intimidante que pode arrancar confissões no momento em que menos se espera.

– Você é completamente tarado, *chui* de merda.

Os olhos de Zeke estão negros de raiva, ao voltar ao *hall* de entrada. Vê que Malin está na cozinha.

– Isto aqui não dá mais nada – diz ele. – Não achas?

– Espera, ainda não – replica Malin, voltando a falar com Behzad Karami que continua sentado na borda da cama:

– Porque é que a tua cozinha está tão limpa?

– A minha mãe limpou-a anteontem.

– Mais uma coisa: sabes onde podemos encontrar o Ali?

– Experimentem na loja do pai, que vende flores. O nome da loja é Interflora. Ele dá sempre uma ajuda na loja, durante o verão.

O ar condicionado ronrona dentro do carro.

Malin está ao volante.

Zeke junta a sua voz forte e límpida aos coros que encham o carro.

O coro da paróquia de Sundsvall canta os Abba.

*The winner takes it all, the winner takes...*<sup>2</sup>

A voz de Zeke não é tão rouca quando canta como quando fala. Malin já aprendeu a suportar aquela música, em parte porque começou a apreciar o canto coral, mas sobretudo porque vê o efeito que a música tem no espírito de Zeke. De um momento para o outro, transforma-se de um macho cheio de adrenalina, pronto a explodir, num alegre cantor, quase em harmonia consigo mesmo.

Eles dirigem-se a Tannefors.

Passam pelas rampas vazias de *skateboard* no parque Johannelund, pelos jardins de relva amarelada entre a lagoa e os prédios de apartamentos, para passarem depois pela Ponte de Brasken e, seguindo para baixo, pelas instalações coloridas das fábricas da Saab.

A produção de aviões. Na realidade, a produção de armas. De qualquer maneira, o grande orgulho da cidade.

Porque Linköping é assim, pensa Malin. Segura de si e quase narcisista, querendo ser bela e colorida – uma pequena metrópole num mundo gigantesco. Uma cidadezinha, com ilusões de grandeza, mas sem verdadeira autoestima ou um estilo próprio. Por isso, é difícil imaginar uma cidadezinha com menos ambiente de «cidadezinha» do que Linköping.

– Em que estás a pensar, Malin?

– Na cidade. É uma boa cidade, apesar de tudo.

– Linköping? Quem disse o contrário?

Enquanto a pergunta de Zeke fica em suspenso no ar, o telemóvel de Malin começa a tocar.

– Fiz os testes todos, Malin. Acabei de analisar as amostras recolhidas de Josefin Davidsson.

Era a voz de Karin Johannison. Uma voz fria, gelada, no calor estival.

– Estamos a chegar – responde Malin. – Só temos de verificar uma coisa primeiro.

<sup>1</sup> Em inglês no original. (*N. do T.*)

<sup>2</sup> Em inglês no original. (*N. do T.*)

## CAPÍTULO 13

AS GOTAS DE ÁGUA, no sistema de irrigação, na sua maioria evaporam-se e desaparecem antes de atingirem os vasos de flores que se encontram em prateleiras, sob o estore vermelho, inclinado, da loja de flores. O sistema de vaporização chia quando eles entram na frescura húmida da loja.

O homem alto e escuro por detrás do balcão assume de imediato uma posição de expectativa. Malin tem a certeza de que ele os reconheceu.

Malin mostra a sua identificação.

O homem acena, mas não diz nada.

– Estamos à procura de Ali Shakbari.

– O que é que ele fez agora?

A voz do homem está cheia de resignação, mas também de cólera.

– Provavelmente nada – responde Malin. – Mas precisamos de falar com ele.

O homem aponta para uma porta com um postigo de plástico.

– O meu filho está no armazém. Podem lá ir.

Ali Shakbari está junto de uma bancada fixa na parede de tijolos brancos, a tirar os espinhos a rosas vermelhas. O lugar é dominado por um perfume peculiar e agradável. Assim que os vê, Ali fica com medo, e os seus olhos castanhos tornam-se anormalmente húmidos. É de transtorno e de emoção. Estás a ver se te safas, não é?, pensa Malin.

– Ali – diz Zeke –, como é que vai isso?

Silêncio. Ali Shakbari pousa a tesoura em cima da bancada, com um movimento lento. O seu corpo é magro, bem ginasticado, perfeito, sob o fato-macaco de algodão.

– Onde é que estavas ontem à noite?

– Porquê? – responde ele, desafiador.

Malin fala-lhe de Josefin Davidsson.

– Acham que eu tenho alguma coisa a ver com isso?

– De momento, não achamos nada – diz Malin. – O que é que fizeste ontem?

– Eu e o meu pai ficámos aqui a limpar o armazém e a estufa. Acabámos o serviço às três horas da madrugada. Está tanto calor que preferimos trabalhar à noite.

– É verdade.

É o pai de Ali Shakbari a confirmar. Está na porta que dá acesso ao armazém. Mantém a porta aberta e uma atitude que exprime dignidade.

– E depois levei-o para casa. Chegamos às três e meia.

Malin olha em volta.

Cada centímetro quadrado do lugar está limpo, reluzente, bem arrumado.

Limpo de mais? pensa Malin, antes de pegar numa das rosas, de cima da bancada.

– Muito bonitas, estas rosas – diz ela.

– De primeira classe – diz o pai de Ali Shakbari.

Existem duas espécies de pessoas. Os caçadores e as presas. Nesta investigação, até agora, ainda não foi estabelecida a ordem. Não se sabe quem é quem.

Somos nós, que andamos por aí como folhas secas ao vento quente do verão?, pensa Malin. Por enquanto, ainda não chegámos ao ponto de sermos nós a perseguir. Ainda não. Mas talvez seja agora, ao ver o que existe no fundo da lente do microscópio, iluminado por quatro lâmpadas colocadas em volta do pequeno mas poderoso aparelho. Nesse pedaço de azul está talvez a resposta, a verdade azulada.

Os pedaços são tão minúsculos que chegam a fugir da minha perceção. Por vezes, deixo de vê-los.

Os lados dos pequenos pedaços azuis parecem cortados.

O laboratório sem janelas da cave do Instituto SKL que cheira a produtos químicos e a detergentes de limpeza. É um zumbido que vem de um armário.

A respiração pesada de Zeke ao lado de Malin, a voz de Karin na cabeça.

*Eu sei, Malin, o que foi que os médicos encontraram dentro dela.*

– Aquilo que vês são restos de tinta – diz Karin. – É um tipo de tinta que costuma ser usada para pintar plástico.

O azul desliza em volta dos olhos de Malin. Flutua.

É a verdade que se movimenta lá em baixo?

Ou qualquer outra coisa?

Um primeiro pressentimento.

Uma tinta azul, partículas mortas que se movimentam como se fossem enterradas vivas no fundo da lente.

Malin levanta os olhos do microscópio e olha para Karin.

– De onde é que essa tinta pode vir, de que instrumento?

A voz impaciente de Zeke, aborrecido com a pressão constante durante esse mês de julho ou apenas pela presença de Karin na sala?

Karin, com uma voz suave:

– É impossível dizer, podem ser milhares de coisas.

– Como, por exemplo?

– Como um pedaço de mangueira de jardim, como o punho do guidador de uma bicicleta, como uma colher de salada, a perna de um candeeiro, uma pá de brincar.

Malin, Zeke e Karin ficam em silêncio.

Josefin Davidsson foi penetrada sem saber.

Theresa desaparecida. Insinuação de relacionamentos lésbicos na sua página no Facebook. Essa tal de Lovelygirl.

Será que esse raciocínio tem fundamento?

Nathalie Falk, quase um homem. O que têm os homens que as mulheres não têm?

*De quem é a voz?*

*Aqui e agora.*

Malin escuta na sala. Algo assume uma forma diante da sua visão.

*O que dizem as jovens da investigação: Theresa, Josefin, Nathalie?*

– Como um *dildo* – diz Malin, depois. – Como uma imitação de pénis.

E ela não sabe de onde vem a palavra, mas está ali a flutuar na sala.

– É claro, como, por exemplo, um *dildo* – reage Karin. – É possível, sim.

– Como é que podemos aprofundar as investigações? – pergunta Malin, virada para Karin. – Podemos chegar mais perto? Podemos ir além das conjeturas?

– Os fabricantes têm registos. Podemos começar por investigar os casos mais prováveis em termos de produtos fabricados, isto é, aqueles em que esse tipo de tinta foi usado.

– O que é que achas, Malin? – pergunta Zeke.

– Não sei ao certo. Mas um *dildo* tem toda a lógica. Josefin sofreu uma penetração na vagina, mas não tinha ferimentos. Como se o objeto da

penetração fosse feito para essa finalidade.

– Mas também não é possível ferir com um *dildo*?

– Claro que sim, no caso de a pessoa ser desajeitada, ter a mão pesada. Nessa altura, os ferimentos podem ser causados por quase tudo.

– Pela minha experiência, a vagina apresenta sempre ferimentos graves quando há uma penetração forçada com um instrumento que não foi feito para esse propósito – afirma Karin. – Pode muito bem ter sido um *dildo*. E existem modelos mais macios e mais duros.

– És perita nisso? – provoca Zeke.

– Não – responde Karin. – Na realidade, é tudo o que sei.

A propósito da tinta que foi raspada e retirada da vagina de Josefin, Malin lembra-se do caso de Maria Murvall, a jovem que foi estuprada na floresta de Tjällmo, vários anos antes, e que agora continua sem falar, muda, num hospital para doentes mentais. Malin lembra-se ainda das palavras duras no relatório ao descrever o estado horrível do interior do corpo, rasgado, ferido, de Maria. E da figura da jovem, deitada na cama, no Hospital de Vadstena, no inverno passado, quando teve de ir lá por causa de um outro caso. É muitíssimo provável, pensa Malin, voltando agora, de novo, ao caso de Josefin.

Milhares de questões, as suas ideias. É preciso ouvir o que elas dizem. E o que dizem agora. O ar condicionado na sala espirra, estremece, estrebucha, antes de tudo se transformar em silêncio. E sente-se de imediato que o calor, lentamente, está a tomar conta da sala.

– Que idiotice – diz Karin. – Agora desligou-se e quem sabe quando o vão ligar outra vez. Os rapazes do serviço de manutenção estão quase todos de férias, se é que há algum que não esteja.

– Pelo menos, há uma equipa de serviço – diz Zeke.

– Um *dildo* – diz Malin. – Pela lógica, deve ser isso, embora, em princípio, o instrumento usado pelo criminoso possa ser outro qualquer.

Ela não diz nada sobre a sua ideia anterior, de haver uma conotação lésbica. Pois, certamente, as lésbicas usam os seus *dildos* com frequência, não? Ou é apenas um preconceito? Não, uma das suas colegas de curso na escola da polícia mostrava com orgulho a sua coleção e deu informações completas sobre a técnica no uso do *dildo*.

Zeke faz um aceno de concordância. Aos seus olhos, não existem dúvidas.

– Penso convocar o departamento técnico para fazer uma investigação entre os fabricantes de *dildos* – diz Karin. – Ver quais as cores que usam. Pode demorar um pouco, mas podemos ficar surpreendidos com a quantidade de negócios estranhos que existem por aí.

Depois, Karin volta a inclinar-se para o microscópio, olha e afirma:

– Este azul é incrivelmente bonito, não acham? Puro e cristalino como a água de uma fonte natural.

Lá fora, na rua, o calor mantém o ar quente, não abranda, e o vento, quando sopra, não refresca. Parece até aquecer mais, ao passar por cima e entre as árvores ainda em brasa. O fumo provocado pelos incêndios nas florestas espalha-se por toda a parte na atmosfera e o vento, embora fraco, deve soprar diretamente da área de Tjällmo.

Os incêndios ficam cada vez maiores e mais incontrolláveis. Naquela manhã, um casal de idosos teve de ser evacuado da casa onde mora há mais de sessenta anos.

A luz solar fere os olhos como nunca, e não há óculos suficientemente escuros que deixem ver as coisas e, ao mesmo tempo, deem conta da intensidade da claridade. E Malin precisa da visão para poder avaliar todas as circunstâncias que povoam o seu consciente e o atingem como se fossem pedacinhos de metal superquentes.

Malin e Zeke retornam ao átrio do Instituto SKL, para gozar da relativa frescura e descansar um pouco, sentando-se nas conhecidas poltronas vermelhas da Lamnhult. Estão sem fôlego, até para percorrer os cem metros até à Judiciária.

– Porra – exclama Zeke. – Nunca imaginei que poderia ficar ainda mais quente.

– Pode, sim, com certeza – diz Malin. – E esta luz solar intensa, quase vinte e quatro horas por dia. Só de pensar nela fico com dor de cabeça.

– E o *dildo*?

– Não sei ainda, Zeke. Pode ser.

Zeke passa a mão pela cabeça rapada.

– Quem usa um *dildo*? – pergunta ele, depois.

Malin reflete, não responde à pergunta de Zeke, quer que a questão fique em aberto, deixa que o próprio Zeke encontre uma relação.

– Alguém que é tragicamente castrado? Alguém com problemas de impotência? Alguém que apenas pretende usar o instrumento? *Lésbiscas*?

– Lésbicas – diz Malin, demorando a pronunciar a palavra para deixar que Zeke entenda o que ela quer dizer.

– Ah, é nisso que tu pensas – diz ele, a sorrir. – Lovelygirl, na página de Theresa no Facebook. Nathalie. E Josefin? Será ela, também, lésbica?

– Não. Mas talvez a criminosa. Tudo segundo o manual de investigação. Zeke confirma com um aceno de cabeça.

– Quem mais poderia usar um *dildo*?

– Não precisas de mencionar mais ninguém.

– Seria algum infeliz que, de alguma maneira, perdeu tudo.

– Achas mesmo? – diz Malin.

– Não podemos saber. Ou, então, a escumalha em Berga encontrou uma nova maneira de humilhar a mulher.

Malin vê a situação diante de si.

Como Ali Shakbari e Behzad Karami encheram Josefin com vinho de má qualidade e a violentaram, um a seguir ao outro, num sofá, com um *dildo* azul. Como eles riem e representam um dos piores lados da humanidade, apesar de terem acabado de deixar a adolescência.

Realístico, pensa Malin.

Deita fora as fotografias dos rapazes.

E assim ficam, Malin e Zeke, em silêncio, ao lado um do outro, no sofá. Inspiram profundamente o ar fresco e seco e olham para o parque de estacionamento da Judiciária, onde a atmosfera vibra e se eleva como reflexo do calor que vem do solo.

Tove e Janne ainda em Bali, onde está mais fresco do que aqui.

São nove e dez, e Malin está à mesa da cozinha, a comer flocos de aveia com leite, mas está tão cansada que não aguenta sequer cortar uma banana em rodelas.

O apartamento continua quente.

Não existe ar condicionado.

Pelo telefone, Malin levanta a questão do *dildo* a Sven Sjöman. Sven acha que é uma pista válida que merece ser investigada. Diz ainda que, se fosse ele, paralelamente ao trabalho realizado por Karin, mandaria alguns técnicos fazer uma busca nos sítios da Internet que vendem os tais *dildos* e,

em especial, os azuis: «É por aí que se compram, hoje em dia, essas coisas, não?»»

Daniel Högfeldt.

Durante um tempo, Malin achou que o seu relacionamento com Daniel poderia ir além do contacto físico. E talvez até tenha evoluído nesse sentido, agora encontram-se quase todos os dias por questões de trabalho e acabam juntos no apartamento dela ou no dele. Mas esta noite não. Não neste calor. E a solidão? O seu próprio suor já é suficiente e o cansaço faz com que cada músculo fique flácido, murcho. E a saudade de Tove e de Janne está prestes a transformar-se numa sensação de tristeza.

O telemóvel toca.

Está na sala.

Malin deixa a colher no prato, levanta-se, vai até à sala, pega no aparelho e desbloqueia-o.

É o número de Karim Akbar.

– Aqui é Malin.

– Malin, o que é que andas a fazer? Lá porque houve um estupro na cidade, não é motivo para começarem a maltratar os imigrantes na comunidade?

Como é que ele soube?

– Nós...

– Nada de evasivas, Malin. Entra no sítio do *Corren*. Vais encontrar lá tudo, preto no branco.

– Espera, Karim, acalma-te.

– E agora telefonam para mim, de todos os malditos meios de comunicação do país, e todos querem saber o que está a acontecer.

O cenário de que Karim mais gosta. Está no seu elemento.

Malin não consegue avaliar se ele está verdadeiramente zangado ou apenas a fazer teatro, satisfeito por poder garantir o seu lugar no temporal em que o noticiário dos *media* transformou o caso. Todos os seus artigos e as suas apresentações na imprensa são controversos, mas politicamente corretos e de acordo com as suas ideias sobre integração. Qual é a meta de Karim a longo prazo? Ser ministro? Mas ele não pertence sequer a nenhum partido.

O computador está no quarto.

Clique, clique, clique.

O sítio do *Corren*.

As fotografias de Ali Shakbari e Behzad Karami, diante da casa, em Berga.

Título:

«A polícia, sem provas, caça imigrantes.»

Legenda:

«Nós não temos nada que ver com o estupro no parque. Mas a polícia maltrata-nos apenas porque somos imigrantes.»

Ponto de vista do tablóide de Daniel:

«O *Correspondenten* tentou, durante todo o dia, entrar em contacto com os representantes da Polícia de Linköping para recolher o seu comentário, mas ninguém se mostrou disponível.»

Uma grande mentira para «melhorar» a história.

E tu já passaste pela minha cama?

*E, certamente, voltarás a passar de novo.*

– Ainda estás aí, Malin?

O telefone deve ter ficado, pelo menos, dois minutos em silêncio, mas Karim continuava lá, à escuta. Não era próprio de Karim fazer isso.

– Continuo aqui, Karim. Foi apenas uma ideia. Uma das muitas hipóteses que verificámos. Consegues perceber isso. Ou não?

– Eu percebo, sim.

– E eles foram considerados suspeitos no caso de Lovisa Hjelmstedt.

– Eu entendo, Malin, mas deves entender também como a situação parece mal contada no exterior.

– Aproveita, Karim, goza a tua notoriedade – acrescenta Malin.

Karim sorri, mas o riso é vazio e revela cansaço.

# CAPÍTULO 14

MALIN PÕE O TELEMÓVEL em cima da mesa.

Está a ferver.

Quem é que Karim Akbar pensa que é para se meter no nosso trabalho?

A função de um chefe da polícia não é meter-se nos pormenores de uma investigação, mas Karim nunca conseguiu manter-se dentro dos seus limites. Por isso, surgiu um acordo sigiloso entre os investigadores: deixemos Karim falar, nós continuamos a fazer de acordo com o planeado. Afinal, ele tem as suas qualidades. No fundo, tem confiança total nos seus inspetores, o que é vantajoso para as autoridades policiais de Linköping. A sua mania de publicidade chamou a atenção para a polícia da cidade e essa atenção transformou-se em mais recursos orçamentados por parte das instâncias superiores.

Tudo, pensa Malin ao mesmo tempo que se recosta no sofá, absolutamente tudo, nos leva ao passado, àquela loucura mediática, àquela cultura de vaidades, àquela santificada manobra de elevar os medíocres e desinteressantes à condição de religião. As nossas almas precisam de tranquilidade, pensa Malin. Por isso, estamos interessados no Nada:

Cor do cabelo.

Comprimento da bainha da saia.

Quem deve ir para a cama com quem.

Casamentos de celebridades, divórcios, silicone nos lábios, escândalos sexuais...

Agradeço a Deus por Tove não se interessar por tais coisas.

Karim.

Amigo da ministra da Migração. Ambos têm o mesmo ponto de vista sobre a imigração. Façam as suas exigências, sejam duros, mas, ai, ai, ai, se alguém, não imigrante, disser alguma palavra negativa: nessa altura, ecoam as explosões verbais.

Malin respira fundo o aroma do seu apartamento, o aroma de um verão quente e longo em que a maldade resolve começar a manifestar-se.

Por vezes, ela considera a maldade como um animal, negro e informe, que se movimenta na vegetação e nos lugares habitados. Por quem é que o animal espera, por quem? Por enquanto, ninguém sabe.

Malin desliga o televisor. Levanta-se.

Sai do apartamento.

Ideias vagas sobre o que pretende fazer.

O bar no prédio ainda está aberto. O barulho do ar condicionado ouve-se na rua.

Telefonar para Daniel? Dar-lhe uma descompostura? Fazer sexo com ele? Usar o seu maldito membro? Encher-me de bebida até o cérebro ficar em pedacinhos? Mas não há nada pior do que ir trabalhar no dia seguinte, de ressaca, mesmo que seja sábado.

Telefonar para Zeke e perguntar-lhe se quer vir tomar uma cerveja comigo?

Telefonar para Helen, locutora de rádio, compincha, há muito tempo que não nos vemos.

No céu, por cima dela, reluz uma lua quase cheia, no meio de milhares de estrelas pálidas. Malin vê lá em cima como elas estendem as suas mãos espinhosas na direção umas das outras, sem conseguirem alcançar os seus intentos.

– Aqui, Zeke.

Ele atende após três toques.

A voz meio engasgada, como se tivesse acabado de acordar.

– É Malin. Quero saber apenas se estás com vontade de vir beber uma cerveja comigo e falar da investigação. Não consigo ficar tranquila. O que dizes?

Pensa, se calhar estou a pressionar.

Sozinha?

Certamente.

Exatamente como eu, aqui.

– Malin, já são nove e meia. Deves ir para a cama descansar. Temos muita coisa a fazer, amanhã. Eu já estava a caminho da cama. Não aguento. Precisamos de trabalhar amanhã. Tu sabes disso.

– Disseste nove e meia?

– Isso mesmo, Fors. – Silêncio no aparelho. – Mas tu podes vir aqui, se quiseres, e falamos. Gunilla pode fazer um pouco de chá e uma sanduíche com pepino.

É a mulher de Zeke.

A amizade em pessoa.

O farmacêutico da farmácia na grande praça da cidade.

Muito agradável.

– Não, mas obrigada, Zeke. Não quero incomodar. Amanhã, a gente vê-se.

– Boa noite, Malin.

Malin continua parada em frente do seu prédio, com o telemóvel na mão.

Devo ir ao bar?

Entro novamente e subo para o apartamento?

Telefone para Tove e Janne?

Sente um formigueiro por debaixo da pele e não é calor.

Que a sede vá para o diabo!, e o vício, também! Eu sei que nada disto faz bem.

Então, vê na sua mente a figura de Josefin Davidsson na cama do hospital. O rosto disforme pelos pesadelos, pelas recordações impostas.

Pouco depois, Malin está a passar pela praça Trädgården e sabe para onde vai. O anoitecer transforma-se lentamente em noite escura e tardia. Talvez por isso o único restaurante ao ar livre da praça esteja vazio. Um empregado negro traz um cinzeiro; ainda não começaram a retirar as toalhas das mesas.

Passa depois pela Drottninggatan e pelos seus prédios imponentes. Passam alguns carros: um *Volvo* verde, uma carrinha branca.

O portão preto do parque da associação de jardinagem, a Trädgårdsförening, na sua mão, ainda continua muito quente, depois de um dia inteiro a apanhar sol. Está quente, mas já não queima.

Malin abre o portão, entra no parque, agora completamente deserto. Em princípio, ninguém se atreve a passear no parque àquela hora, depois do que aconteceu.

Nua.

Violentada.

Crianças de uma creche que se aproximam.

*Não me lembro de nada.*

O monstro pode estar aqui, pensa Malin, à medida que avança pelo parque adentro, passando por canteiros e fontanários bem tratados, as estufas lá em baixo junto da cerca e, depois, o caramanchão, o parque infantil, uma cascatazinha quase silenciosa, uma corrente desprezível, mas ainda assim cheia de vozes, lembranças escondidas.

Ela pode ver as varandas da rua Djurgårdsgatan.

A busca de informações porta a porta que não deu resultado.

Nem uma pista sequer da bicicleta vermelha, apesar da investigação da polícia em todas as ruas que a miúda pode ter percorrido para chegar à cidade.

Há pouca gente na cidade, mas, mesmo assim, ela deve ter gritado. Alguém deve ter acordado. Trouxeram-te para aqui, Josefin? Mas, nesse caso, onde estiveste antes? Onde foste atacada?

Malin contorna o caramanchão, toca na fita, já derrubada, que delimita a área. Fecha os olhos e vê alguém que agarra uma jovem nua, ferida, e branca, muito bem lavada, a correr por cima da relva. Vê ainda como ela está amarrada, com uma mordaça na boca. E vê alguém que enfia um pedaço de plástico, de cor azul, no corpo dela, entre as pernas, para frente e para trás. A imagem para por aí, STOP é a palavra de ordem. A relva por baixo do corpo, quase nem humidade tem, por causa do calor. O corpo dele, dela, deles, por cima do seu, a pressão contra o chão duro. A relva, uma cama de onde jamais se conseguirá levantar ou fugir.

Foi assim?

Josefin Davidsson.

Maria Murval.

Theresa Eckeved, desaparecida.

Uma relação?

Josefin.

Andavas por aí perdida quando te encontraram. Mas tu ainda estavas conosco.

E estás livre, mas, ao mesmo tempo, não estás.

Theresa.

Estás conosco? Onde estás?

*Ouçó uma voz.*

*Não reconheço a voz. Mas ela pergunta-me onde estou.*

*Quero saber onde estou. Porque se souber onde estou, vou poder sair daqui. Sair do frio e do escuro, da solidão, e voltar para casa.*

*Está tudo negro, agora.*

*E frio.*

*Portanto, por favor, pergunte novamente onde estou. Deixe que a sua voz sirva de farol sonoro e me ajude a encontrar o caminho para fugir do medo e dos sonhos negros.*

*Pergunte novamente, por favor.*

*Pergunte.*

– Theresa, para onde foste?

Malin faz a pergunta em voz alta, demorando-se um pouco mais junto do caramanchão.

Um pássaro a cantar.

Os rostos. Peter Sköld, Nathalie Falk, Behzad Karami, Ali Shakbari. Outros rostos ainda, sem traços definidos, daquele que telefonou, outros e mais outros.

Tenho de falar com Nathalie, novamente.

Quem é Lovelygirl? Talvez ela saiba.

Malin agacha-se.

Toca com a mão na relva.

Um texugo que escava.

Quem és tu? Que fazes? Porquê esse desespero? O que te aconteceu, para que estejas a fazer o que Josefin fez. O que queres dizer-me? Talvez alguma minhoca queira entrar no teu paraíso vaporizado. Afinal, o inferno está aqui, e agora. E para sempre. E porquê tão limpo? O que querias apagar com a lavagem? Ou tornar visível?

O tempo passa. As marcas e as lembranças desaparecem, as verdades fogem, para defender o seu portador.

Como foi?, pensa Malin.

Como vou conseguir que queiras lembrar-te, Josefin?

O cheiro desagradável de floresta a arder.

A queimar insetos, animais, musgos.

A floresta. O purgatório das almas perdidas.

O cheiro desagradável das minhocas que saem a arder do solo ressequido. Malin sente-o nas narinas. E se pudesse flutuar por cima dos prados e do lago Roxen, em direção às florestas de Hultsjö e da área de Tjällmo, poderia ver o fogo em baixo e imaginar se não seria magma. Ou a verdade. Ou a violência. Que resolveram surgir e manifestar-se como pontos de rutura.

# CAPÍTULO 15

SÁBADO, 17 DE JULHO

TRABALHAR NUM SÁBADO. É claro como água, agora que o verão se transformou num inferno dantesco. Vão ter de trabalhar. Nenhum colega terá de interromper as férias desnecessariamente.

Pela manhã, ainda se sente mais o cheiro da madeira queimada, mas não chega a incomodar. É apenas diferente. Quase agradável. Como uma brasa acesa na fogueira de Tove, uma fogueira em que as crianças aquecem os seus dedos gelados no inverno.

Hoje não há vento e, neste momento, a luz é mais suportável, pensa Malin, ao ver as bandeiras pendentes nos mastros à frente da entrada da Judiária e o enorme parque de estacionamento, nas traseiras, quase vazio, com apenas duas viaturas, ambas à espera de instruções para sair e perseguir criminosos.

Malin arrasta-se sob um calor de chumbo. Hoje está cansada.

Faltam cinco minutos para as oito e o calor já é escaldante. O seu corpo sua por baixo do casaco branco e da *T-shirt* de manga curta. E escolheu uma saia para sair, embora quase nunca use saia para trabalhar. Parece-lhe demasiado feminino, uma fraqueza, como uma provocação. O seu mundo é um mundo de homens. Digam o que disserem algumas feministas da direção. Por isso, as calças. Mas não com um calor destes. E hoje também não.

Enquanto toma o pequeno-almoço, Malin lê um artigo sobre os fogos na floresta no *site* do *Corren*. Impressionante, uma fotografia da floresta em chamas a ocupar toda a primeira página e o artigo descreve pormenorizadamente o trabalho dos bombeiros na tentativa de controlar o fogo.

Muitos hectares de floresta estão a arder. O fogo aproveita-se da seca para dominar e as chamas avançam agora para os campos, sedentas de vida. Os bombeiros de Linköping, Norrköping, Motala e Finspång lutam nas florestas empoeiradas.

Em seguida, lê um artigo sobre o caso que ela própria está a investigar.

A imagem de um vibrador com a seguinte legenda: «A polícia suspeita que o criminoso usou um vibrador azul.» Seguem-se várias considerações envolvendo Karami e Shakbari. Especulações sobre Lovelygirl.

Como é que pôde haver fuga de informação sobre o vibrador?

Karin Johannison? Sven Sjöman? Talvez Sven, pressionado por algum jornalista. Bom, agora já é do conhecimento geral.

A porta de entrada do edifício da Judiciária abre automaticamente. Ebba está sentada atrás do balcão da receção e deve ter chegado muito cedo.

– Bom dia, Malin.

Malin acena como resposta.

Zeke e Sjöman já se encontram nos seus lugares, embora ainda falte uma hora para a reunião matinal.

Sempre estas reuniões, mesmo que tenham de fazer horas extraordinárias.

Ambos estudam com todo o cuidado alguns documentos, mas, mesmo assim, notam a sua chegada. Levantam a cabeça quase ao mesmo tempo e Sven diz:

– Malin, já era tempo de chegares!

Zeke está satisfeito por ter chegado antes dela, o que acontece raramente.

– Olá, Malin, bem-vinda!

Sven, com umas calças brancas de linho, bem amarrotadas, está notoriamente feliz em vê-la.

Ao ver a expressão de Sven, Malin decide não contar nada sobre a sua digressão pelo parque, na noite anterior, apesar de ter pensado nisso. Sabe que Sven gosta que os seus subordinados visitem o local do crime, mais tarde, para *sentir* o ambiente.

– Como foi ontem? Acabaste por ir beber a tal cerveja, Malin?

Não, pensa Malin, mas uma boa dose de tequila quando cheguei a casa.

– Estás com um ar cansado – comenta Zeke, com um sorriso abafado, amistoso, fazendo depois uma careta, quase paternal.

Começam a reunião mais cedo, antes das nove.

Também não fazem questão de usar a sala de reuniões. Uma das mesas redondas do refeitório é suficiente. Não há muitos colegas suscetíveis de os incomodar.

Sven parece mais cansado do que habitualmente e Malin pergunta-se de onde pode vir esse seu cansaço. Deve ser do calor. E vê as manchas do pó da madeira lixada nos seus braços cabeludos. O pó da madeira está colado na pele e Malin pôde imaginar, então, que Sven se levantou cedo e foi trabalhar na sua marcenaria particular, na cave. Talvez isso o ajude a não perder o pé no meio dos fogos florestais e de uma investigação difícil.

Como se tivesse ouvido os seus pensamentos, Zeke comenta:

– Que incêndio terrível. E está cada vez pior.

– São oitenta bombeiros a trabalhar e não dão conta da situação – diz Sven.

– E o fogo está a alastrar para Hultsjö – acrescenta Malin. De repente, o refeitório fica em silêncio. E os três resolvem levar à boca, ao mesmo tempo, as canecas de café.

– Então, vamos em frente – diz Sven. – Temos um indivíduo para vigiar. É um tal Fredrick Jonasson, trinta e dois anos, que mora em Mjölby. Esteve preso por tentativa de violação e agressão, mas saiu há pouco tempo. Ao que parece, vive com a mãe. Atacou uma mulher na escada. Não chegou a consumir a violação, mas maltratou-a fisicamente.

– Eles podem verificar isso em Mjölby – diz Zeke. – Devemos limitar-nos aos agressores sexuais libertados recentemente, ou verificar também os outros?

– Vamos começar com o que foi libertado agora – responde Sven. – Não temos muito pessoal, mas, entretanto, vou fazer uma lista de eventuais suspeitos.

– Mais alguma coisa? – pergunta Malin. – O que é que fazemos com Behzad Karami e Ali Shakbari? Temos de verificar o álibi de Behzad. Será que podemos destacar um agente para falar com o pessoal que esteve na festa? Temos alguém para isso? Ou devemos chamar alguns dos que estão de férias?

– Vamos devagar, Fors – diz Sven. – Ainda não temos nada de concreto sobre Karami e Shakbari.

Karim deve ter falado com Sven, mas este jamais iria abandonar uma pista para agradar a Karim. Ou à imprensa.

– Existe gente disponível nas cidades mais próximas? Motala? Mjölby? – insiste Malin. – As férias são sagradas. Caso contrário, nunca ninguém teria férias.

– Podemos dispor de dois agentes – responde Sven. – E encarregá-los de verificar os álibis.

– Quem são?

– Jonfeldt e Bulov.

Bons rapazes, pensa Malin. Jovens e solteiros. Mas não daqueles que só pensam em musculação. Mais provavelmente, futuros inspetores, detetives.

– Vocês acham que eles estão, realmente, envolvidos? Quero dizer, Behzad Karami e Ali Shakbari.

A voz de Zeke revela hesitação.

– Quem sabe? – reage Malin.

Malin pensa que já conhece as vozes deles, de investigações anteriores. E relembra as palavras de Sven: «Escuta, Malin, escuta as vozes durante as investigações.» E de como ele acrescentou recentemente: «Apenas aquele que escuta poderá aprender alguma coisa. E aquele que aprende alguma coisa é que poderá chegar mais perto da verdade. Tão perto que acaba por encontrá-la.»

– Nenhuma novidade, também, sobre a Theresa – diz Malin. – A não ser que tenha surgido algo de novo ontem à noite ou durante a madrugada. Será? A menos que Peter Sköld ou Nathalie Falk tivessem dado alguma nova informação?

– Nada. Só silêncio – diz Sven. – E há já mais de uma semana que ela está desaparecida. – E continua, mudando de assunto. – Há novidades sobre as lésbicas?

Zeke está menos hesitante. Mas, em contrapartida, Malin não está tão segura.

– Só porque suspeitamos de que foi usado um vibrador, não vamos perseguir todas as lésbicas da cidade, não é? Só porque uma página do Facebook nos deu essa ideia

– A nossa intenção não é essa – diz Zeke. – Mas talvez valha a pena ir nessa direção.

– Nesse caso, gostaria de ouvir novamente Nathalie Falk – diz Malin. – A sós.

Zeke concorda.

– Pode resultar – diz ele. – Ela parece não gostar muito de tipos como eu. Sven murmura um «sim», antes de ajeitar o cinto nas calças de linho. E acrescenta:

– Nada de novo da parte de Andersson, do departamento técnico. Provavelmente, não encontrou mais nada e ainda não teve tempo de enviar os pedidos de informações para o Facebook e o Yahoo. – Depois, respira fundo antes de prosseguir. – Já verifiquei onde é que as lésbicas da região costumam reunir-se. Parece que há um clube em Norrköping, o Déjà vu Delight. Aqui, em Linköping, parece que não há nada parecido.

– O mercado, certamente, é pequeno demais – diz Zeke. – Todas as lésbicas daqui vão para Estocolmo logo que podem.

– Ou talvez ainda para mais longe – acrescenta Malin.

– A Associação Nacional dos Homossexuais? Podemos entrar em contacto com eles? – pergunta Zeke.

– Não existe essa associação na nossa cidade – informa Sven. – Vê se consegues alguma coisa no clube, Malin. Procura saber.

– Queres que vá lá e pergunte se conhecem alguém que use um vibrador e tenha instintos violentos, é isso? – Sven não responde. – Acho que é ir um pouco longe de mais, em especial, atendendo àquilo que temos em mãos – diz Malin. – Vamos deixá-los em paz no seu próprio clube. Talvez tenha um contacto que possa usar para verificar.

Sven está pensativo. Depois, diz:

– Tens razão, Malin. Usa o teu contacto. – E, clareando a voz, acrescenta. – Que outras teorias podemos explorar? Um castrado? Um impotente? São assuntos sujeitos ao segredo profissional e bastante sensíveis.

Ele diz isto sem qualquer sentimentalismo, pensa Malin, como se fosse uma bagatela para aqueles a quem isso aconteceu.

– Vou informar-me junto dos meus contactos – diz Malin que vê Sven franzir o sobrolho.

– Não uses nenhum método ilegal, está bem?

Malin não responde.

Mas pensa: podemos chegar a algum lado sem passar por atalhos?

E Theresa? Onde estás tu?

*Estou debaixo de água? O que está à minha volta, verde, castanho, negro e molhado, são algas, lírios da água? São dentes de peixes, de lúcius, que*

*me mordem as pernas?*

*Estarei a sonhar? Ou estou realmente acordada?*

*Mas, nesse caso, não devia estar tão escuro.*

*Estou cega?*

*Terão os meus olhos ficado queimados do sol? É impossível, porque não me doem. Estão intactos, mas, ao mesmo tempo, não estão. Tento pestanejar, mas nada acontece. E pai, porque não vens aqui fechar-me os olhos? Ou eles já estão fechados? Ou será que só um deles está aberto?*

*Agora, quero fechar os olhos. Fugir deste lugar, de tudo isto, de todos estes ruídos, destas palavras que não entendo. Parece um discurso satânico gravado de trás para a frente num disco de hard-rock riscado. Desliguem essas vozes.*

*Soltem-me os braços. Deixem-me mexer os braços, as pernas, os pés. E as pálpebras.*

*O que querem essas vozes? As que se ouvem por baixo de mim. Não, por cima de mim. A minha audição está no espaço que cresce no sonho.*

*Estou presa. No verde, no castanho, no escuro.*

*Estou enrolada em plástico húmido.*

*Não quero ser cega.*

*Porquê? Diz-me porque ainda não vieste buscar-me, pai. Quero acordar agora. Nunca tive um sonho destes, antes. Quero acordar, mãe. Pai!*

*Quero...*

*Não ser cega.*

*Acordar, acordar, acordar.*

*Mas como?*

*Digam-me, como posso acordar?*

# CAPÍTULO 16

O SONOLENTO TRABALHO DE REVER e organizar papelada e novas discussões vãs sobre o caso, eis o resultado da reunião matinal. Malin nem tempo teve para telefonar aos seus contactos.

Foram de carro para o centro da cidade onde o ar parece privado de oxigénio sob os guarda-sóis do restaurante Gyllenfiket, que, durante o verão, também serve refeições na esplanada. À sombra, no entanto, consegue-se suportar a luminosidade.

Além de Malin e Zeke, há mais dois clientes, um casal de idade que bebe café com torradas. São quase quatro e meia da tarde e o pico de calor já passou, a luz do sol é mais ténue, mas, em compensação, o fumo dos incêndios volta a pairar sobre o centro da cidade.

Gelo no café. *Con hielo.*

Pequenos goles saboreados em silêncio, alternadamente, enquanto um pombo anda para trás e para a frente diante da Intersport do centro comercial de Gränden, onde as bolas de praia e os colchões pneumáticos da montra parecem engelhar-se a cada minuto que passa.

– Sentes o cheiro? – pergunta Zeke.

– Sim – responde Malin.

– Achas que vão conseguir controlar o incêndio?

– Certamente.

Zeke concorda.

– Olha à tua volta, Malin, dá a impressão de que somos os últimos a ficar na cidade. Nós e os que estamos a perseguir.

– Com este calor, parece que o meu cérebro pesa dois mil quilos – diz Malin. – E que se recusa a pensar seja no que for.

– Mas o teu cérebro alguma vez pensou?

– Estás muito espirituoso.

– Ontem, vi um documentário, na televisão – diz Zeke a seguir. – Um programa sobre a natureza e sobre uma aranha horrível que copula com os filhotes.

– Dir-se-ia uma maneira de se autoexterminar.

– De qualquer forma, é também uma forma de evolução – contradiz Zeke.  
Dá aranhas com os olhos muito juntos.

Naquele momento, passa junto deles uma rapariga que anda a passear um são bernardo pela trela, mas o cão, coitado, com o seu corpo gigantesco, parece cambaleiar.

– Zeke, estou a pensar em ir ter uma conversa com Nathalie Falk esta noite.

– Vai, mas com cautela.

Malin respira fundo e sente os pulmões a aquecer com o ar quente.

Separaram-se na praça Trädgården e, assim que Zeke desaparece, Malin pega no telemóvel.

O diretor clínico Hans Stenvinkel deixa cair o corpo na cadeira desconfortável do seu consultório abafado, na enfermaria nove do Hospital Universitário.

Acaba de fazer uma operação de cinco horas.

Tentou salvar a perna de um motociclista que chocou com um trator perto de Nässjö e foi trazido de helicóptero para Linköping. O tempo é que vai dizer se o homem de trinta anos vai conseguir conservar a perna. Os ferimentos eram gravíssimos, profundos e variados. A perna chegou aberta do joelho até à anca e o médico fez o que podia.

Está a perguntar a si mesmo se é suor que tem na testa ou gotas de água do duche que tomou depois da operação, quando o telefone toca. É o número de Malin. Que será que ela lhe quer?

A mãe de Tove, a namorada do seu filho Markus. Uma inspetora um tanto reservada, mas agradável e cujo trabalho é unanimemente reconhecido. Uma mulher distante, reservada, mas que, após dois ou três copos de vinho, se descontraí por completo. Como se, por princípio, não gostasse de médicos. Assim pensara Hans, muitas vezes, na sua companhia.

– Fala Hans!

A voz dela, na outra ponta da linha, não está tão expansiva como habitualmente e ouve-se o som do trânsito.

– Aqui Malin, a mãe de Tove.

– Olá, Malin, como estás com este calor? A derreter por aí?

– Metade de mim já derreteu para o asfalto...

Hans ri da piada. Sentido de humor, não lhe falta.

– A Tove tem dado notícias? Está bem, lá em Bali?

– Julgo que sim – responde Malin.

– Markus está na nossa casa de campo, em Torshälla, mas volta assim que Tove estiver para chegar.

– Talvez possas ajudar-me numa coisa, Hans?

– Diz, Malin.

– Preciso de saber se alguém na cidade perdeu o pénis.

– O quê?

– Se alguém...

– Malin, eu ouvi.

– Tem que ver com uma miúda que foi violada, aqui, na cidade.

– Aquela que foi encontrada no parque?

– Sim.

– Essa informação é sigilosa, Malin.

– Eu sei.

– *Sorry*, Malin. Não posso ajudar-te. É contra a lei dar informações sobre as pessoas tratadas aqui no hospital.

– Eu também sei isso, Hans.

Hans pareceu-me cansado, esgotado, pensa Malin. Essas operações longas devem ser muito cansativas. Malin mete o telemóvel na algibeira da frente da saia, cujo tecido azul-claro já recebeu algumas nódoas durante o dia. Malin pensa na possibilidade de haver *jeans* de tecido suficientemente fino para ela poder usar naquela canícula.

O *pub* no seu prédio continua a atraí-la. É uma loucura morar num edifício que tem um bar em baixo.

Sentar-se ao balcão e ficar sozinha, no meio dos outros.

Sentir-se melancólica e agradavelmente turvada.

Beber cerveja gelada – aquele gosto áspero, refrescante, com o álcool a subir até ao cérebro e a provocar um vazio miraculoso.

Mas não. Agora não.

A chave entra na fechadura da porta do apartamento.

Malin para, olha para a sua figura refletida no espelho da entrada.

Rugas provocadas pelo calor?

De qualquer forma, são recentes, os pequenos riscos na pele em volta dos olhos.

Estou com trinta e quatro anos, pensa Malin. E continuo a não reconhecer a minha figura no espelho. Não sei quem é que estou a ver.

Janne, Tove e Daniel Högfeltdt vêm até ela como fantasmas de verão.

E, então, de repente, tem o sentimento doloroso de que a sua vida terminou, apesar de estar completamente empenhada em vivê-la.

# CAPÍTULO 17

SÁBADO, 17 DE JUNHO; DOMINGO, 18 DE JUNHO

A SUA VOZ ENCHE O QUARTO. Fala das raparigas. Na realidade, não importa o que ela diz. É a modulação da voz, a sua suavidade que é importante.

A animadora da estação de rádio local P4, a sua amiga Helen Aneman, agora trabalha à noite, quando antes trabalhava sempre durante o dia.

«A todas as raparigas de Linköping, sejam prudentes, por favor, nada de andarem por aí sozinhas, na cidade, seja o que for que tenham de fazer. Não sabemos o que este verão nos poderá trazer.»

Depois, Helen anuncia mais uma música, enquanto Malin ainda está deitada na cama, com as persianas fechadas, a ouvir a voz da amiga na penumbra relativa do quarto.

A voz de Helen é muito *sexy*.

Sozinha, mas não tragicamente só, como se esperasse que, a qualquer momento, alguém entrasse no estúdio e a levasse dali.

O príncipe dos seus sonhos? Talvez sim.

A música começa. *Hard-rock*. As palavras, a letra, não significam nada. Malin levanta o corpo, estica o braço e com o dedo pressiona o botão que desliga o rádio.

Sven Sjöman telefonara meia hora antes, pouco depois das nove horas.

– Vais falar com a Nathalie Falk?

– Telefonei-lhe. Vamos encontrar-nos daqui a pouco. Pelo tom de voz, pareceu-me muito contrariada. No mínimo.

– É bom saber que estás a trabalhar, Malin.

– Quer dizer que achas que eu não tenho nada melhor para fazer?

– Exatamente, minha cara Fors.

\*

Há uma expressão de desafio nos olhos negros de Nathalie Falk. E, além de desafio, há mentira. Ou a verdade omitida.

Malin teve de recorrer a todo o seu poder de persuasão para convencer Nathalie a encontrar-se com ela. Nathalie tinha-lhe dito numa voz perentória que nada tinha a acrescentar ao que já tinha dito. Depois de Malin muito insistir, Nathalie acedeu encontrar-se com ela na igreja.

– Posso encontrar-me consigo na catedral, às dez horas. De vez em quando, vou até lá.

– Está aberta a essa hora?

– No verão, não fecham antes das onze. Um novo regulamento sobre a acessibilidade dos lugares públicos. E depois, está mais fresco a essa hora.

Agora, estão as duas sentadas num dos bancos de madeira pintados de castanho, diante do altar decorado com pinturas modernas, enquanto por cima das suas cabeças se cruzam ogivas de pedra cinzenta.

Nathalie veste uma saia e uma camisa preta. Erradia uma coragem e uma convicção que Malin desejaria ter tido quando era adolescente.

– O que é que quer saber? – pergunta, sem olhar para Malin.

– O que quero saber? Prefiro que me contes o que sabes, Nathalie. Tenho a certeza de que ainda não me contaste tudo. A propósito, a tua saia é muito bonita!

– Não tente manipular-me. A saia não tem nada de bonito. É uma dessas merdas baratas da M&M.

– Quem é a Lovelygirl?

Malin tenta aperceber-se de algum tipo de reação na rapariga sentada ao seu lado.

Nada.

– Não conheço nenhuma Lovelygirl.

– É um pseudónimo de...

– Vi isso na página da Theresa no Facebook. Não sei quem possa ser.

A resposta veio um pouco rápida demais, pensa Malin.

– Tens a certeza?

Silêncio.

Nathalie encolhe-se, como se quisesse demonstrar que atingira o limite de até onde podia ir.

Malin faz uma pausa. Deixa que o silêncio da igreja, interrompido por alguns estalidos, se sobreponha por um momento.

– É difícil ser-se diferente, não é? – pergunta Malin, vendo que Nathalie Falk começa a descontraí-la.

– Acha que sou diferente?

– Sim, mas de uma maneira agradável, positiva.

– Não é difícil. É apenas diferente.

– A Theresa desapareceu, Nathalie. Tens de me contar o que sabes.

Nathalie vira o rosto redondo para Malin, olha-a bem nos olhos e diz:

– Mas eu não sei mais nada. Conheço a Theresa, mas não sei nada sobre ela.

As pupilas dos seus olhos retraem-se, sinal de que está a mentir.

Mas mentirá, realmente?

– E Josefin Davidsson, conhece-la?

– Está a falar daquela miúda que foi encontrada no parque? Não me venha com mais essa! Só soube dela pelo que li no jornal.

Junto ao pórtico da catedral, talvez setenta e cinco metros atrás delas, alguém entrou e ficou a rodar o expositor de postais.

– Porque é que marcaste o encontro aqui? – pergunta Malin, reconhecendo-se a si mesma quando visita o antigo cemitério da cidade. Pensa ainda que Tove jamais viria voluntariamente a esta igreja e a esta hora. O seu lugar preferido é a biblioteca.

– Gosto deste ambiente calmo. E das dimensões do lugar. Dá-me a sensação de largueza.

– É bastante grande, sem dúvida.

– O que achas que aconteceu à Theresa? – pergunta Nathalie Falk.

– Não sei – responde Malin. – E tu, o que achas?

Nesse momento, Nathalie aponta para o altar, para a pintura cubista de Jesus Cristo. E pergunta:

– Acredita na imaculada concepção?

Malin não sabe como reagir.

A imaculada concepção?

– Quero dizer – insiste Nathalie Falk –, o que é que isso significa, qual é o sentido dessa história da virgindade se tudo o que é puro e bonito acaba sempre por ser manchado? Será que podemos acreditar que essa maldita inocência existe de facto?

Passa pouco da meia-noite quando Malin, pela segunda vez na mesma noite, se deita na sua cama. Tão quente e solitária como o resto do apartamento.

Tem o rádio ligado.

Helen Aneman fala do calor e dos incêndios nas florestas. E de um bombeiro de Mjölby que participara no combate ao fogo e que acabara por ficar cercado pelas labaredas e ser internado no hospital com queimaduras graves.

«Está nos cuidados intensivos do Hospital da Universidade e acho que todos nós lhe devemos, a ele e à família, um muito obrigado.»

Depois, música. *Into the fire.*

A ode de Bruce Springsteen aos bombeiros que entraram no World Trade Center em chamas para salvar outras pessoas. O grandioso no ser humano. Como nós, de um momento para o outro, podemos esquecer todas as nossas responsabilidades para com a família, os amigos e os parentes, e dar a nossa vida por outro ser humano desconhecido, o nosso próximo.

«May your strength give us strength.»

Como o espírito de sacrificio nos torna humanos.

«My your hope give us hope.»

E repete várias vezes o que os sobreviventes tinham dito: que nunca hesitaram, nunca sentiram medo nem a obrigação do dever a cumprir, mas simplesmente a vontade de ajudar os que corriam perigo.

«May your love give us love.»

Quando os homens renascem, então, são esses bombeiros que devem renascer.

No fim da canção, Malin desliga o rádio.

Fecha os olhos. Espera a chegada do sono e dos sonhos, mas, em vez disso, passam-lhe pela cabeça mil pensamentos.

Nathalie Falk. Lovelygirl. O que é que Nathalie ainda não contou? Não se pode fazer mais nada. Pelo menos, por enquanto. Deixemos o tempo passar. Josefin e a sua memória aferrolhada.

Segundo Janne, há lésbicas nos contingentes de bombeiros de Norrköping e Linköping. Mas quem são elas? Talvez pudessem ajudá-la.

Esta investigação está a transformar-se numa sucessão de preconceitos. Os filhos de imigrantes que gostam de violações em grupo. Lésbicas nos bombeiros, na polícia.

Depois da reunião, tiveram uma discussão acalorada à volta de uma evidência: há muitos homossexuais nas forças de segurança, mas em Linköping, Petreaus é a única que admite abertamente ser lésbica.

– Por favor, não a metam nisto – diz Sven. – A Petreaus está de férias. Por favor, não a metam, de maneira nenhuma, nesta investigação.

– Tens razão – diz Zeke. – É melhor não abrir a caixa de Pandora.

Quando é que cortaste o cabelo num cabeleireiro que não fosse maricas?

Podiam ter sido as palavras de Zeke.

Nathalie Falk quer mostrar-se forte e dura, mas, no fundo, está com medo e insegura. Como se tivesse dedicado toda a sua curta vida a fugir ou a tentar assumir a sua diferença. Mas, afinal, é isso que todos os seres humanos fazem, pensa Malin. Tentam fazer a sua vida e a maioria consegue, melhor ou pior, manter a cabeça fora da água.

A tequila, no armário da cozinha por cima do frigorífico.

Malin sente um formigueiro no corpo que reclama bebida. O estômago, o coração, a alma suspiram: aquece-nos, anestesia-nos, amolece-nos. Para combater o calor, o calor da bebida. É assim que pensas, é assim que és, Malin.

Respira fundo. O ar quente entra-lhe nos pulmões.

O cheiro fraco, muito fraco, de madeira queimada. Pensa novamente nos bombeiros.

«Up the stairs, into the fire.»

# CAPÍTULO 18

PALAVRAS POR DIZER PAIRAM NO AR como almas penadas. Intuições. Mas de quê?

Não tive irmãos nem irmãs, pensa Malin, enquanto circula pelo apartamento dos pais, no Infektionsparken.

Passa um pouco das oito da manhã de domingo e a cidade está ainda mais deserta do que nos dias úteis. Sou o último ser humano na Terra, pensa Malin, quando se encaminha para o apartamento. Todos os outros morreram queimados. E, então, para, estaciona a bicicleta, quer andar a pé, como um gesto de desprezo para o calor.

Quer regar as flores no apartamento antes da reunião matinal que decidiram marcar para as nove e meia. Estão a fazer horas extraordinárias, não têm um minuto a perder. Já se faz tarde. Teve de se levantar mais cedo do que normalmente seria necessário, apesar da falta de sono. Sono que não veio como devia, apesar dos dez centilitros de tequila que bebeu de uma vez, em dois goles seguidos, ardentes.

O apartamento. Quatro divisões e cozinha, no terceiro andar de um prédio do início do século vinte. Quatro divisões cheias de móveis que vieram da casa de Sturefors, de lembranças misturadas com um sentimento de sonho inacabado e de mentiras, mas também de um amor harmonioso, o amor peculiar dos seus pais.

Estamos juntos. Mas não há respeito nenhum entre nós. Detestamo-nos cordialmente. Não temos interesses mútuos nem opiniões, sonhos ou anseios, mas podemos movimentar-nos entre nós, com os nossos segredos e mentiras. E enquanto fizermos isso, temos algo em comum. Ou não?

Que vá tudo para o diabo, pensa Malin.

Ela própria e Janne não tinham nada do que supostamente se deve ter em comum. Nenhum interesse. Nenhuma ambição. Mas o que é que tinham em comum, que decerto estava lá desde o início? Um certo amor, pelo qual ambos mostraram ser seres humanos. No fundo, o amor confiante, bom e confortável, como deve ser, tem de ser o verdadeiro amor.

O quotidiano e a realidade. A tristeza e a dor.

Dia após dia, viram que esse amor não era suficiente. Que existia, mas que se desfazia em pedaços e nem mesmo Tove fez com que esses pedaços se juntassem de novo.

Uma catástrofe indescritível. E então, Janne partiu para a Bósnia, numa missão humanitária. Um maldito pedaço de papel em cima da mesa:

*Em caso de necessidade, apoiar-nos-emos sempre.*

Mas ele tinha partido e ela pegou em Tove e foi para Estocolmo.

O amor pode subsistir, mas tornar-se impossível. A sensação de que algo verdadeiro permanece entre eles. Ela detesta esse sentimento. É o sentimento que precede a tequila. O pior de todos. Ou quase. Insuportável. Preciso de ter alguma coisa em que acreditar, pensa Malin.

*Não te esqueças de regar as flores!*

É a lengalenga telefónica do pai.

Estas salas e estes quartos mexem comigo apesar de nunca ter vivido aqui, pensa Malin. Sinto-me ao mesmo tempo presa e livre. Será que existe um segredo? Ou é apenas uma sensação minha?

Regar as plantas.

O regador passou a fazer parte da vida de Malin desde que os pais se mudaram para Tenerife há quatro anos. Ela e Tove nunca foram lá e eles só voltaram à Suécia três vezes.

– Não vamos voltar para casa este verão, Malin!

– Okay!

– Não te esqueças de regar as plantas, está bem?

Ouviu mil vezes aquela recomendação do pai. Mil vezes respondeu: «Sim!»

Mas a maioria das plantas já morreu.

Malin colocou as sobreviventes numa caixa de cartão, no chão, num lugar à sombra, na sala de estar. Queria poupá-las ao sol e ao calor excepcional. De qualquer forma, durante o dia, o apartamento deveria ficar a uma temperatura relativamente elevada, visto que a clorofila desaparecia e as folhas amareleciam.

Vasos grandes cheios de terra seca, molhados por um grande regador cheio de água.

Malin pode sentir o amor da mãe e do pai no apartamento, não o deles por ela, mas o deles, entre si. Um amor como um aperto de mão. Como um bom

negócio. Uma maneira de ignorar o mundo.

Porque será que sinto uma tal nostalgia no meio destas coisas?

Ontem não telefonou a Janne e Tove. E eles também não telefonaram.

Ficou sentada num daqueles bancos de jardim, já gastos, perto da casa dos pais, a mexer nas teclas do telemóvel.

Os bombeiros. As lésbicas. O estranho mundo dos adolescentes. Dir-se-ia que cada geração está a mil anos de distância da outra.

Janne.

Digita os números no telemóvel ao mesmo tempo que um insuportável raio de sol atravessa o arvoredo e a obriga a mudar de posição, afastando-se da fachada.

O ar está impregnado de fumo e a direção do vento indica que o fogo está a propagar-se para o lago Roxen. Será que a floresta de Hultsjö está em chamas? Será que o lago vai evaporar-se?

– Aqui, Janne.

Ele parece bem acordado. Barulho de um restaurante ao fundo.

– És tu, Malin?

– Sou eu, sim. Como é que vocês estão?

– Muito bem. Estamos a almoçar. Há um tipo que está a grelhar peixe para nós. Tove adora.

Peixe. Ela nunca gostou de peixe.

– E tu? Como estás?

– Estamos a trabalhar no caso de violação de que te falei da última vez. É um dos motivos porque estou a ligar.

Silêncio na outra ponta da linha.

– Em que é que te posso ajudar?

Malin resume a situação atual da investigação, do vibrador e da pista lésbica.

– Queres saber se eu conheço alguém entre os bombeiros que possa falar contigo sobre a comunidade lésbica da província de Östergötland. É isso?

– Mais ou menos.

Não será um preconceito da vossa parte?

É uma questão sensível. Mas não podemos ficar de braços cruzados enquanto um criminoso anda por aí em liberdade. Além disso, há uma outra rapariga que está desaparecida. Sabe Deus onde estará.

Conta-lhe também resumidamente o caso de Theresa Eckeved. E a ausência total de pistas.

Depois, silêncio.

– Podia ter sido Tove, Janne.

Janne não reage logo. Pensa.

– Fala com Solhage, lá no quartel. Eu vou telefonar-lhe. Solhage é sensível, inteligente, e está de serviço durante todo o mês de julho.

– Obrigada, Janne. Posso falar com Tove?

– Ela acabou de subir para o quarto, podes ligar um pouco mais tarde?

Ao desligar, Malin vira o rosto para o sol, quer bronzear o rosto fatigado, deixar que os raios solares façam desaparecer as suas odiosas rugas, mas segundos depois já sente um calor insuportável. Levanta-se e pensa:

Ninguém consegue parar o tempo, nem eu nem Tu que estás lá em cima, em algum lugar, quem ou o que quer que sejas.

Malin vai a pé até à Judiciária. Tem o cuidado de seguir pela sombra. Sente as pernas pesadas e as sandálias quase se colam ao asfalto.

Enquanto caminha, pensa:

A exclusão conduz ao ódio, que por sua vez conduz à violência. A discriminação sexual, que não se escolhe.

A maior parte das vezes, os adolescentes preferem ficar à parte, ou julgam que preferem. Nenhum adulto opta por se autoexcluir. Ou muito poucos tomarão essa opção. Com o passar dos anos o instinto de partilhar sobrepõe-se a tudo. Tu, eu, nós.

A separação, o divórcio, foi o maior erro da minha vida, pensa Malin. Como é que pudemos fazer isto, Janne? Apesar de tudo, de tudo, de tudo.

A quinhentos metros dali, Daniel Högfeldt está sentado à sua secretária na redação do jornal. Nos últimos vinte anos já escreveu e publicou trinta, talvez quarenta artigos sobre violações cometidas na cidade e arredores, todos eles disponíveis nos arquivos eletrónicos do jornal.

Estão espalhados à sua frente em cima da secretária e, assim dispostos, são uma imagem assustadora. A cidade parece alimentar um vulcão ativo de violência sexual contra as mulheres. A maior parte dos atos foram cometidos no seio das famílias, mas também há casos que, por algum motivo, são ainda mais repulsivos: psicopatas, meliantes que atacam

mulheres nos parques da cidade. E outros que atacam homens, também. Houve um caso de violação masculina no Järnvägsparken, um parque junto à estação ferroviária. A maior parte dos casos foi resolvida, mas há alguns que ainda estão por resolver. Como o caso de Maria Murvall, e o da mulher violada e assassinada em frente da discoteca Blue Heaven. E mais alguns.

Devo escrever um artigo sobre os casos não resolvidos?, pensa Daniel. Vou pesquisar um pouco sobre eles, vou ler tudo e escrever uma série contundente de artigos sobre as violações em Linköping como leitura de verão?

Alguma coisa sairá daí. Mas o quê? De um ponto de vista puramente estatístico, Linköping não é pior do que qualquer outra cidade. Mas também não é melhor, um facto que, certamente, representaria para os seus habitantes, muito autoconscientes do seu nível relativamente bom, um verdadeiro choque.

Uma coisa é certa, há muito para escrever sobre violência e sexo. A violência e o sexo fazem vender neste calor infernal

Depois, Daniel fecha os olhos por um instante. A palavra calor faz com que pense em Malin e fique a imaginar onde ela poderá estar. Mas nenhuma imagem definida aparece na sua imaginação e volta a abrir os olhos. Não, pensa, o que eu devia fazer era deixar de lado esses antigos casos por resolver e, em vez disso, ir mais atrás no tempo e pesquisar para descobrir outros atos diabólicos praticados na região.

Mas, antes, tenho de me concentrar no que está a acontecer aqui e agora.

A blusa branca de Malin está cinzenta de suor e ela interroga-se se terá outra no seu cacifo. Caso contrário, está perdida.

O edifício da Polícia de Linköping está situado no cimo de uma colina, com construções de pedra em volta, pedra talhada de tom ocre, atormentada pelo sol, cansada do pó que se eleva da terra seca e sedenta de água. Atrás dele, o Hospital da Universidade, um dos poucos lugares na cidade onde a atividade não cessa.

Solhage.

Era a estrela da equipa feminina do Linköping FC, antes de eles começarem a investir verdadeiramente na contratação de jogadoras de alto nível vindas de outros países. Nessa altura, perdeu o lugar na equipa. A experiência deve ter sido amarga.

É melhor dar a Janne um pouco mais de tempo para lhe telefonar, antes de eu entrar em contacto com ela.

Mas se é possível ser mulher no mundo machista dos bombeiros, então, também é possível ultrapassar o facto de ter sido despedida de uma equipa de futebol.

Está quase na hora da reunião da manhã.

Telefono-lhe depois da reunião.

## CAPÍTULO 19

– NA REALIDADE, FOI MUITO BOM eu ter desistido do futebol.

– Não teve pena?

– Nem pensar. Estava farta de dar pontapés, farta de ver como tudo estava a ficar pretensioso. Quero dizer, os jornalistas na televisão fingem fazer análises, mas além disso não fazem a mínima ideia de como o mundo gira.

Malin ri.

Os mastros dos veleiros no canal ultrapassam os muros de pedra, com as velas a balançar para cá e para lá, dando a ilusão de que o vento está a abrandar, um vento que, na realidade, não existe. Ao fundo, Malin distingue as fachadas amarelas das casas de madeira dos guardas do canal de Göta. À sombra dos guarda-sois da esplanada do restaurante do Mosteiro de Vreta, que dá para o canal, está sentada Viktoria Solhage, a sorrir, um sorriso de boas-vindas, que faz com que o seu rosto estreito se suavize no meio dos seus longos cabelos louros.

A reunião na polícia fora rápida.

Malin resumira o seu encontro com Nathalie Falk.

Tirando isso, nada mais a relatar. Nada de novo da parte de Karin e do departamento técnico. Os colegas de Mjölby investigaram o agressor sexual Fredrick Jonasson, cuja mãe lhe forneceu um álibi.

Chegaram à conclusão de que Malin devia ir sozinha falar com Viktoria Solhage. Conversa de mulher para mulher.

Telefonema para Viktoria, que não oferece qualquer resistência ao encontro:

– Podemos encontrar-nos na esplanada do canal às dez e um quarto? Normalmente, estou livre aos domingos. Moro em Ljungsbro e posso chegar lá depois de um bom passeio de bicicleta pela margem do canal. Mas não estou com muito tempo. Com os incêndios nas florestas, tenho de dar uma ajuda. Todos nós somos precisos, compreende?

Agora, a ex-estrela do futebol local está sentada em frente de Malin e fala um pouco sobre a parte final da sua carreira e o começo da carreira

seguinte. Viktoria Solhage foi a primeira *bombeira* na história da cidade, o que foi objeto de controvérsia. Malin lembra-se de ouvir Janne dizer, quando ela entrou para o serviço: «Tudo bem. Ela passou todos os testes. Mas quem é que garante que vai conseguir carregar comigo se eu desmaiar no meio do fumo de um incêndio?»

Ela é seguramente mais forte do que noventa por cento dos homens que trabalham no quartel, pensa Malin, ao olhar para a musculatura de Viktoria.

Café e um gelado, à sombra de um guarda-sol, seria agradável se o termómetro não marcasse já trinta e cinco graus à sombra.

– Janne telefonou-me, como já lhe disse. Primeiro, fiquei furiosa, mas depois fiquei a pensar no assunto. O mais importante é saber que mais nenhuma dessas jovens vai ser violada, não é verdade?

Viktoria coça o nariz. Depois, fica com uma expressão neutra, à espera das perguntas de Malin.

– Acha que pode haver alguém nos meios lésbicos da cidade que tenha tendências agressivas a ponto...?

– Tendências agressivas? Acho que todas nós temos, mas a ponto de... – Viktoria Solhage abana a cabeça. – Para si, lésbica é automaticamente o mesmo que agressiva, não é?

Malin sente que corou. Gostaria de poder pôr os óculos de sol e olhar para outro lado.

– Não, mas você sabe como é – diz Malin.

– Não, diga-me você como é. Como é?

Malin olha para Viktoria Solhage como quem faz um apelo, antes de continuar:

– Não há ninguém com antecedentes graves, que conheça? Com uma infância triste? Que tenha sido violada?

– Não. E as pessoas, guardam essas coisas para si mesmas.

– Mas?

– Algumas podem ser violentas na cama, exatamente como acontece entre os heterossexuais. Isso pode acontecer. E depois, algumas gostam de andar à pancada quando bebem de mais numa festa, para mostrar que são as mais *machas*!

– Mas ninguém apresenta queixa, pois não?

– Não. Essas coisas, preferimos resolvê-las entre nós. Só se alguém passasse dos limites, mas, mesmo assim, a maioria ainda ficaria em

silêncio. Mas isso também acontece com toda a gente. Ninguém quer que os chuis se metam... Desculpe, que a polícia se meta no assunto, desnecessariamente.

– Porquê?

– A polícia está-se nas tintas que uma lésbica agrida outra. Temos uma desconfiança profunda em relação à polícia, pode ter a certeza.

– Mas não se lembra de ninguém que tenha um comportamento agressivo ou seja anormalmente violento?

Viktoria Solhage olha para a sua caneca de café.

Suspira fundo.

Queres dizer mais alguma coisa, pensa Malin. Mas Viktoria Solhage hesita, vira-se para o canal, onde a comporta se fecha lentamente.

– Consegue imaginar o que é ficar presa neste buraco o verão inteiro?

– Você ia dizer alguma coisa mais, não ia?

– Okay.

Viktoria vira-se novamente para Malin.

– Há uma rapariga – diz ela – que parece estar envolvida em atos pouco recomendáveis e, segundo dizem, é extremamente violenta. Diz-se um monte de coisas sobre o que se terá passado com ela em criança. Se fosse a si, procurava recolher informações.

– E como se chama?

Viktoria Solhage olha de novo, fixamente, para a sua chávena. Depois, tira um bloco e uma caneta da mala e aponta um nome, uma morada e um número de telefone.

Malin enfia o papel no bolso das calças.

– Obrigada – diz ela. – Mais uma coisa, o nome Nathalie Falk é-lhe familiar?

Viktoria Solhage abana a cabeça e responde:

– Prometa-me uma coisa, Malin. Não deixe que esta história se transforme em algo que prejudique a imagem das mulheres lésbicas que se afirmam pelos seus próprios méritos nos lugares que supostamente pertencem aos homens.

– Prometo – responde Malin.

– Em Estocolmo, pode-se viver como se quer, mas aqui, na província, é diferente. A maioria das pessoas nunca conheceu nenhum homossexual.

Agora, imagine as consequências se a cidade soubesse que vocês andam atrás de uma assassina lésbica.

– Tenho uma pista que devíamos verificar.

É a voz rouca de Zeke ao telemóvel.

Malin tinha acabado de se despedir de Viktoria Solhage, que desapareceu pela margem do canal em direção a Ljungsbro, e já maldizia a sua distração. O lugar onde estacionara já não estava à sombra, e o sol estava a «grelhar» a carroçaria azul-escura do carro, transformando o interior num verdadeiro forno.

Deviam estar pelo menos cem graus lá dentro.

Aquela maldita luminosidade atravessa-lhe os óculos escuros e parece ter como única missão provocar-lhe dores de cabeça.

– O que foi que disseste?

Ao fazer a pergunta, levanta-se uma nuvem de poeira no ar que lhe provoca um ataque de tosse.

– Tenho aqui uma pista que devemos verificar.

– Que pista?

Nenhuma resposta. Antes, uma nova pergunta:

– Conseguiste alguma coisa da Solhage?

– Um nome. Vamos ter de a investigar. E tu?

– Recebi um SMS de um anónimo.

– Isso acontece com toda a gente, todos os dias.

– Não te faças engraçadinha, Malin.

E, então, Zeke lê em voz alta:

– Investiguem Paul Anderlöv. Um infeliz.

Silêncio.

Então, Hasse fê-lo mesmo: violou o sigilo médico. Ela não contava que ele o fizesse.

– Quem poderá ter enviado essa mensagem?

Zeke ri à socapa.

– Não precisamos de saber, nem tu nem eu. Mas não sou burro, Malin.

– Portanto, sabes de quem se trata, não?

– Como disse, não sou burro.

O *Volvo* está mais quente do que uma sauna.

Um infeliz.

Merda, pensa Malin. Será boa ideia? Não seria melhor deixá-lo em paz?  
Uma miúda nua e ferida num baloiço, uma outra desaparecida. A realidade é uma massa amarelada, queimada pelo sol.

Malin está no carro, a caminho da cidade.

Na frente do parabrisas estende-se uma planície enorme, tranquila e quieta, como uma miragem. Lá em cima, um céu azul, vasto, brilhante, que vai morrer no horizonte, nas terras férteis do país que o calor continua a massacrar.

O campo aberto curva-se diante de um arco-íris, ao fundo. Mas antes veem-se as searas de centeio e de outros cereais a serem queimadas, lentamente, pelo sol abrasador. A violência atinge fortemente a terra amarelada, que geme como se cada folha dourada estivesse a sorver o último sopro de ar e apenas esperasse para ser enterrada entre as víboras.

As víboras. São as únicas que agora se mexem na planície. Apenas elas.

As víboras ardentes que sobem pelas pequenas brechas vulcânicas, vivem da maldade espalhada pela região.

\*

Zeke aguarda no carro, em frente do prédio em Ryd. Com o motor em ponto morto, o ar condicionado ligado.

A construção de tijolo amarelo perto do centro tem apenas três andares, mas parece acolher, concentradamente, toda a miséria do país, com as suas antenas parabólicas nas janelas, as varandas sujas, os espaços exteriores mal cuidados e uma sensação geral de resignação. Os caminhos entre os prédios estão desertos, mas nos apartamentos amontoam-se refugiados, drogados e todos os excluídos da sociedade.

Mas também aqui coexistem dois mundos.

Alguns prédios têm apartamentos para estudantes: seres humanos com sonhos, com uma vida pela frente para ser vivida. E, além de alguns carvalhos adultos e altos, Malin consegue ver ainda o Herrgårdén, um polo de tecnologia de ponta.

Malin acena a Zeke pelo vidro lateral e ele abre a porta e sai do carro.

– É então aqui que mora o infeliz Paul Anderlöv?

– Aqui mesmo – confirma Zeke. – Como vamos explicar o que nos leva a procurá-lo?

– Muito simples. Não vamos explicar nada – responde Malin.

## CAPÍTULO 20

É ASSIM A DOR. Está sempre presente como uma maldição eterna que não parece querer acabar.

As dores físicas já desapareceram há muito.

E as psíquicas?

Medicamentos.

Mas estes não ajudam em nada. E nada melhora com o passar do tempo. Antes pelo contrário. Tudo fica pior com o tempo. A dor é sempre nova. E, a cada passo, fica cada vez mais independente, mais segura de si.

A dor sou eu, pensa Paul Anderlöv, quando ouve alguém bater à porta.

Levanta-se da poltrona, baixa o som do televisor e vai até ao *hall* de entrada. Mais uma vez fica admirado perante a sensação de o seu corpo ter desaparecido, estar flácido, mole, e não firme como era antes.

Já se passaram catorze anos desde que aconteceu.

Mas podia ter sido ontem.

Malin mostra a sua identificação da polícia ao homem que está à porta, com a barba por fazer, o rosto engelhado e, ao mesmo tempo, inchado, os cabelos curtos e ralos no alto da cabeça.

– Somos da polícia. Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas – diz Malin. – O senhor é Paul Anderlöv?

O homem confirma, com um aceno de cabeça.

– Pode fazê-las aqui? – diz ele, depois. – Lá dentro está tudo desarrumado e eu prefiro não deixar entrar ninguém. Houve mais pancadaria no bairro?

– É melhor entrarmos – diz Zeke, com um tom de voz que não deixa margem para dúvidas.

E Paul Anderlöv cede. Deixa-os entrar numa sala de estar pouco mobilada, onde há jornais e revistas sobre carros espalhadas por todos os lados, cheiro a tabaco, vodca e cerveja ressequida. Nos cantos, rolos de algodão, grandes como novelos de lã.

Malin e Zeke sentam-se cada um na sua cadeira diante de uma mesa baixa.

Paul Anderlöv deixa-se cair no sofá.

– O que é que querem, afinal?

Tenta parecer duro, seguro de si, pensa Malin, mas transmite apenas uma sensação de insegurança e de cansaço. Os seus olhos verdes revelam fraqueza, infinitamente cansados e tristes, de uma forma que Malin nunca viu antes em qualquer outra pessoa.

– Já ouviu falar da violação no parque?

Quando ouve a palavra *violação* é como se o ar, a água e o sangue saíssem do corpo de Paul Anderlöv. É como se tivesse percebido logo qual a razão da presença da polícia ali. A cabeça pende-lhe para o peito e começa a tremer e a soluçar. Malin olha para Zeke, que abana a cabeça. Ambos percebem que passaram do limite, aquele limite que define a invasão da privacidade de alguém, na tentativa de encontrar a verdade dos factos.

Malin levanta-se

Senta-se no braço da poltrona, ao lado de Paul Anderlöv, mas ele empurra-a para o lado.

– Vão para o inferno – diz ele. – Que é onde eu estou há muito tempo.

Paul Anderlöv recupera a presença de espírito. Uma vez refeito, faz café, arruma as luvas de borracha brancas e pede aos dois para se sentarem com ele à mesa da cozinha, com vista para o centro do bairro.

– Não sou tão idiota que não saiba o que estão a pensar – diz ele, com um tom de resignação na voz, mas também de alívio. Talvez porque sabe que os dois vão ouvi-lo.

– Li um artigo sobre a história do vibrador e estou a ver onde querem chegar. Mas não vou comentar a idiotice do vosso raciocínio. Compreendo-vos. Talvez seja um frustrado sexual? Ou um louco? É isso que vocês pensam. Louco, não sou. Mas sexualmente frustrado? Podem estar certos de que sou, sim! Como acham que é viver assim?

Zeke desvia o olhar do rosto de Paul Anderlöv e olha de relance pela janela.

– E como é que souberam de mim? Não, não quero saber, mas deve ter sido através de Janne, o seu ex-marido, Fors. Eu conheço-o. Estivemos juntos na Bósnia, em 1994. Tomávamos uma cerveja, juntos, de vez em

quando, para falarmos da nossa experiência. Ou, melhor dizendo, era eu que falava. Ele ficava calado, é tão mudo como um rádio escangalhado.

– Janne não me disse nada.

– Ah, sim? Então não foi Janne! Na realidade, também não acreditei que tivesse feito uma coisa dessas.

E Paul Anderlöv começa a falar. E eles a ouvir:

– Aconteceu numa estrada nas montanhas, perto de Saravejo. Eu fazia parte das forças da IFOR. Estava um dia péssimo, chuvoso e frio, e estava escrito no céu que alguma coisa de mal ia acontecer. E aconteceu. Estávamos perto de uma aldeia chamada Tsika. O carro passou por cima de uma mina enterrada na estrada. Lembro-me do estrondo e de ter sido sugado. E, depois, lá estava eu deitado no chão, a uns vinte metros de alguma coisa que ardia, e a ouvir alguém que gritava, gritava e gritava. E parecia que a montanha ia ficar transformada em pó. E, então, comecei a perceber que quem gritava era eu. Só tinha um buraco negro, lá em baixo, nenhuma dor, só o vazio. Dois homens morreram, outro perdeu uma perna. E havia eu. Não me importaria de ter trocado com os outros.

E aí chegam vocês, malditos chuis! O que é que vocês sabem? Não passam de um bando de idiotas sem cérebro.

Eles deixaram que o silêncio fizesse o seu trabalho. Fazem agora as perguntas que devem ser feitas.

Do escuro para a claridade, como o escritor Lars Forssell escreveu, pensa Malin. Da claridade para o escuro.

– Onde estava na noite de quarta para quinta-feira?

– Conhece Josefin Davidsson?

– Alguém poderá confirmar o seu álibi?

– Continua a ter desejo, mas não a capacidade de o satisfazer. Essa frustração provocou algum tipo de rutura?

– Quer dizer que não esteve no parque?

– Gosta de meninas adolescentes, não?

Paul Anderlöv fixa os olhos no relógio Ikea. Igual àquele que eu tenho na minha cozinha, pensa Malin. Mas, no dele, o ponteiro dos segundos ainda funciona.

Paul Anderlöv não responde às insinuações de Zeke.

Deixa que o tiquetaque do relógio responda por ele.

– Por que razão me sinto como se fosse um monstro, Zeke?

O calor do dia envolve-os, força o suor a sair pelos poros, os raios solares refletem-se na carroçaria do carro.

– Porque tu és um monstro, Fors. Uma investigação deste tipo faz de todos nós autênticos monstros, Malin.

– É o preço da verdade.

– Para de filosofar.

Os limites foram transgredidos, ultrapassados. Isso nunca acontece sem perdas, pensa Malin.

– Almoço? – pergunta Zeke. – Estou com uma vontade enorme de comer piza.

O restaurante Conya na St. Larsgatan faz as melhores pizzas da cidade. Grandes, saborosas, e perigosas para a saúde. O proprietário costuma convidá-los quando está presente.

«Para a polícia, é de graça.»

Como nos filmes policiais americanos. Zeke adora essa situação. Corrupção? Talvez um pouco, mas o dono recusa-se sistematicamente a receber.

Um dos muitos imigrantes que trabalham no duro e são malvistos nesta cidade, pensa Malin, ao mesmo tempo que dá mais uma dentada na sua *capricciosa*.

O pedaço de papel de Viktoria Solhage, na sua frente, em cima da mesa.

O nome escrito: Louise «Lolo» Svensson. Um endereço. Um número de telefone.

– Louise – diz Zeke. – Será Louise a dona do pseudónimo Lovelygirl?

– Pode ser e pode não ser.

– Lovelygirl – repete Zeke. – É o que toda a gente ambiciona, não é? Uma Lovely Girl.

– Muito rebuscado, no mínimo – comenta Malin que se sente mais gorda a cada segundo a comer a piza.

– Lovelygirl – repete Zeke, novamente. – Não é isso o que, na realidade, todos os homens desejam e procuram? Uma Lovelygirl!

– É verdade – confirma Malin.

– Que piza maravilhosa – comenta Zeke, ao mesmo tempo que levanta o polegar na direção da porta da cozinha.

O homem em frente do forno sorri, tira vários ingredientes de caixas de plástico, mistura-os ao molho de tomate que espalha na massa já estendida de uma nova piza.

# CAPÍTULO 21

*ESTOU AQUI ACORRENTADA neste espaço estreito, escuro e frio há demasiado tempo.*

*Onde estás, papá?*

*Diz-me a verdade, não vais vir. Ainda não. Ou talvez daqui a algum tempo. Ou, melhor, daqui a muito, muito tempo. Eu não quero ficar aqui amarrada por mais tempo. É horrível. E estou com tanto medo, papá.*

*Será que a tua maior felicidade, como me dizias às vezes, se tornou a tua maior tristeza? Não, não digas isso, não pode ser.*

*Em vez disso, vem. Tira-me daqui, do meio de todas estas vozes.*

*Vozes.*

*As vossas vozes.*

*Vocês estão alegres por algum motivo.*

*Porquê?*

*Não faço a mínima ideia da razão dessa felicidade, porque aqui, onde estou, está tudo húmido e frio e o pesadelo parece que nunca vai acabar. Mas talvez não seja um pesadelo? Talvez seja outra coisa?*

*À água, à água, gritam vocês.*

*É isso que vocês gritam?*

*Adoro tomar banho. Posso entrar também? Vamos tomar banho juntos? Eu tenho uma piscina em casa, no jardim.*

*Estarei de olhos fechados, agora, na piscina?*

*Há um cão que ladra, mas está escuro, muito escuro. E se não soubesse que é impossível, libertava-me do meu corpo. E aquela que sou eu começaria a flutuar.*

*Mas este sonho não permite uma coisa dessas.*

*Não.*

*Em vez disso, as vozes, as vossas vozes. Lá em cima? Não é?*

*A terra e a areia e uma frescura húmida, como plástico frio, os grãos de areia estão perto, mas não me atingem.*

*Isto será um túmulo?*

*Estarei enterrada viva?*

*Tenho catorze anos, afinal. O que estou eu a fazer aqui, dentro de um túmulo?*

Os banhistas.

Muitos, muitíssimos, este domingo.

Não precisam de pagar entrada para tomar banho no lago Stora Rängen, basta estacionar lá em cima e passar pelo prado onde o lavrador Karlsman teve a bondade de não pôr os seus touros a pastar este ano.

Há alguns anos, ele fez isso, no verão, antes de existir o quiosque. O *Corren* escreveu sobre isso. Mas nesse ano, o lavrador não cedeu.

Estão com as suas famílias, despreocupados, os banhistas, crianças e mulheres e homens, a gozar o calor e a água morna, duvidosamente refrescante, a proteger a pele com cremes caros e os olhos com óculos ainda mais caros, caríssimos.

E, agora, pensa Slavenca Visnic, fazem fila diante do meu quiosque, impientemente aguardam que eu abra. Esperem um pouco e vão ter os vossos gelados. A alegria das crianças na expectativa desses gelados. Por dezassete coroas, quanta felicidade.

Esperem só mais um pouco. E deem-se por felizes por eu estar aqui. Podia não ter vindo.

*Afontbladet, Expressen?*

*Sorry, jornais não tenho!*

Quem são vocês, afinal, que ficaram por cá, vocês que parecem não ter nenhum outro lugar para onde ir? É uma situação que partilhamos. De certa forma.

Slavenca introduz a chave na porta, nas traseiras do quiosque, e diz à multidão em frente do quiosque:

– Calma, já estou a abrir, já vão poder comprar os vossos gelados.

Por detrás das pessoas quase nuas vê as águas do lago, cuja superfície parece uma pele transparente, graças ao reflexo. E o enorme carvalho, um pouco mais abaixo, perto do lago, sempre misterioso.

Não tem ninguém que a ajude no quiosque. Os adolescentes mimados não querem trabalhar no verão. Futuros reis desocupados.

Às vezes, chega a pensar que a Suécia não passa de um país de preguiçosos que não sabem o que é trabalhar para terem o que ambicionam.

Finalmente, levanta a placa da frente do quiosque.

Uma miúda feíssima, de uns oito anos, é a primeira da fila.

– Um *Top Hat* – diz ela.

– É para já! – responde Slavenca, a sorrir.

Um cão ladra, perto do carvalho, num pedaço de terreno onde a erva desapareceu misteriosamente.

O cão urina contra a árvore, está muito excitado.

Com as patas, arranha a terra, como se dissesse que ali está escondida alguma coisa que só pede para ser descoberta.

E ladra, ladra, cada vez mais excitado.

E as patas arranham a terra, arranham, arranham.

*Ouçõ ruídos. Um cão a ladrar.*

*Lentamente, começo a sair do meu sonho, a subir, a subir. Queria acordar, agora. Acordar.*

*Mas já sei que não vou acordar. Não é?*

*Estou presa em qualquer coisa muito pior ou mais maravilhosa do que o sono. Mas como é que vim parar aqui?*

*Alguém vai ter de me explicar. A mamã e o papá devem estar preocupados. Eu não costumo dormir assim tanto. E que raio de som é este? Parece alguém a escavar. E, depois, uma voz suave de mulher que diz: «Calma, Jack, calma, vem, vem cá!» E, então, os latidos vão esmorecendo. E alguém diz: «Isso mesmo, assim, calma, calma...»*

\*

Slavenca faz uma pausa na distribuição de gelados, ignora a cliente seguinte, deixa esperar a mulher que olha, espantada, para dentro do quiosque e para os refrigerantes que vê atrás da porta transparente do frigorífico.

Não tenha tanta pressa, pensa Slavenca. Se ficar com mais calor, melhor ainda. Vai comprar mais gelados e mais bebidas.

Ela aumentou os preços e as pessoas reclamaram por ela exigir vinte coroas por uma *Cola*. Dezassete, por um sumo.

Mas ninguém os obriga a comprar.

Tragam as bebidas de casa.

Mas se a empresa tomar conhecimento de que aumentou os preços, nunca mais vai vender aqueles gelados e bebidas. E depois? Há outros fornecedores. Mas, na realidade, eu devia estar na floresta, com os outros voluntários, a lutar contra as chamas.

E o cão, perto do carvalho, que não para de ladrar.

Não devia ladrar assim. Não devia sequer estar ali.

Excitado, como se houvesse uma cadela no cio, enterrada debaixo da árvore.

São doidos, estes animais, tão doidos como os homens. E a miúda feia de há pouco está a olhar para o buraco que o cão escavou.

O que é que ela pensa que vai ver?

*A escuridão e a humidade diminuem, os latidos do cão são cada vez mais fortes. As vozes calaram-se. É agora que vou acordar? E de repente consigo ver, mas mal, como se tivesse terra e areia nos olhos.*

*Vou ficar livre, agora? Vou poder voltar para casa?*

*E vejo um cão preto, vejo o focinho e os dentes. E o cão ladra, excitado, e quero levantar-me, mas não tenho corpo.*

*E o cão desaparece e, no seu lugar, há uma miúda, da mesma idade que eu, não, mais nova, e a cara dela transforma-se numa careta horrível e a boca abre-se para deixar escapar um grito, e eu quero dizer-lhe para parar de gritar. Afinal sou só eu a acordar.*

*O corpo existe, mas será que eu existo?*

\*

Slavenca precipita-se para fora do quiosque e desce em direção à miúda e ao cão. As outras pessoas também correm para lá, todos os banhistas. E os gritos multiplicam-se, por contágio. Até as águas do lago e as árvores e os grãos de terra e de areia parecem gritar.

– Afastem-se – grita Slavenca, antes de se debruçar para o buraco. Um olho aberto de uma miúda, debaixo de um plástico fino e transparente. Um olho azul e espantado.

Há muito que a vida desapareceu daquele olhar.

Pobre menina, pensa. Slavenca já vira antes muitos olhares como aquele e todas as recordações chocantes voltam à sua mente, recordações de vidas que nunca chegaram a ser vividas.

# SEGUNDA PARTE

## NOS OLHOS DOS ANJOS ESTIVAIS

[A CAMINHO DO DERRADEIRO LUGAR]

PERTO DA ÁGUA CORRENTE PODES REPOUSAR, ESPERAR.

MORTA, MAS TALVEZ NEM TANTO.

SEI QUE O RENASCIMENTO É POSSÍVEL, QUE A INOCÊNCIA PODE VOLTAR. NÃO RESULTOU CONTIGO, MEU ANJO TERRENO, MAS VAI RESULTAR COM OUTRA QUALQUER. CASO CONTRÁRIO, COMO IRÃO DESAPARECER AS PERNAS DA ARANHA, COMO SILENCIAR AS UNHAS CANINAS QUE RASGAM O MEU INTERIOR.

O NOSSO AMOR NÃO PODE TER SIDO DESTRUÍDO, POR MUITA DOR QUE OS VERÕES QUENTES POSSAM TRAZER CONSIGO, POR MUITO QUE OS TENTÁCULOS SUBAM PELAS NOSSAS PERNAS.

ESTA CIDADE TEM MUITAS ÁRVORES, PARQUES E FLORESTAS. EU ESTOU LÁ, ENTRE AS ÁRVORES ESCURAS E PRATEADAS. TU TAMBÉM ESTÁS AÍ, ALGURES. SÓ NÃO TE ENCONTREI AINDA.

QUERIA SENTIR A TUA RESPIRAÇÃO NA MINHA FACE, AGORA. QUERO TER-TE COMIGO.

NÃO TENHAS MEDO.

NUNCA MAIS NINGUÉM TE FARÁ MAL.

# CAPÍTULO 1

A FAIXA AZUL E BRANCA a demarcar o terreno. A água do lago a evaporar-se à luz forte do sol no início da tarde. A pele nua das pessoas à sombra das árvores, do outro lado da faixa. Os olhares curiosos, ávidos de novidade, dirigidos para os polícias.

A polícia forense passa a pente fino o terreno até à praia e até ao lugar onde Malin, Zeke e Sven Sjöman, com Karin Johannison, soltam cuidadosamente o corpo da terra e do plástico transparente. O corpo está branco, de uma brancura irreal, lavado com esfregão, e com os ferimentos limpos, como se fossem crateras roxas, escuras, numa paisagem humana, morta, a pele cinzenta e brilhante atacada por vermes.

– Cuidado, cuidado – murmura Karin. E todos têm cuidado para não comprometer qualquer prova que possa existir no local onde o corpo foi encontrado.

Entre os banhistas há vários jornalistas, os repórteres da rádio local, da TV4 Leste, do Norrköpings Tidningar, do programa *Östnytt*, do *Corren*. Daniel Högfeldt não está presente, mas Malin reconhece a jovem estagiária que a entrevistara na primavera anterior para um trabalho na escola de jornalismo.

E Daniel, onde estará?

Não costuma perder um caso destes.

Mas, de vez em quando, até ele folga ao domingo. Bem o merece.

Os cliques surdos das câmaras digitais.

Olhos que querem chegar perto, que querem registar os factos no telemóvel para venderem as imagens.

Malin respira fundo.

Poderá a natureza autoincendiar-se como reação aos atos humanos? Atirar-se contra nós em protesto pelas asneiras que fazemos. Dentro de si, Malin sente que as árvores do prado, os carvalhos e as tílias, libertam as raízes do chão e, com raiva, abatem os homens com os seus ramos.

O suor escorre da testa de Zeke e Sven está ofegante, o risco de enfarto aumenta, à medida em que ele se agacha e fica de cócoras, com um olhar indefinido.

– Deve ser a Theresa Eckeved – diz ele. – Parece estar envolvida em sacos de lixo normais, transparentes.

– É impossível localizar a sua proveniência – diz Malin.

O rosto da miúda, bem limpo, por baixo do plástico; o seu corpo completamente nu, tão branco e limpo como o rosto, agora quase inteiramente visível. Uma grande ferida aberta na nuca, feridas menores nos braços, no ventre, nas coxas, todas lavadas, bem cuidadas, como canteiros de flores estimadas, azul-escuras, cultivadas com amor.

– É ela – diz Malin, sentido já o cheiro da putrefação, e não de detergente. Reconheço-a pelas fotografias. É ela. Não há dúvida.

– Nenhuma dúvida – concorda Zeke. E Sven murmura:

– Só porque está um calor infernal, o mundo não precisa de se transformar num inferno.

Malin olha de novo para o corpo e diz:

– Aparentemente, alguém a lavou escrupulosamente, muito escrupulosamente mesmo. É como se alguém quisesse torná-la o mais bela possível, a ela e às suas feridas. Tal como com Josefín, mas ainda melhor.

Pele branca, feridas escuras.

– Sim – concorda Zeke. – Como um ritual.

– Ela não cheira a Klorin.

– Não, cheira a putrefação – diz Zeke.

E Malin pensa: a rapariga não é mais velha do que Tove. Imagine-se, se fosses tu, Tove! O que faria eu, nessa situação? E vê-se sentada na borda da cama, no quarto, com a arma de serviço na mão, dirigindo o cano, lentamente, para a boca, a fazer com que a bala lhe destruía a mente para todo o sempre.

O medo. Estavas com medo, não?

Estavas, certamente, com medo.

Como é que foste parar aí, a esse buraco?

– É isso que vamos procurar saber – diz Malin. E de repente, Zeke, Karin e Sven olham para ela. – Estou a pensar em voz alta – diz Malin. – Há quanto tempo estará ela aqui?

– Tendo em conta que o plástico tornou a pele esponjosa, e que o corpo está inchado, apesar do peso da terra, acho que deve estar aqui há três dias, mais ou menos. Talvez quatro. É impossível dizer, com exatidão.

– Três dias? – diz Zeke. – Ela desapareceu, pelo menos, há uns seis dias.

– Ainda não posso dizer se ela foi trazida para aqui logo depois de ter sido assassinada – diz Karin. – Vou tentar saber isso o mais rapidamente possível.

– É possível que tenha estado presa durante alguns dias – comenta Sven. – E só depois terá sido morta e trazida para aqui.

– Nesse caso, alguém poderá ter visto alguma coisa – sugere Zeke.

– Achas que sim? – pergunta Malin. – O lugar é remoto, isolado, quando não está calor suficiente para se poder tomar banho.

– As pessoas, Malin, estão sempre por todo o lado, a toda a hora. Sabes isso tão bem como eu.

Malin revê-se no parque, na noite anterior, recorda como foi parar ao parque da associação de jardinagem, algumas noites antes.

Tu viste-me nessa altura? Tu, que fizeste isto?

Tu, que fizeste isto, estás a tentar corrigir alguma coisa. Deve ser isso. Deve ter sido à noite, no escuro, que arrastaste o corpo até aqui, que o enterraste. E porquê tão próximo da água, onde há tanta gente? Querias, talvez, que a encontrássemos. O que é que querias mostrar-nos?

– Como é que ela morreu? – pergunta Malin, ao mesmo tempo que uma lufada de vento fresco passa pelas suas pernas e segue, depois, na direção do lago.

– Não sei ainda – responde Karin. – O ferimento na cabeça é provavelmente a causa da morte, mas como podes ver, há também marcas de estrangulamento.

– Violência sexual?

– Nenhum sinal evidente de penetração, mas preciso de investigar melhor.

Karin: competente, talentosa, analisa os mortos como se fosse um engenheiro a analisar uma construção.

– Vai ser difícil encontrar pistas – acrescenta Karin. – Deve ter havido centenas de banhistas a passar por aqui, nos últimos dias. Todas as eventuais pistas como, por exemplo, pegadas, já desapareceram.

– Infelizmente – confirma Sven. – Mas este lugar ainda nos vai dizer alguma coisa sobre o criminoso. Basta pensar apenas mais um pouco.

O criminoso, pensa Malin. Estás certo, Sven, quando pensas ser um homem. Tão certo como eu, que estou convencida de que, se não fizeres nada, essa tua barriga te vai matar um dia.

– Acham que este caso tem alguma ligação com o de Josefina? – pergunta Malin.

– Claro que estão relacionados – diz Sven. – Foram as duas lavadas da mesma maneira. Mas ainda não temos nenhuma certeza. A Karin precisa de ver se há vestígios de tinta na vagina.

*Eu vejo-os e ouço o que dizem, vocês, estranhos, e já percebi que falam de mim, mas não quero ouvir essas histórias horríveis.*

*Feridas no meu corpo.*

*Violência sexual.*

*Criminoso.*

*Penetração?*

*Não.*

*Prisioneira, prisioneira, morta.*

*Morta.*

*A pancada na cabeça.*

*E quem é que está morta? Eu não, eu só tenho catorze anos, estão a ouvir? As pessoas não devem usar a palavra morte para se referirem a alguém que tem apenas catorze anos. Eu ainda tenho muitos anos de vida pela frente. Pelo menos, setenta. E quero vivê-los todos.*

*Quero esses anos de volta.*

*Eu recuso-me a aceitar, recuso-me.*

*Não sinto qualquer dor, e se tivesse essas feridas de que estão a falar, gritaria, não?*

*Mas a minha voz.*

*Não se ouve; enfim, de certa maneira, sim. As palavras é que são diferentes. É como se tivesse ficado adulta neste meu sonho e acordasse com uma nova linguagem. Linguagem?*

*Eu jamais usaria esta palavra.*

*Deixem-me em paz. Não peguem em mim!*

*Deixem-me dormir, esquecer, sonhar. Não, deixem-me em paz. E o que é que vão fazer comigo?*

*Vão-se embora, agora.*

*Deixem-me continuar a dormir.*

*Vejo um rosto.*

*Um rosto de mulher. É um rosto fino e agradável, envolto em cabelos loiros que flutuam em contraste com o verde das árvores e o azul do céu.*

*Ela olha para mim.*

*Quero levantar-me, mas é como se não existisse. Não existo mesmo? Mas se não existisse, não estaria a falar de mim mesma, não é verdade?*

Malin, de cócoras, diante da rapariga.

Um dos olhos está aberto. O outro, fechado, como a pedir que a deixem dormir. O corpo está quase enterrado no chão. Manchas roxas no pescoço.

O corpo lavado, as feridas limpas.

Exatamente como Josefín Davidsson, no parque.

Sven poderá continuar a ter algumas dúvidas, mas é quase certo que é a mesma pessoa ou são as mesmas pessoas que estão por detrás dos dois casos. Daqui para a frente, tratar de um é o mesmo que tratar do outro. E vice-versa.

Há terra nas unhas da rapariga. É a única sujidade.

Terá tentado fugir?

A rapariga das fotografias na casa em Sturefors.

E agora esta imagem. Um pai com medo que tenta manter a calma. Uma mãe preocupada que lhes deu as fotos. E agora?

Prometo-te uma coisa, Theresa: «Não vou desistir enquanto não encontrar o culpado.»

Ou a culpada.

Ou os culpados.

Ou...

O pensamento de Malin é como uma oração, enquanto desvia o olhar do olho aberto da rapariga e olha para Sven Sjöman, que faz uma lista das coisas a tratar daí para a frente, de tudo o que precisa de ser feito e não pode ser esquecido. Chamar os agentes que estão de férias, investigar porta a porta, num raio de um quilómetro, interrogar todos os banhistas, de hoje, de ontem, de anteontem, pedir o auxílio dos *media*, procurar saber se há testemunhas, retirar o corpo, aguardar o relatório de Karin, informar os pais... Dar-lhes a terrível notícia.

Malin sabe a quem vai caber esse trabalho. Às vezes, quando vão dar uma notícia destas, levam uma pessoa para os ajudar, um padre ou um assistente social, mas a maior parte das vezes são eles mesmos a desempenhar essa função. Em conclusão, quanto tempo demoraria a encontrar um padre que não estivesse de férias?

Tove em Bali.

É melhor não pensar nisso.

Depois, Malin volta a olhar para Theresa.

A sua boca limpa está aberta, como se tivesse sufocado num lugar sem oxigénio, como se alguém tivesse querido impedi-la de falar. Ou talvez e apenas uma demonstração sobre a importância do ar que respiramos, de que o ar significa tudo, de que a terra de onde viemos é tudo o que temos.

Do outro lado da faixa de interdição de passagem, as pessoas começam a retirar-se depois de os agentes anotarem os seus nomes e fazerem as perguntas preliminares. Os seus olhares ávidos procuram já o quiosque dos gelados.

Por vezes, Malin pensa que uma investigação policial é a arte do impossível.

Ao longe, no prado, está uma vaca a pastar, o vento parece querer aumentar, varrendo a planície. O cheiro da floresta queimada não chega aqui, mas Malin sente a atmosfera vibrar, como se milhões de ideias se pusessem em marcha.

– Malin! – grita a jornalista estagiária, ao vê-la seguir pela relva. – Por favor, o que me pode contar?

– Nada mais, além do que você mesma pode ver – responde Malin, sem se deter.

A jornalista usa uns óculos de sol, escuros, enormes, que a fazem parecer uma idiota.

– Ela foi assassinada?

Que pergunta mais idiota ainda.

– Pelo menos, não se enterrou a si própria, pois não?

Dois banhistas, um homem e uma mulher, ambos com trinta e poucos anos, estão junto do quiosque, em frente dos cartazes coloridos dos gelados, a vestirem os *jeans* por cima dos fatos de banho.

Malin dirige-se a eles, e eles recebem-na com o olhar de quem quer que os deixem em paz. Em seguida, o homem diz:

– Já contamos tudo o que vimos: viemos aqui para tomar banho e um rafeiro qualquer encontrou o corpo dela.

– Tenho uma pergunta sobre o quiosque – diz Malin. – Costuma estar aberto? Vocês vêm aqui com frequência?

Ela odeia quando isto acontece, quando as perguntas lhe ocorrem na sequência errada, se bem que, normalmente, isso leve a boas respostas. Tem qualquer coisa de desarmante, essa incerteza que as perguntas mal formuladas parecem revelar.

– Vimos aqui de vez em quando. São poucos os bons lugares para tomar banho – diz o homem. – O único senão é que o quiosque está quase sempre fechado. Aparentemente, a mulher que detém a maioria dos quiosques aqui tem dificuldades em encontrar pessoal para os manter abertos.

– A mulher?

– Sim. Acho que se chama Slavenca, veio da Bósnia ou de um desses países. Pode ser muito desagradável quando está de mau humor. É como se não quisesse ter clientes. Ainda há pouco estava aqui, mas desapareceu assim que chegaram.

– Obrigada – diz Malin.

Lá em baixo, junto do corpo, Karin Johannison trabalha contra o tempo. Quer terminar antes que a noite caia, mas ainda tem várias horas de trabalho pela frente, ela e o seu recém-chegado assistente. Malin sabe que eles têm holofotes guardados no *Volvo* para qualquer eventualidade. Mas talvez não seja preciso usarem-nos esta noite. A noite de verão aproxima-se apazível, o que facilita o trabalho, a cuidadosa procura de pormenores e pistas no corpo e na vegetação em volta, que possam levá-los, a todos, mais perto da verdade.

Karin olha para Malin e faz-lhe um sinal com a mão.

Os seus olhos estão cansados, perderam um pouco do seu brilho confiante, talvez já estejam em Bali.

Bali. A ilha da beleza e da violência. Um lugar onde se acredita que é possível renascer.

## CAPÍTULO 2

A CASA ONDE MALIN cresceu.

Os tijolos parecem escorrer pela fachada, a suar de calor, expondo recordações, pressentimentos e mentiras.

Mas que mentiras?

Zeke, ao volante. Concentrado.

Circulam a trinta à hora, o máximo permitido. E a cerca de arbustos em volta da casa da infância de Malin está mais baixa do que da última vez, como se tivesse decidido desistir, no calor do verão.

Quem morará lá agora? Quais serão as recordações dessas pessoas?

Ando à volta das minhas recordações, pensa Malin. As que permanecem em mim como se fossem pequenas lâmpadas de árvore de Natal, a piscar eternamente no meu consciente, no meu eu, nas minhas ações e, portanto, no meu futuro.

De que é que eu tenho medo?

Tanto fico agarrada ao passado, como fujo dele. Procuo explicações. Preciso de arejar.

Atirar fora as roupas dos desaparecidos. Que não voltam mais.

A minha mãe e o meu pai estão em Tenerife.

A cada dia que passa, Malin sente cada vez com mais intensidade que os pais lhe escondem alguma coisa. E agora, precisamente quando passam em frente da casa da sua infância em Sturefors para levar uma mensagem de morte aos pais de Theresa, que de nada suspeitam, essa sensação é mais nítida do que nunca. A história deles é um segredo e, se não desvendarem esse segredo, jamais estará completa, jamais será íntegra.

Depois, a casa fica para trás, desaparece da sua vista. E as recordações voltam para a gaveta.

A fotografia de Theresa Eckeved está na sua algibeira.

É ela, Malin tem a certeza.

Zeke, antes de entrarem no carro:

– Tu é que lhes vais mostrar a fotografia, Malin. Eu não consigo.

A rapariga não era mais velha do que Tove. E, embora Malin tente tirar da cabeça a imagem da filha e mantenha os olhos bem abertos, o rosto de Tove e o da rapariga alternam-se na fotografia.

Não, não, sai daí! Mas não adianta.

Tu, para mim, és todas as raparigas.

E, ao mesmo tempo, a única.

Vou encontrar o monstro que te fez isto. Perceber porquê.

Dedo na campainha, suor na testa, Zeke dá um passo a trás, os óculos de sol, agora na mão, o olhar já a revelar compaixão.

Ruídos do lado de dentro da porta.

Que tipo de ruídos?

Os passos pesados de alguém que se sente à beira do maior pesadelo? O ponto em que a vida fica paralisada, condenada a ficar para sempre como uma massa de sabor amargo onde a alegria, se existe, é apenas um exercício intelectual.

E, então, a porta abre-se.

O homem na sua frente parece adivinhar. Atrás dele, a mulher, a boca ligeiramente aberta, os olhos azuis cheios de medo, avermelhados pela aparente falta de sono.

E lá está ela, de novo, Tove, apesar de toda a minha atenção ter de estar concentrada nestas duas pessoas à minha frente. Se existe uma missão para mim nesta vida, é cuidar de ti, Tove. É a única coisa que tenho como certa na vida. Nunca irei deixar de tomar conta de ti, Tove.

É simplesmente impossível.

Sigvard Eckeved abre lentamente a porta, afasta-se para o lado, e os seus ombros abatem-se, enquanto a mulher desaparece para o interior da casa, numa tentativa infrutífera de fugir da verdade, a verdade que eles vêm trazer àquela casa. E ambos sabem isso.

– Façam o favor de entrar – diz o pai de Theresa. – Já avançaram na investigação e têm mais perguntas a fazer, é isso? Querem café? Agneta! – Chama ele, para dentro da casa. – Por favor, põe café a fazer. Devemos ter gelo, também. Devem estar com calor. É... Quando será que este calor se vai embora?

Malin deixa-o falar.

Ela e Zeke sentam-se cada um na sua cadeira, em frente do sofá branco da sala de estar. De costas para a piscina convidativa. Agneta e Sigvard Eckeved compreendem o que significa a posição que Malin e Zeke assumiram. Os pais de Theresa sentam-se então no sofá, mas não se recostam, preferem inclinar-se para frente, numa demonstração de interesse exagerado. Como se o exagero pudesse afastar o pesadelo.

– Encontrámos uma rapariga numa praia perto de Stavsätter – diz Malin.

– Não pode ser Theresa – diz Agneta. – Ela nunca iria tomar banho aí, a nossa piscina... Mas às vezes ia até lá, de bicicleta...

– A rapariga foi assassinada. Lamento ter de dizer isto, mas julgo que a rapariga é a vossa filha.

Os pais de Theresa deixam-se cair no sofá, como se o ar lhes tivesse saído do corpo, e a mulher geme quando Malin tira a fotografia polaroide do bolso da camisa e a coloca em cima do tampo escuro de carvalho da mesa de centro. Lá fora, no jardim, ouve-se o coaxar incessante e excitado de um sapo e há algumas folhas de um videeiro que caem na superfície tranquila das águas da piscina, ao sabor do vento fraco.

– Podem dizer-nos se é Theresa?

Malin sente que Zeke se força a ficar sentado, quando o seu desejo é sair a correr da casa para o jardim e para o asfalto das ruas tranquilas e ensolaradas daquele bairro de classe alta.

Mas consegue continuar sentado. A enfrentar o presente.

Todos os sentimentos sem nome flutuam na sala como fantasmas negros a formular duas palavras: tristeza e dor.

Agneta Eckeved vira a cara. Se não olhar para a fotografia, ela deixa de existir, e não existindo nada tem significado. Mas Sigvard Eckeved inclina-se para a frente, olha para a sua menina, para os seus olhos fechados e para o rosto de pele amarelada, transparente pela falta de oxigénio. Não está a dormir, e ele nunca mais vai voltar a afagar o rosto da sua filha adormecida e a sussurrar-lhe ao ouvido que, quando ela acordar, ele vai estar lá, aconteça o que acontecer. Seja qual for a dor que o mundo lhe impuser, ele continuará lá, para a ajudar no que for preciso.

Em vez disso, uma fotografia em cima da mesa.

A morte. O fim.

– É Theresa, sim – diz ele. E Agneta Eckeved afasta o olhar ainda para mais longe da fotografia e Malin pode ver como as lágrimas lhe caem pelas

faces, lágrimas grandes, copiosas, incontroláveis.

– É ela – repete Sigvard Eckeved.

Malin acena com a cabeça.

– Agora temos a certeza – acrescenta Zeke.

Malin pega na fotografia de novo, mas fica com ela na mão. De certa forma, acha que não deve voltar a pô-la no bolso da camisa, mas também sente que deve retirar a imagem da menina do alcance da vista dos pais.

Nessa altura, porém, Agneta Eckeved diz:

– Leve daqui essa fotografia, por favor.

Malin volta a colocar a foto no bolso.

Sigvard Eckeved levanta-se e diz:

– Vou ver se o café já está pronto.

Mas, quando se levanta para e começa a tremer descontroladamente.

Outra vez a casa de infância. Os tijolos. O ruído do motor do carro.

– E agora, como vai ser? – pergunta Sigvard Eckeved, assim que se recompôs.

Malin percebe o que ele quer dizer mas, em vez de lhe responder, fala de formalidades, mencionando que o médico legista terá de examinar o corpo antes de poder liberá-lo para o funeral e de eles poderem vê-la, mas não seria necessária nova identificação.

Sigvard Eckeved ouve-a até ao fim, e depois diz:

– Não percebeu bem. O que eu quero saber é o que vai ser de nós, agora.

*Mamã, papá,*

*Estou a vê-los na nossa casa. Tristes. Mas não consigo ouvir o que dizem. Porque estão tão tristes? O que aconteceu? Estão preocupados comigo. Não estejam. Aliás, só saí por uns momentos.*

*Mas acho que estou doente. Estou a dormir.*

*E quando acordar, vou voltar para casa.*

*A mãe está deitada e o pai deambula pela varanda da casa. Deve ter muito calor, ao sol.*

*Tiveram visitas. Vi a mulher que esteve comigo há pouco. Esteve a olhar para mim de uma maneira tão estranha. Porquê? Pôs uma fotografia em cima da mesa da sala, mas eu não quero ver a fotografia, não quero.*

*Alguém me tirou uma fotografia. Ouvi o clique da máquina fotográfica.*

*Estou dentro de uma ambulância.*

*Estarei doente?*

*Meteram-me dentro de um saco de plástico, mas sinto-me mais livre do que antes. Estou deitada na parte de trás da ambulância, destinada aos doentes. Vejo-me a mim mesma, deitada lá dentro. Como é isso possível? Estou a flutuar, mamã. Neste sonho, sou capaz de estar em vários lugares ao mesmo tempo, papá.*

*Estou sozinha e tenho medo.*

*Alguém tem de me ajudar.*

*Mas não fiquem tristes.*

*Tenho saudades de muitas coisas, e estas saudades são eternas, não importa para onde vão, ou para onde eu vou.*

– Está feito.

Zeke não tira os olhos da estrada, mas Malin conhece-o perfeitamente. Sabe que ele precisa de fazer qualquer coisa agora, agir, pôr as mãos em algo de concreto, para não ficar «mad as a crazy dog», como costuma dizer.

– O que vamos fazer agora? – pergunta Malin.

– Vamos fazer uma visita a Louise Svensson. Onde é que ela mora? Tu tinhas a morada num papel.

Malin procura e encontra na algibeira dos *jeans* o papel que lhe foi dado por Viktoria Solhage.

– Viktoria Solhage disse que ela às vezes tem a mão pesada.

– Vamos a ela. Onde é que mora?

– Acho que o endereço é o de uma quinta na periferia de Rimforsa.

– Ótimo. Então, vamos lá, antes que Sjöman nos convoque para uma primeira reunião sobre o caso.

Malin gostaria de ter dito: «Mas, Zeke, achas que é uma boa ideia? Não temos nada contra ela. Será que não devíamos deixá-la em paz?»

Mas não diz nada.

– Vamos ver o que essa lésbica violenta tem a dizer – remata Zeke.

De cabeça rapada, ao seu lado, duro, tão impenetrável como os seus olhos de um verde-cinza de quando está zangado.

– O que pensas de Peter Sköld e Nathalie Falck? Achas que vão ficar tristes quando souberem o que aconteceu? – pergunta Zeke, depois.

– Tenho a certeza – comenta Malin. – Talvez Nathalie Falck diga agora o que eu acho que ela sabe.

– O que é que ela pode saber?

– Alguma coisa sabe.

– Não vai ser fácil adivinhar – diz Zeke. Mas Malin já pensa em Peter Sköld e no seu pai. E naquilo que, na realidade, parece ser um silêncio aparentemente combinado entre os dois.

Zeke aumenta o volume de som da música coral.

A floresta, os ramos e os troncos das árvores parecem envolvê-los, a estrada é sombria e serpenteante. O verde só irrompe um pouco vários quilómetros depois, numa clareira de mato queimado em que as ervas daninhas já despontaram, já amareleceram por causa do calor e já voltaram a cair por terra. Depois da clareira, a estrada desaparece na floresta, mais uma vez, antes de se abrir num prado por lavrar. Ao longe, em frente, uma construção típica de madeira vermelha, de dois andares, flanqueada por dois celeiros cujas fachadas desbotadas pelo tempo há muito que pedem uma demão de pintura.

O desejo que todos têm de ver chegar a chuva parece cristalizar-se ali.

Param o carro em frente da construção principal.

Três pastores-alemães aproximam-se do carro a ladrar e os latidos soam ainda mais fortes no momento em que para a música coral. Os animais saltam contra os vidros do carro, mostram os dentes. E Malin vê a baba a escorrer-lhes da boca enquanto defendem o seu território. Quem são vocês, estranhos? Ponham-se a andar, ou não saem daqui vivos!

Depois, uma voz grossa, mas feminina, por entre o ladrar dos cães.

– Calma, calma...

E os animais obedecem ao comando, retiram-se. E Malin avista a figura de uma mulher, um metro e oitenta de altura, vestida com um fato-macaco esverdeado e com um boné desportivo que mal lhe cobre os cabelos curtos.

Os seus olhos estão negros. De cólera.

Que idade terá? Quarenta e cinco? Cinquenta?

Malin observa-a e pensa, ao mesmo tempo que abre a porta do carro: «a vida tratou-te mal e agora tu vingas-te.»

A mulher está à sua frente, no pátio, e parece ficar maior à luz crua do dia.

Louise «Lollo» Svensson, agricultora, vive sozinha na floresta de Rimforsa, na quinta Skogalund. Com os cães, alguns porcos e coelhos como companhia.

Malin e Zeke mostram as suas identificações. Os cães continuam a rosnar nos degraus de entrada da casa, prontos para atacar ao menor sinal.

– E o que é que vocês querem?

– O seu nome – diz Malin – apareceu numa investigação e temos algumas perguntas a fazer-lhe.

Lollo Svensson aproxima-se um pouco mais.

Os cães mostram os dentes.

– Que raio de investigação é essa?

– Sobre a rapariga violada no parque. E esta manhã foi encontrado o corpo de outra rapariga assassinada, na praia de Stavsätter.

– Foi alguma irmã que abriu a boca, que contou alguma merda a meu respeito? Com certeza. A maioria dessas putas não é melhor do que qualquer picha que anda por aí.

– Infelizmente, não posso dizer-lhe...

– Já percebi, senhora polícia. E então, que perguntas são essas?

– Onde estava na noite de quarta para quinta-feira?

– Estava aqui em casa.

– Sozinha?

– Não. Aqueles ali estavam comigo. – Lollo Svensson aponta para os cães. – Mas eles não podem dizer o que fizemos, pois não?

– Então, ninguém mais pode confirmar que esteve toda a noite em casa? – Lollo dá uma risadinha. – Conhecia Theresa Eckeved?

– Não.

– Conhece a Nathalie Falck?

– Também não. Nem nunca ouvi esse nome.

– Lovelygirl? Este nome, Lovelygirl, diz-lhe alguma coisa?

Nenhuma reação visível.

– Lovelygirl? Não conheço nenhuma Lovelygirl.

– Diz-se que você tem a mão pesada – diz Zeke. – O que é que isso significa? Que é violenta com raparigas? É isso?

Merda, Zeke, pensa Malin, mas sabe onde ele quer chegar. Deixa-o prosseguir.

Mas Lollo Svensson não se deixa intimidar.

– Não tenho nada que ver com isso.

– Você gosta de amarrar as miúdas, de golpeá-las ao de leve, aqui e ali, chicoteá-las um pouco? É isso que gosta de fazer, Louise?

– O melhor é irem-se embora já, se não têm mais perguntas a fazer.

– Pois é... Você trouxe para aqui uma miúda e as coisas começaram a correr mal com o vibrador, não é? Ou ela quis fugir?

– Vocês deviam... – Lollo dá três passos para trás como se quisesse marcar as distâncias e dizer: «Já disse o que tinha a dizer, chuis de merda. Agora, vão ter de resolver a coisa por outro lado.» – Vou ter de tratar dos porcos – diz ela. – Os porcos não conseguem viver sozinhos. São fracos de mais. De facto, são verdadeiros cobardes.

– Podemos dar uma vista de olhos ao pátio? E à casa, também?

Malin espera pela resposta.

– Está doida, detetive Fors? Acha que eu os deixaria entrar sem mandado de busca? Que brincadeira é esta, afinal?

– Conhece uma miúda chamada Josefín Davidsson? Ou outra chamada Theresa Eckeved?

A voz de Malin, seca, aguda. A camisa está colada ao corpo. Imagina como deve estar quente para Lollo, dentro do fato-macaco. E, de repente, a figura dela, redonda, mas firme, parece abater-se diante dos olhos dos dois inspetores.

– Eu...

– E depois, teve contacto sexual com as miúdas – diz Zeke. – Depois de tê-las atraído aqui, trazido aqui. Como é que fez? Prometendo-lhes uma bebida? Atraíu-as com os cães? Com passeios a cavalo? Tem cavalos? – Nenhuma resposta. – Costuma usar um vibrador com as suas raparigas?

Quando Malin ouve Zeke mencionar o vibrador, fica com a sensação de que falharam alguma coisa, algum pormenor relacionado com ele. Mas o quê?

Lollo Svensson vira-se e chama os cães para dentro de casa. Malin e Zeke estão junto do *Volvo*, no pátio, respirando o aroma a floresta estival e a silêncio. Há no ar uma sensação de solidão, tão forte, que parece paralisar o verão.

## CAPÍTULO 3

O CARRO AVANÇA às sacudidelas pelo caminho de saída da propriedade.

– O que achas?

A voz de Zeke está agora mais calma, menos excitada e provocadora do que antes.

As árvores à beira da estrada gritam por água em centenas de tonalidades de verde e amarelo.

– Não sei – diz Malin. – Nunca deixo de me surpreender com o que esta floresta esconde.

Lembra-se do inverno em que abriu caminho através das árvores, aquando do caso de Bengt Andersson e dos irmãos Murvall. Ainda agora pode sentir o frio paralisante, como se esse frio lhe sugasse o ar dos pulmões sempre que se forçava a avançar entre as árvores na direção da morte e do mal, bem no interior da floresta de Hultsjö.

– Não. De facto, surpreende-nos sempre...

– Será que temos o suficiente para conseguir o mandado de busca?

– Certamente. Não é preciso muito, face ao que aconteceu. Basta o facto de ela nos ter barrado a entrada.

– Estou curiosa para saber o que há dentro daquela casa – diz Malin. Os seus pensamentos divagam.

Imagina raparigas jovens que, vivas ou mortas, flutuam como alforrecas numa água eternamente a ferver, gritando: «Tirem-nos daqui, levem-nos para outro sítio.»

Depois pensa em Tove, que está longe, do outro lado do mundo, no paraíso. Mas lá também há violência.

Afasta a imagem de Tove da cabeça. E Janne. Vê-o correr ao longo da praia, com o coração a bater forte no peito. Sempre a caminho de outro lugar qualquer.

– Gostava mesmo de saber o que se esconde dentro daquela casa – diz ela, depois.

– Eu também – concorda Zeke. E, nesse momento, o telemóvel de Malin toca.

O nome de Karin Johannison no visor.

No chão do gabinete de Karin Johannison, um humidificador luta com um aparelho de ar condicionado portátil para ver qual deles faz mais barulho. A humidade trava uma luta desigual com o frio, mas, juntas, as duas máquinas fazem da sala de Karin o lugar mais agradável em que Malin já esteve desde há muito, mesmo considerando que a sala não tem janelas, apesar da enorme quantidade de livros, folhetos e relatórios espalhados por cima da mesa, nas prateleiras e no chão.

Malin e Zeke sentam-se nas cadeiras de madeira que Karin reserva para os visitantes. Ela também se senta numa poltrona de couro preto, de *design* contemporâneo, que comprou com o seu dinheiro e, portanto, não pertence ao governo. É o caso, também, do humidificador e do ar condicionado.

– Bonita poltrona – diz Malin.

– Obrigada – responde Karin. E acrescenta: – É um modelo de Oscar Niemeyer. Comprei-o pela Internet, num *site* brasileiro.

– Também compraste lá estes aparelhos? – pergunta Zeke. – Parece que vieram do terceiro mundo.

Karin ignora o comentário insultuoso de Zeke e segue em frente, para o assunto central da visita, assumindo uma atitude profissional:

– Theresa Eckeved foi penetrada e sofreu abusos sexuais. Não encontrei esperma, mas restos de tinta, como no caso de Josefin Davidsson. Tudo leva a crer que estamos perante o mesmo criminoso.

– Mas é claro que podemos considerar uma boa ação a cooperação com os países pobres, não é verdade?

Zeke não pôde conter-se. As palavras saíram e Malin vê nos seus olhos que já está arrependido, que se sente um idiota. Mas Karin continua a ignorá-lo, finge não ter ouvido e continua:

– Theresa foi lavada muito cuidadosamente. Encontrei restos de Klorin na pele dela, exatamente como no caso de Josefin.

As feridas foram desinfetadas, com álcool e talvez também com Klorin. Além disso, o assassino recortou os bordos das feridas com um instrumento muito afiado, talvez um bisturi, mas não é possível ter a certeza.

– Os ferimentos também são iguais aos de Josefin? – questiona Zeke.

– Os de Josefin foram apenas limpos. Estes foram tratados.

– Tratados?

– Sim, tratados. O ferimento na cabeça não foi a causa da morte. Os do corpo, também não. Foi estrangulada. A terra nas unhas é idêntica às amostras provenientes da praia, o que confirma que foi assassinada nesse local.

– Isso quer dizer que não foi transferida de outro lugar?

– Provavelmente, não.

– É possível que ela tenha acompanhado o assassino?

– Não sei, Malin.

– A mãe de Theresa disse que ela costumava ir de bicicleta, de vez em quando, até à praia – diz Zeke. – Talvez lhe tenha apetecido dar um mergulho no lago, não?

– Durante quanto tempo ficou ela ali enterrada? – pergunta Malin.

– Uma semana, penso eu. Talvez mais um ou dois dias. Não posso dizer com exatidão.

O que estavas lá a fazer, Theresa, pensa Malin. Devia ser muito tarde e tu estavas sozinha. O mal anda à solta. Que Deus nos proteja.

Que Deus proteja todas as raparigas que passeiam sozinhas, até tarde, nesta cidade, neste verão.

– Sabes de onde podem ter vindo os restos de tinta?

Agora, a voz de Zeke é clara e controlada. Pôs de lado os seus ressentimentos por Karin, enterrando-os algures dentro de si.

– Não faço ideia, mas é o mesmo aparelho, sem dúvida. Ainda não consegui determinar a origem da tinta, mas não é nenhuma das mais comuns no mercado sueco. Entretanto, podem estar certos de que estão à procura de um mesmo criminoso.

– O departamento técnico já começou a recensear as marcas de vibradores.

– Ótimo – diz Karin. – Deve haver muitas, suponho eu.

– Mais alguma coisa?

– Não. Nenhum vestígio de esperma, nem cabelos, nem pele, nem tecido, nada, nada, nada – diz Karin, que não consegue esconder a decepção e a raiva pelo facto de não ter conseguido dar-lhes algo de mais concreto, nenhuma pista a seguir.

- Merda – pragueja Malin, baixinho.
- Mas vocês vão conseguir encontrá-lo – diz Karin.
- Se for um «ele» – acrescenta Malin.

*Estou morta.*

*Não vale a pena lutar contra isso.*

*O plástico, apesar da sua negrura opaca, transmite-me uma sensação de conforto. Acho que não vou ficar aqui por muito tempo. Subitamente, dei-me conta da minha liberdade quando estava em casa dos meus pais, quando vi o desespero deles. Mamã, papá, sei que atravessam um período difícil. Não há nada que faça o tempo ser mais cruel do que a dor. E a vossa dor nunca passará.*

*Vai mudar de intensidade com o passar dos anos, vai marcar os vossos corpos e caracterizar a maneira como o mundo vos olha.*

*Vão ficar tristes para sempre, meus queridos pais, e talvez exista uma espécie de consolação nisso. Porque se estiverem tristes por mim, estarão também comigo, e se estiverem comigo, nós três estaremos juntos. Não é verdade?*

*Gostaria de poder consolar-vos. Gostaria de vos dizer que estou bem, enfim, pelo menos julgo que estou.*

*Apenas uma pessoa pode aplacar a minha inquietação. E ela sabe disso.*

*Estou a subir ao céu. O calor que vos faz sofrer não existe para mim. O calor não existe aqui, nem como bálsamo. Nem como sensação.*

*Estou a flutuar, em direção ao Volvo, e vejo o rosto de Malin Fors. Ela não sabe que eu a vejo. De qualquer forma, noto que os seus olhos azuis estão, a cada dia que passa, um pouco mais cansados, mas também um pouco mais seguros, mais conscientes.*

*Apenas a tristeza é constante.*

*E o medo que ela, incansavelmente, tenta vencer.*

\*

A caminho do gabinete do procurador, um dos que está de serviço durante o verão, pouco feliz pelo facto de ter de sacrificar a noite de domingo. O mesmo procurador que antes se recusara a assumir a responsabilidade pelas

investigações preliminares, dizendo que Sven Sjöman assumiria essa responsabilidade sozinho até uma fase mais conclusiva da investigação.

Malin fala com Sven pelo telefone, e este dá-lhe autorização para fazer a busca:

– Façam a busca, mas não façam isso sozinhos. Sabe-se lá o que ela é capaz de inventar.

Sven disse também que, finalmente, e «com um atraso danado por causa de ser verão, já tinha em mãos a lista de chamadas do telemóvel de Thereza Eckeved». Thereza falara com Nathalie Falck várias vezes. Com Peter Sköld, algumas vezes. E mais ninguém, a não ser os pais. «Parece que vivia bastante só.» Disse Sven. O departamento técnico legal ainda não recebera informações nem do Yahoo, nem do Facebook, mas estava a tentar identificar o vibrador. Uma pesquisa rápida na Internet indicara mais de novecentos fabricantes.

Malin pensa em Josefin Davidsson. E na hipnose, uma ideia que ainda não aventou. Mas quer ser ela a tomar essa iniciativa.

O procurador. Um novato chamado Torben Eklund.

Malin olha pelo vidro do carro, mas em vez da cidade vê o seu próprio rosto, os seus olhos, fixa o olhar neles e fica a pensar no que aconteceu ao seu olhar com o passar do tempo. E, de repente, sente medo, sente um calafrio percorrer todas as suas veias e poros, uma sensação estelar, fria e afiada: não é o meu rosto que vejo no vidro, pensa ela, mas o de Theresa Eckeved. E Malin sabe o que ela quer, o que aquele rosto de pele branca, sem vida, o que aqueles olhos esbranquiçados, descoloridos, desejam.

A boca mexe-se.

O que aconteceu?

Quem? O quê? Onde?

*Eu confio em ti, Malin Fors, para poder descansar em paz.*

Depois o rosto desaparece. Em vez dele, o de Malin, familiar.

Josefin Davidsson puxa o lençol branco e fino para cima do seu corpo, não quer ver as ligaduras nem pensar nos ferimentos, mas sabe que estão lá, quer queira quer não.

Sente o cheiro dos químicos, característico do hospital, a dor, de que ignora a origem. Mas está consciente de que a recordação, enterrada algures dentro de si, é importante.

Podia ter voltado para casa na sexta-feira, mas preferiu passar o fim de semana no hospital e o médico aceitou, compreendendo que aquela calma lhe fazia bem.

Esteve a ver televisão na sala de estar. Leu os jornais nos respetivos *sites* na Internet, o do *Corren* e os outros, e viu que tinha sido encontrada uma rapariga morta numa praia perto de Sturefors.

Tenho de me lembrar, pensa Josefin, mas o céu descortinado pela janela está a empalidecer depois de ter estado azul durante a tarde, um azul tão vazio como o seu cérebro. Mas este não está inteiramente vazio. Nas aulas de biologia aprendeu que as recordações são como a eletricidade, que uma pessoa, nas circunstâncias adequadas, pode lembrar-se de tudo o que lhe aconteceu antes.

Mas será que quero lembrar-me?

Será que estou com medo? Medo de que ele ou ela ou eles voltem de novo?

Não. Podia estar morta, se eles ou ele ou ela quisessem.

O lençol do hospital é macio, muito macio. Fecha os olhos e adormece, embora a sala esteja inundada de uma luz clara e viva.

– Não há problema. Vou autorizar já a busca.

A voz de Torben Eklund, tão neutra como o seu gabinete no tribunal, na praça grande, Stortorget. O seu rosto pálido é magro, mas caracterizado por um estranho duplo queixo.

– Como estão a avançar as investigações? – pergunta ele.

– Muito lentamente – responde Malin.

– Estamos extremamente limitados em termos de recursos humanos, durante o verão – continua Torben Eklund. – É por isso que deixo à polícia a responsabilidade pelas investigações preliminares.

– Por nós, está perfeito – responde Zeke.

Jurista, pensa Malin. O que levará uma pessoa a escolher esta profissão?

Torben Eklund tem a minha idade, mas fala já como um avô.

Um relógio com mostrador preto está pendurado numa parede de tijolos nus. Os ponteiros brancos marcam dezassete horas e vinte e cinco minutos.

Depois, vem-lhe uma ideia à cabeça.

Aos olhos das miúdas, talvez também eu pareça já uma avozinha. E depois vem a morte. Ou o quê?

## CAPÍTULO 4

UM VEÍCULO SEM IDENTIFICAÇÃO atrás do *Volvo*.

Anoitece lentamente sobre a estrada e a floresta parece ter recuperado o verde perdido, uma falsa tonalidade, a cor de uma faca de aço por afiar.

Passam pelo *Volvo*, três polícias no carro: dois agentes, grandes músculos e seguros de si, como se pudessem varrer todo o tipo de merda que encontram pela frente. Malin não percebe como aquele tipo de gente pode passar nos testes, mas certamente têm já as respostas certas na ponta da língua e sabem como sair-se bem. Ela já viu na Internet os *sites* que informam o que se espera de um candidato a polícia: é isto que eles querem ouvir. E se as respostas forem adequadas e representarem o papel de tipos bem educados, pode resultar. O terceiro polícia uniformizado é um veterano chamado Pettersson, que trabalha em *part-time* por causa de problemas nas costas. Por vezes, Malin repara em como ele sofre, as mãos crispadas quando procura canalizar a dor para as pontas dos dedos, para a tornar suportável.

Malin não se lembra dos nomes dos agentes, nem está interessada em tentar fixá-los; quem sabe por quanto tempo vão ficar em Linköping? Certamente vão querer ir para Estocolmo, Gotemburgo ou Malmö, onde as coisas acontecem.

A quinta surge à frente deles.

Será que ela está à nossa espera?

Terá arrumado a casa?

Escondido alguma pista?

A voz de Zeke no rádio para os outros:

– Fors e eu vamos bater à porta, vocês saem do carro e ficam à espera.  
Entendido?

Silêncio. Os cães não ladram. Onde estarão os cães?

Depois, um sim da parte de Pettersson.

– Muito bem – diz Zeke, enquanto avança pelo pátio com o carro.

Saem do carro, fazem um compasso de espera. Depois dirigem-se para a entrada da casa. Malin tem o mandado de busca na mão.

Sobem os degraus da entrada.

Será que ela fugiu para a floresta?

O que irão encontrar lá dentro, nas salas fechadas?

Malin olha por cima do ombro.

Eles estão lá, à espera, mas prontos, quase ávidos, Pettersson e os dois agentes nos seus uniformes azul-escuros, quentes. O calor continua, mas o sol desapareceu por detrás das colinas, por isso, eles aguentam.

– Uma câmara de tortura – diz Zeke, em voz baixa. – Imagina que ela tem uma câmara de tortura lá dentro.

O punho fechado de Malin contra a porta de madeira pintada de branco.

Ninguém abre.

Será que alguém está agora a apontar uma arma para eles? De onde?

Talvez. É muito possível. A ideia passa pela cabeça de Malin, de repente. Lembra-se de um artigo que falava de polícias americanos abatidos numa quinta isolada, pensa no colega assassinado por um louco em Nyköping. Malin conhecia-o, frequentou com ele, no mesmo ano, a escola de polícia, mas não eram amigos.

Nova pancada na porta.

Novo silêncio.

Apenas o barulho das folhas das árvores, na floresta, a agitarem-se ao vento fraco, e a vida que se move à sua volta.

– Ela deve ter-se ido embora – diz Zeke. – Ou então está escondida lá dentro.

– Vamos arrombar a porta – diz Malin.

– Primeiro vê se está fechada.

Lentamente, Malin leva a mão à maçaneta da porta, gira-a para baixo e a porta abre-se, precisamente como se alguém a tivesse deixado aberta para eles entrarem.

Um vestíbulo com o chão coberto com um tapete de retalhos e, ao lado, um banco comprido, feito de pranchas de madeira de carvalho, recentemente encerado.

Bem decorado, pensa Malin. Bem cuidado. Calmo.

E o silêncio continua.

Malin entra. Zeke segue logo atrás, ela pode até sentir o seu hálito quente. Sabe que ele já fez sinal aos outros para se espalharem em volta da casa e para um deles ficar de guarda à porta, pronto para entrar se acontecesse alguma coisa ou ouvisse um ruído suspeito.

A cozinha foi cuidadosamente renovada. Data sem dúvida da década de 1940, azulejos floridos e mais tapetes. Uma luz tamisada filtrada pelas cortinas. A cafeteira elétrica está ligada, com café acabado de fazer, e do forno escapa-se um cheiro a pão quente.

– Afinal, o que é isto? – diz Zeke.

Malin faz-lhe sinal e ambos avançam para o interior da casa e entram na sala de estar onde o televisor está ligado. Um episódio da série «O Corvo», que Malin ainda não tinha visto. A sala transmite a sensação de que o tempo parou.

Há um computador em cima da mesa.

Sobem uma escada que range. Chegam ao andar de cima. As paredes estão cobertas de pranchas de madeira em que Lollo Svensson pendurou litografias que representam campos vastos e tratores. O quarto de dormir é a única divisão do segundo piso. Tem as paredes pintadas de branco e uma janela em forma de arco por onde entra o resto de luz do dia, mais tapetes de retalhos sobre o soalho e uma aparência de limpeza exemplar, como se a dona da casa, com essa limpeza, quisesse impedir algo de entrar ou quisesse, talvez, deixar entrar algo.

– Ela está aqui – afirma Zeke.

– Está aqui, sim – concorda Malin. – Sinto-o. Não está longe.

Malin desce a escada, abre a porta que dá para a cave e o cheiro de combustível para aquecimento é cada vez mais forte.

A caldeira de aquecimento, claro, está desligada, mas ainda assim o cheiro é forte. Há produtos de limpeza nas prateleiras, mas nada de Klorin.

Uma porta de aço, meio aberta, parece conduzir a um quarto resguardado.

Malin aponta para a porta. Zeke faz sinal de que percebeu.

Malin abre-a. Espera ver Lollo Svensson pendurada do teto, rodeada de objetos provenientes de antigas câmaras de tortura medievais, em contraste com as salas em cima, em contraste com o refúgio idílico que esta antiga casa, de facto, é.

Depois, Malin vê-a.

Está sentada numa cadeira, por detrás de uma mesa de pingue-pongue, atravancada com brinquedos de madeira, bonecas e animais de pelúcia. Veste um vestido cor-de-rosa.

Um armário com bonecas numa prateleira. Caixas de papelão para mudanças encostadas às paredes de cimento pintadas de branco.

Lollo Svensson sorri-lhes. É uma outra pessoa, agora, as suas feições suavizaram-se, o seu corpo transmite uma enorme tranquilidade, esse corpo que Malin ainda há pouco pensava poder esconder uma alma de assassino.

Poderá ser?

Aquele corpo? Esconder uma alma de assassino?

– Eu sabia que iriam voltar – diz Lollo em voz baixa. – Por isso, retirei-me para aqui e fiquei à espera de que chegassem.

Uma alma de assassino, pensa Malin. Todos a temos em nós, de certa maneira.

## CAPÍTULO 5

A FLORESTA PARECE RESPIRAR nas costas de Linda Karlå, mas respira mal, como se tivesse os pulmões doentes.

Só agora, ao anoitecer, começa a ficar suficientemente fresco para correr, mesmo que ainda seja quente de mais para a maioria das pessoas. A pista em Ryd está deserta. Só ela corre. Os seus ténis novos da *Nike* batem compassadamente no chão coberto de serradura. Os candeeiros da rua ainda não se acenderam. Ela nem sabe ao certo se vão chegar a acender-se durante o verão. Nesta época do ano, quando o céu não está encoberto, é dia durante muito tempo.

Talvez não seja boa ideia correr sozinha na floresta, tendo em conta o que aconteceu recentemente. Antes de a polícia apanhar o criminoso. Quem sabe o que se esconde na vegetação?

Mas ela não sente medo.

O ar entra-lhe livremente nos pulmões, a inspiração a arejar todos os recantos do corpo e da mente.

O coração fica cansado, mas de maneira controlada, como se ela, com a força da sua vontade, pudesse comandar o esforço do músculo mais importante do corpo.

Corre um mínimo de vinte quilómetros por semana. O ano inteiro. Também corre a maratona de Estocolmo e outra ainda, normalmente, no estrangeiro. Se o inverno ataca na Suécia, ela pensa em Tóquio, Nova Iorque, Londres, Sydney. Troca a corrida entre as árvores pela corrida entre os arranha-céus e as grandes multidões de desportistas. O seu corpo de quarenta anos é forte, muito forte.

Seria perigoso para qualquer um, menos bem treinado, correr com aquele calor.

Mas ela consegue.

Na realidade, acha que a pista na floresta de Ryd é demasiado plana. Pode valer a pena ir de carro até à das encostas de Olstorp.

Para a frente, Linda, para a frente!

As árvores. A serradura. Os candeeiros. A árvore lá na frente. O tronco muito largo. Quase um metro de diâmetro.

É mesmo só uma árvore? Alguém por detrás da árvore. Alguma coisa que espera por ela.

Malin está na cozinha de Lollo Svensson. Espera, ouve. Tenta compreender. Os outros polícias voltam para o carro. Estão impacientes. Já perceberam que o esperado dramatismo se transformou num enorme bocejo.

Malin e Zeke mandam passar a pente fino os celeiros e a pequena casa anexa. Mas a inspeção não deu em nada. Apenas porcos nos currais e coelhos em coelheiras. E uma grande quantidade de tralha, certamente deixada pelo antigo dono da quinta que vendeu a propriedade a Lollo Svensson. Os cães dormem no canil, anestesiados pelo calor. Nenhum sinal de violência, apenas coisas esquecidas, usadas, sem valor, como se fossem peças de um *puzzle* para os arqueólogos das civilizações futuras.

– Quero que me deixem em paz – diz Lollo Svensson. – Foi por isso que comprei esta quinta. É fácil de perceber, não?

Está sentada num banco junto à mesa da cozinha. O seu eu, de novo: arrogante, franco, bruto. A pessoa doce que tinham descoberto na cave desapareceu assim que subiu a escada.

Um muro de silêncio, pensa Malin. Um casaco cinzento por cima do vestido cor-de-rosa. O que lhe terá acontecido? Como foi que ficou assim?

Malin vê-se a si mesma na cozinha. A procurar no escuro. A abordar questões íntimas. A revolver a faca na ferida. Viver sozinha. E sabe que foi feita para isso. Que chega a gostar disso.

Vai para o diabo, Fors. Como é que *tu* ficaste assim?

– Eu não tive nada que ver com as agressões àquelas duas miúdas. Agora vão suspeitar de toda a equipa de futebol feminino? Parece que é um viveiro de lésbicas. Só têm de ir lá interrogá-las.

– E os brinquedos na cave? Como explica isso? – Zeke não consegue disfarçar a sua curiosidade, a vontade de compreender, há qualquer coisa que não bate certo.

– Eu não tenho de explicar nada. São brinquedos de quando eu era criança. Pego neles de vez em quando. Não há nada de estranho nisso.

Linda Karlå para. Sente uma presença. Algo se movimenta na floresta, apesar da quietude do lugar. Uma pessoa? Será o cheiro de putrefação que sente? Ou de limpeza? As ideias voam pela sua mente e seguem para o coração e para o estômago. E transformam-se em medo.

Não.

Não estou com medo.

A floresta é grande, faz com que se sinta pequena e só, apesar de faltarem apenas uns cem metros para a fila de prédios de apartamentos alugados e de vivendas, em Valla, do outro lado da rua, a Vallavägen.

Não há movimento nenhum atrás da árvore. Mas está lá alguém.

Tenho a certeza.

E, então, pensa de novo nas raparigas, uma morta e a outra a vaguear no parque, violada. E admite que foi um risco enorme ter saído sozinha, para correr na pista, quando o mal mostra o seu rosto em Linköping.

Como se pode ser tão idiota, Linda?

Um movimento mais.

Uma pessoa na pista? Na direção contrária à minha?

O suor mancha-lhe a *T-shirt*. Os seios firmes por dentro do sutiã desportivo.

Estou com tanto medo que nem consigo mexer-me.

Zeke balança de um pé para o outro, a um canto do pátio.

Nada de vibradores. Nada de brinquedos sexuais.

A noite continua quente. Lollo Svensson, na casa principal, a olhar para eles, pela janela da cozinha, parecia querer dizer-lhes para se irem embora.

No crepúsculo, os celeiros parecem tortos, a cair sob o peso de um céu triste. Os cães começam a ladrar no canil.

O carro com os agentes desaparece na estrada, restando apenas o barulho do motor em contraste com o silêncio da floresta, um pulsar no meio do musgo e dos arbustos ressequidos.

– Ela é maluca – diz Zeke. – Achas que é ela a *Lovelygirl*?

– Vamos ver o que o departamento técnico vai encontrar no computador.

– Mas que ela é maluca, é!

– Só porque gosta de olhar para os seus brinquedos? Não sei. Mas estranha é, sem dúvida. – Afirma Malin. – Quem sabe o que teve de passar

para chegar até aqui? As pessoas ultrapassam muitos obstáculos, para sobreviverem.

– Será que um dia vamos saber?

– Será preciso?

– A questão é: o que é que queremos saber?

– Acho que ela não tem nada que ver com aquilo que nos interessa – diz Malin.

– Eu também acho – responde Zeke. – Mas a verdade é esta: ela não tem nenhum álibi!

O meu coração. Onde está?

Ali, onde estão todos os meus medos. Vai rebentar em breve, dentro do meu peito.

Linda Karlå continua a correr, a pista desfila sob os seus ténis. A floresta gira à sua volta.

Está aí alguém?

Parece que um gigante vem atrás de mim. Como se as raízes das árvores se levantassem da terra e quisessem atirar-me ao chão, derrubarem-me, para me furarem com milhares de pequenos troncos carbonizados e afiados. E, depois, esconderem-me debaixo de uma pequena faixa de terra, para me comerem, lentamente. Mas eu consigo correr depressa.

Corre mais rápido agora. Um barulho de cascos? Será?

Finalmente, a vegetação abre-se.

À sua frente, o parque de estacionamento.

O seu carro está ali estacionado, sozinho. Nenhum perseguidor.

Atira-se para dentro do *Seat* a escaldar.

Seria um veado? Não, foi outra coisa que olhou para mim lá atrás. Tenho a certeza, pensa Linda Karlå, ao mesmo tempo que liga o motor do carro e arranca.

Mas o quê?

O som de cascos a bater no solo, que desaparece na floresta. A escuridão que a persegue.

## CAPÍTULO 6

A GRANDE PRAÇA DO MERCADO, a Stora Torget, vibra com a luz artificial das esplanadas montadas durante o verão e as luzes das casas próximas. Três restaurantes instalaram esplanadas: Mörners Inn, Stora Hotellet e Burger King. Colocaram mesas e cadeiras a céu aberto no asfalto e no empedrado da praça, as primeiras ainda debaixo de toldos altos que fazem com que as conversas dos clientes se transformem num indistinguível murmúrio, um som cheio de expectativas e alegria.

Já passa das dez horas. Muita gente, apesar de ser domingo, véspera de um novo dia de trabalho. A atmosfera continua quente, mas as pessoas têm vontade de sair, de tomar um copo fresco e bem cheio. Da rua Ågatan vem outro tipo de ruído. É uma rua cheia de *pubs* que, em todas as estações do ano estão cheios, e onde há sempre discussões e confrontos, principalmente nos fins de semana. O *Corren* já publicou inúmeros artigos sobre a violência nos bares, mas é assim, as pessoas às vezes sentem necessidade de se descontraírem e, para a polícia, essa concentração numa única rua facilita o trabalho. Sabemos onde as coisas, provavelmente, vão acontecer, pensa Malin, enquanto olha para as esplanadas. Não há ali ninguém que ela conheça, mas se conhecesse não teria qualquer vontade de as encontrar.

Zeke deixara-a à porta do apartamento e, debaixo da água fria do chuveiro, Malin sente a falta de Tove, de Janne e de Daniel Högfeltd. Quer telefonar-lhe a dizer-lhe que venha, para que ele a faça esquecer o que viu durante o dia.

Mas ele não atendeu o telefone e ela acaba por estender-se na cama de Tove, fazendo de conta que está a ver dormir a filha, que se encontra do outro lado do planeta.

Os lençóis ainda conservam o cheiro de Tove.

Então, Malin começa a chorar.

Triste por um motivo simples. Porque é que a sua relação com Janne tinha chegado àquele ponto? Chora porque se vê a si própria e aquilo que não consegue nomear, aquilo que a psicóloga Viveka Crafoord adivinhara só de

olhar para ela. Mas, depois, Malin faz o mesmo de sempre. Recupera o equilíbrio, recompõe-se, contém as lágrimas, domina a tristeza, levanta-se e sai do apartamento. Este tipo de solidão é pior do que qualquer outro.

Os cafés cheios. O tilintar dos copos. As empregadas de mesa no seu vaivém contínuo entre as mesas. Apesar de tudo, há vida em Linköping estival, embora o calor e o mal façam tudo para vencer a alegria.

Será que devo sentar-me ali, entre os outros?

Fica de pé, a respirar o ar da noite.

Na sua frente, a praça transforma-se num vulcão. Entre as pedras da calçada surge um magma fervente, em brasa, formando regatos negros. O mal, uma corrente humana, subterrânea, que a história por vezes canaliza na formação de erupções, em certos lugares, em certas pessoas ou numa só pessoa. A pessoa é má ou aproxima-se do mal, aproxima-se tanto que chega a sentir o seu hálito no rosto, mas até chegar à conclusão de que esse hálito vem dos seus próprios pulmões vai uma grande distância. A má vontade, o medo, tal como um dia em que bebeu muito uísque, Janne disse fazerem parte da guerra que está no coração da natureza humana. Disse ainda que todos nós caminhamos para a guerra, que Deus é guerreiro e que a violência é o começo de tudo, que o mundo inteiro é uma grande e eterna atrocidade, uma dor que só termina quando o ser humano desaparecer: «Nós queremos a guerra. O mal não existe. É apenas uma palavra, uma tentativa para dar nome à violência, que pode chegar a qualquer momento. Tu, Malin, vocês, polícias, são apenas cães pisteiros. Metem o focinho e mijam em tudo quanto é sítio. E tentam segurar a barra.

O magma escorre por entre os pés das pessoas que bebem cerveja na praça nesta pequena cidade e neste pequeníssimo canto do mundo.

E eu estou aqui, firme, de pé.

O mal não tem cheiro nem corpo, não faz ruído, mas ao mesmo tempo é a soma de todos os cheiros, de todos os ruídos e de todas as experiências.

Uma rapariga enterrada.

Um rapaz morto a pontapé depois de uma festa.

Uma estudante que explode em mil pedaços dentro de um autocarro.

Uma bomba enterrada numa praia paradisíaca.

Recuso-me a acreditar em ti, Janne. Recuso-me, recuso-me, recuso-me...

Mas tu viste a guerra de perto.

Será que devo ir à praça beber uma cerveja?

Não.

A vossa sociedade não é a minha. Não esta noite. Sou Batman, pensa Malin. A bondade ferida.

Caminha pela rua Hamngata na direção do Hamlet. O *pub* ainda está aberto. Malin senta-se no bar, confortavelmente rodeada de paredes cobertas de madeira escura.

Estão apenas ela e alguns clientes discretos num canto. Ainda por cima, a cerveja não é cara.

– Boa noite, inspetora – cumprimentam eles.

Malin acena-lhes quando põem a cerveja à sua frente.

– Uma tequila dupla, por favor – diz ela para o *barman*.

– É para já, Malin – responde ele, a sorrir. – Foi uma daquelas noites, imagino.

– Pode ter a certeza – responde Malin. – Pode ter a certeza!

Daniel Högfeldt desliga o telemóvel. Os artigos sobre o homicídio para a edição do dia seguinte estão prontos. Vai para uma sala de reuniões, na redação, e deixa-se cair pesadamente numa cadeira desconfortável.

Quer ficar sozinho. O seu corpo parece exigir silêncio. Pensa em Malin.

Onde estás, agora?

Somos duas almas inquietas que circulam nesta cidade e que, de vez em quando, se encontram para brincar ao amor. Durante algum tempo viveu enganado a pensar que brincavam ao amor. Mas, agora, não. Sabe, ou pensa que sabe, exatamente, o que quer de Malin Fors. E o que ela quer dele. Um meio de libertar uma quantidade enorme de energia sexual. E é por isso que se dão tão bem na cama: querem os dois a mesma coisa e sabem que quanto mais dura for a brincadeira, melhor.

Mas, por vezes, quando ela dorme ao seu lado e ele a vê dormir, tem dúvidas.

Será ela a mulher por quem espera? A sua?

Não, não vou arranjar lugar para este género de deceções. Daniel não sabe muito sobre ela. Mas no apartamento há muitas fotografias do seu ex-marido, Janne. Parece ter uma boa relação com ele e com a filha de ambos.

Onde estás agora, Malin Fors?

Daniel levanta-se.

Começa a andar de um lado para o outro, inquieto, como se quisesse acelerar o tempo.

Há chamas, nos seus sonhos.

Isso acontece, por vezes, depois de ter bebido muito. Chamas frias devoram-lhe os ossos, querem puxá-la para a escuridão e dizem em voz baixa: «Nós vamos destruir-te, Malin, destruir-te, mesmo que ouças o que temos a dizer-te.»

O que é que querem? O que querem dizer?

«Nada, Malin, nada. Queremos apenas destruir-te.» Há serpentes nos seus sonhos. E animais com cascos. E, quando acordar, vai lembrar-se dos sonhos, nitidamente, dessas imagens que fluem constantemente sem que seja possível dar-lhes uma ordem.

Há um rapaz no sonho.

Malin não sabe quem é, mas tenta afastá-lo, como se estivesse consciente, mesmo a sonhar. Esse é o mais sombrio de todos os sonhos, tão sombrio como o de Janne quando sonha com as crianças do Ruanda, cujas mãos foram cortadas com um machado e que ele alimenta no hospital dos refugiados.

E, então, ouve-se a voz das chamas:

«Achas que podes extinguir-nos?»

Arrogância, vaidade, avidez, Malin.

E ela acorda a gritar às chamas: «Silêncio! Silêncio!», mas continua embriagada e sente a cerveja e a tequila a dançar-lhe no estômago, lembra-se de ter cambaleado em direção à Igreja de Santo Lars onde tentara ler a inscrição sobre o pórtico. As letras desvaneciam-se diante dos seus olhos, mas ainda assim sabia o que lá estava escrito: «Abençoados são os puros, porque verão Deus.»

E depois?

Acordada a noite inteira, Malin pensa em Tove, tem saudades de Tove, sonha acordada com o corpo familiar de Janne, fica excitada e pensa em Daniel Högfeltdt.

Excitada. Sexualmente excitada. Só o álcool tem aquele efeito. Acaricia-se e vem-se em silêncio.

Será que agora vou dormir?, interroga-se.

Mas o sono não chega. O orgasmo incrusta-se-lhe no corpo, põe-lhe a cabeça a andar à roda e Malin puxa a coberta para cima, até tapar a cara. E quando a luz do dia começa a infiltrar-se aos poucos pelo cortinado da janela, finge estar morta, transforma-se em Theresa Eckeved. Tenta sentir o medo e o desespero da adolescente. Reviver o que se passou.

O seu corpo está vivo. Quer mais álcool.

Depois, pensa em Maria Murvall. Na sua silhueta, no quarto do Hospício de Vadstena. No mal que a atirou para aquele lugar.

Será o mesmo mal?

Naquele caso, os fios começam a misturar-se.

Um vibrador? Azul?

Seria uma lésbica? Lollo Svensson. Um agressor sexual? Um homem com uma deficiência? A equipa de futebol? Preconceitos, preconceitos, preconceitos. Peter Sköld. Nathalie Falck. A pessoa que informou da violação de Josefin Davidsson?

Silêncio. Suspeitas, preconceitos.

Mas, que outras pistas temos? E que fazer de Behzad Karami e de Ali Shakbari, em Berga? Maldito álibi familiar! Algum dos rapazes ou vários deles passaram dos limites e gostaram do que fizeram. E a dona do quiosque de gelados?

Mil possibilidades a considerar.

Areias movediças que precisam de ser aglutinadas e transformadas numa pedra preciosa.

É isso que a cidade exige.

Que os jornais exigem.

As vítimas e os seus familiares.

E eu própria.

Mas será que existe apenas uma verdade?

Depois desta última pergunta, a sua mente mergulha no sono, uma hora sem sonhos antes de acordar e começar um novo dia de investigações sobre o caso das infelizes raparigas de Linköping.

# CAPÍTULO 7

OS ÚLTIMOS RESQUÍCIOS da bebida da noite anterior parecem desaparecer quando o corpo de Malin mergulha na piscina de Tinnerbäckbadet.

Que frescura.

A água devia estar ainda mais fria, mas iria custar uma fortuna manter a temperatura baixa num verão tão quente como este. Nada quatro piscinas. Chega. Sente que o corpo já protesta com o esforço. Quer descansar. Mas, ao mesmo tempo, está a gostar da relativa frescura.

É melhor do que o forno em que se transformou o ginásio da Judiciária.

O seu corpo está a acordar.

Era de enlouquecer se não se pudesse tomar um banho num verão assim. Alguns nadadores-salvadores retiram as primeiras folhas que caem prematuramente nas águas do lago. Malin observa-os a trabalhar enquanto se seca.

Antes de sair de casa dá uma vista de olhos ao *Corren*.

O homicídio de Theresa Eckeved ocupa mais de seis páginas, mais uma entrevista de Karim Akbar, fotografias do local do crime, da casa dos pais, mas nenhuma declaração por parte destes. A fotografia de Theresa, do seu corpo no local em que foi encontrado, ainda no plástico, do seu rosto no bilhete de identidade e em fotografias particulares. Harry Lavén, uma raposa velha do jornalismo, deve ter ajudado Daniel Högfeltdt na reportagem.

Título na primeira página: «Morte Estival.»

Subtítulo: «O Mal espreita em Linköping.»

Está convencida de que foi o próprio Daniel Högfeltdt que escolheu os títulos. Ontem deve ter trabalhado que nem um doido, nem atendeu a sua chamada, sabendo que o objetivo dela não era falar do caso.

Malin pega nas suas coisas e dirige-se para o vestiário. Sente o cheiro penetrante do cloro, quase horripelmente agressivo, mais puro do que qualquer outra coisa.

Mas tu tens razão, Daniel, pensa Malin. A morte estival chegou à cidade.

À cidade chegaram repórteres de todas as redações de peso do país. Reuniram-se à entrada do Departamento de Investigação de Linköping, jornalistas de blocos e gravadores na mão, fotógrafos com as suas câmaras, carros da televisão estatal e da TV4; a morte estival é um sonho para os jornalistas.

Para entrar, Malin tem de furar por entre o monte de repórteres suados, se bem que também ela está suada depois do percurso de bicicleta que fez desde casa. Evita Daniel Högfeltdt, que lhe deita olhares cheios de subentendidos ao mesmo tempo que agita a mão e grita:

– Tens alguma coisa para mim, Malin? Já têm alguma pista?

Mas Malin ignora-o. Ignora todos os outros, também. Em parte, são rostos conhecidos de outras investigações.

Na entrada, choca com Karim Akbar que veste um fato impecável de algodão bege e uma camisa azul-clara que lhe fica muito bem, em contraste com o bronzeado mais carregado do que é habitual, depois dos dias de sol em Västervik.

Malin não se surpreende de o ver ali, mas também não se alegra por isso. Sabia que ele não iria conseguir manter-se afastado quando se lhe oferecia a oportunidade de uma cobertura jornalística de primeira classe.

– Malin! – diz ele. – Ainda bem que estás a chegar. Achei melhor voltar para conduzir a conferência de imprensa e ocupar-me da investigação.

– Bem-vindo a casa – diz Malin. – Mas a investigação está sob controlo. Sven é uma das cabeças mais experientes da polícia. Não ias escrever um livro neste verão?

– Esquece o livro, agora, Malin Fors. A conferência de imprensa é às nove horas. Daqui até lá vão ter de esperar lá fora.

– Já sabes o que vais dizer, Karim?

– São oito e quinze. Vamos ter de fazer uma reunião imediatamente. Martinsson e Sjöman já chegaram. Porque é que tu...

Karim contém-se. Olha Malin nos olhos, nota o cansaço dela e desiste de dizer o que tinha em mente.

Em vez disso, pergunta:

– E Tove? Como está ela, lá, em Bali?

Malin sorri:

– Muito bem, pelo menos até há pouco, quando falei com ela. Obrigada pelo cuidado. Mas vai ser bom quando ela voltar para casa.

– Imagino – diz Karim.

São exatamente oito e meia da manhã.

O ar condicionado da sala de reuniões zumbe furiosamente. Já estão os quatro sentados à mesa. As persianas da janela que dá para o parque infantil estão descidas, para evitar a entrada da luz forte do dia.

Quatro polícias.

Uma manhã de segunda-feira, depois de um fim de semana em que três deles trabalharam. O cansaço chega aos poucos, disfarçadamente, apesar da adrenalina que lhes corre nas veias durante uma investigação importante.

Um chefe, um procurador e dois inspetores: muito pouca gente para uma investigação daquela envergadura. E os quatro sabem disso. Sabem também que alguns colegas vão ter de ser chamados e forçados a interromper as férias. Ou, então, vão ter de recorrer a colegas dos distritos vizinhos. Há ainda uma terceira hipótese: convocar elementos da polícia central do reino, a Rikskrim.

Sven Sjöman é o primeiro a falar:

– Somos muito poucos para este caso, já sabemos isso. A minha proposta é a seguinte: pedimos reforços à Rikskrim. Assim, não precisamos de chamar os colegas que estão de férias ou os das esquadras vizinhas.

– Nada de Rikskrim – diz Karim. Malin já sabia que era isso que ele iria dizer. – Já falei com os distritos de Motala, Mjölby e Norrköping. Vamos receber Sundsten, de Motala, e Ekenberg, de Mjölby. Em Norrköping, estão nas mesmas condições que nós, sem gente suficiente, de modo que não podem mandar ninguém. Mas Sundsten e Ekenberg vão chegar ainda hoje ou, o mais tardar, amanhã. Do nosso pessoal, Börje está em África e Johan algures com a família, no Småland, acho eu.

– Ekenberg – explode Zeke. – Vamos mesmo ter de aguentar essa besta?

Malin sabe onde Zeke quer chegar. Waldemar Ekenberg é conhecido por ser um bruto que, como por milagre, escapa sempre às investigações. Mas também tem os seus admiradores e apoiantes entre os colegas: Waldemar Ekenberg consegue sempre pôr a máquina a mexer quando é preciso.

– Vamos ter de aceitar quem está disponível – diz Sven. – Eu mesmo vou estar atento a esse Ekenberg.

– E Sundsten, quem é?

– É novo. Esteve na Rikskrim em Kalmar, um ano antes de ser transferido para Motala. Bastante esperto, pelo que dizem.

– Ótimo – diz Zeke. – Precisamos de toda a ajuda de que pudermos dispor.

– Nisso tens razão – concorda Malin.

– Quanto mais penso nestes dois casos – continua Zeke – mais fica tudo confuso e difuso, mais ou menos como olhar para o fogo: fixas uma chama, achas que estás a vê-la, mas logo a seguir ela desaparece e é substituída por outra chama.

Sven respira fundo, o que faz com que comece a tossir violentamente. O seu rosto, normalmente vermelho, fica ainda mais vermelho e Malin preocupa-se, pensa que o calor está a prejudicar o já cansado coração de Sjöman.

– Muito bem – diz Karim. – O que é que temos? O que é que já sabemos? Podem atualizar-me sobre o assunto?

– Malin?

Sven ainda não recuperou do ataque de tosse.

– Estamos perante dois crimes – diz Malin. – Em princípio, estamos convencidos de que se trata do mesmo criminoso. Na quinta-feira de manhã, Josefin Davidsson foi encontrada no parque municipal, violada, provavelmente com um vibrador azul. Tinha vários ferimentos, limpos e bem tratados. Continua no Hospital da Universidade e não se lembra de nada do que lhe aconteceu. O crime de natureza sexual levou-nos a verificar o comportamento de um homem recentemente libertado, acusado do mesmo tipo de crime, todavia, o seu álibi foi considerado inatacável. Uma investigação porta a porta não deu resultados positivos. Ninguém viu, ninguém ouviu nada. Nenhuma outra testemunha foi encontrada ou prestou qualquer informação sobre o caso. A provável utilização do vibrador também nos levou a considerar a hipótese de se tratar de uma mulher, eventualmente uma lésbica. Esta pista levou-nos a Louise «Lollo» Svensson, que se recusou a deixar-nos entrar em sua casa. Por isso, pedimos e conseguimos um mandado de busca que executámos ontem. Resultado: zero. Ela desafiou-nos a suspeitar de toda a equipa feminina de futebol. O departamento técnico está agora a verificar o computador dela, para ver se encontram indícios de ela ser a Lovelygirl, o nome encontrado como sendo de uma amiga, na lista do Facebook de Theresa Eckeved.

Malin para, fica em silêncio.

Hesita.

Não diz nada sobre a linha de investigação que a levou, a ela e a Zeke, ao encontro do infeliz Paul Anderlöv. Vai ficar de fora. É melhor deixá-lo em paz.

E continua:

– Os pormenores estão nos relatórios, embora, como é natural, eu proteja a identidade dos meus informadores. Ah, sim, também investigámos as atividades de Ali Shakbari e Behzad Karami. Mas eles também têm álibis, embora sejam álibis fornecidos por familiares.

– Já sei – interrompe Karim, notoriamente irritado, mais uma vez, pelos preconceitos que julga existir na investigação.

– Tento apenas atualizar as tuas informações, Karim – diz Malin, calmamente. – Para que possas fingir, desculpa, quero dizer, para que possas contar a verdade aos jornalistas.

– Deixa-a continuar – pressiona Zeke.

– E depois, ontem, foi encontrado o corpo de Theresa Eckeved, assassinada, na praia de Stavsätter. Estava enterrado e envolvido num saco de lixo, de plástico transparente, e foi o cão de um dos banhistas que farejou o cadáver. Após uma avaliação rápida e preliminar, Karin Johannison, do Laboratório de Medicina Legal, constatou que Theresa Eckeved foi também vítima de uma penetração vaginal feita, provavelmente, com um vibrador azul, o que nos deixou convencidos, claro, de que ambos os crimes foram praticados pela mesma pessoa e, por isso, estão ligados entre si. A causa da morte de Theresa foi estrangulamento, mas também foi agredida na cabeça com um objeto contundente. Muito provavelmente, foi assassinada na praia. E o seu corpo foi igualmente limpo, segundo a análise de Karin, com um produto de limpeza de nome Klorin, exatamente como o corpo de Josefin Davidsson. Além disso, as feridas também foram escrupulosamente limpas e alisadas com um instrumento muito afiado, talvez um bisturi.

– Quer dizer que temos um doido à solta na cidade?

Malin fica surpreendida com as palavras animosas de Karim, muito mais despretenciosas do que as que costuma usar.

– Parece que sim – confirma Zeke.

– É um ser humano – contrapõe Malin – não se usa a palavra «doido» para uma pessoa perturbada, talvez doente.

Malin pensa nos ferimentos das raparigas, em como são iguais e, ao mesmo tempo, tão diferentes, como se tivessem sido feitos por alguém ainda inexperiente.

– Um bisturi? – pergunta Karim, interrompendo a linha de pensamento de Malin. – Quem é que pode ter um bisturi?

– *Talvez* um bisturi – diz Malin. – Talvez. E, por outro lado, qualquer pessoa pode comprar um bisturi numa farmácia.

– Será que devemos pôr Josefín Davidsson sob proteção? – pergunta Karim, depois.

– Se o assassino quisesse matá-la, certamente já o teria feito – diz Sven. – Ela não tinha ar de quem pudesse fugir.

– Temos de falar com os pais – diz Karim, antes de continuar. – Vocês fizeram um bom trabalho.

– Fizeram, sim – concorda Sven.

– Mas ainda não chegámos a sítio nenhum.

Zeke tamborila com os dedos em cima da mesa.

– Zeke, ela foi encontrada ontem – diz Sven.

– Theresa, sim, mas nós tínhamos em mãos o caso de Josefín. E ainda nem sequer sabemos quem nos telefonou.

E o silêncio instala-se na sala de reuniões. Todos sabem que os primeiros minutos, horas, dias, são os mais importantes em qualquer investigação. Sabem que, com o passar do tempo, qualquer caso fica escorregadio, começa a escapar-se dos dedos dos investigadores, por mais experientes e talentosos que sejam. Se a verdade permanece oculta por muito mais tempo, as suas vidas mudam, ainda que impercetivelmente, mas mudam.

– Os reforços estão a chegar – diz Sven. – A partir de agora, podemos acelerar as investigações. Proponho que Sundsten e Eckenberg confirmem os álibis dos agressores sexuais da área. – E, continuou: – Já tenho a lista pronta. E, depois, irão bater às portas dos vizinhos dos pais de Theresa, em Sturefors. Talvez alguém saiba alguma coisa. Vocês, Malin e Zeke, vão fazer o quê?

– Pensámos falar com a dona do quiosque de gelados. Não conseguimos encontrá-la ontem. Ou, melhor dizendo, ela desapareceu antes que tivéssemos tempo de falar com ela.

– Ótimo. Falem com ela e vejam onde isso nos poderá levar. E o que dizem os banhistas? – inquire Karim, num tom quase de súplica.

– Zero, nada<sup>3</sup>, *niente*<sup>4</sup> – diz Zeke. – Nenhuma nova testemunha se apresentou. Nenhuma sugestão nova. Toda a cidade parece estar em coma.

– Ela costumava tomar banho naquele sítio? – pergunta Sven.

– Eles têm piscina em casa, mas a mãe de Theresa afirmou – diz Malin – que a filha costumava ir de bicicleta até lá, de vez em quando.

– Talvez ela tenha ido até lá para dar um mergulho no lago?

Malin concorda.

– Pode ser.

– Como é que vamos apresentar o assunto à imprensa? – pergunta Karim.

Ele pede-nos ajuda para encarar a imprensa. Alguma vez tinha de ser a primeira, pensa Malin.

– Diz-lhes que não podemos prestar declarações, para não prejudicar a investigação – avança Zeke.

– Alguma coisa temos de lhes dizer – contradiz Sven.

Nesse caso, diz-lhes que pensamos que o homicídio e a violação estão ligados.

Malin ouve a sua própria voz soar cheia de segurança, embora ainda não tenha a certeza de nada.

– Muito bem, faremos como dizes – concorda Karim.

– E a equipa feminina de futebol? – intervém Sven. – Telefonem para o treinador ou treinadora. Afinal, Louise Svensson mencionou a equipa. Isso pode significar alguma coisa. Temos de seguir todas as pistas.

Malin faz uma careta.

– Ela não estava a falar a sério. Quis ser irónica. E a minha fonte não se referiu à equipa.

– Mas telefona – insiste Sven. – Mesmo assim, telefona.

– Como é que se chama o treinador? – pergunta Zeke.

– Treinadora – corrige Sven. – Chama-se Pia Rasmefog. Aparentemente, é dinamarquesa.

Karim parece refletir. Não sobre telefonar, ou não, a Pia Rasmefog, mas sobre outro caso qualquer.

– Nervoso por ter de enfrentar as hienas? – pergunta Zeke, a sorrir.

– Sabes bem que esta é a minha praia, Martinsson – responde Karim, com uma confiança quase inquietante.

<sup>3</sup> Em português no original. (*N. do T.*)

[4](#) Em italiano no original. (*N. do T.*)

## CAPÍTULO 8

NA REALIDADE, FARÁ ALGUM SENTIDO telefonar a Pia Rasmefog? Não será apenas um preconceito?

Malin está sentada à secretária.

– Queres dizer que é preconceituoso meter no meio da investigação a equipa feminina de futebol, só porque o homicídio e a violação podem ter sido cometidos por uma lésbica?

Zeke está um pouco afastado, junto da janela que dá para o parque de estacionamento. As carroçarias dos carros queimam, à luz do sol.

– Eu acho que não, Malin. Mesmo que Lollo Svensson tenha mencionado «toda a equipa feminina» por ironia, não podemos deixar de verificar. E Viktoria Solhage também jogou futebol. A equipa aparece várias vezes e em diferentes situações na investigação.

– Claro, mas foi tudo por causa da observação da Lollo. Não significa nada.

– Toda a gente sabe que nas equipas femininas de futebol há muitas lésbicas.

Dás-te conta do que estás a dizer, Zeke? É uma completa idiotice.

E não é verdade?

– Então, telefona tu. O número dela é o um, quatro, zero, um seis, zero.

O telefone toca três, quatro vezes, antes de alguém atender do outro lado da linha. O rosto de Zeke está tenso.

Malin está curiosa, quer ver como vai ele colocar a questão a Pia Rasmefog. Malin leu no *Corren* entrevistas com a treinadora dinamarquesa, sabe que ela é um osso duro de roer e que não se vai deixar levar.

– Bom dia – diz Zeke. E Malin repara que a voz dele está mais rouca do que o normal, embora se exprima com mais clareza. Mas está nervoso. Não sabe ainda como abordar Pia Rasmefog.

Fala o inspetor Zacharias Martinsson, da Polícia de Linköping. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Pode dar-me alguns minutos?

O seu vocabulário é mais cauteloso do que habitualmente.

– Agradeço-lhe a gentileza. A equipa feminina de futebol foi citada várias vezes durante a investigação do homicídio de Theresa Eckeved... Em que contexto? Infelizmente, não lhe posso dizer... Não, nenhuma jogadora em especial, mas de uma maneira geral... Sim, é possível... Mas... Oh, claro que é um preconceito, mas acalme-se... Estamos a falar de um crime muito sério...

E, então, de repente, Zeke assume o comando da conversa. Pia Rasmefog parece compreender que a polícia, apesar de tudo, é obrigada a questioná-la uma vez que a «equipa feminina de futebol» aparece citada na investigação, mesmo que seja apenas de passagem.

Há alguma jogadora que considere ser mais propensa a algum tipo de violência? Mais do que as outras. Não? Alguma que tenha mudado de atitude nos últimos dias? Também não? Nada que possa ser-nos útil?

Zeke afasta o telefone do ouvido, a conversa parece ter chegado ao fim.

– Ficou furiosa. Nem sequer respondeu à última pergunta.

Karim Akbar volta-se em todas as direções sob os *flashes* das câmaras, que parecem afirmar: «Tu existes! Tu és especial!»

Resignados ou enervados, os jornalistas estão na sua frente, vestidos com roupas leves, próprias para o calor que se faz sentir, mas ainda assim com a atitude típica da boémia jornalística que Karim odeia.

Não é muito o que ele tem para lhes dar e, em especial, Daniel Högfeldt e aquela colérica mulherzinha do *Aftonbladet* não deixaram de criticar as suas reticências.

– Não pode responder a essa pergunta?! – reage Daniel quase aos gritos. – Para não prejudicar a investigação?! Não acha que o público em geral tem o direito de ser informado quando na sua cidade anda um assassino à solta? A preocupação cresce na cidade, todos sentimos isso. E com que direito a Polícia mantém sob sigilo as informações?

– Ninguém está a reter informações.

– Há alguma ligação entre os dois casos? – pergunta a mulher do *Aftonbladet*.

– Sobre isso, não vou dizer nada.

– Mas suspeitam de que sim?

– É uma das nossas hipóteses.

- E qual é a vossa teoria?
- Infelizmente, não posso responder a essa pergunta.
- Louise Svensson é suspeita de ter cometido um desses atos?
- Não, de momento, não.
- Quer dizer que o mandado de busca foi inútil, não?

Karim fecha os olhos. E mantém os olhos fechados por alguns segundos, mas depois ouve outra voz:

- Não há realmente nada que nos possam dizer?

Karim volta a abrir os olhos, ao mesmo tempo que um dos muitos jornalistas presentes atira outra pergunta:

- Segundo as nossas fontes, Louise Svensson é lésbica. Suspeitam de que possa haver uma ligação à comunidade homossexual?
- Sem comentários.

É cansativo, e Karim está mais nervoso do que nunca. De repente, sente vontade de abandonar o pódio, de voltar para o pontão, diante da casa de férias, em Västervik. Precisa de lhes dar algum alvitre para lhes calar a boca.

Nessa altura, atira a frase e ainda não tinha fechado a boca e já sentia que tinha cometido um erro.

– A investigação levou-nos a pesquisar a equipa feminina do Linköping Futebol Clube, do LFC.

– Porquê?

– Quer dizer que suspeitam mesmo de uma ligação lésbica, não?

– Isso não posso...

– Não serão os preconceitos no meio policial que vos leva a apontar as luzes para essa equipa?

– Algumas jogadoras em especial?

– Acha que isso vai prejudicar o futebol feminino?

As perguntas chovem como balas.

Que inferno, pensa Karim. Depois fecha novamente os olhos, por um curto momento, e pensa na família, no filho de oito anos que aprendeu a nadar há apenas uma semana.

O quiosque da praia de Sturefors está fechado.

A faixa a delimitar a área em volta do carvalho, onde ainda no dia anterior desenterraram o corpo de Theresa Eckeved, continua ali. Veem-se apenas

alguns banhistas e uma família com duas crianças pequenas. Estão sentados em cima de uma toalha na praia junto do lago, ao que parece, completamente alheios ao que aconteceu, quando, para Malin, o que aconteceu domina, enche toda a área, inclusive a atmosfera e os sons do local.

Slavenca Visnic.

Dona do quiosque naquela praia e de outro, na praia de Hjulsbro. E ainda um terceiro, em Glyttinge. As informações foram fornecidas pelas autoridades municipais. Ela administra os três quiosques em nome de uma sociedade comercial. Mas agora o quiosque perto do carvalho está fechado, o que é compreensível.

– Eu também não o abriria – diz Malin a Zeke, enquanto andavam de um lado para o outro, no calor da manhã, diante do quiosque, com o cuidado de procurar a sombra das árvores, o que não evitava que o suor lhes escorresse pela testa. A camisa branca de Zeke está colada ao corpo, tal como a de Malin.

– Não, as pessoas não vêm para cá, por isso ela também não.

– Vamos até Hjulsbro. Pode ser que esteja lá.

Há um número de telemóvel nos papéis da autorização para funcionamento. Mas nenhuma resposta, ninguém atende a chamada.

– Espera por mim no carro – diz Malin. Zeke olha para ela, acena com cabeça e segue, depois, pela encosta na direção do prado onde o calor parece criar algum silêncio, como se o calor fizesse com que todos os seres vivos entrassem num novo tipo de hibernação – a hibernação estival!

Malin dirige-se para a árvore, baixa-se e passa pela faixa delimitadora.

O buraco na terra.

Não há vermes a arder, mas, mesmo assim, a sensação de que, do solo, a qualquer momento, vai sair um jacto de chamas destruidoras.

Theresa já não está ali, mas Malin ainda pode ver o seu rosto.

Um olho aberto, o outro fechado. As marcas de dedos no pescoço. O corpo branco, lavado e bem esfregado, e os ferimentos escuros como se fossem planetas perdidos, a brilhar no espaço sideral.

E Malin interroga-se. Como é que vieste aqui parar? Quem te fez isto? Não tenhas medo. Jamais irei desistir.

*Promete-me, Malin Fors, que nunca desistirás de procurar quem me fez mal.*

*Gostaria de tocar nos teus cabelos loiros e quentes, mas os meus dedos, as palmas das minhas mãos, já não existem, embora eu te veja nitidamente do lugar onde flutuo, por cima de ti.*

*As raparigas.*

*Eu, Nathalie.*

*E Peter. Sabes muito bem o que temos em comum. Mas ainda assim, não compreendes o que isso significa. O meu pai também nunca compreendeu. Não queria ver, talvez, o que eu era, o que eu sou.*

*Passou-se quase a mesma coisa contigo, Malin, com o teu pai. Atribuias as culpas à tua mãe, pensavas que ela se interpunha entre ti e ele, sempre a queixar-se e a troçar dos cuidados que ele tinha contigo. Talvez. Mas podia ser outra coisa, não é verdade?*

*Tu estás muito próxima de mim, Malin.*

*Mas estás longe de o saber.*

*Portanto, não desistas.*

*Porque, embora eu saiba o que aconteceu, só tu poderás contar a verdade ao meu pai e à minha mãe.*

*Talvez a verdade possa ajudá-los, quem sabe? Para mim, já nada disso tem qualquer importância.*

*Talvez eu seja, justamente, a verdade em pessoa. A única verdade pura e clara de que um ser humano precisa.*

O vento sopra nas folhas do carvalho, fá-las estremecer. É um vento quente – mas haverá uma ligação, fios entrelaçados entre si capazes de nos indicar a direção certa?

A água do lago quase parece ferver com o calor. Escaldante e quieta, mortalmente envenenada, mas, ao mesmo tempo, infinitamente atrativa: «Mergulha em mim que eu te levarei para o fundo do lago.»

O que fazia ela aqui? Não era um mau sítio.

Malin ajoelha-se junto do buraco, o túmulo efémero.

Mexe na terra com a mão, o que lhe deixa os dedos sujos, escuros.

Tem a camisa colada às costas.

– Você, aí – ouve-se a voz de um homem. – Não pode estar aí dentro.

O homem da praia. A fazer cumprir o regulamento. Mas também a mostrar respeito por ti, Theresa.

Malin levanta-se.

Tira desajeitadamente a carteira da algibeira da frente da saia de ganga. Mostra-lhe o crachá.

– Malin Fors, polícia.

– Espero que vocês consigam deitar a mão ao malvado que fez isto – diz o homem na sua direção, mas já com o olhar virado para o horizonte, para o prado em que o verde já amareleceu.

## CAPÍTULO 9

O QUIOSQUE DA PRAIA FLUVIAL de Hjulsbro também está fechado. Apesar de poder fazer bom negócio num dia como aquele. Algumas centenas de banhistas sentam-se nos declives que dão para o rio. O barulho da represa, um pouco mais abaixo, atravessa a atmosfera e chega até ali. As turbinas rodam à velocidade máxima e atiram para o ar um leve aroma metálico.

– É bonito, isto aqui – diz Zeke, sentando-se à sombra de um pinheiro.

– Tenho a certeza de que nem sequer é refrescante, a temperatura da água deve estar, pelo menos, a trinta graus.

– É... E até que ponto estará limpa?

– O suor dá uma vontade tremenda de tomar banho – diz Malin, ao mesmo tempo que faz deslizar uma pequena folha entre os dedos. A folha é macia e quase fria num dos lados, áspera e quente do outro.

Também o quiosque diante da piscina de Glyttinge está fechado. A piscina privada é um sucesso num verão como este. Para lá da cerca em volta da área, Malin e Zeke podem ouvir o barulho dos banhistas, os seus gritos, chamando-se uns aos outros, os seus risos de felicidade.

Não é de estranhar que a piscina esteja cheia. É o bairro onde moram os pobres e os imigrantes, por aqui as férias são passadas em casa.

– Vamos a casa da Slavenca Visnic. Talvez esteja doente.

– De qualquer forma, é muito estranho que os três quiosques estejam fechados nesta época – comenta Malin. – É agora que eles dão mais dinheiro. E se ela não está presente em nenhum deles, devia ter contratado alguém.

– Também já tinha pensado nisso, Malin.

– Há qualquer coisa que não bate certo.

– É certamente este calor que nos faz pensar assim. Vamos aproveitar e dar um mergulho? Para aclarar as ideias?

– Trouxeste fato de banho?

– A minha pele é suficiente, não?

– Já estou a ver a manchete no *Corren*: «Polícias nus na piscina de Glyttinge.»

– O senhor Högfeldt iria gostar – diz Zeke.

– O que é que estás a insinuar?

– O que é que estou a insinuar?

– Sim.

– Nada de especial. Calma aí, Malin.

Mas o apartamento de Slavenca Visnic na Gamlegården 3 B, no bairro de Skäggetorp, está deserto.

Ninguém abre a porta quando tocam à campainha. Nenhum ruído sai do apartamento e não se consegue ver ninguém através das persianas das janelas do rés-do-chão. Veem apenas os contornos dos móveis na obscuridade: um sofá, uma mesa, algumas poltronas e uma estante quase vazia de livros, um soalho que parece ser de tacos de carvalho.

– Será que esta mulher existe realmente?

– Quase somos levados a crer que não – responde Zeke.

– Talvez ela tenha partido em viagem para o estrangeiro, ou apenas numa excursão de um dia.

– Agora, com três quiosques a cargo dela?

– Vamos ter de investigar os seus antecedentes. O departamento de imigração deve ter essas informações, deve saber de alguma coisa. Vou tratar disso – diz Malin.

Nesse momento, o seu telemóvel toca.

Sven Sjöman.

– Telefonou uma mulher que andou a correr na pista de Ryd ontem à noite. Disse que se sentiu observada, que alguém estava a segui-la. Estão com tempo para ouvir o que tem a dizer?

– Sim, não há mais nada a fazer aqui.

Um nome.

Um endereço, mais abaixo, na rua Konsistoriegata.

Linda Karlå oferece-lhes um sumo de maçã bem gelado na cozinha do seu apartamento de duas divisões, mobilado com gosto. O apartamento faz parte de uma construção da década de 1930, de cor bege, bem conservada.

Pertence a uma das mais antigas associações de moradores da cidade, com preços absurdos por metro quadrado.

Estão sentados à mesa, a beber os seus refrescos. Linda Karlå pede desculpa por lhes tomar o tempo. Zeke explica que estão interessados em tudo o que tiver ligação à violação e ao crime.

– Eu estava na pista, a correr – diz Linda Karlå. – Corro bastante. Não com tanta frequência na floresta de Ryd. Não sei, de repente fiquei com a sensação de que alguém estava a observar-me, lá ao fundo, na floresta, à minha espera. Não vi nada, mas estava lá alguém. Podia ser um homem. Ou uma mulher. Só sentia que estava a ser observada. E quando corri mais depressa, alguém me seguiu. Era como se alguém deslizesse no chão. De qualquer forma, foi assim que senti o som. Mas eu sou rápida a correr, e consegui chegar ao parque de estacionamento.

– Mas não viu nada de concreto? – pergunta Malin, com um tom de curiosidade na voz.

– Não. Mas estava lá alguém. Achei que deviam saber. Talvez o criminoso more em Ryd?

– Talvez. Se for um «ele». Ou se foi ele.

– De qualquer forma, fiquei com muito medo.

– Evite a pista de Ryd durante algum tempo – diz Zeke. – Continue a correr, mas de preferência nas vias públicas, até pormos ordem nas coisas.

Linda Karlå parece ficar mais tranquila. Quase surpreendida por eles levarem as suas suspeitas tão a sério.

– Talvez seja até melhor aproveitar este tempo para nadar – diz ela. – Há piscinas ótimas em toda a cidade.

Já na rua, a caminho do carro, Zeke vira-se para Malin e pergunta:

– O que achas desta história?

– E o que é que tu achas que eu acho da porra desta história?

Já passa das duas horas quando voltam ao departamento. Fazem um almoço rápido no restaurante do Ikea, em Tornby, com a grande superfície cheia de gente a fugir do calor e a ver as promoções de verão.

Karim Akbar está de cara fechada, diante do seu computador, no lugar que ele próprio arranjou na sala ampla dos inspetores, um complemento para a sua grande sala individual, no andar de cima.

– Que será que o preocupa? – pergunta Zeke, ao mesmo tempo que enxuga o suor da testa e afasta do corpo o tecido da camisa.

– Não faço a menor ideia – diz Malin. – Já reparaste que está mais fresco aqui dentro, que os técnicos conseguiram finalmente pôr o ar condicionado a funcionar?

– Está perfeito – diz Zeke. – Não devem estar mais de vinte graus.

Karim chama-os com um aceno.

Dois ecrãs abertos no ecrã gigantesco: o *site* do *Aftonbladet* e o do *Corren*.

Ambos os jornais publicaram na primeira página o comentário dele sobre a equipa de futebol.

«Uma assassina lésbica?» É o título do *Aftonbladet*, com a fotografia da equipa. O texto começa por dizer: «Segundo o chefe da polícia, Karim Akbar, as investigações estão agora direcionadas para a equipa feminina de futebol de Linköping...»

No *Corren*:

«Assassínio ou preconceito?»

«...os motivos que levam a polícia a investigar a equipa ainda não são claros...»

Em ambos os *sites*, citam-se as palavras de Pia Rasmefog.

Ela sente-se ofendida pelo facto de a equipa ter sido acusada sem que tenham sido apresentados dados concretos, apenas porque certos aspetos fazem pensar em lésbicas. A polícia terá ido atrás do velho preconceito de que o futebol feminino é praticado maioritariamente por lésbicas. E, pior ainda, segundo Pia, é a indicação de que as lésbicas são particularmente violentas, um mal-entendido que permanece na nossa sociedade.

Isso mostra a que ponto a polícia é limitada, escreve o *Aftonbladet*, citando-a.

– Que merda! – exclama Zeke. – Como é que isto aconteceu, Karim?

– Limitámo-nos a fazer-lhe um telefonema – diz Malin. – Com base numas palavras ouvidas durante um interrogatório. Não estamos a investigar nenhuma equipa de futebol. O que lhes disseste na conferência de imprensa?

Malin vira-se para Karim, espera vê-lo constrangido, talvez envergonhado pelo erro que cometeu, mas, em vez disso, ele faz um ar de vítima.

– Eu disse que a equipa feminina foi mencionada no âmbito da investigação.

– E porque é que disseste uma coisa dessas?

Eles encostaram-me à parede e eu quis dar-lhes um osso para roerem. E, por pura idiotice, disse isso. Foi o que me veio à cabeça! Mas, por outro lado, talvez este alarido traga alguma coisa à superfície.

Sven Sjöman aproxima-se. Não consegue esconder um sorriso, ao ler o que está no ecrã.

– Podemos publicar um desmentido – diz ele.

– Nada de desmentidos – diz Karim. – Vamos ver como as coisas evoluem.

O talento de Karim para manipular os *media* sempre impressionou Malin. Além da sua capacidade para enfrentar os holofotes. E agora aquilo. Que fiasco.

Consideram-nos os últimos dos idiotas. Bater nos homossexuais de serviço!

O calor põe-nos o cérebro a ferver, pensa Malin, ao dirigir-se para a sua secretária.

Olha para Karim de longe. O seu corpo musculado no fato de linho, afundado na cadeira, revela um cansaço estranho, como ela nunca lhe viu antes, como se estivesse farto daquele circo mediático e daquela troca ridícula de informações e de opiniões, como se procurasse desesperadamente a clareza: preto e branco.

Felicidades, Karim, pensa Malin. Há milhões de anos que o mundo não é preto e branco. Hoje, é composto de milhões de cores, a maioria chocantes e assustadoras, mas muito bonitas, excelentes razões para agradecer cada dia que se passa na Terra.

Nesse momento, o seu telefone toca.

– Fors.

– Aqui é Viktoria Solhage. Já li o que vem na Internet. Como deve perceber, estou muito desapontada.

– Viktoria, eu...

– Basta de preconceitos, Malin Fors. Eu confiei em si.

– Viktoria...

Clique.

Silêncio. Desligou. Nada mais.

Só o sentimento de que tudo está a ir por água abaixo.

# CAPÍTULO 10

O AR CONDICIONADO NÃO CHEGA aqui abaixo. Nem mesmo os ventiladores parecem funcionar. E as pequenas janelas que dão para o jardim estão evidentemente abertas, mas o ar que entra por elas é ainda mais quente do que aqui dentro.

É o ginásio na cave do edifício da Judiciária. Para Malin, um dos lugares favoritos ao cimo da terra.

Tem de vir aqui, apesar do calor.

Tem de vir, mesmo hoje, quando o ginásio faz lembrar o que deve ser uma das antecâmaras do inferno.

Dez minutos na passadeira são suficientes para lhe encharcar completamente a *T-shirt*. Julga estar prestes a desmaiar.

Pensa em Nathalie Falck. Quer ouvi-la de novo, mas o que pode ela acrescentar ao que disse antes? É preciso deixar o tempo fazer o seu trabalho. Tempo que eles não têm.

Um peso em cada mão, de quinze quilos, para cima e para baixo, para cima e para baixo, quinze vezes sem descansar.

Os seus braços são longos, magros, mas fortes, mais fortes do que parecem.

Cansada, de tal maneira que tem a sensação de ir vomitar. Já lhe aconteceu isso antes, ter de vomitar no balde verde que serve de cesto de papéis ao lado da porta de entrada do ginásio.

Na maioria das vezes, está sozinha no ginásio. Os outros preferem treinar na cidade.

Mas Malin gosta da sensação de estar numa gruta, às vezes, na companhia do colega Johan Jakobsson, quando ele consegue ter tempo entre a ida à creche buscar e levar as crianças e ficar com a consciência pesada em todos os sentidos. Malin pode ver como a vida em família o deixa cansado, como começam a aparecer rugas na sua testa, antes tão lisa e tão jovem.

Estou com trinta e quatro anos. Também eu podia ter mais rugas na testa. Ainda que deteste as que já tenho.

Vou ter de tirar de dentro de mim toda a merda que este verão trouxe consigo. Vou espremer essa merda de mim.

Tove vai regressar em breve.

Janne. Como é que eu posso sentir tanto a tua falta, se já se passaram mais de dez anos desde o tempo em que vivíamos juntos?

Separados um do outro, aproximámo-nos. Eu vejo-te à distância.

Pode o amor funcionar assim?

A sua mentira, ao dizer que não podia levá-los ao aeroporto. Tinham de ir a Skavsta para apanhar um avião da Ryanair até Londres e, em seguida, um voo direto para Bali, numa dessas companhias de voos *charter*.

As despedidas no *hall* de entrada do apartamento, há doze dias, como a cena de um filme na memória, sem som, sem cheiro, Janne e ela, a aguardar que um deles tomasse a iniciativa em relação ao outro, estranhamente silenciosos, como se os anos de desejos ardentes e de ausências sentidas, já ali no *hall* de entrada, ficassem bem expressos face à separação iminente.

*O que poderia ter sido.*

Ela a abraçar e a beijar Tove e Janne. E, depois, as habituais frases de despedida, a sensação de que novas frases seriam precisas, aquelas que as pessoas nunca pronunciam.

Malin notou o constrangimento dele quando ele abriu a boca e disse:

– Devias vir connosco.

Naquele momento, ela tinha querido bater-lhe, saltar para cima dele, chupar-lhe o sangue, mas, ao mesmo tempo, queria também ficar sentada ao lado dele, no avião, com a cabeça encostada ao seu ombro e Tove a dormir ao lado deles.

Mas, em vez disso, respondeu:

– Janne, que raios, tu sabes que é impossível! – E sentiu que já tinha dito aquelas palavras milhares de vezes, umas vezes sussurradas, outras gritadas. Tinham-se tornado uma espécie de esconjuro só deles e, assim, uma espécie de verdade.

Eles deixaram o apartamento. A amiga de Janne, Pecka, buzina na rua, febrilmente. Uma despedida chocante. Um mau augúrio.

E ela foi diretamente para a cama.

Não.

Foi diretamente para o apartamento de Daniel Högfeltdt, que a envolveu nos seus braços no meio da cama e a libertou da sua tristeza ao entrar nela. Foi bom.

Malin passa em frente da entrada principal do hospital ao sair do edifício da Judiciária.

Tinha ficado bastante tempo no ginásio, depois passara meia hora a falar com Ebba, na receção, sobre o calor e as filhas adolescentes. Ebba tem gémeas de dezasseis anos que são, realmente, um problema.

Depois, Malin fica sentada à secretária durante horas, a pensar, a transpirar, a livrar-se da papelada atrasada e a ler o relatório do departamento de imigração sobre Slavenca Visnic que um jovem colega lhe tinha enviado por correio eletrónico.

Foi rápido, pensa ela, ao ver o *e-mail* na caixa de correio. E, depois, lê no ecrã como Slavenca Visnic chegou da Bósnia em 1994. O relatório dizia que o marido dela e os dois filhos, de quatro e seis anos, morreram queimados, quando a casa em que moravam, em Sarajevo, foi atingida por granadas incendiárias; de como ela ficou prisioneira das tropas sérvias quando tentou fugir do inferno em que se transformou a cidade. De como eles a violaram durante duas semanas; de como o dia e a noite perderam o sentido; e como conseguiu fugir, mas se recusou a contar como, e ficou a vaguear pelas florestas e pelas estradas, noite e dia, até chegar a Dubrovnik, de onde conseguiu passar para a Itália, para mais tarde aparecer em Ystad, na Suécia.

Grávida. Aborto realizado na décima oitava semana, no Hospital de Norrköping.

Malin repara logo que as datas não combinam.

A data em que ela foi violada pelos sérvios e a data do aborto.

No mínimo, vinte e quatro semanas de intervalo.

Um ser vivo tinha morrido para permitir que outro vivesse.

A fotografia de Slavenca Visnic mostra uma mulher de cabelos escuros compridos, traços firmes, olhos cansados e zangados. Mas determinados.

Será ela? interrogara-se Malin. Será ela? pensa Malin, agora, ao olhar para as janelas do hospital, pontos iluminados em contraste com o céu que escurece para dar lugar à noite.

E prossegue o seu caminho, dirigindo-se com passos pesados para o parque, as árvores e a sua obscuridade.

Malin segue pelo caminho que leva ao pavilhão onde Josefin Davidsson foi encontrada nua, a vaguar. Ela própria movimenta-se lentamente, despe-se em pensamento e tenta imaginar o que poderá ter acontecido.

Tu queres raparigas novas. Lava-las completamente, limpa-las. O que é que te atrai nelas? A sua inocência? Porque é que matas uma e deixas viver a outra? Josefin conseguiu fugir? As feridas estão limpas, no caso de Theresa até as alisaste. Gostas de um trabalho bem feito?

Angústia e solidão.

Não quero estar aqui.

Balouços parados.

Os sons da cidade num ritmo lento, sonolento. O cheiro dos incêndios, omnipresente. Mas fraco, naquela noite. O vento sopra noutra direção.

Depois, um ruído estranho vindo de cima, da árvore. Está aí alguém? Alguém está a observar-me? Um predador?

Malin vira-se, uma figura negra investe na sua direção. Que merda é esta?

\*

*Foge agora.*

*Está a mover-se...*

*Eu grito ao teu ouvido, mas tu não ouves.*

*Eu desapareço.*

*Não quero ver, ouvir, não quero acreditar nisto.*

*Mas vamos voltar a ver-nos em breve. Se não me ouves, vamos voltar a ver-nos em breve.*

Sofia Fredén aceitou contra vontade o trabalho na cozinha do Hotel Frimis. Não queria trabalhar nesse verão. Mas era um trabalho bem pago e era fácil ir e vir de comboio de Mjölby, com a estação a poucos metros do hotel.

Agora está cansada, após um longo turno de serviço no meio do calor e da humidade. Caminha descontraída, o cérebro como que desligado, pela parte mais escura do parque Järnvägsparken, para descer a colina que leva à

estação. As luzes da cidade estão próximas, aqui nada pode acontecer-lhe. Pôs os auscultadores do iPod nos ouvidos e ouve música que carregou da Internet.

Passa diante de alguns arbustos densos, de um bordo e de um grande carvalho. Vai a cantarolar. É por isso que Sofia Fredén não ouve quando alguém começa a mexer-se entre os arbustos, atrás dela, não ouve os passos da figura que se aproxima, sente apenas a força de um braço que a prende por trás e pela cintura e, em seguida, sente que está estendida no chão entre quatro grandes arbustos de sorvas. O chão cheira mal, a urina, e ela tenta lutar pela vida.

O veado desaparece. Ao sentir a presença de Malin, o animal dá meia volta e desce para um lugar perto do Hotel Ekoxen.

O coração de Malin bate descompassadamente depois daquela súbita descarga de adrenalina. Entra no pavilhão, senta-se num dos bancos de madeira e tenta reviver as imagens que sente dentro de si. As pessoas, os lugares. Mas tudo se transforma numa massa cinzenta e sem forma. De repente, uma sensação de insegurança, uma claridade ofuscante apodera-se do seu corpo.

É um bom cartaz para Linköping, saber que na cidade os veados se atrevem a vir até ao centro.

Mas há mais do que um veado no parque. Não estão sozinhos nessa noite.

*Agora somos duas, Malin Fors.*

*Mas, Sofia Fredén ainda nada sabe da sua situação.*

*Vou tentar ajudá-la como puder.*

*Mas receio que o meu medo mal me sirva para tomar conta de mim mesma.*

*Acaba com a minha preocupação, Malin. É o que nós, seres humanos, deveríamos fazer uns pelos outros.*

*Sei isso agora, no lugar onde flutuo.*

# CAPÍTULO 11

TERÇA-FEIRA, 20 DE JULHO

O RELÓGIO DO INSTITUTO TECNOLÓGICO marca cinco horas e quarenta e dois minutos.

O dia já clareou. A bicicleta negra balança de um lado para o outro no asfalto. O caminho mais rápido entre a sua casa, em Stångebro, passa pelo Centro Cloetta, e segue, depois, pelo túnel por baixo da linha de caminho-de-ferro e do Järnvägsparken.

Está de ressaca.

Mas eu sou o Super-Homem, pensa Patrik Karlsson, enquanto pedala esforçadamente na direção do túnel.

A festa de ontem. Fizeram um churrasco lá em casa, no jardim. A mãe e o pai foram para a casa de campo e agora ele está a caminho do Hotel Frimis e do trabalho que costuma arranjar no verão para ganhar umas coroas a preparar o pequeno-almoço dos hóspedes.

Pôr ovos a cozer. Toalhas nas mesas. Nada de queques nas mesas se os turistas são alemães. Senão, eles metem-nos no bolso para os comer ao lanche.

Está mais quente no túnel. Mas são apenas alguns segundos. Passa pela agência de viagens e em seguida entra no Järnvägsparken.

Em volta, as casas construídas no início do século vinte, apartamentos fantásticos, cada um com dez divisões enormes. Ele sabe. Conheceu uma miúda que morava num deles, uma menina ótima que se chamava Cornelina.

Que porcaria de nome!

Será que a Sofia trabalha hoje de manhã?

Passa pelos arbustos na estrada. Aquelas árvores baixas que a mãe acha tão bonitas.

Mas...

Na encosta, entre os arbustos, à luz difusa do amanhecer está deitado um corpo. Aquela hora não devia haver ninguém ali deitado.

Patrik Karlsson para.

Deixa a bicicleta no relvado.

Sente-se agoniado por causa de todo o vinho que bebeu na noite anterior, mas mais agoniado ainda fica com o que está a ver.

Avança, cambaleando.

Há um corpo entre os arbustos.

Dá meia volta.

Não consigo.

O corpo está nu, branco, como se tivesse sido lavado, apesar do sangue que sai do ferimento.

O rosto.

Os olhos bem abertos, azul-claros, longe de estarem vivos.

Sofia. Que lava pratos na cozinha. Coisa que não vai fazer hoje. Nem nunca mais, pensa Patrik Karlsson, antes de soltar um grito.

– Aconteceu outra vez.

A voz de Zeke, mais cansada do que nunca, repara Malin. Cansada de uma maneira diferente, com uma modulação nova e estranha, não de resignação, mas de quase indiferença, o que ainda deixa Malin mais assustada.

Ela já viu essa indiferença em alguns colegas mais velhos. Espera que nem ela nem Zeke cheguem alguma vez a esse ponto, sobretudo Zeke, porque esse compromisso congénito que existe no seu olhar, esverdeado, duro, não pode extinguir-se nunca. Ou pode?

E ele repete tudo novamente.

E Malin, sentada nua na cama, em cima de um lençol suado, não quer absorver aquelas palavras, espera que tenham encontrado a rapariga ainda com vida, a vaguear por algum parque ou noutro lugar qualquer. Mas compreende pelo tom de voz de Zeke que não é o caso.

Acorda do seu sono sem sonhos com o toque do telefone.

Aconteceu outra vez.

Encontraram Josefin na quinta, Theresa no domingo e agora, dois dias depois, mais uma rapariga. Morta?

– Como está ela?

– O pior possível.

Malin cerra o punho para não deixar cair o telefone.

– Merda. Não devia ter acontecido.

– *You're right* – sussurra Zeke. – Está mais do que na hora de apanharmos esse filho da mãe.

São apenas duzentos metros da casa de Malin até ao local do novo crime. Ela caminha lentamente pela rua St. Lars, do lado da sombra. Deambula, mata o tempo, não quer ver aquilo que sabe que vai ver.

Não cheira a fogo, o vento sopra hoje noutra direção. Mas Malin ainda o sente a pairar sobre a cidade, o fumo, o barulho do fogo a consumir a madeira das árvores.

O calor. A imobilidade do verão. O medo.

A certeza de que o mal está à solta.

Fiquem em casa, meninas. Não saiam. Ou saiam em grupos, só durante o dia, fiquem atentas, enganem a morte que pode vir de qualquer lado.

O medo é um parasita que rouba lentamente a alegria de viver de uma cidade inteira. Se não conseguirmos acabar com ele depressa, pensa Malin.

Passa agora diante da redação do *Corren*, na rua St. Lars.

Daniel já deve estar no parque.

O Hotel Frimis.

Zeke disse-lhe que a vítima e o rapaz que a encontrou trabalhavam juntos no Hotel Frimis durante as férias.

Malin prefere pensar noutra coisa, menos naquilo que vai encontrar pela frente ao virar a esquina para o parque: dois carros-patrolha, muitas polícias, cordões de segurança e, evidentemente, muitos jornalistas e fotógrafos.

Arbustos baixos e densos, a ladear o caminho de cascalho.

Por detrás, um belo bosque. Serão rododendros?

Não. São sorveiras, limeiras e um carvalho.

Karin Johannison já se embrenhou no bosque.

Malin vê o tecido florido, de um vermelho-alaranjado, do maravilhoso vestido que ela já viu antes Karin usar.

Karin está inclinada sobre o corpo da rapariga.

– O nome dela é Sofia Fréden.

Malin nota cansaço também na voz de Karin. Nem indiferente nem resignada, antes cheia de compaixão, de empatia; coisa rara em Karin.

– Mais uma – diz Karin, no momento em que se levanta e encara Malin, com um olhar também de pena, mas ao mesmo tempo de raiva.

– Mais uma – diz ela, de novo.

E Malin concorda, olha para o corpo, os olhos fechados e o corpo bem lavado, esfregado, de uma brancura quase transparente. Cortes profundos e lacerados no peito, cuidadosamente executados, mas diferentes dos encontrados nos corpos de Theresa e de Josefín. O sangue que escorre dos ferimentos dá ao corpo um ar estranhamente tranquilo, graças ao contraste entre a pele branca e o vermelho do sangue.

O cheiro a Klorin é notório.

– Ela parece estar a arder – diz Malin. – Tens alguma ideia sobre os ferimentos? Alguma diferença em relação aos que foram feitos anteriormente nas outras vítimas? Parece que há mais sangue.

– Os ferimentos? – reage Karin. – Sim, são diferentes. Parecem ter sido feitos com garras. De um pequeno pássaro, de um porquinho-da-índia, talvez de um coelho ou de um gato. E porque há mais sangue? O assassino talvez não tenha tido tempo de a lavar, ou esperou que deixasse de sangrar. Afinal, estamos no centro da cidade.

Na voz de Karin não há vestígio da sua superioridade habitual, o que a torna mais agradável, mais doce.

Unhas de coelho.

De que é que estás à procura? Achas que todos os problemas se resolvem, que todos os teus desejos se realizarão se encontrares a rapariga certa?

Malin pensa nas coelheiras com coelhos na quinta de Lollo Svensson.

É como se ele, ou ela, estivesse a fazer experiências – diz Malin a Karin – os ferimentos são diferentes de cada vez.

– Pode ser, Malin. Mas não sei.

À distância, Malin ouve a voz de Daniel Högfeld:

– Malin, é o mesmo criminoso?

Mas é Karin quem responde à pergunta, em voz baixa. A resposta é dirigida a Malin.

– Partículas azuis na vagina, o corpo lavado, estrangulamento. Posso garantir-vos que estamos perante o mesmo assassino. – Malin olha Karin

nos olhos. Pisca-lhe o olho, em sinal de concordância. – Podia ser uma de nós, Malin, se fossemos mais jovens.

– E o rapaz que a encontrou?

– Está com Martinsson, no *Volvo*, no parque de estacionamento.

Patrik Karlsson está cheio de medo, no assento de trás, no carro.

Parece acreditar que vão considerá-lo suspeito.

– Não pensamos que tenhas alguma coisa que ver com o caso, Patrik. Nem por um segundo.

O ar condicionado no carro está a funcionar a toda a força, produzindo o som mais vulgar e mais agradável de ouvir naquele verão sueco anormal.

– Já verificámos o teu álibi – diz Zeke. – Sabemos que trabalhavam juntos. Neste momento, o que queremos é saber se nos podes contar alguma coisa sobre ela que nos possa interessar.

– Eu só falei com ela duas ou três vezes.

As suas bochechas de adolescente tremem.

Ela lavava a loiça. Estava sempre a dizer que preferia servir à mesa no restaurante de Tinnis, foi lá que trabalhou no ano passado.

Tinnis, pensa Malin. Dava uma fortuna para ir lá tomar um banho agora.

Eu não a conhecia. Mas, é claro, achava-a bonita. Mas, como eu disse, estava a caminho do trabalho e passei aqui por acaso.

Sofia, pensa Malin.

Voltava do trabalho. Ter-se-á cruzado com o assassino por acaso?

– Sabes onde é que a Sofia morava?

– Em Mjölby. Devia ir apanhar o comboio.

– Mjölby?

Malin fecha os olhos.

## CAPÍTULO 12

É UM DAQUELES DIAS em que ela gostaria de beber uma, duas, três, quatro cervejas ao almoço. E continuar a beber durante a tarde uma garrafa das grandes de tequila. Mas isso nunca acontece. Nunca cede a esse tipo de impulsos. E, em vez disso, uma reunião matinal tardia no departamento.

Karim Akbar está na extremidade da mesa, concentrado. O quadro branco atrás dele reflete uma luz pálida que perpassa pelas faixas das persianas descidas.

Sven Sjöman está sentado à sua esquerda, bolsas intumescidas por baixo dos olhos, barriga saliente sob uma camisa creme de algodão. Malin sabe que ele sofre muito com o calor, que é com mais dificuldade que os outros que ele aguenta aqueles dias infernais de verão. Nota que ele está cada vez mais cansado, já desde a primavera, mas não quis perguntar porquê. Não quis falar do que já era previsível. Não queria pensar no que aconteceria se ele desse parte de doente ou se o seu coração cedesse de repente. O seu mentor.

Zeke, sentado em frente de Sven.

De novo tenso como um arco, costas direitas, pronto para enfrentar tudo e mais alguma coisa. *I'll break for nobody!* O seu olhar é ávido, não tem nada a esconder, um homem sem máscara.

Pela primeira vez, os colegas de Motala e Mjölby participam na reunião conjunta.

Per Sundsten é uma versão mais jovem de Johan Jakobsson, sem filhos, magro, desportivo, de rosto aberto. Veste um fato de linho amarrotado e tem os cabelos um tudo-nada compridos de mais. Um olhar de inocência alerta e um nariz bem afilado que se inclina sobre os lábios. Parece inteligente, pensa Malin.

Waldemar Ekenberg tem uma longa carreira na polícia.

Um degenerado com uma tendência bem conhecida para a violência. Os cigarros marcaram-lhe o rosto com rugas profundas. É magro e parece mais velho do que os seus cinquenta anos. Os cabelos são grisalhos, sem vida.

Mas os seus olhos verde-claros têm uma vivacidade extraordinária. Parecem dizer: «Havemos de o apanhar, a esse filho da mãe...»

Karim dá início à reunião:

– Karin Johannison confirmou que os vestígios de tinta são os mesmos em todas as vítimas. Vão chegar mais pormenores técnicos ainda hoje ou, o mais tardar, amanhã de manhã. Portanto, estamos a lidar com o mesmo criminoso. Ou criminosa.

– Sim – diz Waldemar Ekenberg, com a sua voz clara e cortante. – Mas, à partida, não podemos contar que o criminoso esteja entre o círculo mais próximo das vítimas. Ao que parece, não há qualquer ligação entre as raparigas.

– É verdade – confirma Zeke, abanando a cabeça.

– Estudei o caso a fundo – diz Per Sundsten. – É como se estivéssemos diante de um fantasma, de uma pessoa que existe, mas que ao mesmo tempo não existe, não tem intenções definidas nem ligações.

– O que é que achas, Malin?

Há a expectativa de que ela vá dizer alguma coisa inteligente, algo que possa indicar a todos o caminho a seguir.

– Deve haver um padrão. Só que eu ainda não descobri qual é. Os pais de Sofia Fredén já foram informados?

Pensa na mãe de Theresa Eckeved caída no chão da entrada, lavada em lágrimas. O pai ainda manteve um certo controlo; no seu rosto podia ler-se: é agora que a infelicidade começa

– Persson e Björk, em Mjölby, encarregaram-se disso – diz Waldemar Ekenberg. – Bons tipos, vão conseguir dar conta do recado. Embora seja uma missão sempre delicada. E também vão interrogar os pais de Sofia. É necessário.

Uma missão delicada. Malin conhece bem as palavras, os rodeios, o distanciamento, para que o encontro com as pessoas seja suportável.

A seguir, um relatório resumido da situação, por Per Sundsten.

Bater às portas, ontem, na área de Sturefors, não deu resultado nenhum e os agressores sexuais que ele e Ekenberg contactaram tinham todos álibis perfeitos. Numa lista de dez pessoas, cinco foram contactadas.

– Vamos entrar em contacto, hoje, com as outras. Mas duvido que dê algum resultado.

– E ainda não conseguimos localizar a dona dos quiosques – diz Malin. – Ao que parece, está em viagem. Os quiosques estão fechados, em plena estação alta.

– E o fiasco com a equipa de futebol está mais ou menos esquecido – diz Karim. – É a vantagem quando as coisas acontecem uma atrás da outra. Ninguém tem tempo para se deter em insignificâncias. Mas foi uma intervenção idiota da minha parte.

Uma confissão para criar espírito de solidariedade, uma ação de retórica diante do grupo de investigadores. Um pequeno, pequeníssimo deslize, portanto, desculpem-me. E voltem a respeitar-me. De acordo?

Eu respeito-te, Karim. Tu és um chefe de polícia melhor do que a maioria, pensa Malin.

Sven toma a palavra.

– Nada ainda por parte do Yahoo ou do Facebook. Aparentemente, não têm a mínima vontade de dar informações. O Yahoo afirma que é necessário uma ordem judicial dos Estados Unidos. O Facebook nem sequer respondeu. E o computador de Louise Svensson está completamente limpo. Mas ela teve tempo de apagar tudo, uma vez que já esperava a nossa visita.

Sven respira fundo.

– Continuamos à procura do modelo do vibrador, mas de momento ainda não temos nada de concreto.

Em seguida, passa a mão pela cabeça.

– O que é que acham que podemos fazer?

Sven dirige as investigações, mas há a sensação de que a responsabilidade passa de um para o outro, como uma batata quente em que ninguém quer queimar os dedos.

O aparelho de ar condicionado geme, engasga-se e fica em silêncio.

– Que merda! Precisamente agora, que estava a funcionar bem! Daqui a pouco vai estar aqui um calor insuportável – diz Zeke.

Todos esperam que Sven tome uma atitude, lidere o grupo. Ele retoma a palavra:

– Sundsten e Ekenberg, vocês vão retomar a investigação e bater a todas as portas na área do Hotel Frimis. Falem com os colegas de Sofia Fredén. Malin e Zeke, vejam se conseguem encontrar a dona dos quiosques. E talvez esteja na hora de voltar a falar com Josefin Davidsson. Talvez ela se lembre, finalmente, de alguma coisa, não? Vão conversar com ela. E

esperemos que apareça uma nova testemunha, alguém que tenha visto ou ouvido alguma coisa. Ou que, em Mjölby, eles consigam alguma informação sobre Sofia Fredén que nos possa servir para ir em frente. Caso contrário, resta-nos aguardar o que o departamento técnico tenha a dizer. Mais alguma coisa?

Silêncio em volta da mesa.

– Muito bem – diz Karim. – Vamos trabalhar.

Um fantasma.

Zeke está junto da secretária de Malin.

«Como se o assassino quisesse transmitir alguma coisa».

– Da forma mais obscura possível.

– E depois, os ferimentos diferentes nas raparigas – comenta Malin.

– A limpeza. Os corpos lavados.

– Como se o assassino quisesse destacar a inocência das vítimas.

– A Josefin Davidsson ainda está no hospital?

– Temos de verificar. De qualquer forma, se não estiver no hospital, está em casa.

Zeke fica de pé diante da secretária de Malin enquanto esta faz um telefonema.

Espera que ela desligue.

– Está em casa. Aparentemente, saiu do hospital a seu pedido.

– Achas que agora poderá lembrar-se de alguma coisa?

– Acho que não. Mas vamos tentar de qualquer maneira.

Malin pensa em Maria Murvall que, com certeza, se lembra do ataque que sofreu na floresta, mas que o escondeu bem fundo; a sua consciência não é mais do que um segundo plano para certas funções básicas. Uma existência mais limitada do que a da maior parte dos animais.

É isso que o mal pode fazer a um ser humano?

Provavelmente.

Nesse momento, o telefone de Malin toca. É Ebba, da receção.

– É alguém que quer falar contigo, Malin, mas quer manter-se anónimo. Tem um sotaque muito marcado. Diz que é sobre o caso das raparigas.

– Passa-me a chamada.

A voz, o sotaque e os preconceitos surgem de imediato, embora Malin se recuse a aceitar essa ideia. O homem do outro lado do fio parece um

perfeito idiota; fala num sueco quase incompreensível.

Você conhece aquele maldito Behzad Karami. Ele não tem álibi de merda nenhum. A família está sempre a mentir. Ele sai à noite, e ontem à noite também saiu, que eu bem vi. Têm de voltar a interrogá-lo, ele mente a toda a gente. Tem atitudes esquisitas à noite, desaparece, e coisas assim...

Como é que ele pode estar tão seguro?, pensa Malin. Mas diz:

– Como é que o senhor se chama?

Não há número nenhum no visor do telefone. O homem, ou, melhor dizendo, o adolescente, deve estar a telefonar de uma cabina.

– Não me chamo nada.

– Espere...

Clique.

Malin vira-se para Zeke, que faz uma expressão interrogadora.

– Behzad Karami acaba de reentrar na nossa investigação. Vamos ter de o ouvir mais uma vez.

– *Sure*, mas por onde começar? Com Behzad Karami, Slavenca Visnic ou Josefin Davidsson?

Malin encolhe os ombros.

– Qual deles é que achas que tem ar condicionado em casa?

– Começamos pela Josefin – responde Zeke. – Essa Visnic, pelo que parece, não vai ser fácil de encontrar.

## CAPÍTULO 13

– NÃO É TAMBÉM POR AQUI que o Karim mora? – pergunta Zeke, ao mesmo tempo que enxuga grandes gotas de suor penduradas no lábio superior.

– É, sim. Ele e a família têm uma casa algures por aqui – responde Malin, pensando que Josefin Davidsson teve uma grande sorte em escapar com vida.

Acabam por estacionar perto de uma escola. Josefin mora com os pais numa casa geminada, em Lambohov.

As casas são pequenas, o sonho das famílias sem grandes pretensões, de madeira e pintadas de vermelho. As casas estão coladas umas às outras, em filas regulares, com canteiros de flores na frente e cercas laterais que tiveram tempo de crescer durante décadas, desde que as casas foram edificadas.

– Acho que o filho de Karim anda nesta escola – diz Malin, enquanto avança com Zeke na direção das casas geminadas. Param diante do número nove. Depois, atravessam o pequeno jardim e tocam à campainha. Mas a campainha está muda. Malin resolve, então, usar a argola pendurada na boca de um leão dourado que adorna a porta de entrada, pintada de verde. E assim que dá a primeira pancada com a argola, a porta abre-se e Josefin aparece por uma fresta.

– Bom dia. Ah, são vocês. O que é que querem?

– Queremos fazer-te algumas perguntas – diz Malin. – Queremos saber se já te lembras de alguma coisa do que aconteceu. Ou se te consegues lembrar de mais alguma coisa.

– Entrem.

Josefin abre a porta. Usa um vestido rosa-claro que lhe flutua em volta do corpo e tem os cabelos molhados. Segundo Malin, deve ter usado o chuveiro para lavar a cabeça. As ligaduras nos braços e nas pernas estão secas e limpas.

Josefin vai na frente, passam pela cozinha com armários brancos e prosseguem, entrando numa sala de estar, com dois sofás vermelho-escuros

postos um em frente do outro. Ao fundo vê-se um pequeno terraço com uma rede de dormir e móveis de plástico. A sala cheira a fumo de cigarro, a suor e a caramelo acabado de fazer.

Malin e Zeke sentam-se juntos de um lado e Josefin do outro, na sua frente. Pareces mais velha, aqui em casa, pensa Malin, como se os móveis e os tapetes de estilo antigo lhe roubassem a juvenilidade.

– Não me lembro de nada – diz Josefin. – E por que razão havia de querer lembrar-me?

Junta as mãos sobre os joelhos, com o olhar perdido ao longe.

– Os teus pais não estão em casa? – pergunta Malin.

– Estão no trabalho. – Josefin volta a encará-los.

– Eles podem ficar contigo, de acordo com a legislação de assistência à família, se não quiseres ficar sozinha.

– Assim, recebiam menos dinheiro. E eles preferem trabalhar.

– Não tens medo de ficar sozinha?

– Não, não me lembro de nada. E ter medo de quê? De que aconteça outra vez? Não me parece.

Medo da pessoa que te fez mal, pensa Malin. Eu estou com medo dessa pessoa. Tu também devias estar. Mas tens razão. De que serviria estar com medo? A possibilidade de o criminoso voltar a atacar-te é mínima. Se ele ou ela quisesse matar-te, já poderia tê-lo feito.

– Porque foste ao cinema sozinha? – pergunta Malin. – Em geral, costuma ir-se com amigos.

– Eu gosto de ir sozinha. Não gosto quando as pessoas conversam à minha volta durante o filme.

– Muito bem. Podes tentar lembrar-te? O que fizeste naquela noite? O que aconteceu? Procura lembrar-te de uma imagem, uma palavra, um cheiro, enfim, qualquer coisa que esteja na tua cabeça. Tenta. – Malin faz o possível para ser convincente. Enfaticamente, diz: – A memória funciona sempre. Tens de ajudar-nos.

Josefin fecha os olhos, concentra-se, mas logo em seguida abre-os de novo. Olha para Malin e Zeke, resignada:

– *Sorry!*

– E quando sonhas? – pergunta Malin. – Como são os teus sonhos?

– Eu nunca me lembro dos meus sonhos – responde Josefin.

A caminho da saída, Malin para diante do espelho, no corredor. Pela porta à esquerda vê Josefin pôr uma panela de água ao lume.

Sem saber porquê, Malin entra na cozinha, põe a mão no ombro de Josefin.

– O que vais fazer este verão? – pergunta. Josefin estremece e vira-se:

– Nada de especial. Tinha pensado trabalhar no quiosque da piscina de Glyttinge, mas despedi-me três dias depois. Preferi não trabalhar durante as férias.

Malin estaca a meio de um movimento.

– Portanto, conheces Slavenca Visnic, não?

Josefin ri.

– Acho que ninguém a conhece.

– Ela devia ter trabalhado para Slavenca Visnic, mas despediu-se ao fim de três dias.

Malin tenta manter a calma.

– Oh, diabo – reage Zeke. – Oh, diabo!

– E disse-me onde Slavenca deve estar. Ela acha que Slavenca não foi viajar.

– Como assim?

– Ela pode estar na floresta, a ajudar nos incêndios. Como voluntária. Aparentemente, terá falado incessantemente dos incêndios na floresta, quando começaram. Disse que certamente estavam a precisar de voluntários.

Talvez tenha razão. A família de Slavenca morreu num incêndio em Sarajevo. Uma granada atingiu o prédio onde ela morava.

Janne trabalhou na Cruz Vermelha na Bósnia. Viu muitos horrores, mas nunca falou muito sobre isso.

O silêncio.

A perda de memória.

O caminho em frente desaparece no fumo.

Os carros estão alinhados na beira da estrada que leva à frente de fogo. Os incêndios situam-se nas margens do lago Hultsjö, por isso, seguiram por Ljungsbro e pela estrada Tjällmoväg, através de florestas densas, o mesmo caminho que usaram no inverno anterior, no caso de Bengt Andersson.

Nenhum dos dois comenta a coincidência, ao passarem pelo prado, agora ressequido e de aspeto desolador. A poeira levantada acumula-se na berma da estrada.

Em vez de comentários, Zeke prefere ouvir a música coral alemã, que adora. O grupo coral entoava um cântico pesado, tonitruante, uma ópera de Wagner, embora com uma letra nova.

Volume no máximo, dentro do carro. Música perfeita para um mau filme de terror.

O volume só baixa quando Malin telefona para Sundsten e lhe pede para seguir os passos de Behzad Karami.

– De acordo. Completámos o interrogatório porta a porta nas imediações do Järnvägsspark. Ninguém viu nada. Àquela hora estavam todos a dormir.

Depois de desligar, Malin telefona para Sven Sjöman sobre a nova ligação que encontraram.

– Ótimo. Finalmente, um avanço – diz ele.

E, assim, os dois aproximam-se dos incêndios, com grandes nuvens de fumo a atingirem o carro. O céu, antes azul, ficara cinzento, pesado. E a temperatura dentro do veículo tornara-se cada vez mais elevada. Malin teria gostado de dar meia-volta, fugir antes que a pele começasse a ficar vermelha de suor, a ferver e a secar. Vieram-lhe à memória imagens de corpos na sequência de catástrofes naturais. O cheiro tornava-se cada vez mais penetrante. O cheiro de carne queimada de animais vivos alia-se ao estalar da madeira das árvores, gemendo ao serem consumidas pelas chamas.

Apanham, então, um desvio, seguindo por uma estrada de cascalho atrás de um camião vermelho dos bombeiros. Por cima, veem um helicóptero com uma grande concha de água que gira na direção do fogo e desaparece da vista. Andando pela estrada, veem também pessoas com os rostos escurecidos pela fuligem e os olhos protegidos por óculos de proteção.

– Qual é o carro dela? – pergunta Zeke, com as mãos bem firmes no volante, o carro a avançar lentamente na direção do centro do fogo, troncos negros, queimados, de árvores em volta, cinzas e galhos carbonizados espalhados e a voar sobre o solo.

– Segundo os registos, uma carrinha *Fiat* branca.

– Não vejo nenhuma.

Uma ambulância está parada na berma da estrada, dois bombeiros descansam ao lado.

E é deste inferno que tu tens saudades, Janne.

Mais à frente, veem-se as chamas a afagar os troncos das árvores.

– Nunca tivemos incêndios destes nas florestas de Östergötland – comenta Zeke. – Sabes que o fogo pode passar de uma copa de árvore para outra, à distância de cinquenta metros? É como se fosse uma explosão. É aí que está o perigo. Os bombeiros podem ficar cercados pelo fogo.

Até então ninguém morrera, nem bombeiros nem voluntários.

Tomara que as estatísticas se mantenham assim, embora todos os outros seres vivos na floresta acabem por sucumbir.

Encontram pela frente um novo camião de bombeiros, mais pequeno, e Malin reconhece dois colegas de Janne na cabina, mas não se lembra dos seus nomes. Eles notam a sua presença e cumprimentam-na.

– São verdadeiros duros – diz Zeke.

– Absolutamente – confirma Malin.

A fileira de carros começa a ficar mais esparsa, os voluntários são menos, os bombeiros de cinco quartéis passam a correr, entrando e saindo da floresta ainda em chamas. E, de repente, veem a carrinha branca.

– Merda! – diz Zeke.

– A matrícula confere – diz Malin.

Estacionam perto da carrinha, abrem as portas do *Volvo*. O calor e os ruídos do inferno em chamas estão próximos, batem-lhe nos rostos. As chamas são visíveis à distância. A atmosfera cheira a enxofre e a carne queimada. O crepitar do fogo está presente como se o próprio Deus quisesse avisá-los do perigo.

O calor é quase insuportável.

Verão mais fogo é igual a sauna.

– Nem mesmo um finlandês gostaria de estar aqui – diz Zeke, como se tivesse adivinhado o que Malin estava a pensar.

– Não, com os diabos... Devem estar no mínimo uns cinquenta e cinco graus.

Gritos saem do fogo, duas grandes nuvens de fumo aparecem e do meio delas uma mulher, mais ou menos da altura de Malin, as roupas manchadas de fuligem, o rosto também manchado, entre dois vidoeiros já castigados pelas chamas.

- Slavenca Visnic, presumo eu – diz Zeke.
- Ao vosso dispor. Talvez. – responde a mulher.

# CAPÍTULO 14

SLAVENCA VISNIC, SARAJEVO E PERIFERIA, JANEIRO DE 1994

É RARO AS EXPLOSÕES ACONTECEREM durante a noite, mas de vez em quando acontece. E, então, as crianças acordam no meio do sono e tenho de apertar o meu pequeno Miro, de três anos, contra mim. Kranska fica ao colo do pai, com os seus olhos cheios de medo fixos nos meus, como se eu pudesse salvá-la se fosse a vontade de Deus dirigir uma das granadas dos sérvios contra o nosso apartamento, o nosso lar.

As explosões aproximam-se, fazem tremer a terra.

Debaixo do cobertor, sinto a pele quente do meu filho através do pijama, sinto o seu coração a bater muito depressa, essas batidas que traem a minha impotência. Ele sabe que nem a sua mãe é capaz de o proteger do medo. Estamos os quatro sentados na cama. É impossível dormir, mas estamos a respirar juntos e a respiração parece uma e a mesma. E, apesar da guerra que grassa lá fora ser impiedosa, acreditamos que nada nos poderá atingir, que estamos seguros no nosso casulo, tecido de amor e de sonhos.

Um dia, fui ao mercado.

Os franco-atiradores não me atingiram, mas uma granada incendiária acertou no telhado do prédio, perfurou dois pisos e explodiu no andar por baixo do nosso. As chamas devem ter subido muito depressa, porque quando cheguei já todo o prédio ardia. As pessoas seguraram-me com força, mas eu queria entrar, correr para eles, sabia que estavam lá dentro a arder, queria arder com eles.

Não encontraram sequer as suas cinzas. Nada.

O fogo das granadas de fósforo é implacável. Adormeci em cima do monte de escombros do que tinha sido outrora o nosso amor, os nossos sonhos. Passei ali uma noite inteira, a tentar recordar os cheiros, os sons, os rostos, as vozes, a sensação do contacto com as vossas peles, mas tudo o

que sentia era o cheiro penetrante do fogo e das madeiras e dos corpos carbonizados. Tudo o que ouvia era o som de tiros de carabina e os disparos de morteiros, que continuavam a cantar o seu triste refrão.

Acordei de manhã com a chuva fria a bater-me no peito. Fugi para a floresta. Podiam disparar sobre mim, era-me indiferente. As nuvens pairavam sobre a colina e eles apanharam-me alguns quilómetros depois.

Os homens, o que eles fizeram comigo, não existia. Eu era apenas um fantasma, mais nada.

Fiquei deitada no chão. E tudo o que era claro ficou escuro. O mundo todo era negro, mas ao mesmo tempo totalmente descolorido.

Teria preferido que me matassem.

Mas como poderiam eles fazê-lo? Eu já estava morta. Nos meus sonhos via os rostos e as vozes dos que amava.

Vai, mamã, segue em frente. A tua odisseia ainda não terminou. E eu amava-os e odiava-os ao mesmo tempo por estar ainda viva, por terem vindo do outro lado para me dizerem que eu ainda estava viva.

Queria estar com eles, tecer um novo casulo, pleno de indestrutível amor. Queria que os seus corações batessem para sempre.

# CAPÍTULO 15

– QUEM É QUE PODE VIVER numa porcaria de sítio como este?

Waldemar Ekenberg fala, ao mesmo tempo que sobe com a respiração alterada, resfolegando, na direção da porta de um apartamento em Ekholm.

Ainda no carro, a caminho:

– Como é que vamos atuar aqui?

Per Sundsten ouviu aquele seu linguajar que odiava. No trabalho, ele só sabia dizer lugares-comuns, colorindo os diálogos com as suas frases decalcadas de filmes policiais americanos.

A voz de Waldemar menos ofegante, mais decidida.

– Com esses havaianos, não vamos amolecer. Esses tipos têm pouca resistência à dor. Basta pressionar um pouco.

– Pressionar?

– Sim, tu sabes como é...

Per sabia. A expressão racista do seu colega mais velho, as suas generalizações a respeito das pessoas que iam contactar. Tudo isso o perturbava, mas não disse nada. Não era o momento certo. Os crimes eram tão graves que tudo o resto teria de ficar para depois. Às vezes, era necessário passar para o lado errado da lei para conseguir impô-la. Isso sempre aconteceu em todas as culturas, em todos os tempos, desde que Hammurabi<sup>5</sup> decretara «olho por olho, dente por dente».

Eu não sou ingénuo, pensa Per, apenas não tão cínico como Waldemar.

O cinismo ainda é suportável, mas os preconceitos, Per passava bem sem eles. Toda a gente tem um lado sombrio, independentemente da sua origem ou da cor da pele.

O prédio de apartamentos em Ekholm, onde moram os pais de Behzad Karami, tinha grafitos em todas as paredes, representações desajeitadas de símbolos nacionais.

Foi aqui que Behzad Karami, segundo dissera, tinha participado numa festa na noite em que Josefin Davidsson foi atacada. Os seus pais moram no segundo andar de um prédio sem elevador.

Sundsten e Ekenberg tocam a campainha. Uma hesitação.

A porta tem corrente.

O rosto de uma mulher na porta entreaberta.

Waldemar respira, ofegante, no pescoço de Per. Está sem fôlego, depois de subir a escada. Diz «Polícia» e apresenta ao mesmo tempo a sua identidade.

– Deixe-nos entrar. – E a sua voz não dá lugar a contestações. A porta fecha-se e é reaberta em seguida.

– Aposto que vocês plantam batatas na sala de estar – diz Waldemar, rindo. – Ou talvez marijuana? Não?

Na sala de estar há um enorme sofá de couro ao longo de uma das paredes. Nas janelas, cortinados pesados de veludo vermelho-escuro. Há fotografias coloridas de Teerão penduradas nas paredes acastanhadas.

– Parece um bordel – diz Waldemar ao homem de pele meio escura que está sentado no sofá. Per acha que o homem parece disposto a aceitar o insulto. Deve saber qual a razão de eles estarem ali, consciente de que mentiu, que os enganou. Per reconhece a mentira no seu rosto contrito, nos seus olhos que não denotam preocupação, mas manha. O homem tem um rosto agradável. Há uma certa calma nos seus traços fisionómicos, apesar do nariz saliente e das marcas de varíola nas faces. Mas não é um homem alto e o apartamento dá uma impressão cuidada e agradável. Per acha que Ekenberg está a ter a mesma sensação. E que é por aí que vai assestar a sua violência.

– Senta-te aí também – diz Waldemar à mulher de Karami. E ela deixa-se cair pesadamente no sofá, onde o seu corpo magro, envolto num manto negro brilhante, quase desaparece.

– Aí mesmo – diz Waldemar. E sem mais palavras, pega numa jarra em cima do aparelho de televisão e atira-a à parede, com tal força que os cacos de porcelana se espalham por toda a sala e pelos rostos e as roupas do casal Karami.

A mulher solta um grito e diz qualquer coisa incompreensível em árabe ou persa ou seja lá que língua for, e o homem diz:

– Que raio de coisa estão vocês a fazer?

E Waldemar pega numa fotografia de família, atira-a para o chão e pisa-a.

– Silêncio! – grita ele. – Não se mente à polícia, sem sofrer as consequências.

– Eu, mentir?

Per continua em silêncio junto da porta. Quer intervir, dizer a Waldemar que já chega, que já foi longe de mais, que aquelas coisas não se fazem, mas vê que Karami está quase a perder a calma. Aqueles objetos devem ter valor para ele.

– O vosso filho – grita Waldemar – ele não estava aqui na noite em que Josefin Davidsson foi violada, como você disse! Ponho as mãos no fogo em como não houve festa nenhuma nessa noite. Onde é que ele estava? Deita tudo cá para fora. E depressa!

Um samovar voa contra o ferro do aquecedor junto da janela que dá para a varanda. O barulho do metal contra metal é enorme. O samovar racha.

– Acha que eu ía trair o meu filho? Ele estava aqui, sim. Tínhamos uma festa.

E Waldemar afasta a mesa de centro para o lado, com uma força que espanta até Per. E acerta um murro no nariz de Arash Karami que fica a sangrar pelas duas narinas.

– Julga que eu nunca vivi horrores? Isto não é nada.

As palavras de Karami são de ódio quando consegue restabelecer o equilíbrio. Solta uma cuspidela na direção de Waldemar, o olhar cheio de desprezo.

E Waldemar volta a esmurrá-lo mais duas vezes. Quando Per vai finalmente intervir, a mulher começa a gritar no sofá e a dizer num sueco enrolado:

– Ele não esteve aqui. Fizemos uma festa, mas ele não veio. Não sabemos o que ele faz, nunca mais aqui voltou. Procurem-no e digam-lhe para vir mais vezes a casa.

Waldemar acalma-se, sustém no ar um quarto murro.

– Quer dizer que vocês não sabem o que ele faz?

O casal Karami fica em silêncio. A mão esquerda de Arash Karami pressiona a base do nariz, tenta parar a hemorragia.

Nenhum dos dois responde à pergunta de Waldemar.

– Sabem uma coisa? Acredito em vocês. Não fazem mesmo a menor ideia do que o ranhoso do vosso filho anda por aí a fazer, porque ele trafica uma quantidade de coisas ilegais, não é? Merda, nem os filhos sabem educar. Waldemar dirige-se para a porta, obrigando Per a desviar-se, e diz com voz calma:

– Vocês sabem que não vale a pena apresentar queixa pelo que se passou aqui. Nós somos dois policiais e podemos provar que Arash resistiu violentamente quando quisemos levá-lo para a esquadra para o interrogarmos.

A mulher fica a chorar no sofá. Arash Karami nem sequer olha para eles.

– Malditos entregadores de pizzas – diz Waldemar. – Mentir à polícia.

Já fora do prédio, no inevitável calor de um sol paralisante, Waldemar diz a Per:

– Correu tudo pelo melhor, hem? Tu representaste o papel do polícia bom. Eu, o mau. E sem termos combinado nada.

Uma merda, pensa Per, sentindo subir nele a vontade de vomitar.

Mas, mesmo assim conseguiram o que queriam.

Per sente o calor no rosto, as faces a arder. É a mesma sensação de outrora, quando a mãe descobriu que ele lhe tinha roubado dinheiro da carteira.

A brutalidade.

Durante os seus poucos anos na polícia, já viu muitas vezes a coisa funcionar assim.

[5](#) Hammurabi. Sexto rei da Babilónia, 1792 a.C.-1750 a.C. (*N. do T.*)

## CAPÍTULO 16

COMO É QUE SE CONSEGUE SOBREVIVER àquilo por que Slavenca Visnic passou, sem desistir?, pergunta-se Malin ao ver o *Fiat* de Slavenca Visnic desaparecer entre os carros na estrada de cascalho, entre a floresta coberta de cinzas.

Slavenca Visnic não ficou surpreendida com a presença de Malin e de Zeke na floresta. Foi totalmente sincera e aberta com eles, como se não tivesse nada a esconder, como se o facto de uma das vítimas ter sido encontrada perto do seu quiosque, na praia de Stavsätter, e outra tivesse trabalhado para ela, não fosse comprometedor.

Depois de os ter cumprimentado, Slavenca Visnic lavou-se com toda a calma com a água de uma vasilha que ela própria trouxera. Retirou a fuligem da cara, com um líquido de limpeza, de cheiro penetrante, enquanto Malin e Zeke esperavam. Slavenca Visnic mostrou-lhes claramente que era ela que geria a sua própria agenda. E nem Malin nem Zeke protestaram. Malin começou a tossir, o fumo a arder-lhe nos olhos e no nariz. Assim que a fuligem foi retirada do rosto de Slavenca Visnic, viram que fora uma mulher bonita, mas já há muito tempo. As vicissitudes da vida e o trabalho faziam com que parecesse mais velha do que efetivamente era.

– Já sabia que iam querer falar comigo – diz Slavenca Visnic, depois de lavada e de ter vestido uma *T-shirt* limpa. À volta deles corriam os bombeiros e os voluntários com mangueiras e cobertores ensopados. Os helicópteros continuavam a circular por cima das suas cabeças. O barulho das hélices fazia com que tivessem de elevar a voz.

– Sabem – grita Slavenca Visnic – é como se o fogo viesse por baixo, como se as brasas e as chamas surgissem das entranhas da terra.

Malin repara que o seu sueco era quase perfeito, sem sotaque. E pensa: «Deves ter lutado muito por isso.»

Slavenca Visnic bebe água, diretamente da vasilha.

– Estão com sede?

– Não – responde Zeke, antes de acrescentar: – Sabe porque estamos aqui?

– Eu leio os jornais e vejo os *sites* da Internet. Também ouço os noticiários. Não sou idiota.

– Theresa Eckeved foi encontrada enterrada na praia onde você tem um quiosque. Josefin Davidsson que foi encontrada violada, no parque, trabalhou consigo no início de julho.

– Entendo que a ligação vos possa parecer interessante – diz Slavenca Visnic, enquanto enxugava algumas gotas de suor na testa. – Mas não há nada por detrás dessa ligação, absolutamente nada.

– Tem algum álibi para a noite entre quarta e quinta-feira da semana passada e para a noite de sábado para domingo?

Malin quer perceber se a pergunta direta produz alguma reação.

Slavenca Visnic solta uma gargalhada.

– Não. Estou sempre sozinha à noite. E voltei para casa bem tarde, depois do trabalho, aqui, nos incêndios. Isso, pelo menos, alguém deve poder confirmar. Mas álibi para as noites propriamente ditas, não. Não acham, certamente, que eu tenho alguma coisa que ver com isso?

Nova gargalhada.

Quase sarcástica, como se Zeke e Malin ignorassem todo o mal que Slavenca Visnic já tinha encontrado.

– E na noite de ontem para hoje, onde esteve?

– Em casa, a dormir. Fechei os quiosques. Quis ajudar a combater o fogo. E é impossível conseguir encontrar mais pessoal. Os jovens não querem ficar o dia inteiro atrás do balcão de um quiosque de gelados, no verão. São todos muito mimados. Basta ver o que Josefin Davidsson fez. Parou de trabalhar ao fim de três dias. E não consegui ninguém que quisesse ficar em Glytttinge.

– Ficou zangada quando ela se foi embora?

A voz de Zeke, praticamente sem tonalidade.

– Pergunta ridícula. Cada um faz o que quer. Não é?

– Dentro da legalidade – reage Zeke.

– Ouvi na rádio sobre o recente homicídio – explica Slavenca Visnic. – E posso dizer-lhe que não vão encontrar qualquer ligação entre mim e essa miúda.

– Gosta de fogo? É por isso que veio para aqui, para ajudar?

Foi a vez de Malin provocar.

– Odeio o fogo. Quero acabar com ele.

É quando são aduladas que as pessoas se põem a falar – mais uma das fórmulas de Sven Sjöman.

– Eu sei pelo que passou – diz Malin. – E admiro a sua força de vontade. O facto de ter construído o seu próprio negócio.

– Não tinha alternativa.

– Não viu ninguém suspeito, em Stavsätter? Qualquer indício?

– Nada. Só quando o cão começou a esgaravatar e descobriu o corpo dela.

– Você estava lá, a princípio – diz Zeke. – Depois, desapareceu. Foi para onde? A reação da maioria das pessoas seria ficar.

– Não suporto uma multidão excitada. E olhem que eu já vi muitos mortos antes. Foi melhor reabrir em Hultsjö. O cadáver da rapariga não incitava as pessoas a comprarem gelados. – Slavenca Visnic parecia agora mais simpática. – Como devem compreender, quando estou a trabalhar, quero vender o mais possível.

– Não viu absolutamente ninguém com um comportamento estranho na praia?

Slavenca Visnic pensa um momento.

– Não.

– E não tem nada que queira contar a respeito de Josefin Davidsson? Discutiram? Ela deu-nos a entender que sim.

– É natural que ela pense isso. Que eu fiquei zangada. Tenho a certeza de que ela andou a comer gelados e rebuçados, talvez até a distribuí-los aos amigos. Desapareceu muita mercadoria nos dias em que ela trabalhou, apesar de não haver muita gente na piscina. Talvez se lembrem de que houve um problema de bactérias na piscina. Tiveram de fechar a piscina grande durante alguns dias.

Malin tenta lembrar-se do artigo no *Corren*, mas não consegue.

– Quer dizer que ela foi despedida?

– Vamos dizer assim: eu fiquei satisfeita por ela se ter ido embora, apesar de ser a única que eu tinha arranjado para ficar no quiosque de Glyttinge.

– Ficou zangada por ela a ter roubado?

– Não. Isso acontece.

– Não há realmente ninguém que possa confirmar o seu álibi?

Malin volta a perguntar, sabe onde quer chegar com a pergunta. E Slavenca Visnic encara-a, com um olhar de cansaço, dando a entender que compreende a insinuação.

– Não tenho homem nenhum. Nem filhos. Perdi a minha família há muito tempo. Desde então, escolhi tomar conta de mim mesma. As pessoas são sempre um grande desapontamento, senhora inspetora.

Slavenca Visnic fecha a porta traseira da carrinha.

Vira-se para eles.

– Se não têm mais perguntas, gostava de me ir embora, para não apanhar os engarrafamentos.

– Azul – diz Malin. – Essa cor significa alguma coisa de especial para si?

– Eu gosto mais de branco – responde Slavenca Visnic. – É a cor mais pura.

*Os crimes de verão continuam!*

*É assim que eles chamam aos horrores que me fizeram.*

*Anjos estivais, diz a locutora na rádio, com voz preocupada, a falar de mim, de nós.*

*Primeiro, nem queria acreditar.*

*Mas depois, Sofia veio na minha direção, a flutuar à minha volta. A princípio também ela teve dúvidas. O medo e outras sensações, muitas delas sem nome, fizeram com que se recusasse a reconhecer a situação. E queria gritar; eu não, eu sou muito jovem ainda, ainda não tive tempo para viver. E eu quero gritar agora, dizer o mesmo, enquanto flutuamos sobre a floresta em chamas.*

*As copas das árvores a explodirem como vulcões.*

*As máquinas, os homens e os animais são como pontos negros, desesperados, lá em baixo, núcleos de vida que tentam evitar que as chamas se espalhem, que tentam fazer recuar as forças destrutivas que assolam na terra os caminhos trilhados pelos texugos.*

*Serão bem-sucedidos?*

*Malin, no Volvo, avança por uma estrada, lá longe, em baixo, através da floresta, na direção de Ljungsbro e da planície queimada onde em breve todas as plantas se transformarão em fósseis do que poderia ter sido vida vibrante.*

*Theresa parece confiar nela.*

*Se ela confia, eu também confio.*

*Ela disse que agora era mais fácil para ela, porque somos duas. Mas eu não consigo habituar-me.*

*Flutuamos lado a lado, sem asas, de modo que, de certa maneira, é verdade que somos anjos de verão. Anjos preocupados, anjos muito diferentes dos que aparecem entre as páginas dos missais, antes raparigas que, de certa forma, querem recuperar aquilo que lhes foi tirado.*

*Nós agora somos puras, não é verdade? Gosto muito dessa palavra. É minha, agora. E estou a gostar de flutuar num mundo que poderá ficar sem recordações, não ter memória por quanto tempo eu quiser, por quanto tempo eu conseguir manter os meus pensamentos longe das mãos, essas mãos brancas que se fecharam em volta do meu pescoço, das unhas que rasgaram a minha pele, do cheiro do Klorin que eu, de certa forma, ainda consegui sentir. Esquecer o medo que senti, antes que tudo desaparecesse.*

*Quero lembrar-me daquilo que fui e poderia ter sido.*

*Mais velha. Mas nunca o serei.*

– É claro que as pessoa conseguem recordar-se em estado de hipnose – diz Zeke.

As mãos dele firmes no volante ao passar em frente do Ikea e das lojas em Tornby. Malin estende o braço para baixar o som do coral no aparelho estereofónico. No estacionamento, ao sol, as pessoas movimentam-se devagar, mas conscientemente, em direção às lojas climatizadas.

– É o que dizem, mas nunca presenciei nenhum caso em que o método fosse utilizado. Acho duvidoso.

– Mas não é uma falácia. Pode funcionar.

– Sei no que estás a pensar, Malin.

– No máximo, só temos acesso a cinco por cento da nossa memória – diz Malin.

– Vistes isso no *Discovery*?

– Cala essa boca, Zeke.

Ele sorri à socapa.

– Mãos no volante e olhos no trânsito.

– *Sure, Captain* – responde Zeke.

## CAPÍTULO 17

– E TU, ESPÉCIE DE RATO preto – diz Waldemar Ekenberg, no momento em que empurra Behzad Karami contra a parede do pequeno apartamento onde o encontrou. – Achaste que te podias safar com uma mentira? Mas um dos teus supostos amigos deu com a língua nos dentes. O que é que fizeste esta noite? E na noite entre quarta e quinta-feira? E na noite de sábado para domingo? Violaste e mataste as raparigas. Não é verdade?

Behzad Karami continua arrogante, ainda convencido de que poderá controlar a situação.

Mas estás na merda, meu rapaz, pensa Per Sundsten. Ele vai espremer-te até tirar de ti o que quer saber.

– Ficaste com gosto pelas rapariguinhas, quando fizeram aquela orgia com as miúdas de catorze anos? Foi isso?

– Nós não as...

Waldemar dá mais um empurrão violento em Behzad Karami, espalma-o contra a parede.

– Não tentes enganar-me. Vocês violaram essa rapariga. Gostaste? Mas depois as coisas deram para o torto e foram obrigados a matá-la, não foi?

O tom da sua voz aumenta a cada palavra, depois dá um murro no estômago do rapaz. Este dobra-se para a frente com a dor, como um canivete a fechar-se.

Behzad Karami desliza ao longo da parede e cai por terra. Waldemar recua alguns passos, as pupilas dilatadas pela descarga de adrenalina.

– Tenho de ir mijar – diz ele. – Enquanto isso, toma conta desse gajo.

Behzad Karami aproveita para respirar fundo, cinco vezes, antes de virar a cabeça e lançar um olhar de quem pede ajuda na direção de Per Sundsten.

Não olhes para mim, pensa Per. Não vou fazer nada para o impedir, talvez ele até tenha razão.

– É melhor dizeres-lhe já o que fizeste – diz Per Sundsten, no seu tom de voz mais suave. – Porra, até a mim ele mete medo. E nunca desiste.

– Ele é tarado...

– É melhor contares tudo. Depois, as coisas acalmam-se.

– Vocês vão acreditar em mim?

– Depende.

– Depende de quê?

Behzad Karami ainda está ofegante, mas a cor volta-lhe à cara.

– De contares a verdade.

– Vocês não vão acreditar se eu contar a verdade.

– Experimenta.

Per olha para baixo, para Behzad Karami que continua acorrido, mas ainda não derrotado.

– Já te disse, experimenta – insiste Per Sundsten, no momento em que Waldemar volta para a sala.

– E, então, esse bate-pívias já recuperou? Ótimo. Vou dar-te mais porrada, para ver se colaboras.

– Faça o que quiser.

– Podes crer – diz Waldemar, que dá dois pontapés no ombro esquerdo de Behzad Karami. Per vê a clavícula saltar do lugar por baixo da *T-shirt*, enquanto o grito de Behzad Karami ecoa na sala e sai pela janela, um grito de profunda dor.

– Dói? – a pergunta é sussurrada ao ouvido de Behzad Karami. Waldemar estende o braço e toca no ombro dele. Behzad grita de novo, mas num tom mais baixo. E Per Sundsten nota que o rapaz está prestes a desmaiar.

Por que razão continuas a resistir? Porque é o teu destino? Porque foste realmente tu?

– Esperem, eu vou contar-vos, vou contar o meu segredo.

\*

Behzad Karami senta-se no sofá, com o braço esquerdo dobrado para trás, por cima do encosto do móvel.

Waldemar atrás dele.

– Deixa de gemer, maricas.

Waldemar puxa o braço de Behzad Karami com um golpe seco. Ouve-se um estalido quando o osso volta ao seu lugar. O seu grito é tão primitivo como o anterior, mas agora vem acompanhado de um certo alívio.

– Maldito maricas – goza Waldemar.

Per só quer uma coisa: sair daquele apartamento, ir para casa. Quer que o dia de trabalho termine. Mas ainda não terminou. Longe disso.

A lagoa de Stångån e as suas águas quentes, meio escuras.

Os peixes estão preguiçosos, sonolentos, talvez a sentir os seus corpos a mudar de forma, à medida que a temperatura das águas aumenta, pensa Per Sundsten.

Não há lugar nenhum para onde fugir. Quando o calor faz com que a água deixe de ser água, o que vão fazer os peixes? Flutuar na superfície, quase sem vida, barrigas inchadas, prateadas, brilhantes na lama.

Os campos de futebol perto de Johannelund, com as suas balizas sem redes, esperam por temperaturas mais amenas para que alguém volte a querer jogar. Agora, está quente de mais. É impossível e perigoso.

– Se eu vos mostrar, têm de acreditar em mim. Eu não tenho nada que ver com essas coisas. Nada.

Behzad Karami está algemado no assento traseiro do carro. Estão a caminho das hortas privadas de Johannelund. Foi para lá que quis levá-los, mas recusou-se a dizer porquê.

– Não tenho nada que ver com essas coisas.

As palavras ficam a ressoar na cabeça de Per, no momento em que começam a passar pelas pequenas áreas de terra cultivada. Ali, as mangueiras fazem horas extraordinárias, tentando manter os relvados verdes, salvar as groselheiras. Os donos dos lotes de terreno escondem-se do sol, na sombra de guarda-sóis ou de telheiros, junto das casotas das alfaias.

Waldemar está calmo.

Behzad Karami pede para lhe tirar as algemas, para poder caminhar e Waldemar aceita o pedido.

– Se fugires, mato-te.

A sua voz era fria e Behzad Karami acena, concordando.

– Não estou a ver muito bem o que nos queres mostrar aqui. – Waldemar está cada vez mais cético. – Para teu bem, espero que tenhas algo inesperado para nos revelar.

– Vou mostrar-vos uma coisa – diz Behzad Karami, ao mesmo tempo que apressa o passo. – Vamos para o último lote do lado esquerdo.

Continua o calor, pensa Per Sundsten, ao avançar pelo lado ensolarado do caminho. Um calor doentio. Waldemar Ekenberg já está a suar, ao seu lado, há muito tempo. Mas nem por isso se sente incomodado pelo calor.

Um super-homem da velha escola. De um aço negro, puro, que já não se fabrica.

Nessa altura, Behzad Karami abre a cancela que leva ao último lote. A relva recebeu um pouco menos de água. A casota é uma pequena *stuga*, de madeira pintada de branco, um casebre sem manutenção e, ao que parece, desabitado.

Entram no terreno e Per Sundsten repara que as plantas estão muito bem tratadas. Os arbustos, parecidos com os de framboesa, estão bem alinhados, com frutos escuros, ainda não maduros.

– Aqui.

Behzad Karami aponta para os arbustos.

– O quê?

Per quer fazer a pergunta, antes que Waldemar perca a paciência.

– Foi aqui que eu estive nessas noites.

Agora é que vai haver uma explosão, pensa Per. Waldemar Ekenberg vai ficar maluco. Mas, ao contrário, ele suspira e não reage. Pelo menos, não há violência.

– São amoras silvestres. Sou eu que as planto. Quando era pequeno, em Teerão, o meu avô levava-me para o campo para comer amoras silvestres. Eu quis ter aqui as minhas amoras. Faz-me sentir bem. Uma bela sensação no estômago. Como quando era criança e saía com o meu avô, só nós dois.

– Quer dizer que estavas aqui, a regar os arbustos.

Per, cético.

– Não. De guarda.

– De guarda?

– Sim, senão as corças comem tudo, antes mesmo de as amoras amadurecerem. Fiquei na cabana, de sentinela. Caso contrário, as corças saltam por cima das estacas e comem as amoras.

– Estavas aqui nessas noites, de guarda?

– Estava.

– Sozinho?

– Sim.

– E não contaste nada a ninguém?

- Não.
- Porque não?
- Eu comprei o lote com o meu dinheiro.
- Mas por que razão não podias contar?
- Que eu planto amoras silvestres? Os meus amigos iam pensar que estou maluco, que sou *gay*, ou coisas piores.
- *Gay*?
- Todos sabem que só os *gays* é que se entretêm com essas coisas.

Eles veem os ombros largos de Behzad Karami quando este desaparece em direção ao estacionamento.

- Eu acredito nele – diz Waldemar.
- Mas mesmo assim, continua a não ter um verdadeiro álibi.

A seguir, eles vão de lote em lote e perguntam se alguém viu Behzad Karami na cabana. São vários os vizinhos que confirmam ter visto luz na *stuga* à noite nos últimos tempos, mas não podiam confirmar se era ele que estava lá dentro.

Behzad Karami mostrou-lhes a cabana antes de o deixarem ir-se embora.

Nenhuma cozinha, apenas uma cama da Ikea a um canto, sem colchão ou lençóis e travesseiro, apenas um cobertor cinzento, bem dobrado, aos pés da cama, o chão juncado de beatas, o ar, lá dentro, tão enjoativo como o cheiro da barriga de um veado recentemente aberta depois da caça.

– Amoras silvestres – diz Per Sundsten, no momento em que voltam para o carro. – Será que pode ser assim tão simples?

– Toda a gente sabe – diz Waldemar. – Os árabes são loucos por amoras silvestres. Muito simplesmente por não beberem álcool, nem terem sexo suficiente.

# CAPÍTULO 18

– MAMÃ?

A voz de Tove a milhares de quilómetros de distância, o som como uma miragem ao ouvido de Malin. O seu desejo de a rever cresce em cada dia.

– Mamã, estás aí?

Malin está sentada na sala de estar do apartamento, a previsão do tempo na televisão promete calor, calor, calor.

Não quero que eles me telefonem, não quero. Será que nem tu nem o teu pai conseguem meter nessas cabeças burras, nesses amados corações, que eu não quero que me telefonem várias vezes por dia?

– Estou, Tove, estou aqui.

E Malin deixa-se cair no sofá e com a mão livre baixa o som do televisor.

– Mamã, está tudo bem?

Eu é que devia fazer essa pergunta, pensa Malin.

– Sim, está tudo bem, minha querida. E vocês, como estão?

Gostaria tanto de dizer: vocês vão chegar amanhã e eu vou buscá-los ao aeroporto. Mas deixa Tove falar:

– Nós estivemos hoje numa grande quinta onde se criam elefantes, não muito longe da cidade e no meio da floresta. A herdade chama-se Ubud.

– E montaste algum?

– Montámos os dois, eu e o pai.

– E agora estão de novo no hotel?

– Sim, acabámos de chegar do restaurante. Aqui já é uma hora da madrugada. Hoje, também tomámos banho no mar. Não havia muito vento, por isso não tinham içado a bandeira amarela. Quer dizer que não era perigoso tomar banho. Nesse caso, o perigo de correntes submarinas não é tão grande.

Correntes submarinas.

Perigosas.

Só estão há duas semanas em Bali, mas Tove já fala como se tivesse passado lá metade da sua vida.

- Toma cuidado quando fores nadar.
- Claro que tomo cuidado. O que é que pensas?
- Eu fico preocupada, Tove. Só isso.

Um longo suspiro, do outro lado do mundo.

– Podes ficar descansada, mamã. De qualquer maneira, não vamos ter tempo de tomar outro banho. Partimos amanhã de manhã.

Estalidos no aparelho, silêncio, um grito ao longe, uma respiração ofegante, vibrações calmas que ela conhece muito bem e que, num segundo, espalham calor por todo o seu corpo, um calor de resignação, de lamento, mas também de excitação.

Janne.

Seu sacana.

Porquê? Porque não aguentámos mais?

– Olá, Malin.

A voz, o que procura ela na voz dele? Consolação? Companheirismo? Apesar de a voz não lhe dar nenhuma indicação.

– Como estão?

– O paraíso existe, Malin. Aqui.

– Acredito. Quer dizer que não estão com saudades de casa?

– Não diretamente.

– Como foi esse passeio de elefante?

– Devias tê-la visto. A explodir de alegria em cima da garupa bamboleante do animal.

Chega, pensa Malin. Nada mais por agora.

– E por aí, como estão os fogos?

– Estivemos lá perto, hoje – diz Malin. – A situação ainda é muito má, ainda está fora de controlo. Mas são muitos os voluntários que ajudam no combate às chamas.

– Nós apanhamos o avião amanhã de manhã bem cedo. Cedo de mais.

– Eu sei – diz Malin –, mas mesmo assim estão acordados até tarde. – Mas queria dizer: estou com saudades, tantas que o coração quase me rebenta no peito. A saudade transforma-se em tristeza, Janne, uma estranha tristeza em relação aos vivos. Todas as pessoas têm uma certa cota a preencher com tristeza, antes de morrerem. E a minha, em breve, vai transbordar. – Mas em vez disso:

– Façam o *check-in* bem cedo.

– Okay. Vamos já para a cama.

– Adeus.

Um clique.

Silêncio. Calor.

Malin pensa esperar pelo dia seguinte, mas decide telefonar a Viveka Crafoord.

Vem até cá. Podes chegar aqui em meia hora.

Viveka Crafoord. A psicanalista.

Ela quer tratar Malin, sem lhe levar dinheiro, mas só de pensar no divã de Viveka, Malin sente medo. Nem sequer consegue pensar na ideia de ir ao fundo das suas mágoas e muito menos ao seu âmago. Em vez disso, poderia falar mais abertamente sobre a ida dos pais para Tenerife, como fizeram uma vez quando se encontraram na cidade, a correr, com tempo apenas para fazer um pequeno lanche juntas. Contara-lhe como não sentia a falta deles, dos seus pais, do apartamento deles, dos tapetes baratos da mãe e da sua capacidade infinita de retocar de cores bonitas a sua própria vida, de se apresentar sempre como mais importante do que é. Viveka foi uma ouvinte interessada, mas completamente certa de que Malin apenas aflorara a superfície do problema e de que, obstinada e sem confiança, insistia em manter todas as portas fechadas para si mesma.

A casa de campo de Viveka está situada em Svartmåla, uma área popular de *stugas* de veraneio da burguesia, a algumas dezenas de quilómetros ao sul da cidade.

Malin teve problemas em encontrar a casa certa, vagueou com o *Volvo* por diversas ruas ladeadas por casas de sonho, não quis parar e perguntar.

Até que chegou a uma pequena rua que seguia em direção a um lago de águas brancas e rosadas, por trás de abetos e outros tipos de pinheiros.

Uma caixa de correio, verde, muito simples, com o nome «Crafoord», à sombra de bordos grandes e vistosos.

Malin virou e, ao estacionar diante da casa, de arquitetura cuidada, provavelmente encomendada, de dois pisos, de forma irregular, com grandes vidros e construída de madeira ligeiramente patinada, sorriu. A casa, pela sua arquitetura de bom gosto, ostentosa, mas ao mesmo tempo contida, parecia um protótipo do que aquela espécie de gente, de boa situação económica, adora. A casa de Viveka devia ser a mais exclusiva de

toda a área. A mais bem situada, precisamente junto ao lago, com pontão e praia de areia.

– Um microclima – diz Viveka, inclinando-se no sofá de teca. – Não me perguntes como conseguimos construí-la.

Estão sentadas nas traseiras da casa, num terraço com vista para Stora Rängen, com plantas perenes e rododendros inclinados sobre os ombros largos do marido de Viveka, Hjalmar, que está a preparar a churrasqueira.

E, sem dúvida, a temperatura é muito mais amena na varanda, pelo menos cinco graus abaixo em relação à temperatura em redor, como se o verde das árvores e dos arbustos e a proximidade da água do lago, por alguma espécie de magia, conseguissem baixar o calor.

Em baixo, depois de uma escada de granito, está um barco a motor, ancorado a um pontão. Há duas cadeiras de alumínio para tomar banhos de sol, dispostas na praia. Malin sente o cheiro de carne assada na grelha. Há uma salada de feijões e alface em cima da mesa, na frente das duas. Afaga com as mãos os apoios dos braços de teca da cadeira, o que a faz sentir-se mais calma.

O que fará o marido dela?, pergunta-se Malin, mas não faz a pergunta a Viveka.

Contenta-se em constatar como é agradável a enorme figura do homem de rosto suave. Depois, olha o rosto de Viveka, quase sem rugas, apesar dos seus cinquenta e cinco anos, os traços isentos de tristeza, sinal de uma vida equilibrada e agradável. E, então, Malin reflete sobre o facto de conhecer tão pouco da vida de Viveka. Será que tem filhos? E por ter sido convidada para um churrasco, apesar do motivo do seu telefonema.

– Gostava de saber a tua opinião sobre este caso, talvez me possas dizer que género de pessoa é o assassino – diz Malin, depois de lhe ter contado os pormenores dos crimes.

– Primeiro, vamos comer.

Logo a seguir, chega à mesa uma travessa com salsichas roliças e lombinhos de porco. Malin come enquanto falam do calor e bebem um vinho tinto meio doce que acompanha bem a carne. Apenas um copo para Malin, mas Hjalmar fica cada vez mais alegre e conta que trabalha por conta própria como consultor, depois de muitos anos como funcionário da McKinsey, em Estocolmo.

Depois da refeição, Hjalmar retira-se.

– Está na hora do jogo! – E Viveka abre os braços: – Ele é louco por futebol...

Nesse momento, Malin constata que escureceu, a varanda está às escuras. E a única luz sobre o lago vem da lua prateada e de algumas das casas da outra margem e seus reflexos sobre a água.

A noite anuncia-se. E Malin deixa Viveka falar:

– Infelizmente, Malin, não sei o suficiente para te dizer qualquer coisa de concreto. Suponho que se trata de um solitário, com uma relação mais ou menos problemática com a mãe. Mas isso acontece quase sempre. Vive em Linköping, deve ter crescido aqui, visto que se sente, provavelmente, muito seguro neste meio onde comete os crimes e abandona as vítimas. E a sua maior preocupação é a limpeza, deixar que as suas vítimas pareçam o mais inocentes possível. Mas certamente já pensaste nisso. E qual a razão dessa preocupação com a limpeza? A virgindade? Quem sabe? Talvez a pessoa se sinta suja de alguma maneira. Ferida, sexualmente abusada. Ou talvez ele queira recuperar uma espécie de inocência.

– Mais alguma coisa? Referes-te a «ele», mas não poderá ser uma mulher?

– Pode ser um ou uma. Mas é de crer que seja um homem. Ou uma mulher, provavelmente muito masculina, que tenha sofrido algum tipo de violência. Existe sempre essa possibilidade.

– E os ferimentos?

– O facto de serem diferentes pode significar que o assassino está a experimentar. Como se ele ou ela quisesse encontrar uma forma especial de matar.

– Essa ideia também já me ocorreu.

– Se fosse a vocês, iria procurar no passado das pessoas que apareceram no quadro da investigação. A chave para o caso está no passado. E só a pessoa em questão sabe por que razão tudo isto emerge agora. Só mesmo a própria pessoa. Se é que sabe...

O telefone de Malin toca.

Ela olha para o visor. Gostaria de atender, depois hesita e ignora a chamada. Viveka não comenta essa atitude e continua:

– Ele deve ter um trabalho qualquer, mas poucos amigos.

– Obrigada, Viveka – diz Malin. E faz a pergunta que a trouxe ali: – Se eu quiser ouvir uma testemunha sob hipnose, posso contar contigo?

– Evidentemente.

Malin nota que, pela primeira vez, Viveka fica entusiasmada.

– Desde que a testemunha aceite ser hipnotizada, por mim não há problema.

Ficam em silêncio.

Ouvem-se risos vindos do lago. E o som de uma cascata.

– Queres dar um mergulho? – pergunta Viveka. – Posso emprestar-te um fato de banho dos meus. Podes passar a noite aqui, se quiseres. Na *stuga* de hóspedes. Hjalmar sabe fazer ovos mexidos para o pequeno-almoço.

Malin pensa.

O número ainda no visor.

– Um mergulho, sim, sabia-me bem. Mas, depois, volto para casa.

## CAPÍTULO 19

– ESTÁ E ESTARÁ SEMPRE fora de questão.

Ulf, o pai de Josefin Davidsson, está sentado no sofá cor de vinho na sala de estar da sua casa geminada em Lambohov, movimentada, preocupado, os dedos dos pés no tapete oriental cor-de-rosa. O seu rosto, bronzeado pelo sol, é redondo, a careca começa a notar-se e o nariz tem a pele a descascar.

– Hipnose – acrescenta. – Já ouvimos muitas histórias sobre pessoas que ficaram presas nesse estado. E a Josefin precisa de calma.

A mulher, Birgitta, ao lado dele no sofá, está hesitante, pensa Malin, provavelmente avalia a situação, tenta seguir a opinião do marido para evitar zangas. As suas atitudes agora são as mesmas de quando os viu pela primeira vez no hospital. Declinaram a proteção da polícia para Josefin. Disseram que ela precisava acima de tudo de descanso e tranquilidade. Birgitta Davidsson é uma mulher bonita, com um vestido azul com flores. Tão bonita que parece aborrecer-se ao lado do seu Ulf, de calças de sarja. Ou não?

Zeke, do seu lugar, ao lado de Malin:

– A psicanalista que irá realizar a hipnose, Viveka Crafoord, é uma pessoa com muita experiência.

– Mas será que queremos mesmo que Josefin se lembre?

Ulf Davidsson já não é tão veemente como a princípio.

Malin hesita, em pensamento responde pela negativa. Seria melhor também, se fosse a sua filha, não ter de se recordar do que aconteceu, mas acaba por dizer:

– Seria da maior importância para a investigação. Duas raparigas foram assassinadas. Não temos nenhuma testemunha. Precisamos de toda a ajuda que pudermos obter.

– E têm a certeza de que se trata do mesmo criminoso?

– A cem por cento – responde Zeke.

– Não sei – diz Ulf Davidsson. – Tudo isto me parece pouco seguro.

– Tens razão, querido – diz Birgitta Davidsson. – Sabe-se lá como se sentirá depois de recordar o que aconteceu?

– Não sabemos quando o criminoso vai atacar de novo – diz Zeke. – Mas, mais cedo ou mais tarde, isso vai acontecer. Por isso, este interrogatório, esta hipnose é de uma importância...

Zeke é interrompido pela voz fraca, mas clara, de Josefin Davidsson, que vem do andar de cima.

– Será que ninguém me vai perguntar o que eu quero?

A cólera lê-se no rosto de Ulf Davidsson «Nós somos os teus pais. Nós decidimos o que é melhor para ti.»

– Queres dizer que estás disposta a ser ouvida sob hipnose?

Josefin Davidsson desce rapidamente as escadas, depois senta-se numa poltrona, as ligaduras sobre os ferimentos ainda permanecem, em contraste com o seu vestido de verão vermelho-vivo.

– Sim.

– Está fora de questão.

– Mas, papá, eu...

– Cala-te.

E a calma volta à sala, o único ruído que se ouve é o zumbido de uma abelha que tenta sair por uma janela aberta, mas não acerta com a saída e bate repetidamente no vidro.

– Nós procuramos...

– Eu sei quem vocês procuram. Talvez seja o diabo em pessoa que anda lá fora à solta. Mas, então, que raio, procurem-no e parem de importunar a minha filha.

– Tu és um hipócrita, pai – exclama Josefin. – Quando sugeri que podiam pedir uma baixa para ficarem comigo, vocês aproveitaram, mas foram jogar golfe.

– Josefin – exclama a mãe. – Agora basta!

– Peço-vos – diz Malin.

– E eu, também, papá. Eu penso aceitar a hipnose, independentemente do que vocês queiram ou não.

Ulf Davidsson parece ter envelhecido uns quinze anos em questão de segundos, como se durante todos estes anos tivesse querido estabelecer mil princípios e pontos de vista, mas, por fim, tivesse sempre de ceder.

– Está certo, pai. Se eu me lembrar de alguma coisa que leve à prisão do criminoso, o senhor será o herói do mês.

– Tu não sabes o que estás a pedir – diz Ulf Davidsson para a filha. O seu olhar é claro, mas revela tristeza. – Tu não sabes o que estás a pedir. Mas muito bem. Se o que queres é a hipnose, então, que sejas hipnotizada.

A caminho do estacionamento.

O sol como uma bolha de gás em chamas em contraste com um céu azul-claro. Uma luz tão forte que não há óculos escuros capazes de a conter. Até a terra parece estar a suar, apesar de seca, tão seca que Malin chega a pensar que se vai incendiar por autocombustão. E na floresta ainda persiste o cheiro do fumo dos incêndios que atinge as narinas e provoca uma ligeira perturbação no seu organismo. As expressões de agradecimento, ainda há pouco, dentro da casa.

– Obrigada. Vocês estão a fazer o que é certo.

Promessas de segurança.

– Não há perigo. É melhor ela recordar.

A questão prática:

– Nós vamos dar notícias, assim que eu falar com Viveka Crafoord. Talvez ainda esta noite. O mais tardar amanhã, pela manhã. Vamos dar notícias. Fica atenta e em lugar que possamos encontrar-te.

E agora Viveka na linha, em casa, em Svartmåla.

– Acabo de sair de um mergulho no lago.

O corpo de Daniel Högfeld.

As águas do lago Stora Rängen.

A chave está no passado.

– Ela concordou em ser hipnotizada. E os pais deram o seu consentimento.

– Quando?

– Quando será melhor para si?

– Onde?

– Depende de si, também.

– Então, vamos dizer esta noite, às sete horas, no meu consultório. Está bem?

– Perfeito. Se, entretanto, não acontecer nada de novo.

Nathalie Falk está com um ancinho na mão cujas pontas já desgastadas apontam como a copa de uma árvore morta para um céu azul, quase branco, de tanta luz e calor.

Estão entre os túmulos, ao fundo do cemitério.

– Uso o ancinho para limpar o cascalho do caminho – diz Nathalie. – É a melhor ferramenta.

– Parece tudo muito limpo – comenta Malin, apontando para o caminho que leva até à capela onde são realizadas as cerimónias fúnebres. – És muito conscienciosa.

– Eu não diria tanto.

Zeke continua em silêncio ao lado de Malin, à sombra de um velho carvalho. As flores da maioria dos túmulos já estão queimadas e secas, prematuramente envelhecidas pelo calor.

– Vejo que está a olhar para as flores. É lamentável, mas não conseguimos regá-las com a frequência que este calor exige.

Malin acena com a cabeça. Concorda.

– É, está muito quente – diz. Depois, pergunta: – Não nos contaste tudo o que sabes, pois não?

– Porque diz isso?

– É apenas a minha intuição. Duas raparigas da tua idade foram mortas, assassinadas, portanto, está na hora de começares a falar.

– Mas eu não tenha nada para contar.

– Tens, sim.

Nathalie Falk abana ligeiramente a cabeça.

– Não.

– Muito bem – diz Zeke. – Onde estavas na noite de terça para quarta-feira?

– Fiquei em casa. Os meus pais podem confirmar.

– Duas miúdas – diz Malin. – E a Theresa, não estás triste por saber que ela morreu?

Nathalie Falk encolhe os ombros, mas Malin vê como os olhos dela se enchem de lágrimas. E, então, ela decide-se:

– Okay.

– Okay, o quê? – intervém Zeke. E Malin nota que ele se esforça para não explodir.

– Calma, Zeke. Deixa-a falar.

Nathalie Falk dá alguns passos e senta-se na relva, à sombra do carvalho.

– Li no jornal – diz ela – que vocês fizeram uma busca na casa de Lollo Svensson. Mas nem tudo estava na reportagem. Eu estive em casa dela, sim, exatamente como a Theresa. Presumo que é isso que querem saber, se é que não sabiam já.

Malin e Zeke entreolham-se, espantados.

Talvez fosse isso que Theresa fazia, quando pretendia estar com Peter Sköld? Era esse o segredo deles?

Louise «Lollo» Svensson. Está a regressar à investigação.

Será ela também a Lovelygirl?

– Louise Svensson e Lovelygirl são a mesma pessoa no perfil do Facebook de Theresa?

– Que eu saiba, não.

Lollo.

Lollo é como uma neblina quente que passa pelas linhas errantes da investigação, toma forma, desaparece, surge de novo e toma forma novamente.

Uma sombra.

– Merda – resmunga Zeke.

– E tu achavas que nós não precisávamos de saber isso?

– Achava, sim.

– E apesar disso...

– Mas agora já sabem – diz Nathalie Falk, sorrindo. – Achei que a minha relação com a Lollo fosse uma questão privada, pura e simplesmente.

– Vocês estavam juntas, como?

– Fiz sexo com ela na quinta. Ela dava-me dinheiro. E o Peter Sköld, se querem saber, tem um namorado em Söderköping. O Peter estava com ele, quando dizia que estava com a Theresa. E a Theresa, em vez de estar com ele, estava comigo.

– Quer dizer que tu e a Theresa tinham um caso?

– Não. Ela não era o meu tipo.

Não era «o seu tipo», pensa Malin.

– Enfim, fomos para a cama algumas vezes, mas era mais como amigas.

Zeke telefona a Sven Sjöman:

– Manda um carro-patrulha à quinta de Lollo Svensson, perto de Rimforsa, com ordens para a trazer imediatamente para o departamento para ser interrogada. Ela teve um relacionamento sexual com Theresa Eckeved.

Pausa. No estacionamento da igreja, o carro está a ferver. Zeke abre as portas para diminuir um pouco o calor lá dentro.

– Eu sei, Sven Sjöman. Mas podemos sempre detê-la por prostituição.

*Não sejas muito dura com ela.*

*Olha para ela como o ser humano que ela, de facto, é.*

*Não há nada de mal na Lollo. O que é que pode haver de mal nela?*

*Lembro-me das suas mãos na minha pele. Da maneira como ela, depois, me punha o dinheiro na mão. O gosto da sua vagina, molhada, de contornos suaves, macios. As suas palavras sussurradas: Theresa, Theresa, Theresa. E o som do meu nome ressoava no algodão do lençol florido, na floresta que se avistava pela janela, na abóbada do céu escuro, decorado com bonitas estrelas de esperança.*

*E ela deixava-se ir sob a minha língua. E eu não tinha nada contra isso, porque aprendia muito sobre o meu corpo que já não existe.*

*Anjos.*

*Como eu, como Sofia.*

*Seremos nós as eternas virgens?*

*Será ela a Lovelygirl, Malin?*

*Será Slavenca a Lovelygirl?*

*Isso, Malin, vais ter de descobrir sozinha.*

*Portanto, ouve o que Lollo vai dizer, tenta compreender porque é que ela faz o que faz, porque ela é o que é.*

*Posso sentir a tua excitação, Malin. Como gostas de farejar a verdade.*

*Acho que isso te vai ajudar.*

*É essa esperança que nos faz viver, às duas.*

## CAPÍTULO 20

WALDEMAR EKENBERG ESTÁ SENTADO à secretária que lhe foi designada, na grande sala dos inspetores do departamento de investigação da Polícia de Linköping. As suas pernas enormes repousam em cima da mesa e ele bate com a caneta no braço da cadeira. Per Sundsten, na sua frente, está a navegar ao acaso pelos noticiários dos jornais para se informar do que se escreve sobre os homicídios.

No *Expressen*: Cidade apavorada.

No *Aftonbladet*: Quem é o criminoso?

No *Dagens Nyheter*: Um assassino em série sueco?

No *Corren*: O assassino de Linköping: homem ou mulher?

Nada de novo. Nada que eles também já não saibam. Entrevistas com pessoas na rua, raparigas jovens na piscina de Tinnis:

*Estamos com medo. Já não saímos à noite.*

*A atmosfera na cidade é horrível.*

*Eu tenho uma filha de catorze anos. Fico preocupada quando ela sai.*

Antes de desligar o computador, Per circula pelos sítios mais diversos e para no que apresenta imagens de uma praia na Tailândia.

Meu Deus, como eu gostaria de estar lá agora. E, nesse momento, vê que Sven Sjöman se aproxima. À distância, parece que está ofegante, cansado, arquejando só de atravessar a sala. Será que vou ficar como ele, pensa Per: tão cansado e tão lento. Mas, ao contrário do seu corpo cansado, o olhar está desperto, atento, e Per vê logo que Sven tem qualquer coisa importante a dizer-lhes.

Dois estranhos, pensa Sven Sjöman, ao aproximar-se da mesa onde estão Per e Waldemar. Forasteiros, embora pertençam à mesma profissão. Um acréscimo de forças, aliás, forças brutais, segundo os rumores que correm. Ekenberg é um ovo podre que tem tido a sorte de escapar.

Sven já viu muitos Ekenberg durante os seus muitos anos na polícia. Sempre procurou ficar longe deles. E, como chefe, tenta livrar-se deles.

Os fins não justificam os meios.

O corpo da rapariga no Järnvägspark, lembra-se Sven. Os olhos dela, brancos e cegos como os de um animal doente, pedras polidas sem brilho e sem beleza.

Sven chega à mesa onde estão Per e Waldemar, quatro olhos atentos, dois, os de Per, ainda parecem estar em algum outro lugar, mas os de Waldemar estão concentrados.

– Eles telefonaram da Telia. A chamada pôde ser localizada como vinda de uma rua, Mariavägen, no bairro Wimanshäll. Nessa rua, vive um certo Suliman Hajif que, com Karami, fez parte do grupo que no inverno passado foi acusado de violações sem que fosse confirmada a suspeita. Ao que parece, com toda a certeza, os dois entraram em rota de colisão e, assim, Suliman quer arranjar sarilhos a Karami.

Os dois inspetores levantam-se imediatamente.

– Já estamos a caminho – diz Waldemar. E Sven nota que os olhos dele ficaram negros, que as pupilas se dilataram com a expectativa. Expectativa de que Sven Sjöman prefere não tomar conhecimento.

– Vão com calma. E cuidado.

Per Sundsten faz um aceno de concordância.

– Quem sabe se estamos perto de resolver o caso.

Dez minutos mais tarde, estacionam na rua Mariavägen, diante de um prédio de apartamentos de dois andares, rodeado de um jardim com duas grandes macieiras.

O calor e a luz atingem-nos ao saírem do carro.

O ar condicionado do carro estava a trabalhar bem, no máximo. E agora lá fora a diferença de temperatura deve ser de uns vinte graus. O calor quase os sufoca, acentuado pela luz ofuscante.

Aproximam-se do prédio por um caminho de cascalho, já quase todo coberto de ervas daninhas.

– Achas que ele está lá dentro?

– Provavelmente – responde Waldemar. – Os tipos preguiçosos dormem em regra durante o dia e fazem as suas sacanices à noite.

– Ouve, vai com calma, está bem?

Waldemar não reage. Em vez disso, toca em todas as campainhas, exceto a de Hajif.

Nenhuma resposta.

Quatro apartamentos.

– Sabes o código?

– Não faço a menor ideia. Mas podemos tocar a campainha.

Apartamento número dois. Nenhuma resposta. E Per, atrás de Waldemar, repara como os músculos dele se retesam por baixo do tecido do casaco, antes de tomar balanço e avançar para a porta do prédio com toda a força. A porta cede e Waldemar quase cai para a frente, mas consegue manter-se de pé.

– Agora, ele já sabe que estamos a caminho.

Sobem a correr até ao segundo andar. Nenhuma das portas está aberta. Ninguém quis saber a causa do barulho na entrada.

Apenas o silêncio e o vazio. Um chão de pedra cinzenta e paredes pintadas de azul-claro, com a tinta já meio descascada. A porta de Hajif está pintada de cor-de-rosa.

Tocam a campainha.

Ouvem-se ruídos dentro do apartamento.

Ouvem-se passos que se aproximam da porta e depois se afastam.

– Ele vai sair – diz Waldemar. – Vai-se pirar.

Atira o corpo novamente contra a porta e também esta cede sem muita resistência. E na entrada, pequena e estreita, encontra-se um jovem, com um tronco ginasticado, bem desenvolvido, de cabelos negros amarrados num rabo de cavalo. Os olhos escuros espantam-se diante das visitas inesperadas, mas continua a vestir as calças brancas, de modelo desportivo. O pénis, com um piercing, está desnudo e em ereção.

– Olha aí, monhé, só queremos falar contigo, não vale a pena ficares excitado – diz Waldemar, enquanto Suliman Hajif sobe rapidamente as calças e corre para a única sala do apartamento e em direção à porta que dá para uma varanda que dá para as traseiras do prédio.

– Agarra-o – grita Waldemar. E Per Sundsten corre atrás de Suliman Hajif, apanha-o pelas pernas, no momento exato em que ele se preparava para saltar. O homem fica de cabeça para baixo, por cima do parapeito da varanda. Grita. A queda seria de uma altura de quatro metros.

– Tu não vais cair, não – grita Per Sundsten, enquanto, ainda estendido no chão, segura as pernas de Suliman Hajif e o mantém na varanda. A seguir,

usa toda a sua força para o puxar para dentro. Se caísse de cabeça poderia partir o pescoço. E morto, de que lhes serviria?

A mão de Waldemar segura uma das pernas de Suliman.

Puxam-no ambos e ele volta para a varanda, já sem opor resistência quando Waldemar lhe coloca as algemas nos pulsos e o traz para dentro do apartamento.

– Que merda é esta?

Per arqueja, recupera o fôlego e dá uma pancada nas costas de Suliman Hajif.

– Só queremos falar contigo, porra!

– Não só... – Acrescenta Waldemar, que já abriu o armário embutido na parede. Per Sundsten olha e vê pilhas de jornais, as portas de dentro do armário cobertas de fotografias pornográficas horrorosas de mulheres amarradas e outras a serem chicoteadas.

Ao lado, instrumentos sexuais bem arrumados.

Máscaras, chicotes, cintos de castidade.

E ainda, isolado na última gaveta do armário, um vibrador azul, com a tinta lascada.

# CAPÍTULO 21

SALA DE INTERROGATÓRIOS número um.

Um teto cinzento-escuro parece prestes a desabar por cima das quatro paredes ainda mais escuras. Um gravador de som na mesa de tampo negro, Zeke e Malin de um lado, Lollo Svensson do outro, vestida com uma camisola onde se lê «Bitch Power». No seu rosto, no seu olhar, lê-se uma expressão de desafio. Ela nem sequer pediu um advogado.

Malin pensa, procura, como abrir aquela fechadura, arranjar uma chave, venha de onde vier? Pensa também que vai ser impossível, até que, de repente, pergunta:

– Quer dizer que gosta de raparigas adolescentes?

Louise Svensson fixa Malin nos olhos, o seu olhar agora cheio de ódio. Não por mim, pensa Malin, mas por outra pessoa qualquer. E pensa ainda que se ela e Zeke encontrarem o motivo desse ódio, podem encontrar o assassino.

– Porquê raparigas adolescentes?

Zeke, coçando a cabeça rapada, diz:

– Queria tomar conta delas? Mas, depois, alguma coisa correu mal com Theresa e Sofia, enquanto Josefín conseguiu fugir? Não é verdade? – Lollo Svensson continua imperturbável. A boca fechada, os lábios cerrados como se estivessem colados com fita adesiva. – Queria fazer-lhes bem? Tem um apartamento especial para receber essas raparigas? Ou alguma casa anexa na sua quinta? Nathalie Falk já esteve na quinta. A Theresa também lá esteve?

Lollo Svensson junta as mãos, fecha-as uma na outra.

Tem gotas de suor na testa e por cima do lábio superior.

Como é que alguém pode ficar furiosa àquele ponto?

Malin pergunta:

– O que é que a deixa assim tão enraivecida? O que lhe aconteceu?

– Não tem nada com isso, inspetora.

– E a queixa da sua mãe registada nos nossos arquivos? Não significa nada? Quer falar-nos disso?

– Não, foi tudo uma invenção da minha mãe.

Uma voz aguda e forte, que provoca oscilações no gravador, cordas brancas, frias, envolvendo o coração de Malin.

– E os coelhos na sua quinta, costuma arrancar-lhes as unhas?

– Que pergunta doentia. Eu crio coelhos porque gosto deles.

– Você e a Theresa trocavam mensagens via Internet para marcar os vossos encontros? – pergunta ainda Malin. – No endereço de Theresa no Yahoo?

– Não.

– Deixou algum comentário na página da Theresa no Facebook?

– Não percebo nada dessas novidades...

A raiva na voz de Lollo Svensson.

– A Lovelygirl é você?

– Já respondi uma vez a essa pergunta.

– Não se enerve, está bem? – diz Zeke. – Quantas vezes teve relações sexuais com Theresa Eckeved?

– Afinal, sou suspeita de quê?

– Prostituição de menores, e podemos provar. Nathalie Falk confessou que teve relações sexuais consigo antes de ter completado quinze anos de idade. E sabemos que aconteceu o mesmo com Theresa Eckeved.

– E daí?

– E daí o quê?

– E as outras. Encontraram alguma relação entre mim e as outras?

– Fale – diz Malin. – Conte-nos. Como é que conheceu a Sofia?

– Eu nunca conheci a Sofia Fredén. Nunca.

– E com a Theresa? Usaram um vibrador? Um vibrador azul?

Malin e Zeke já sabem o que foi encontrado no apartamento de Suliman Hajif. Per Sundsten e Ekenberg estão a interrogá-lo na sala número dois. Vão espremer o tipo. Quem sabe, talvez o caso já esteja resolvido? Karin e o departamento técnico estão exultantes com o instrumento sexual encontrado. Provavelmente, não precisam de continuar a procurar o vibrador certo entre centenas de fabricantes e modelos. Talvez a verdade esteja prestes a rebentar do outro lado da parede deprimente que nos separa da sala dois.

Os olhos de Suliman Hajif estão cheios de puro medo.

Estás com medo agora, seu pedaço de merda, pensa Waldemar Ekenberg.

E deves estar mesmo, porque eu não te quero nenhum bem.

A sala de interrogatórios número dois é igual à número um, apenas virada ao contrário como num espelho. No corredor, cá fora, as pessoas podem movimentar-se à vontade entre as duas salas e ver as salas de interrogatório pelas janelas espelhadas por dentro.

– Tu violaste e assassinaste Theresa Eckeved e Sofia Fredén. A Josefin Davidsson conseguiu fugir. Sabemos que foste tu, temos o vibrador que, com toda a certeza, foi usado nos crimes.

As palavras de Per Sundsten em tom amigável, neutro.

– Vais sentir-te bem melhor se confessares. Alivia.

– E toda aquela pornografia, tu és louco. Precisas de tratamento, Suliman Hajif.

– Eu não tenho nada que ver com com essas porcarias. Quero um advogado.

– Não perdes pela demora – diz Waldemar. – Mas temos o direito de fazer o primeiro interrogatório só contigo.

– O que fizeste na noite de quarta para quinta-feira?

– Já disse que fiquei em casa a descansar em todas essas noites em que vocês estão interessados. Está calor de mais para sair.

– Mas ninguém pode confirmar isso, pois não, Suliman?

Os músculos dos braços estremecem por baixo da camisa de prisioneiro, com certeza dois números abaixo do que devia ser.

– E a pornografia?

– Porra, eu gosto de pornografia e gosto de enfiar o vibrador nas miúdas. Venho-me duas, três vezes, e elas ainda gritam por mais.

– Onde é que o compraste?

– Não têm nada com isso.

– Decidiste denunciar Behzad Karami. Porquê?

A voz de Waldemar está agora, também, mais neutra.

– Foi ele que fez isso.

– Provavelmente, não foi. E como é que tu podes saber disso? Uma denúncia falsa pode dar até dois anos de cadeia.

– Ele sai sempre durante a noite. Portanto, deve ser ele. De qualquer maneira, pode ser ele.

– Que tipo de desavença tiveste com ele?

– Deixem isso. Não interessa.

Waldemar levanta-se, dá alguns passos em volta da mesa, finge que se desequilibra e cai sobre a cabeça de Suliman, cujo nariz bate com toda a força no tampo da mesa, produzindo um som seco.

– Porra, este chão está escorregadio!

Suliman Hajif grita de dor, o sangue sai-lhe pelas narinas. Per Sundsten espera ver Karim Akbar ou Sven Sjöman entrar e pararem com aquela movimentação, mas nada disso acontece. Suliman continua na frente dos dois, o sangue a escorrer do nariz e a manchar a camisa.

– Vamos ter em breve uma resposta do departamento técnico a respeito do teu vibrador – diz Waldemar, de novo sentado na sua cadeira.

– Não tenho nada a confessar.

Waldemar volta a levantar-se.

Suliman Hajif encosta-se na cadeira e apoia as mãos na mesa para se defender.

O corredor que dá acesso às duas salas está na semiobscuridade, a temperatura é amena e a humidade é regular. As luzes no teto, com lâmpadas de mercúrio, tornam o ambiente agradável. Karim e Sven acompanham os interrogatórios de Suliman Hajif e de Lollo Svensson, paralelamente, e observam as atitudes de Ekenberg, deixando que ele atue, desde que não vá longe de mais e passe dos limites.

– O que achas?

O rosto de Karim revela indecisão. A cada nova investigação mostra-se mais humilde, adota uma posição mais aberta em relação ao trabalho dos inspetores. À medida que foi adquirindo mais confiança em Malin, Zeke, Börje Svärd e Johan Jakobsson, passou a ficar mais descontraído, passou a adotar um estilo de liderança mais suave em relação ao que tinha quando chegou: o de quem sabe tudo.

Talvez tenha reconhecido que o trabalho de investigação é uma espécie de jogo onde a curiosidade e o bom senso são fundamentais caso se queira obter resultados. Talvez tenha reconhecido que têm de trabalhar em conjunto para realizar as missões que lhes são impostas. Ou, então, passou a compreender que todos os inspetores se sentem solitários, que estão na

frente contra o mal e que precisam de se ajudar uns aos outros para não serem arrasados, destruídos.

– Não sei em que acreditar – diz Sven Sjöman. – O departamento técnico está agora a analisar o vibrador e a revistar o apartamento. Karin Johannison está lá e ela costuma ser rápida. Estamos a pesquisar o computador dele, também. Isso poderá levar mais tempo.

– E Louise Svensson?

– Está mais envolvida do que imaginávamos. E até onde vai esse envolvimento, não sei.

– Mas achas que é ela a criminosa?

Sven não afirma nada, mas diz:

– Talvez tenhamos de falar com a mãe dela. Ouvir o que tem a dizer sobre os antecedentes da filha.

Subitamente, na sala número um, Lollo Svensson cospe na cara de Malin, mas esta mantém-se calma, limita-se a limpar o cuspo da cara.

Malin sente-se obrigada a continuar a sua linha de interrogatório. Louise é uma voz forte na investigação.

Depois de remover o cuspo, Malin insiste:

– Quer dizer que falar do seu pai é uma questão sensível. Desculpe, não sabia disso.

– Que é que ele tem que ver com isto?

A voz está agora mais controlada, depois da explosão de raiva em reação à pergunta de Malin.

– A queixa que mencionei. Aconteceu alguma coisa na sua infância. O seu pai fez-lhe algum mal?

– Terá feito?

Zeke tenta parecer compreensivo, compadecido, e consegue.

– Não vou falar disso. Passei toda a minha vida a tentar ultrapassar isso tudo.

Lollo Svensson está agora calma, como se tivesse encontrado uma outra personalidade dentro de si.

– Com quem podemos falar?

– Com a minha mãe.

As palavras de Viveka Crafoord: «A chave está no passado.»

– E onde a podemos encontrar?

Um nome. Um endereço.

– Têm mesmo de fazer isso?

– O nosso dever é procurar saber tudo.

– Não nego que tenha tido relações com essas miúdas. Mas sempre fui simpática com elas. Carinhosa. Amiga. E até lhes dei dinheiro depois. Mais do que elas esperavam.

– Não vais esperar que acreditemos no que dizes? Quantos vibradores azuis existem nesta cidade?

Waldemar senta-se de novo, depois de empurrar mais uma vez a cabeça de Suliman Hajif contra o tampo da mesa.

Ao voltar para a cadeira, olha para o espelho da sala. O seu rosto parece derreter-se, envelhecer a cada dia, a cada momento. Um rosto que é uma máscara. E o que existe por detrás da máscara está marcado pelos impulsos assumidos, pelas concessões feitas aos instintos mais simples.

Violência. Sexualidade. A mesma coisa. Ou não?

E sabe que nunca mais vai conseguir mudar seja o que for. Não é do género de aguentar o blá-blá-blá terapêutico.

– Eu não tenho nada que ver com isso.

Suliman Hajif dá uma fungadela, leva a manga da camisa ao nariz para estancar o sangue que escorre. Soluça e acrescenta:

– Sou inocente.

Waldemar inclina-se sobre o gravador:

– Interrogatório com Suliman Hajif terminado às dezasseis horas e dezassete minutos.

Malin, sozinha na casa de banho, sentada na sanita.

Fecha os olhos, pensa.

Suliman Hajif continua detido na cela até que o departamento técnico tire conclusões, até que o seu vibrador seja comparado com os vestígios encontrados nas vítimas. E depois? Vinte anos de prisão na ala psiquiátrica? Ou de volta a casa onde vai continuar a ver filmes pornográficos?

Lollo Svensson foi mandada para casa em liberdade.

Tinha confessado o que eles pretendiam saber. De resto, não havia nenhuma prova contra ela. E, tal como Sven Sjöman afirmou, mais tarde,

ainda no corredor, quando os dois interrogatórios terminaram: «Há limites, não podemos ir mais longe com ela. Mas devemos mantê-la sob vigilância.»

– Quero falar com a mãe dela – diz Malin.

Sven Sjöman hesita.

– Será que devemos perturbar uma senhora de idade só porque a filha surgiu numa investigação policial?

– Temos de saber o que aconteceu no passado de Lollo Svensson. Poderá servir para esclarecer alguma coisa. Viveka Crafoord disse...

Sven faz uma careta, mas acede.

– Okay, Zeke e Malin. Ouçam o que a mãe tem a dizer. E façam isso agora. Vamos ter de levantar essa pedra enquanto ainda está quente. Para ver o que se esconde por baixo dela.

– E a hipnose? – lembra Malin. – A sessão está marcada para as sete horas da tarde.

– Não poderá ser um pouco mais tarde?

– Fica tarde de mais.

– Tens razão.

– E eu vou ter de ir buscar Janne e Tove ao aeroporto, depois da meia-noite.

Teria dado um ano de salário para ver aquela expressão no rosto de Sven, de tal modo ele parecia feliz por ela. Como ele parecia compreender a preocupação de Malin e como aquela ausência provocava nela uma inexplicável sensação de tristeza.

Malin levanta-se da sanita. Baixa a saia.

Olha-se no espelho.

Está pálida, apesar de todo o sol deste verão.

Tove e Janne. Em breve, muito em breve, estarão outra vez em casa.

## CAPÍTULO 22

– TUDO TEM UM PREÇO.

A voz de Svea Svensson, depois de muitos e longos anos a fumar, é rouca. O rosto encolheu com as rugas, o cabelo branco cai numa franja rala sobre os olhos verdes, o olhar é de expectativa, mas acolhedor.

O apartamento está localizado no último andar do prédio de esquina na rua Tanneforsgatan.

A sala está cheia de móveis antigos, cadeiras barrocas da década de 1950 e um sofá de estilo império, tapetes Wilton e reproduções de quadros de Krouthén em contraste com o papel de parede cinza-prateado, porcelanas decorativas e um relógio de parede que acaba de bater as seis horas da tarde.

Pelas pequenas janelas da sala podem ver a planície de Östgötaslätten, por detrás do casario da cidade, na direção de Ljungsbro. Podem imaginar as águas quentes do lago Roxen, quase conseguem ver o vapor a elevar-se no horizonte e a embrenhar-se entre as árvores ardidas, transformado em leve neblina que esconde a terra sedenta.

As colunas de fumo na floresta reúnem-se numa nuvem negra que, na ausência de vento, não sabe para onde ir.

É como se o mundo tivesse parado, pensa Malin, enquanto Svea Svensson repete mais uma vez:

– Tudo tem um preço. Se alguma coisa a vida me ensinou, foi isso.

Zeke e Malin sentam-se cada um na sua cadeira barroca.

Svea Svensson senta-se no sofá, atrás da mesa de centro. A sua boca movimenta-se, as palavras formam uma história que jamais devia ser necessário contar e que, no entanto, é bastante comum.

Zeke:

– Conte-nos como foi a infância de Louise.

– Isso é importante?

Malin:

– É importante, sim.

– Posso começar muito antes. Antes de ela nascer. Quando eu ainda era criança?

– Comece por onde e quando quiser – diz Zeke. E as palavras começam a sair em torrentes pela boca de Svea:

– Eu tinha sete anos quando o meu pai nos deixou, a mim e à minha mãe. Vivíamos na quinta do meu avô, pai do meu pai, em Övraby, perto de Brokind, numa casa comprida, à moda antiga. O meu pai era caixeiro-viajante e um dia não voltou para casa. A minha mãe, então, soube que ele vivia com outra mulher em Söderköping. Tínhamos falta de dinheiro, de modo que a minha mãe teve de ir trabalhar como cozinheira numa outra quinta, a uns trinta quilómetros na direção de Kisa. Eu continuei em casa dos meus avós e lembro-me de que esses foram os melhores tempos da minha vida. A seguir, a minha mãe conheceu um homem que tinha uma sapataria em Kisa, morava por cima da loja e nós, eu e a minha mãe, mudámo-nos para lá. Demorou apenas três noites para ele vir ao meu quarto. Lembro-me de como as suas mãos frias afastaram a roupa da minha cama para o lado e ele penetrou em mim. E isso aconteceu muitas vezes até que, uma noite, a minha mãe apareceu à porta quando ele estava em cima de mim. Ela ficou a olhar ainda por algum tempo, mas depois virou as costas e dirigiu-se para a latrina, fora da casa, como se nada tivesse acontecido.

Eu culpo-a por isso?

Não. Para onde poderíamos ir? O meu avô teve um ataque de coração, a quinta foi vendida.

Tivemos de ficar com ele, esse diabo, mas eu fugi quando tinha dezassete anos. Fui parar a Motala, à cozinha de uma fábrica, e conheci um homem que trabalhava no Stadshotel.

Ele era caixeiro-viajante, exatamente como o meu pai, mas trabalhava com produtos químicos para a indústria. Engravidou-me, e nasceu Louise. Quando ela tinha oito anos, o meu marido abandonou-nos num apartamento em Motala. Tinha encontrado outra mulher em Nässjö.

Vivemos sozinhas durante alguns anos, a menina e eu. Depois, tal como aconteceu com a minha mãe, encontrei outro homem, Sture Folkman.

Louise nunca disse nada. Perguntei-me muitas vezes porque é que ela nunca me disse nada sobre o que acontecia.

Já vivíamos há três anos naquela casa quando descobri o que ele fazia de noite, onde é que as suas mãos frias se metiam, o que ele fazia com o seu corpo.

Para onde poderíamos ir?

Mas eu não deixei que aquilo continuasse.

Bati-lhe com uma frigideira na cabeça e nós, Louise e eu, passámos a noite numa paragem de autocarro, à chuva. Foi numa noite fria de outubro. Os arbustos e as árvores nos jardins das casas transformavam-se em monstros, silhuetas dos filhos do diabo.

Ao amanhecer, com a luz do dia a iluminar a verdadeira natureza dos arbustos e das árvores, chegou o primeiro autocarro que nos trouxe para Linköping e eu nunca mais voltei a Motala, nem voltei a ver aquele maldito. E o meu primeiro marido, o pai de Louise, morreu afogado durante uma pescaria.

Eu culpo-me, sabem, inspetores.

Abandonei a minha menina, a minha filha. Por muita dor que isso possa causar, ninguém deve abandonar os filhos, virar-lhes as costas. E eu virei as costas à minha filha, por isso não vi o que tinha de ver.

Fomos parar a um hotel perto da estação. Apresentei queixa à polícia, mas eles não podiam fazer nada. As simpáticas senhoras do serviço social arranjaram-nos um apartamento para ficarmos. Eu consegui um emprego num café e a Louise foi para a escola. Mas, no entanto, desde aí, de certa maneira, tudo o que se fizesse, já era tarde de mais.

E desde então, nunca mais deixei nenhum homem entrar na minha casa.

– Sture Folkman ainda é vivo? – pergunta Zeke.

– Sim, ainda é vivo.

– Sabe onde vive?

– Julgo que mora em Finspang com a mulher. Constituíram família.

– E?

Malin adivinha que há uma outra história.

«Que Deus os ajude.»

Depois fica calada, os lábios cerrados, como se já tivessem contado recordações suficientes para o resto da vida.

Malin corre de um lado para o outro no seu quarto. Acaba de tomar um duche e veste apenas cuecas e sutiã. Atira os seus três vestidos de verão

para cima da colcha da cama e está indecisa, pensando em qual escolher: o azul com flores brancas, o amarelo curto ou o branco, que desce até aos tornozelos.

Acaba por escolher o amarelo, que enfia pela cabeça, e vai até ao espelho da entrada do apartamento para ver como fica. E acha que a expectativa da chegada a faz parecer mais bonita, mais bonita do que achava que era, desde há muito tempo.

A audição em casa de Svea Svensson foi apenas há uma hora. As palavras ainda lhe soam nos ouvidos: mãos frias em cima do cobertor, por baixo do cobertor, como cobras no corpo.

Lembra-se do que lhe disse um velho, numa outra investigação: «Lembre-se disto, menina Fors. É sempre o desejo que mata.»

Malin olha em volta no apartamento e verifica que está suficientemente bem arrumado.

Desce até ao carro no estacionamento da igreja, arranca, olha para o relógio e vê que ainda é muito cedo, apenas sete e meia. O avião de Tove e Janne só chega à uma e quarenta e cinco da madrugada. Levará no máximo uma hora e meia para chegar ao aeroporto. Mas quer chegar cedo. Se é para sofrer de saudades, poderá fazê-lo em qualquer lugar.

Ao subir a rua Järnvägsgatan na direção da rotunda Bergsrondell, um rosto surge-lhe na memória. Não sabe porquê, mas sabe que aquele rosto é importante.

Slavenca Visnic sorri ao abrir a porta do apartamento em Skäggetorp.

E minutos depois, Malin está sentada com um copo de Fanta na mão na sala de estar, tentando encontrar alguma coisa para perguntar. Sentiu que teria de ser cautelosa, de ter muito cuidado diante de uma pessoa envolvida na investigação. Mas essa ideia desfaz-se logo e fica apenas a sensação de que Slavenca Visnic é importante.

– O que é que quer saber?

Slavenca Visnic não se mostra surpreendida com a visita, apenas curiosa em saber qual é a intenção de Malin.

– Na realidade, não sei. Pensei pedir-lhe apenas que tente lembrar-se de alguma coisa importante que ainda não nos tenha contado.

– O que é que isso quer dizer? Eu tento ser apenas uma boa cidadã, tratar bem os meus negócios e isso é tudo.

Malin compreende como a sua visita deve parecer idiota a uma pessoa tão realista e prática como a mulher que está na sua frente.

– Bem, tanto pior...

– Calma, beba o seu refresco. Tenho apenas de ir a Glyttinge buscar a receita do dia e vou aproveitar para dar um mergulho na piscina. Eles começam a limpar a água às nove e meia e, se a pessoa mergulhar num dos cantos da piscina já limpo, a sensação é muito boa.

– Um mergulho noturno? Boa ideia. Eu vou ter de ir ao aeroporto buscar o meu marido e a minha filha.

Malin arrepende-se imediatamente do que disse. Slavenca Visnic perdera toda a sua família, mas os seus olhos estão cheios de tranquilidade e de calor humano.

– Gostaria de lhe mostrar uma coisa – diz Slavenca Visnic. – Venha daí.

Minutos mais tarde, estão as duas diante de um computador no quarto de Slavenca.

Slavenca Visnic abre dez documentos que parecem folhas de um álbum para crianças. Nas folhas, estão as poucas fotografias que tem da sua família, ao lado de curtas descrições da sua infância, da vida dos seus próprios filhos, dos poucos anos de convivência que teve com as crianças.

Slavenca Visnic é jovem nas imagens, o olhar cheio de expectativa e de responsabilidade. A criança no seu colo tem um belo rosto redondo. Ela tem cabelo comprido, preto. O marido tem um rosto amigável, definido por um queixo forte.

– Faz bem – diz Slavenca Visnic. – Escrever. Tentar recriar a vida, no que ela teve de melhor, com todo aquele amor simples.

– Muito bonito – diz Malin.

– Acha?

– Acho.

– Pensa que um dia eles podem voltar?

– Não, isso acho que não – responde Malin, mas a pergunta de Slavenca Visnic parece-lhe perfeitamente normal. A ressurreição dos mortos é possível, às vezes, na nossa memória, por força do amor.

– No entanto, um dia vai poder encontrá-los de novo – diz Malin. – O amor deles flutua neste quarto. Sinto-o.

Slavenca Visnic desliga o computador, acompanha Malin até à porta.

– Conduza com cuidado. Certamente, eles querem que chegue lá sã e salva. O seu marido e a sua filha.

– Nós estamos separados – diz Malin. – Separámo-nos há mais de dez anos.

# CAPÍTULO 23

QUARTA-FEIRA, 21 E QUINTA-FEIRA, 22 DE JULHO

UM CREPÚSCULO DOURADO e tardio como acontece nestas latitudes nórdicas, no verão.

O dia a entrar numa inevitável escuridão, na sua luta de morte surgem os tons de ouro, de vermelho e de laranja.

Florestas, planícies, prados, água, casas pintadas de vermelho amontoadas em desordem à beira das florestas, carros estacionados nas áreas de acesso à estrada, luzes nas janelas e, por vezes, silhuetas por detrás dos vidros.

Mas o próprio dia murmura:

Não aguento mais.

Basta.

O carro circula a cento e vinte à hora. Mas pode acelerar muito mais. Mantém os olhos na estrada. O cansaço é perigoso.

E o asfalto parece uma cobra que passa por Norrköping, Kolmården e, novamente, pela noite, em direção a Estocolmo.

Tove segura a mão do pai. A pressão nos ouvidos faz-lhe doer a cabeça. Metro a metro, o avião desce sobre a pista, pelas vigias as luzes das casas no meio da floresta e dos bosques crescem, uma linha de fogo ainda permanece no horizonte. Tove pensa que o mundo vai acabar naquele lugar, mas sabe que vai continuar uma eternidade, que a vida neste planeta é um ciclo vicioso, independentemente do que uma pessoa pense ou diga.

Mamã.

Senti a tua falta.

Com um pequeno ressalto, o avião atinge o asfalto da pista e aproxima-se das luzes da ala de desembarque.

O papá segura-me a mão.

Será que ela trouxe o Markus?

Não senti muito a falta dele. O que é que isso significa?

– Em terras suecas! – diz o pai, e parece feliz com isso. – E agora vamos ver se a mãe chegou a tempo ou se teve trabalho extra.

As malas.

Janne odeia essa parte da viagem.

Mas lá vêm elas. Quase as primeiras. E nenhuma ficou pelo caminho entre os aeroportos de Heathrow e Stansted.

A bagagem.

Nós.

Está tudo em ordem.

– Vamos, Tove.

É bom voltar a casa.

Malin está de olhos fixos nas portas automáticas.

Bate com as sandálias no chão de pedra branca. À sua volta, pessoas alegres, concentradas, na expectativa.

Ajeita o vestido com as mãos, ajeita os cabelos para trás das orelhas, está com vontade de ir à casa de banho, mas não quer sair dali agora, o avião já aterrou há algum tempo e eles devem estar para sair a qualquer momento.

Agora.

E a porta abre-se mais uma vez.

Ali.

Lá estão eles. E ela vai ao encontro deles, corre, repara que estão cansados, mas quando Tove a vê, desaparece o cansaço. Tove corre para ela. Malin continua a correr. E o ar desaparece entre as duas, os corpos encontram-se, juntam-se.

As mãos, os braços, em volta uma da outra.

Malin levanta a filha no ar.

Quanto pesas agora?

Só 3,143 quilos quando saíste de mim.

E agora?

Malin olha para Janne.

Ele está atrás do carrinho com a bagagem. Parece preocupado sem saber o que deve fazer. Malin coloca Tove de novo no chão. Faz-lhe sinal, chama-o.

E, naquele momento, ambos, na sala de chegada, sentem que o calor ficou mais quente e mais puro do que qualquer outro verão jamais vai conseguir reproduzir.

# TERCEIRA PARTE

## DEVES VIR AGORA, ANTES QUE SEJA TARDE

[A CAMINHO DO DERRADEIRO LUGAR]

EU AINDA NÃO ACABEI.

MAS AGORA SEI O QUE DEVO FAZER.

NADA PODE IMPEDIR ESTE VERÃO DE ARDER, NADA PODERÁ IMPEDIR O NOSSO AMOR DE REFLORESCER.

O MUNDO, O NOSSO MUNDO, DEVE SER PURO E LIVRE. DEVE DESAPARECER, PARA TU OUSARES REAPARECER.

TUDO DEVE SER BRANCO, COM A BRANCURA DO COMEÇO. UMA BRANCURA IMACULADA E INOCENTE.

NINGUÉM VAI PODER IMPEDIR-ME.

UNHAS ARRANHARAM AS LONGAS PRATELEIRAS DO DEPÓSITO, PERNAS DE ARANHAS PASSEARAM-SE NO TEU ROSTO.

OS MEUS ANJOS ESTIVAIS PODEM AGORA REPOUSAR. EM BREVE VÃO RECEBER A COMPANHIA E O AMOR DE ALGUÉM QUE PARTILHA A SUA HISTÓRIA. A MESMA ESPÉCIE DE AMOR QUE EU TAMBÉM VOU RECEBER.

VOU PROCURAR OUTRA RAPARIGA. ELA VAI TRANSFORMAR-SE EM TI.

TUDO DEVE ESTAR EM ORDEM. NÃO VAI DOER. PORQUE, EM BREVE, NÃO HAVERÁ MAIS DOR.

# CAPÍTULO 1

TOVE DE NOVO EM CASA.

Dorme na sua cama debaixo de um lençol recém-lavado. Malin sente que é como se ela nunca tivesse viajado e estado ausente. É como se a Indonésia e Bali, assim como as bombas e as correntes submarinas e o outro lado do mundo nunca tivessem existido.

Uma viagem de carro em silêncio, desde Nyköping. Tove, quase a dormir no banco de trás. Ela própria e Janne, ligados numa permanente ausência de palavras, um silêncio que nunca chegou a ser incómodo, mas fazia cada um sentir-se mais só.

Apenas frases soltas.

– Gostaram?

– Os fogos estão sob controlo?

Há lugares que parecem mesmo o inferno.

Janne sobe ao apartamento com a mala de Tove. Malin convida-o para tomar um chá e, para seu espanto, ele aceita, dizendo que pode chamar um táxi quando quiser voltar para casa.

Tove adormece antes mesmo de a água começar a ferver e eles beberem o chá na cozinha. Da rua, em baixo, ouve-se uma discussão entre um homem e uma mulher e, quando eles se calam, a única coisa que se ouve é o tiquetaque do relógio do Ikea.

São três e meia da madrugada.

– Nós nunca fomos bons naquilo – diz Janne, ao colocar a chávena na bancada da cozinha.

– Bons em quê?

Malin chega-se tão perto dele tanto quanto pode ousar. Não quer deixá-lo fugir.

– Em discutir.

Malin sente a cólera crescer dentro de si, mas consegue dominar-se e reencontra a calma e o desejo.

– Às vezes, tenho a sensação de que nunca chegámos a começar.

- Talvez.
- De vez em quando até pode ser bom gritar.
- Pensas que sim?
- E tu, o que achas?
- Não sei.

Malin fala-lhe do caso em que está a trabalhar. Diz que é como se o céu ou a terra se abrissem e deixassem todo o mal do mundo abater-se sobre a cidade. E que ela não sabe o que fazer face a tal situação.

– É como o fogo que alastra pelas florestas – diz Janne. – Parece que eles não sabem como contê-lo.

Depois, ficam os dois em silêncio na cozinha, durante algum tempo, até que Janne se levanta e se dirige para a entrada do apartamento.

- Posso usar o telefone para chamar um táxi?
- Claro.

Jane levanta o auscultador.

Malin está com ele na entrada e quando o vê a digitar o número, diz:

– Podes ficar aqui.

Janne para.

- Prefiro a minha cama ao teu sofá, Malin.
- Sabes muito bem que não era isso que eu queria dizer.
- Tu sabes que não vai correr bem, Malin.
- E porque não? Basta entrares no meu quarto e deitares-te. Nada mais do que isso.

– É uma tolice, Malin. Onde é que isso nos poderá levar? Já chegámos à conclusão...

Malin põe o indicador nos lábios dele, sentindo o calor da sua respiração na pele.

Ao mesmo tempo, aproxima o corpo do dele.

– Chiu. Não podemos fazer como se estivéssemos juntos, só por esta noite?

Janne olha-a quando ela lhe pega na mão e o leva para o quarto.

Janne segue-a sem hesitar.

Vigoroso ou suave.

Um castigo ou uma recompensa.

É assim que o amor físico pode ser.

O peito de Janne contra os seus seios, uma das pernas dela em volta do corpo dele. Há muito tempo que tal não acontecia, mas ela lembra-se exatamente de como o sexo dele se ajustava dentro dela, de como ele a dominava e de como ela se acalmava e, ao mesmo tempo, se excitava e deixava o corpo seguir o instinto, sentindo uma plenitude que mais ninguém podia dar-lhe.

És tu ou sou eu que respira?

Malin fecha os olhos. Mas abre-os para ver que os de Janne também se fecharam, como se ambos quisessem acreditar que, se não se vissem um ao outro, então, nada aconteceria.

E são outra vez jovens, demasiado jovens e, de repente, uma frágil membrana de borracha rompe-se e Tove nasce. Malin continua a olhar para Janne, os corpos de ambos apressam-se e explodem numa espécie de dor que é a mais agradável que ela conheceu na vida.

Com os anos, o corpo recupera a rotina. A distância entre a sensação e a ideia da sensação desaparece.

Ela deita-se de costas.

Em silêncio, ele põe-se em cima dela e as mãos dela procuram as costas dele, cada centímetro quadrado da sua pele é uma recordação.

Malin descontrai-se.

Transforma-se numa criança que dorme com os braços esticados por cima da cabeça.

Volta para mim.

Assim é o amor.

Promete que nunca mais te vais embora.

\*

Estás deitada junto de mim, querida Malin.

À luz do amanhecer, vejo os teus lábios a mexer, deves estar a sonhar, preocupada, não é verdade?

Acabo de puxar o lençol para cima do teu corpo.

Não vamos falar do que aconteceu, nem amanhã nem em qualquer outro dia. Vamos fingir que nada aconteceu.

Adeus, Malin.

Janne deixa o apartamento, mas antes, na entrada, pega nas chaves do carro de Malin. Desce para a rua.

No carro, abre o porta-bagagens e retira a sua mala. Regressa ao apartamento, deixa as chaves onde estavam.

A manhã já está quente. A torre da igreja parece vibrar já na ainda fraca luz do sol nascente.

Há um vago cheiro a fumo dos incêndios, quase impercetível, mesmo para o seu nariz bem treinado.

Janne desce a pé para o quartel, levando a bagagem pela mão.

No quartel, troca de roupa, veste a farda de bombeiro e segue com o primeiro veículo para a floresta, para a vida real, entrando diretamente no calor da batalha contra o inferno.

Daniel Högfeld avista Janne – é assim que se chama o ex-marido de Malin? – a sair do edifício onde ela mora.

Ele tem uma maneira de andar muito especial.

Daniel vai a caminho da redação, muito cedo. Tinha acordado a meio da noite e não conseguiu voltar a dormir.

Agora está sentado à sua mesa de trabalho. E pensa no ritmo do andar de Janne, como esse ritmo transmite suavidade e, por estranho que pareça, amor.

Não vou poder concorrer com ele, pensa Daniel ao abrir um novo documento no computador depois de deitar no caixote do lixo uma pilha de artigos guardados no dossiê «Violação».

Já não aguento escrever sobre este assunto.

Já nem sequer aguento ficar aqui sentado.

Tenho de reencontrar a paixão, pensa Daniel. Redescobri-la.

Mas a paixão não vem quando se trata de escrever artigos sobre as violações em Linköping. Qualquer outra pessoa poderia fazê-lo. Malin, talvez?

O sonho de uma noite.

Havia um rapaz na cama dela a gritar:

Mamã, mamã, ajuda-me a respirar.

Ela gritou-lhe.

Não consegues respirar?

O rapaz respondeu.  
Não. Mamã, ajuda-me.  
Eu não sou a tua mamã.  
Claro que és a minha mamã.  
Não.  
Ajuda-me a respirar.  
Porquê?  
Porque sou teu irmão.  
Não consegues respirar?  
Não, tens de me ensinar.

– Que calor. Tem estado sempre assim?

Tove tem diante dela, na mesa da cozinha, um prato de cereais de aveia e iogurte. Malin está de pé, encostada ao lava-loiça a beber a sua terceira chávena de café, esforçando-se por comer uma fatia de pão.

– Um calor de morrer, Tove. E disseram na televisão que vai continuar.

– Ótimo. Então, vou dar um mergulho.

– Com o Markus?

– Com ele ou com uma amiga.

– Tens de me dizer com quem vais tomar banho.

– Eu posso tomar banho com quem quiser, não?

– Lê o jornal e vais perceber porque é que eu quero saber o que fazes.

Tove folheia o *Corren*. Tem várias páginas sobre o homicídio.

«Silêncio da polícia» é uma das manchetes.

– Horrível – diz Tove, mas não pergunta se a mãe está a trabalhar na investigação, já sabe que está. – Achas que é o que está na cadeia?

– É realmente horrível, Tove – diz Malin. – E temos uma pessoa detida, sim. Mas tens de ter cuidado. Não saias sozinha. E diz-me sempre aonde vais.

– À noite, também?

– Sempre, Tove. Eu nem sei se esse indivíduo distingue o dia da noite.

– Não há um pouco de exagero nisso?

– Por favor, não me contraries. Se há alguma coisa que compreendo melhor do que tu, é precisamente esta situação.

Malin nota a irritação na sua voz. Um verão de calor letal provoca violência, agressões. Malin nota que Tove está perplexa, receosa e, ao

mesmo tempo, triste.

– Desculpa, Tove, eu não queria dizer...

– Estou-me nas tintas para o que tu querias dizer, mamã.

## CAPÍTULO 2

A CAMINHO DE FINSPÅNG passam por Tjällmo. E, por isso, passam também a fronteira das florestas em chamas.

Já são nove e meia. Dispensam a ida à reunião matinal desse dia. Podem reunir-se mais tarde.

Malin pensa em Janne.

Tem a certeza que ele já se encontra ali, entre a fumarada, a trabalhar, na tentativa de apagar as chamas, de fazer com que o fogo não se propague ainda mais.

– Ele já está ali, não é?

Zeke segura o volante do *Volvo* com uma mão, o olhar fixo no caminho, vendo chegar mais um autotanque dos bombeiros, na faixa contrária.

– Não esperou nem um segundo.

– Nesse aspeto, vocês são iguais, Malin, sabes isso?

– Em que aspeto?

– Em muitos aspetos. Mas aquele a que me referia agora é a relação com o trabalho. Vocês dois adoram trabalhar, o que é uma forma de fugir da realidade.

– Vou fazer de conta que não ouvi. Como é que vão os treinos do Martin?

– Devem ir muito bem. Ele gosta de correr, é o seu treino neste momento.

– Mais algum novo convite dos Estados Unidos?

– O agente dele deve estar a trabalhar no assunto, a contactar vários clubes. Deve chegar em breve a uma conclusão. É só esperar.

Martin foi chamado para a seleção da Suécia, pela primeira vez, no campeonato mundial, em maio passado. Zeke esteve em Praga e assistiu a um jogo, obrigado pela mulher. Malin sabe que ele odeia viajar de avião tanto quanto odeia o hóquei.

– O Martin vai acabar por ganhar muito dinheiro – comenta Malin.

– Com certeza. A dar pancada num disco de borracha. E a andar de patins no gelo.

– E a divertir-nos a nós, Zeke – diz Malin que pensa nos seus sonhos a respeito de Tove. Acha que ela deve estudar para ser médica ou advogada, profissões honrosas e descomplicadas que todos os pais sonham para os filhos. Ou escritora. Ela é viciada em leitura e escreve redações na escola que deixam os professores de boca aberta.

– O hóquei é para os idiotas – diz Zeke. – E não se fala mais nisso.

– Não sejas tão duro com ele.

– Ele pode fazer o que quiser, mas nunca irei gostar desse jogo.

A estrada segue pela floresta.

A área está deserta dos dois lados. Todos os animais fugiram das chamas. Cinquenta minutos depois, estão em Finspång.

O domínio dos De Geer. A cidade dos canhões. Posta de lado. Esquecida.

Mas a cidade ideal para criar os filhos. E para alguém se esconder.

O GPS levou-os ao sítio certo.

A rua onde mora Sture Folkman situa-se por detrás de uma fileira de lojas no centro e o número doze é um prédio de três andares que tem no rés-do-chão a Associação Nacional dos Deficientes Físicos.

Estacionam o carro.

A porta de entrada para o prédio não está fechada. Finspång é uma cidade tão pequena que nem precisa de códigos nas portas. As pessoas entram e saem como lhes apetece.

No quadro com os nomes dos moradores veem que Folkman mora no terceiro andar.

– É aqui que mora o animal – diz Zeke.

– Tem calma – diz Malin. – Agora está velho.

– É claro que está velho. Mas certos pecados não desaparecem nem se desculpam.

– Desapareçam! – É uma voz rouca que chega através da abertura da caixa do correio e nela existe uma virulência, uma maldade, a um nível que Malin nunca havia experimentado. Até as paredes da escada, pintadas de uma cor rosada, parecem ter ficado vermelhas de sangue, prontas para cair em cima deles.

– Não preciso de nada. Desapareçam!

– Não estamos aqui para lhe vender nada. Somos da Polícia de Linköping e queremos apenas falar consigo. Por favor, abra a porta.

– Desapareçam!

– Abra. Agora. Se não, eu arrombo a porta.

O homem lá dentro parece ter percebido a determinação de Zeke. Roda a chave e abre a porta de par em par.

Aparece um homem alto, magro, as costas já encurvadas, seguramente por causa da doença de Parkinson.

Não foste tu que fizeste aquilo, pensa Malin, nem eles, realmente, acreditaram nessa possibilidade.

Um nariz comprido e um queixo recuado. Sture Folkman olha-os nos olhos, com o seu olhar cinzento e frio.

A frieza das tundras.

A frieza do círculo polar ártico.

Veste calças escuras, uma camisa branca de tecido sintético e um colete de lã, apesar do calor.

– Afinal, o que querem vocês?

Malin olha para as mãos do velho.

Dedos longos, muito brancos, exangues, pendem como tentáculos, prontos para procurar o caminho para subir, para penetrar.

Sofás esverdeados, de veludo. Fotografias a preto-e-branco das propriedades da família já vendidas há muito.

Cortinados pesados de veludo vermelho que evitam qualquer entrada de luz. Uma estante com livros sobre química e a edição completa de um dicionário alemão.

– Não tenho nada a dizer-lhes – é a resposta de Sture Folkman quando lhe dizem o motivo da visita.

Mas, mesmo assim, Malin e Zeke entram na sala, sentam-se cada um na sua poltrona e ficam à espera.

Sture Folkman continua no corredor, hesitante.

Ouvem quando ele entra na cozinha extremamente limpa: Malin já reparara nisso quando passaram por ela. Havia um conjunto de facas antigas, com cabos de baquelite, dispostas ao lado do lava-loiça, na bancada.

E, então, entra na sala onde eles já se encontram.

– Desapareçam!

– Não antes de responder às nossas perguntas.

– Desandem daqui. Voltem para Linköping, deve ter sido de lá que vieram. Maldita cidade! Estive lá no mês passado, no hospital, com um urologista de merda.

Senta-se então numa cadeira ao lado da estante.

– Nunca tive nada que ver com a polícia.

– Mas devia ter tido.

– Porquê?

– Porque abusou sexualmente de Louise Svensson, por várias vezes. Não tente negar, nós sabemos de tudo.

– Eu...

– E, certamente, fez o mesmo com a sua nova família. Onde é que ela está agora?

– A minha mulher morreu há quatro anos. Um tumor no cérebro.

– E as suas duas filhas?

– O que é que vocês têm a ver com isso?

– Responda.

– Estão muito longe, na Austrália.

– Vivem lá?

Sture Folkman não responde.

– Sabe alguma coisa sobre os assassínios das raparigas em Linköping?

– Porque é que eu tenho de saber alguma coisa?

– Acha que Louise Svensson tem alguma coisa a ver com esses crimes?

– Louise? Eu não falo com ela há décadas.

Sture Folkman torce as mãos uma na outra, leva-as ao nariz, cheira-as, e depois deixa-as em descanso, nas pernas, em cima das calças escuras.

– Tem mais crimes na consciência?

O tom de voz de Zeke revela que está prestes a explodir. – Tem, não tem?

– Zeke...

Sture Folkman levanta as mãos para eles, os dedos brancos cruzados como uma rede de defesa.

– Afinal, o que é que vocês querem? O que é que esperam de mim?

De volta ao carro, Malin vê como Zeke tenta libertar-se da sua cólera e do seu desprezo.

Atira-lhe as chaves.

– É melhor seres tu a conduzir.

Mas é Malin que está ao volante ao deixarem Finspång, entre florestas densas de abetos. Zeke retoma a palavra:

– Afinal, o velho tinha razão. O que é que nós estávamos ali a fazer?

– Chama-se seguir uma pista, Zeke. É o que normalmente fazemos. Olhamos para trás para poder avançar.

– Mas mesmo assim. Um passado tão longínquo que é desesperante.

Malin não responde.

Em vez disso, fixa o olhar na estrada e pergunta a si própria o que pode acontecer com o espírito de uma pessoa que recebe as visitas noturnas daqueles dedos brancos, numa idade em que a confiança nos outros se constrói.

Tornamo-nos desconfiados, medrosos, e convencemo-nos de que todos nos querem fazer mal. Que ninguém gosta de nós.

Incapazes de criar laços. A vida como um caminho errante e solitário.

Tudo o que se possa chamar autoestima, disperso ao vento.

Portas que escondem abismos de escuridão onde cada um, sem defesa, pode cair.

## CAPÍTULO 3

EM STUREFORS, A ÁGUA ESPRAIA-SE no amortecer da tarde, o calor faz o casaco colar-se ao corpo de Waldemar Ekenberg, que está à sombra do carvalho, do lado de dentro da barreira marcada por uma fita de proteção.

A pistola no coldre aquece-lhe o peito. Nem o metal, escondido sob o tecido do casaco, consegue manter-se frio.

Suliman Hajif está de pé junto do buraco onde alguém enterrou Theresa Eckeved. Veste *jeans* e uma *T-shirt* branca. Foi autorizado a deixar a roupa da prisão para participar na reconstituição do crime. As suas mãos estão algemadas, atrás das costas. As algemas estão bem apertadas, para o desencorajar de ter más ideias.

Os banhistas vieram ver.

Olham através dos óculos escuros, cheios de curiosidade, para o que está a acontecer, mas já estão de volta para mais um mergulho. Por pensarem, certamente, que o motivo da visita é demasiado horrível para estragar um dia de verão tão maravilhoso: *Foi ali que eles encontraram o corpo da rapariga. É a polícia. Foi ali que aconteceu. Quantos anos tinha ela? Catorze. O crime deste verão. Lá em cima, por baixo do carvalho. Foi lá que aconteceu.*

Apenas dois rapazes, ambos de calções de banho azuis, permanecem junto da área delimitada pela fita e olham através dos óculos azuis para a cena do crime. O quiosque de gelados continua fechado. Se assim não fosse, cada um dos rapazes estaria com um cone de gelado na mão.

– Desapareçam daqui!

Per Sundsten tenta dar à voz um tom autoritário.

Sven Sjöman ainda se mostrou cético perante a ideia deles de o levarem até ao local do crime para que ele, eventualmente, perdesse o controlo e confessasse.

– Mas o advogado de Suliman Hajif vai lá estar.

– Que se lixe o advogado. Não temos tempo para isso – diz Waldemar. – As raparigas, Sjöman, pensa nas raparigas.

– Okay, mas vai com calma.

O rosto de Sven Sjöman está crispado, por trás da sua secretária, na sala grande da Judiciária.

– Desapareçam daqui.

Waldemar dirige aos dois rapazes um olhar que não deixa dúvidas. E os rapazes apressam-se a descer a pequena rampa e a mergulhar nas águas do lago.

– Portanto, foi aqui que a enterraste. E foi também aqui que a mataste, não?

Suliman Hajif abana a cabeça e murmura:

– O meu advogado também devia estar aqui.

– Nós tentámos contactá-lo – diz Waldemar. – Mas ele não atendeu o telefone. Está-se a lixar para ti.

– Fazias melhor em deitar tudo cá para fora – diz Per Sundsten. – Depois, vais-te sentir melhor. Além disso, os tipos do departamento técnico vão chegar a qualquer momento. De qualquer maneira, vamos ter a prova de que foste tu que as violaste com o vibrador.

Suliman Hajif abana negativamente a cabeça.

Waldemar dá um passo em frente e agarra-o pelo pescoço, brutalmente, mas de uma maneira que, para os banhistas, podia parecer um gesto paternal.

– Quer dizer que preferes jogar ao sisudo?

Um gemido, mas nenhuma palavra.

– Vamos para o outro local do crime – diz Waldemar, arrastando Suliman Hajif para o lugar de onde tinham vindo.

\*

Malin recebe a chamada quando passavam diante da saída para Tornby. A voz de Karin Johannison, excitada por detrás do tom formal.

– É a mesma tinta. A tinta do brinquedo sexual de Suliman Hajif corresponde às amostras recolhidas nas raparigas.

– Então, é o mesmo objeto?

– Isso é impossível de dizer. Em todo o caso, o modelo é o mesmo. Ainda que os vestígios encontrados sejam os mesmos que faltam no vibrador de Suliman Hajif, não temos maneira de o provar.

– Malin sente o estômago a dar um nó.

O facto de as partículas de tinta corresponderem é uma sorte. Mas quais são as probabilidades de vibradores diferentes do mesmo fabricante surgirem na mesma investigação?

– Alguma outra pista?

– Não.

– Mais alguma novidade?

– *Sorry*, Malin. Nenhuma.

O mesmo brinquedo sexual.

Estão a caminho do consultório de Viveka Crafoord para a sessão de hipnose. Será ainda preciso fazê-la?

– Obrigada, Karin. Por favor, informa Sven Sjöman, sim?

– Claro.

– Quer dizer que é o mesmo vibrador? Certo, apenas se constatou que a tinta é a mesma. Mas, então, o caso está esclarecido. Ou não?

Waldemar está excitado, ao volante do seu *Saab* azul, com Per Sundsten e Suliman Hajif sentados no banco de trás. Estão a sair do idílico Sturefors e, ao lado do carro, na ciclovia, um casal de velhotes passeia, pedalando num tandem novinho em folha.

– Nós estamos aqui com ele. Vamos voltar. Não, nada. Ele não disse uma palavra.

Desligam.

Sem largar o volante, Waldemar vira a cabeça para o banco de trás e diz:

– Agora, meu monhé de merda, apanhámos-te.

Depois, sai da autoestrada e entra na floresta. Per Sundsten sabe o que se vai passar, e embora não concorde deixa que aconteça.

Zeke reage às informações sobre o vibrador:

– Então desistimos dessa história de hipnose? Está claro como a água. Agora, só precisamos de uma confissão.

– Não está claro, não – diz Malin, sem tirar os olhos da estrada. – Vamos levar a cabo a hipnose, como estava planeado. Josefin Davidsson já deve estar no consultório de Viveka Crafoord. No melhor dos casos, teremos uma testemunha. E independentemente do que ela diga, pode dar-nos informações importantes. Não é verdade?

Zeke concorda com um aceno.

Sabe que ela tem razão.

– Quero que esta investigação acabe – diz Zeke. – Quero que os habitantes desta cidade leiam amanhã de manhã no *Corren* que prendemos o filho da mãe e que podem deixar as filhas voltarem a brincar como quiserem, sem precisarem de estar preocupados ou com medo.

Tove.

Estou preocupada?

Não.

Sim.

– E vai terminar, sim, Zeke – diz Malin. – Em princípio, está solucionado. Agora, só é preciso atar as pontas.

Waldemar Ekenberg cerra o punho e dá um murro nas costelas de Suliman Hajif, no sítio em que a dor é mais intensa e onde a pancada não deixa marcas.

Suliman Hajif cai logo no chão, encolhido.

Per Sundsten desempenha o papel do polícia bom e ajuda-o a levantar-se, mas apenas para lhe aplicar outro murro.

O jovem continua em silêncio.

Nem uma palavra sai da sua boca, apenas gemidos, enquanto se deixa ficar deitado no chão, protegendo a cara com as mãos. Em volta, apenas o silêncio do caminho ressequido no meio da floresta. O musgo cobre a terra, mas está seco e amarelado e os bordos perderam a clorofila, mas a vida continua dentro deles, pedindo água.

– Foste tu que violaste e mataste Theresa Eckeved e Sofia Fredén? E foste tu que violaste Josefin Davidsson? Foste? Seu porco maldito! Vou matar-te, se não confessares.

Suliman Hajif deve sentir que Waldemar Ekenberg não está a brincar.

Tenta levantar-se, mas as pernas parecem não obedecer-lhe. Fica a cambalear, para frente e para trás. Tem o medo estampado nos olhos.

Waldemar Ekenberg tira a pistola do coldre.

Inclina-se para Suliman Hajif e encosta-lhe o cano nas costas.

– É muito simples. Vamos dizer que tentaste fugir e que fomos obrigados a disparar. Um duplo homicida e um violador. Ninguém vai duvidar. As pessoas até vão agradecer.

Per Sundsten hesita.

– Levanta-te – ordena Waldemar. Mas Suliman Hajif fica de gatas, tenta levantar-se e grita:

– Mas eu não posso confessar uma coisa que não fiz.

A pistola está agora contra a sua têmpora.

– Não tentes fugir.

Nesse momento, Per dá um passo em frente e tira a pistola da mão de Waldemar, que reage:

– Que raio estás tu a fazer?

– Agora chega. Não percebes? Agora chega!

Um golpe de vento atravessa a folhagem seca dos bordos e milhares de folhas soltam-se como uma chuva dourada na clareira da floresta.

– Eu comprei o vibrador ao Stene, da loja Blue Rose – grita Suliman Hajif. – Ele disse-me que vendeu mais de vinte vibradores iguais àquele. Portanto, como é que vocês têm a certeza de que foi o meu?

– Merda! – sussurra Waldemar Ekenberg, e Per Sundsten dá-lhe razão: é uma merda!

– Por que razão ninguém foi ainda verificar quantos vibradores foram vendidos pela única *sex-shop* da cidade? Ficam a pensar em vendas pela Internet mas as pessoas continuam a comprar essas coisas nas lojas.

Per Sundsten pega no braço de Waldemar.

– Pronto, acalma-te. É um verão infernal. Sofremos pressão de todos os lados. Às vezes nem temos tempo de ver o que temos à frente do nariz...

Um quarto de hora mais tarde, Waldemar está ao balcão da loja Blue Rose, na rua Djurgårdsgatan, a *sex-shop* instalada há anos na cidade. O dono, Stene, sorri por detrás da barba ampla e densa que lhe cobre o rosto.

– Um vibrador azul?

Stene vai até a uma das prateleiras interiores da loja mal iluminada e volta com uma caixa colorida na mão, onde se pode ler, em letras grandes: «Hard and Horny!». Lá dentro, o vibrador azul.

– Têm-se vendido como pãozinhos. Se não me falha a memória, já vendi mais de quarenta num ano e meio. Mas há mais de um mês que não saiu mais nenhum.

Waldemar cospe logo a pergunta:

– Tem algum registo dos nomes dos clientes?

– Está maluco?, claro que não! A discrição é a alma do negócio e eu tenho a memória fraca para caras.

– E os pagamentos com cartões de crédito?

– Esses malditos bancos levam sete por cento. Aqui, paga-se a dinheiro.

Malin arruma o carro no estacionamento da Igreja Filadelfio, ignorando voluntariamente o parquímetro. Ela e Zeke atravessam a Drottninggatan e, no caminho, calam os respectivos estômagos e a vontade de fazer uma incursão ao McDonald's.

Depois, tocam à campainha da porta do número 12 da Drottninggatan, que Viveka Crafoord abre.

Na sala de espera, Josefin Davidsson está sentada num sofá, nervosa, ao lado da mãe.

Viveka está sentada numa cadeira de couro, atrás da sua secretária, com o rosto iluminado pela luz que entra pela janela que dá para a Drottninggatan. Uma luz estranha e misteriosa, pensa Malin.

– Vamos começar – diz Josefina, nervosamente. – Quero saber o que realmente se passou.

Não és a única a querer saber, pensa Malin.

## CAPÍTULO 4

*A RECORDAÇÃO DA VIOLÊNCIA EXISTE em algum lugar na tua memória, Josefín.*

*As tuas sinapses vão ligar-se umas às outras e, então, poderás recordar. Mas queres mesmo recordar?*

*Nós lembramo-nos. Podemos ver o que nos aconteceu. Como desaparecemos.*

*Eu e Sofia estamos juntas. Talvez estejamos agora num belo lugar entre a consciência e a inconsciência. Mas sobretudo não estamos nesse lugar a que os homens chamam vida.*

*Podemos lembrar-nos de quem fomos antes, o nosso espaço pode tomar a cor que quisermos e podemos ser quem quisermos, onde quisermos.*

*Estamos agora contigo, Josefín, no gabinete da psicóloga.*

*Precisamos das tuas recordações.*

*Porque na situação em que estamos, precisamos de acertar contas com a verdade, para alcançarmos a paz e não voltarmos a ter medo do escuro.*

*Não tenhas medo.*

*São apenas recordações.*

*Claro. A vida é tua, de certa forma. Mas nós precisamos dessas recordações.*

*Entretanto, lembra-te do seguinte, Josefín: nós, os anjos estivais, só nos temos a nós próprios.*

O pêndulo agita-se diante dos meus olhos.

Os cortinados, os livros encadernados de couro, as gravuras com paisagens – esta sala está decorada no mais puro estilo inglês.

Ela faz girar o pêndulo. Não é nos filmes que fazem isto?

Aqui cheira a mofo. Não podem arejar a sala? ou perfumá-la?

Este estranho sofá é confortável, pensa Josefín, a tentar concentrar-se no pêndulo, mas os pensamentos e o olhar vagueiam pela sala, pelas pessoas presentes.

A mulher polícia.

Malin.

Está de pé, atrás da psicóloga.

O que é que Malin faz ali? Parece calma, mas qualquer pessoa repara que, no fundo, está confusa.

Olha fixamente para mim. Para de me olhar assim! Talvez tenha conseguido ler os meus pensamentos porque vira a cabeça.

O polícia da cabeça rapada está sentado na cadeira preta, perto da janela. Calmo, mas perigoso. Pai do jogador de hóquei. E a minha mãe, cheia de medo. Eu não estou com medo. Não sou nenhum bebé, ela devia saber isso.

E a psicóloga.

Um olhar irritado. Repara que estou a pensar noutra coisa.

– Olha para o pêndulo e ouve a minha voz.

Porquê? Ela disse alguma coisa?

– Vou tentar concentrar-me.

A psicóloga diz:

– Respira fundo – e eu respiro fundo. – Concentra-te nos movimentos do pêndulo. – E eu sigo os movimentos do pêndulo. – Sente como se estivesses a desaparecer – e eu sinto-me como se tivesse desaparecido.

As minhas pálpebras ficam pesadas e fecham-se.

Está escuro, mas, mesmo assim, iluminado.

Mas, espera...

Onde é que eu estou?

Finalmente, pensa Malin, no momento em que vê Josefin Davidsson desaparecer dentro de si e reagir às indicações de Viveka Crafoord.

Malin toma nota das perguntas a fazer, perguntas precisas e claras, visto que só Viveka poderia falar com Josefin durante a sessão. Caso contrário, seria difícil. Não seria uma conversa normal, mas uma sequência de imagens e de palavras.

Viveka pousa o pêndulo em cima da mesa.

O barulho dos carros na Drottninggatan enche a sala.

Pode-se ouvir a respiração das cinco pessoas presentes, pensa Malin, como se fosse uma única respiração. O rosto de Zeke está sem expressão. Malin sabe como ele é cético em relação àquela experiência, embora não esteja disposto a admiti-lo.

Viveka pega no papel onde estão escritas as perguntas

– Estás a ouvir-me, Josefin? Gostaria de te fazer algumas perguntas. Estás disposta a responder?

Uma sala sombria.

Uma voz estranha, a minha própria voz.

– Faça as perguntas, se é isso que quer.

– Vou começar.

– Estou cansada, quero dormir.

– O parque municipal – diz a voz estranha, enquanto uma luz clara e pura se introduz através de um buraco na parede, a janela fica escura, antes de desaparecer.

– Foi lá que eu acordei.

– O que aconteceu antes de acordares?

– Dormi. Antes de dormir, estive no cinema.

A luz agora desaparece, a sala fica escura e aparece uma silhueta negra que vem na minha direção. Podia ser um lobo ou um cão, ou um coelho, ou até uma pessoa, mas que ser humano se desloca em quatro patas?

– Sai daí, cão.

– Foi um cão que te adormeceu?

– Ele já se foi embora.

– Quem te adormeceu?

– A mamã. – A sala está iluminada de novo e eu estou sozinha. Lá em cima há prateleiras penduradas do teto, como se fossem candeeiros gigantescos. Eu vejo-me a dormir aí, umas mãos dão-me palmadas nas costas, cheira a água de piscina. – Umas mãos.

– Foram elas que te adormeceram?

– Sim.

– Mãos de homem ou de mulher?

– Não sei.

– Lembras-te de como é que a noite começou?

As paredes da sala desaparecem, vejo-me a andar de bicicleta por entre um pequeno bosque, por um caminho asfaltado, através de Ridskogen, onde os cavaleiros costumam passar. E em direção à cidade. Não sei porque escolhi este caminho? Porquê?

– Entrei numa floresta.

– Que floresta?

– A floresta errada. Porquê?

Sempre aquela irritante voz de mulher, mais velha do que a maior parte das pessoas.

– Porque é que era a floresta errada?

– Porque alguma coisa esperava por mim.

– O que é que estava lá na floresta?

– Qualquer coisa.

– Que floresta era?

– Qualquer uma.

– Que floresta?

Uma força que me empurra para baixo. Sou apenas eu, agora. E adormeço. Mas acordo com o barulho das vibrações de um carro.

– Depois, estava num carro.

– Para onde ías?

– Para as grandes prateleiras suspensas do teto.

– Estavas num armazém?

O meu corpo estendido em cima de uma paleta, estou amarrada, queima, fede. O que é que faz comigo? Os seus dentes brilham, está a cortar-me e faz-me doer em todo o corpo, para de me apertar, para de me apertar.

– Para de me apertar, PARA DE ME APERTAR, PARA DE ME APERTAR, PARA COM ISSO.

A voz estranha:

– Está tudo bem, estás em segurança aqui, podes acordar agora.

Estou de regresso à sala branca, a figura negra desaparece e eu corro para a rua o mais depressa que posso. Perco a orientação, acordo num pavilhão de jardim, é de manhã, e uma pessoa boa acorda-me, embora eu não esteja realmente a dormir. Será mesmo uma pessoa boa?

– Eu fugi, estava acordada, mas não vi nada.

– Quem te encontrou no parque?

– Talvez uma pessoa. SERIA UMA PESSOA?

– Agora podes acordar. Acorda!

Escuro.

Abro os olhos.

A polícia, o polícia e a psicóloga. Têm todos algo em comum: parecem perturbados.

Josefin Davidsson e a mãe deixam o consultório. Zeke estende-se na *chaise long*. Parece pronto a iniciar uma sessão de terapia.

Viveka está sentada atrás da secretária, Malin está à janela. Olha para os carros que passam na Drottninggatan, como eles quase se dissolvem no lusco-fusco.

– E com isto ficámos a saber mais – diz Zeke. – Enfim, um pouco mais.

– Se eu percebi bem – diz Malin – ela foi atacada na floresta, levada de carro para um armazém onde foi violada até que conseguiu fugir e na fuga foi parar ao parque.

– Ela foi seguramente anestesiada na floresta – diz Viveka.

– Mas a respeito do criminoso, não disse nada – comenta Zeke.

– Nem uma palavra – confirma Malin.

– Lamento – diz Viveka – mas durante a hipnose raramente se dão respostas concretas. A consciência resiste a lembrar-se de coisas horríveis.

– Fizeste o que pudeste – diz Malin.

– Vale a pena fazer uma nova tentativa? Daqui a alguns dias?

Zeke muda de opinião, parece acreditar agora no método.

– Receio que seja inútil – diz Viveka. – A memória está ligada a um sistema de autoproteção. E este fechou-se hermeticamente.

Malin sente-se cansada, esgotada. Com vontade de voltar para casa e para junto de Tove. Está desejosa que a investigação tome por fim um novo rumo.

Que rumo, é-lhe agora quase indiferente.

## CAPÍTULO 5

O RELÓGIO NA PAREDE DA SALA de reuniões marca seis horas e um quarto da tarde, com o ponteiro dos segundos firme, mas ao mesmo tempo desorientado na sua função eternamente rotativa. Reunião para analisar resultados em vez da reunião matinal.

O grupo de inspetores à volta da mesa.

Estão todos cansados, os rostos brilhantes de suor, as roupas enrugadas e manchadas de pó.

A análise dos resultados acaba de começar.

Malin faz o relato dos encontros com Louise Svensson e Sture Folkman e, por fim, da hipnose de Josefin Davidsson.

Más notícias de Karin Johannison. A busca ao apartamento de Suliman Hajif não produziu qualquer resultado. O seu computador tinha um monte de pornografia, mas nada que pudesse ligá-lo aos crimes.

A Blue Rose vendeu trinta e quatro vibradores e um dos analistas encontrou cerca de uma dezena de sítios na Internet que vendem a mesma marca. Portanto, sem uma confissão ou novas provas, não havia nada de concreto contra Suliman Hajif.

– Como é que nos pudemos esquecer de fazer uma visita ao Blue Rose? – pergunta Zeke.

– Partimos da ideia de que esses brinquedos se compram apenas na Internet – diz Malin. – E, com este calor, nenhum dos nossos cérebros pensou nessa lojeca.

– Nas investigações cometem-se sempre erros – desdramatiza Sven Sjöman. – Mas podíamos ter poupado algum trabalho ao departamento técnico. É impossível fazer qualquer controlo dos clientes do Blue Rose que compraram esse tipo de material. É claro que podemos pedir-lhes para entrarem em contacto connosco, mas não nos vai levar a lado nenhum. Ninguém vai querer aparecer como comprador de vibradores. Sobre isso, acho que estamos de acordo. Ou não? Hajif. Há possibilidade de obtermos alguma confissão por esse lado?

– Ele não tem nenhum álibi concreto, mas, de uma maneira geral, o que temos é igual a zero.

Malin percebe o cansaço na voz de Waldemar Ekenberg; o que ele deseja é voltar para a sua casa em Mjölby e para o seu pequeno pirata com quem gosta de brincar.

A outra assistente, Aronsson, seguindo instruções de Malin, esteve a conferir o passado de Sture Folkman e a sua situação pessoal. Procurou nos arquivos e confirmou então que uma das suas duas filhas do casamento com Gudrun Strömholm, Elisabeth, se suicidou aos dezassete anos. Os investigadores nunca tiveram dúvidas em relação à causa da morte, e a análise forense confirmou o resultado. Elisabeth Folkman enforcou-se. Motivo: desconhecido.

Já não tão desconhecido.

Também estudou os dossiês da Polícia de Nässjö sobre o acidente por afogamento do pai de Louise Svensson.

O corpo fora encontrado a flutuar perto de um barco a remos no lago de Ryssbysjö, com um ferimento na cabeça. Concluía-se que Gunnar Svensson escorregara no barco, batera com a cabeça na borda do mesmo e desmaiara, perdera o equilíbrio e caíra na água. Restos de sangue foram encontrados na borda do barco.

Sven Sjöman conta que recebeu uma resposta inesperada da Yahoo, oferecendo a palavra passe para consulta ao correio eletrónico de Theresa Eckeved, e que a única correspondência existente eram dez mensagens provenientes de Lovelygirl, designação que, a julgar pelo conteúdo das mensagens, devia pertencer a Louise Svensson. A sua quinta era mencionada pelo nome. Segundo o conteúdo dessas mensagens, nenhum encontro marcado coincidia com a data e a hora do assassinio. Quanto ao Facebook, continuava a não chegar nenhuma informação.

Louise quer esconder os seus segredinhos, pensa Malin. Espera conseguir passar entre as malhas da rede. E quando a confrontámos, continuou a defender-se, a proteger as suas recordações, a esconder a sua verdadeira personalidade.

Uma solitária no meio da floresta. Sexualmente perigosa, apesar de tudo.

Em seguida, Sven informa que uma unidade especial de Estocolmo está a estudar o perfil psicológico do criminoso, mas que isso vai levar tempo.

Todo o departamento entrou de férias ao mesmo tempo e o psicólogo convocado para uma substituição apanhou uma constipação terrível.

– Uns maricas, esses psicólogos – comenta Waldemar.

Malin reflete sobre o que Viveka Crafoord lhe disse sobre o perfil do criminoso, mas resolve guardar o comentário para si. São apenas especulações de Viveka sem nenhuma base sólida.

Vão ter de continuar a trabalhar em todas as linhas de investigação – diz Sven Sjöman. – E tentar encontrar outras. Usem toda a vossa inteligência. Ekenberg e Sundsten, tentem ouvir todos os agressores sexuais que possam encontrar.

Ao lado de Sven, Karim Akbar está preocupado, sabe que é ele que terá de enfrentar os *media*, escapar mais uma vez às perguntas, sem poder informar nada de substancial. A conferência de imprensa está marcada para as sete horas.

Quando se preparam para abandonar a sala, Karim pede a Malin para ficar.

Pede-lhe para se sentar de novo.

– Malin – diz ele –, se soubesses a vontade que eu tenho de voltar para Västervik e dar um mergulho no mar.

Será que vai falar-me das suas férias?

– Queres dizer-me alguma coisa?

– Sim, quero que participes na conferência de imprensa.

– Na conferência de imprensa? Tu sabes que odeio essas coisas.

– É uma ordem, Malin. Já que não tenho nova informação para lhes dar, posso pelo menos mostrar-lhes a cara mais bonita da Polícia de Linköping.

Malin sente a raiva crescer dentro de si.

Mas, ao mesmo tempo, embora contrariada, sente-se lisonjeada pela observação de Karim.

– Malin, brincadeiras à parte, não quero ficar lá sozinho, não tendo nada para dizer, mais uma vez. Seria bom se pudesses estar comigo, para me ajudares. Talvez isso os acalme.

– Quer dizer que aquilo de eu ser a mais bonita, não era a sério?

Karim sorri.

– Olha-te ao espelho, Malin.

– Podemos dar-lhes a história do vibrador?

– O quê, que é do mesmo fabricante?

– Sim.

– Não, isso poderá levar Suliman Hajif a uma condenação pública, e ele não merece isso. Deves ter lido os jornais de ontem. Já foram longe demais.

Os jornais tinham várias fotografias de Suliman Hajif com um traço preto no rosto, e manchetes como: «Preso o assassino do verão? Medo em Linköping.»

A cara mais bonita?

Até onde me leva este verão de loucura? A brincar aos manequins diante dos fotógrafos?

Vinte minutos depois, Malin e Karim estão no *hall*, diante de um grupo de jornalistas. Entre os canais de televisão, apenas a SVT está presente. De resto, veem-se vários jornalistas de estações de rádio e uma dezena de repórteres da imprensa escrita, assim como dois fotógrafos, certamente do *Corren* e da Agência TT. No dia anterior, o número de jornalistas fora o dobro. Os anjos estivais de Malin estão a ficar menos interessantes, vendem menos jornais, em sincronia com a falta de soluções. As investigações entraram num beco sem saída.

– Hoje, durante o dia, continuámos a investigar uma série de pistas – informa Karim.

Os *flashes* irrompem na sala e ele acrescenta:

– Esperamos em breve descobrir a verdade, mas de momento não posso dar-lhes novas informações.

– E a senhora, Malin Fors, pode dizer-nos alguma coisa?

Nova série de *flashes*. Malin fixa o olhar na audiência.

Daniel.

Não o vira antes. Deve ter chegado mais tarde.

– Não.

– Nada?

Então, Malin olha para o bando de repórteres, a fome de notícias nos seus olhos, a curiosidade e o cansaço, os mesmos sintomas que assaltam os inspetores. E sem que pudesse controlar-se, as palavras saem-lhe da boca:

– Bom, contactámos hoje com uma psicanalista que fez um perfil do criminoso ou da criminosa. Trata-se, provavelmente, de alguém que sofreu antes algum tipo de violência sexual, que tem perturbações de personalidade e falta de autoestima. Uma pessoa que faz parte da

comunidade, mas que, ao mesmo tempo, vive fora dela. Mais do que isso não posso dizer.

– E o nome da psicóloga?

– Isso também não podemos revelar.

Karim completa a informação. Parece ter-se feito à ideia de Malin ter divulgado informações que ninguém mais possuía e ter admitido que não iam causar grandes estragos.

– Este perfil ainda não é oficial, é apenas provisório, um perfil mais detalhado está a ser elaborado na sede da Polícia Criminal, em Estocolmo.

– E Suliman Hajif? Continua preso? Há novos indícios contra ele?

– Continua detido.

– Mas pensam que podem retirá-lo da lista de suspeitos?

– Sem comentários – diz Karim. – É tudo, obrigado.

Vários repórteres insistem, querem entrevistar Malin separadamente, mas ela consegue afastá-los, com comentários do género «A minha filha está em casa à minha espera. Gostaria de ir para casa, lamento muito.»

\*

Tove e Malin comem os últimos pedaços da piza que ela tinha comprado a caminho de casa. Já não está muito quente, mas, com aquele calor, quase sabe melhor fria.

Tove ainda está cansada da viagem.

Dormiu quase todo o dia, não chegou a sair para dar um mergulho, nem sequer chegou a encontrar-se com Markus, mas falou com ele.

– Quando é que te vais encontrar com Markus? – pergunta Malin, antes de meter na boca o último pedaço de piza.

– Amanhã – responde Tove. Malin percebe pelas palavras sem entusiasmo da filha que a história de amor está no fim.

É pena, pensa Malin, porque eu gosto realmente da Biggan e do Hasse, os pais de Markus, aprecio os seus jantares e a sua companhia descontraída e alegre.

– Sentiste a falta do Markus em Bali?

– Não sei, mãe. Podemos falar de outra coisa? Precisas de me estar sempre a falar do Markus?

Na sala de estar, a televisão começa a apresentar o noticiário das nove da noite, o programa *Aktuelt*.

– Talvez eu apareça na televisão – diz Malin. O rosto de Tove anima-se.

– Vou querer ver!

O assunto ocupa o terceiro lugar no alinhamento. E, à falta de outras informações, alargam-se sobre o perfil psicológico do criminoso. Um grande plano para o rosto de Malin quando ela responde às perguntas. Malin acha que está com um ar envelhecido e fatigado

– Tu estás super bem, mamã – diz Tove, com um sorriso malicioso.

– Obrigada, Tove, isso aquece-me o coração.

– Porquê, estás com frio?

– Não gozes...

Em seguida, outro grande plano de Malin, quando os repórteres lhe pedem uma entrevista em separado e ela recusa: «A minha filha está em casa à minha espera.»

Tove lança-lhe um olhar inquiridor.

– Porque disseste aquilo, mamã?

– Não sei. Foi estúpido?

– Não, mas foi esquisito.

A seguir vem a meteorologia. O calor vai continuar. Nenhum alívio à vista.

A INSPETORA MALIN FORS APARECE NO ECRÃ NA MINHA DIVISÃO SECRETA.  
AS PRATELEIRAS DO DEPÓSITO CURVAM-SE DIANTE DA TUA PRESENÇA AQUI.  
O MAU CHEIRO CONTINUA, MAS EU NÃO O SINTO. SINTO APENAS O CALOR,  
UM INFERNO QUE EU PROCUREI E QUE TENHO DE ATRAVESSAR.  
EU VI-TE A NADAR NO TINNIS. A REFRESCARES-TE DO INFERNO.  
ELA ACHA QUE SABE QUEM EU SOU? QUE PODE CHAMAR UM PSICANALISTA  
QUALQUER E SABER QUEM EU SOU?  
É DIZ ISSO NA TELEVISÃO? PARA QUE TODOS VEJAM?  
SE ALGUMA COISA NESTA VIDA DE MERDA FOSSE ASSIM TÃO FÁCIL, EU JÁ  
TERIA TIDO SUCESSO NAQUILO QUE HÁ MUITO É O MEU ÚNICO DESEJO.  
PODERÍAMOS FICAR JUNTAS DE NOVO.  
NENHUMA DE NÓS PRECISARIA DE FICAR SOZINHA OU TER MEDO.  
VOU IMITAR O FOGO. DESTRUIR, PARA CRIAR A POSSIBILIDADE DE UMA  
NOVA VIDA.

AGORA, A PROFANAÇÃO VAI TERMINAR. TU PROFANASTE-ME. COMO TODOS SEMPRE ME PROFANARAM.

ENTRASTE DENTRO DE MIM.

É AQUILO QUE EU ACABO DE VER DEVE TER SIDO UM SINAL, OU NÃO? RABISCOS DE PERNAS DE ARANHAS COM UNHAS DE COELHOS ESPALHADAS PELO PÓ DA CAMA. SERÁ QUE DEVO ARRANHAR-LHES O PESCOÇO? É ISSO QUE TU QUERES?

VOU EXPERIMENTAR COM AS PATAS. DEVEM FAZER-TE REVIVER. E VOU LAVAR-TE COM LEITE, BEM BRANCO. VOU MESMO. A TUA PELE VAI TRANSFORMAR-SE NUM VESTIDO BRANCO. IMPOSSÍVEL DE ENCONTRAR QUALQUER PISTA, NÃO É? COMO NO CASO DO VIBRADOR. COMPREI-O NA CIDADE E PAGUEI-O A DINHEIRO HÁ MAIS DE UM ANO. O TIPO DISSE-ME QUE JÁ TINHA VENDIDO MUITOS DAQUELES. EU SABIA QUE UM DIA IRIA PRECISAR DE UM.

ESTÁS A CONDUZIR-ME PELO CAMINHO CERTO, MALIN FORS. A DOR PROVOCA DOR QUE PRODUZ AMOR DE NOVO. FALASTE NA TUA FILHA NA TELEVISÃO. PORQUÊ? ELA DEVE SER TODO O TEU MUNDO, NÃO É? ESPEREMOS QUE TENHA A IDADE CERTA.

O MEU ANJO ESTIVAL. OS ANJOS ESTIVAIS SÃO PURO AMOR.

O EQUILÍBRIO. TALVEZ SEJA ISSO QUE FALTA? QUE ME FALTA. QUE NOS FALTA.

# CAPÍTULO 6

SEXTA-FEIRA, 23 DE JULHO

*VÊ COMO TOVE ANDA DE BICICLETA lá em baixo. Circula com cautela, para não ter um acidente. É melhor avançar devagar e chegar do que com pressa e nunca chegar.*

*Ela vai encontrar-se com alguém, não é?*

*Sim, acho que sim.*

*Será connosco?*

*Não.*

*Também não quero isso. Punha-me doida.*

*Agora, está a passar pela ponte sobre o rio Tinner e em seguida vai ter de reunir muita energia para subir a encosta na direção de Ramshäll.*

*É lá que os ricos moram.*

*Ela não é rica.*

*Não.*

*Agora já não a vejo.*

*Está por baixo das árvores.*

*Mas tu também conheces esse caminho, Sofia, não é verdade?*

*Sim, conheço-o bem.*

*Ela tem de ter cuidado.*

*Muito cuidado.*

Markus.

É estranho. Primeiro, ela não podia passar sem ele, depois tornou-se um hábito, não realmente chato ou coisa parecida, mas um hábito. Ela não era tipicamente uma amiga, mas também não era como no começo.

Tove sabia que não ia sentir a falta dele lá em Bali. Sabia e tinha compreendido o que isso significava.

Está mais quente aqui do que em Bali.

E a luz é dez vezes mais forte.

Ainda bem que tenho uns bons óculos de sol.

A minha mãe não gosta de os usar, acha que distorcem a realidade. Eu gosto quando o mundo fica um pouco mais dourado.

O seu coração quase salta pela boca, ao pedalar pela subida até Ramshäll, entre moradias de tijolo e grandes casas de madeira, onde vivem os notáveis da cidade.

A mãe e o pai de Markus pertencem a essa categoria. São ambos médicos. A princípio isso agradava-lhe. A grande moradia onde tudo era diferente da sua casa, como nos livros que lia: a rapariga do povo, o rapaz de boas famílias.

Mas a casa acabou por ser normal, já não era como nos livros. Bali, sim, era diferente.

Está agora a caminho da casa grande e de Markus. Ele deve desconfiar de qualquer coisa, pensa Tove. Deve ter notado uma certa distância na sua voz. Ela refletiu sobre tudo na noite anterior, antes de adormecer. Que não se vê a ter uma relação com Markus como dantes. É claro que podem continuar a ver-se, mas não da mesma maneira.

Como dizer-lhe isso?

Dir-se-ia que ele gosta mais dela do que ela dele.

Uma carrinha branca passa por ela, lentamente, por certo está à procura de algum endereço. Deve ser um jardineiro.

Finalmente, chegou. Na sua frente, uma casa grande de tijolos, brancos. A grande macieira parece atrofiada, os troncos parecem querer fugir do calor. A porta abre-se antes mesmo de ela ter tempo de estacionar a bicicleta no caminho de acesso.

Markus.

Magro e pálido, mas sorridente.

Tove também sorri e espera que o seu sorriso pareça autêntico.

Ainda bem que ele não pode ver-me os olhos.

Depois, ainda pensa:

Será sempre assim? Que tudo pareça tão triste quando se deixa de amar?  
Não haverá outra solução?

Karin Johannison está sentada à sua mesa de trabalho, mas não para quieta. Levanta-se, senta-se, põe os pés em cima da mesa, as unhas pintadas de cor-de-rosa combinam perfeitamente com as sandálias *Prada*, de finas riscas também cor-de-rosa. Comprou-as em Milão, na primavera, quando ela e Kalle estiveram lá para um fim de semana de compras.

Irrequieta.

Karin não sabe bem porquê, mas um dos motivos, provavelmente, é o facto de ela e Kalle terem feito sexo como dois loucos durante toda a noite. Abriram a janela e o calor húmido da noite tinha-os excitado.

Ela ainda o sente dentro de si, quer que ele a penetre de novo. Será por isso que não consegue ficar sentada e quieta?

Já não conversam como dantes, e quando o fazem é sobre coisas sem importância.

E nunca sobre o facto de não terem tido filhos, apesar dos inúmeros médicos que consultaram. Tudo bem. Podem fazer amor à vontade. O que já fazem desde que se encontraram pela primeira vez. Atualmente, fazer amor significa a confirmação de que estão bem na vida, que gostam de estar juntos. Mas Karin sabe que isso não pode durar para sempre. Só um filho os poderia fazer felizes.

Não se deve ter medo do amor sem palavras. As palavras, de qualquer maneira, não levam muito longe.

Mas há outro assunto que a atormenta.

Será que omiti algo importante?

É isso que não me deixa em paz?

Karin senta-se de novo, liga o computador, lê mais uma vez o seu relatório sobre Josefin Davidsson. Perfeito. Irretocável.

Lê o relatório sobre Theresa Eckeved.

Provavelmente assassinada na praia.

Porquê? Nenhuma marca no corpo assinala que foi levada daquele lugar depois de morta.

A terra por baixo das unhas era igual à terra junto da praia, com a mesma estrutura e a mesma composição.

Mas.

Será que verifiquei todas as unhas? Todos os vestígios de terra?

Não.

É o que devia ter feito. Pode haver diferentes tipos de terra em unhas diferentes.

Talvez estivesse com pressa em entregar o relatório a Malin e aos outros, e parti do princípio de que a terra seria a mesma em todas as unhas.

Tenho de verificar isso agora. Espero que ainda haja terra nas outras unhas.

Ainda se lembra do corpo todo lavado.

Lavado, esfregado com uma escova dura, mas ainda com vestígios de terra sob as unhas, se bem que não muitos, quase invisíveis. Por que razão o criminoso deixou escapar esse pormenor?

*Ela está perto daquilo que uma vez fui aos olhos dos outros. Retira a terra debaixo das unhas dos dedos médio e indicador da minha mão esquerda.*

*O que é que ela quer, agora?*

*Nunca me habituei ao frio desta sala. As pequenas janelas perto do teto, as bancadas de aço, os armários de aço inoxidável onde descansamos, as gavetas de metal que podem ser puxadas para fora e onde estou agora deitada, para não falar do cheiro a álcool e a espaço fechado. É um cheiro puro, limpo, mas carregado de tristeza.*

*O que quer ela fazer com os meus dedos?*

*Com a terra?*

*Precisará de ser tão metódica? Tão eficiente? Apesar de tudo, sou eu que estou deitada em cima do aço inoxidável. O meu corpo está completamente frio, esfregado e limpo, com o sangue congelado nas veias.*

*Mas, mesmo assim, sou eu mesma.*

*Quero que esta Karin pare de me tratar como se fosse uma coisa. Estás a ouvir, tu que te chamas Karin?*

*Quero que me afagues a testa, que mostres que sou alguém, que represento alguma coisa para ti, neste lugar onde estou deitada. Mas ela trabalha em silêncio, metodicamente, e isso faz-me sentir mais medo.*

*Por favor.*

*Afaga-me a testa.*

*Põe os meus cabelos em ordem.*

*Mostra-me que ainda sou um ser humano.*

O ar condicionado do laboratório para de funcionar, o que torna impossíveis certos testes que precisam de frio. Por isso, Karin telefona para os serviços de manutenção.

Mas para a análise dos vestígios de terra não é preciso estar frio. Karin sente as gotas de suor formarem-se-lhe na testa. Nem sequer veste a bata branca do laboratório. E, assim, é a camiseta clara, sem mangas, da Ralph Lauren, que brilha à luz branca das lâmpadas de mercúrio.

O corpo já está lá dentro de novo.

Karin não sabe porquê, mas antes de empurrar outra vez a gaveta para o frio afaga a testa da rapariga. Várias vezes. Calma e cautelosamente. Passa a mão pela testa de Theresa. Nunca antes tinha feito uma coisa assim.

Os resultados da primeira análise de terra estão em cima da secretária e a nova amostra está no microscópio.

O seu olho acomoda-se ao aparelho.

Vê logo que não é o mesmo tipo de terra. Esta vem de outro sítio. A primeira amostra era de terra arenosa, com os cristais muito mais regulares.

Karin faz novos testes. Aquela terra é orgânica e rica em minerais, é um tipo de húmus que se pode comprar em sacos em qualquer loja de jardinagem. Aquela terra vem de um jardim ou de um parque.

Portanto, pensa Karin, ela pode ter sido transportada depois de ter morrido. Ao debater-se, deve ter cravado as unhas na terra, e não foi na praia. A terra da praia alojou-se nas unhas quando o corpo foi lançado para a cova ou quando foi atirado para o chão.

Mas onde?

Malin vai gostar de saber, vai achar interessante, embora também possa significar pouca coisa. Ou nada.

Karin puxa os cortinados para o lado.

Observa a fachada amarelada do hospital.

Falta uma semana para entrar de férias.

Vou ficar doente, se não sair daqui e viajar.

Karin olha em volta, no laboratório. Os tubos de ensaio, os balões de vidro, as gavetas onde estão os mortos, os óculos de proteção, tudo é sensual para ela, de uma maneira difícil de explicar. Vê-se deitada na bancada, com a saia de algodão puxada para cima e Kalle a penetrá-la profundamente.

O mais profundamente possível.

Markus, está alguns centímetros afastado de Tove, no sofá. Na cabana dos churrascos.

Está mais fresco aqui, junto da piscina interior, vazia, por detrás da parede de vidro.

– No verão tomamos banho lá fora! – explica Biggan, a mãe de Markus, quando Tove lhe colocara a questão, em junho.

Markus quer que ela se aproxime dele. Nem precisa falar, ela sente-o perfeitamente. Mas Tove não quer, apenas lhe quer dizer que tem de se ir embora, mas não sabe como começar. Ele vai ficar triste.

– Senta-te aqui, ao pé de mim.

A *T-shirt* dele, Iron Maiden, dá-lhe um ar de rapazinho. Como aquela sua paixão pelo *heavy-metal*. Como se não quisesse ficar adulto, apesar de os seus corpos o pedirem.

Mas não fizeram amor. Markus queria. E ela também. Mas, ao mesmo tempo, não queria. No início, chegaram a ficar deitados, juntos, na cabana, por baixo de uma manta aos quadrados. E ela tinha agarrado o sexo dele com a mão, mas mais nada. E os dedos dele chegaram a afagar-lhe as cuecas, mas nada mais do que isso.

Aquela excitação estranha fizera-lhe medo. Mas não sabia porquê.

## CAPÍTULO 7

A CONVERSA FOI CURTA. Teve lugar logo a seguir a uma reunião ao início da manhã, sem novos resultados.

Karin Johannison conta a Malin que o corpo de Theresa Eckeved fora mudado de lugar e que a terra encontrada sob as suas unhas era terra de jardim. Por seu lado, Malin responde que, se ela foi mudada, devia ter sido, provavelmente, da sua casa onde os canteiros estavam cheios de húmus novo. Portanto, valia a pena fazer um novo controlo.

Zeke e Malin vão encontrar-se com Karin no estacionamento do laboratório. Era preferível irem juntos, ainda que Karin conduzisse o seu próprio carro, com a bagageira repleta de material.

Param diante da vivenda dos pais de Theresa.

Ao passarem pela casa onde nasceu, Malin resolve olhar na direção contrária. Foi como se a casa lhe tivesse gritado qualquer coisa inaudível. Era como se a casa quisesse que ela voltasse e tentasse recriar o ambiente do passado.

«Segredos» – parecem gritar as vozes.

«Vem cá, que nós vamos contar-te segredos.»

– Não vens? – grita Zeke para Karin, enrugando a testa e num tom de voz mais agressivo do que impaciente. Talvez, pensa Malin, esteja irritado por Karin ter omitido um pormenor que pode revelar-se importante. Mas quantas vezes isso lhes aconteceu aos dois? Como no caso da *sex-shop*, por exemplo?

Afinal, ninguém é infalível. Os deslizes fazem parte de todas as investigações.

– Já vou. Talvez possas ajudar-me com esta mala?

Zeke vai ao encontro de Karin, pega na grande mala escura e seguem os dois por um caminho de pedras brancas, entre arbustos sedentos por falta de rega, esquecidos.

Tocam a campainha. Sigvard Eckeved abre a porta meio minuto depois.

Surpresa e desconfiança, mas também esperança.

Já o terço prendido?

Malin vê a esperança nos seus olhos azul-esverdeados e um brilho de vida. Anuncia-lhe que há fortes indícios de que a filha dele foi assassinada num lugar diferente e não na praia. Por isso, precisam de fazer uma pequena pesquisa na casa, apenas para excluir a hipótese de ela ter sido assassinada ali.

– Vocês não acham que eu, que nós...

– Nem por um momento – diz Zeke, e Sigvard Eckeved afasta o seu corpo pesado, como se toneladas de tristeza se tivessem apoderado dele para sempre.

– Se isso puder ajudá-los na investigação, até podem deitar fogo à casa.

– Não será preciso – diz Zeke, a sorrir. – Já há incêndios de mais na nossa área.

– De facto – aprova Sigvard Eckeved. – Façam como quiserem. A minha mulher está na cidade, foi ao psiquiatra.

Malin caminha ao longo da cerca de arbustos que rodeia a piscina, à procura de pistas, ramos partidos, sinais de luta, mas tudo o que encontra são rosas vermelhas, já murchas, há muito a sofrerem com o excesso de calor.

Ela está exposta ao sol e, por várias vezes, precisa de enxugar o suor dos olhos e da testa. Repara que Zeke está do outro lado do relvado, na parte do jardim onde há árvores plantadas entre o relvado e as estacas que separam a propriedade da do vizinho.

Karin está dentro de casa. Malin observa como ela se enquadra perfeitamente no ambiente chique da piscina, com a sua camiseta de marca sem mangas.

Nesse momento, Zeke exclama em voz alta:

– Aqui!

Malin nota na voz dele a certeza de que encontrou algo importante.

– Ela deve ter tentado fugir para a casa dos vizinhos.

O terreno está coberto de folhas murchas do que seria uma plantação de batatas, de caules de cenouras e de beterrabas que ninguém quis colher. Notam-se bem os sinais da luta, que ficaram intactos, quase transformados em pedra pela seca, pela falta de chuva e de rega. Podem ver-se as pegadas, como o corpo de Theresa deve ter caído em cima das plantas, como foi

levantado e arrastado para trás, como ela se debateu, enterrando os dedos na terra, na tentativa de se agarrar à vida.

– Vamos chamar a Karin – diz Zeke.

Sigvard Eckeved deixa-se cair numa das cadeiras da varanda, a morte da filha está agora ainda mais próxima, está fisicamente presente na sua casa. E Malin pode imaginar como ele está arrasado, como lhes vai ser difícil continuar a viver ali, naquela que é agora a casa da violência.

Malin ajoelha-se ao seu lado.

– Lamento muito – diz ela.

– Não se preocupe – diz Sigvard Eckeved. Mas Malin entende que aquelas palavras não significam nada, que a situação, para ele, não pode ficar pior do que está, que talvez até haja consolação no facto de a filha estar em casa quando foi atacada.

– Mas não sei – diz ele. – Como é que vou contar isto à minha mulher. Esta história vai acabar com ela.

Ao acabar o seu trabalho, Karin vira-se para Malin que a espera à sombra de uma pereira.

– Ela deve ter vindo da piscina – diz Karin. – O criminoso atacou-a ainda na piscina e ela tentou fugir nesta direção. Mas não encontrei nada, nenhum sinal de sangue, nada.

– Vê em volta da piscina, por favor.

– Era o que eu ia fazer, Malin.

Minutos depois, Karin contorna a piscina, a água parece ferver, a superfície de um azul brilhante é convidativa e, ao mesmo tempo, repelente. Karin lança um *spray* com Luminol no estrado de madeira e na beira de pedra, espera que o produto atue, que denuncie os mínimos vestígios de sangue no escuro relativo produzido pela sombra da toalha azul que ela segura.

– Eu sabia – diz Karin, quando chega à parte da cerca de madeira que dá acesso à garagem. – Eu sabia – repete.

Malin vai até junto dela e Zeke aproxima-se também vindo de dentro da casa.

Sigvard Eckeved continua sentado na cadeira, o rosto sem expressão, paralisado.

– Vejam – diz Karin, chamando-os para observarem por baixo da toalha onde brilham, talvez, umas vinte pequenas manchas. O criminoso tentou lavar as manchas, mas posso garantir que foi aqui que a Theresa foi ferida na cabeça.

– Vai ser possível saber qual é o tipo de sangue?

Zeke fica suspenso da resposta.

– Infelizmente, não. Não vai ser possível – responde Karin. – Isto é apenas uma parte da verdade.

Malin volta a ficar de cócoras diante de Sigvard Eckeved.

– Quem poderia ter motivos para estar aqui?

– Quem?

– Sim.

– Não sei.

– Não se lembra de ninguém?

– De ninguém. Lamento.

– Ninguém, mesmo?

– Não. Pode ter sido qualquer pessoa.

– Um jardineiro, por exemplo?

– Sou eu que costumo tratar do jardim.

– E a piscina?

– Temos uma pessoa que vem todos os anos, no início de maio. Quando enchemos a piscina. Mas, este ano, fui eu que limpei e fiz tudo. E o ano passado estiveram cá uns operários para reparar a varanda.

O telefone toca no bolso do casaco de Malin.

– Aqui Fors.

– Malin? É Aronsson. Acabei de ler o dossiê sobre Sture Folkman. Posso falar pelo telefone?

– Estou ocupada agora. Podemos falar daqui a uma hora? Na Judiciária?

– Claro. Há alguns pormenores que gostaria de esclarecer contigo.

Malin desliga e guarda o telefone.

Sigvard Eckeved começa a chorar, todo o seu corpo estremece. Malin quer ajudá-lo, mas não sabe como. Em silêncio, limita-se a pousar a mão no braço dele. Não lhe diz que tudo vai ficar bem, que tudo acabará por se resolver.

*Não chores, papá.*

*Estou com medo, mas estou bem.*

*Tive medo quando tudo aconteceu junto da piscina e no jardim. Foi horrível, horrível.*

*Mas agora sinto que vai entrar tudo na ordem.*

*Mesmo o mal tem um ponto fraco.*

*Vem à superfície e pode ser vencido.*

*Então as pessoas vão poder gozar novamente o verão, com toda a tranquilidade, exatamente como achamos que deve ser, sem dor, sem mal.*

*Mas, primeiro, é preciso encontrar a solução. Aquilo a que vocês chamam verdade tem de vir ao de cima, por muito horrível que seja.*

*E tu, Malin, tens uma visita a fazer.*

*Tens de fazer uma visita a ti mesma. Talvez este regresso ao passado te permita seguir em frente.*

*Sei que nunca te vais esquecer de mim, papá.*

*E enquanto te lembrares de mim, eu vou estar contigo, com vocês.*

*É uma consolação, não é?*

## CAPÍTULO 8

A CASA ESTÁ DESERTA, mas quando Malin olha pela janela e vê um monte de brinquedos espalhados pelo chão imagina os gritos das crianças, as gargalhadas, os choros das disputas, as lutas por um carro de plástico, um urso de peluche ou um lápis de cor.

Na casa onde ela cresceu, mora agora uma família com filhos.

Malin pede a Zeke e a Karin para voltarem sem ela, com o pretexto de que lhe apetece andar um pouco a pé no bairro. Apanharia um táxi para voltar. Mas Karin diz que Zeke pode fazer o trajeto com ela e Zeke não protesta. Para surpresa de Malin, diz apenas: «Está bem.»

Toca a campainha, mas suspeita logo de que não há ninguém em casa. Dá uma volta pelas traseiras. A relva está queimada, certamente não recebeu água durante todo o verão e as tábuas de madeira da cerca que rodeia o terraço estão ressequidas por falta de verniz.

O pai iria sentir-se mal se visse isto assim, pensa Malin. O Senhor Pedante, o Senhor Perfeccionista, sempre dominado pela mãe, a Senhora Mais-Fina-Do-Que-Realmente-É.

A mãe.

Porque é que nunca conseguiste, ou melhor, nunca consegues reconhecer a realidade? As desculpas em Tenerife: «Podíamos ter comprado uma moradia, mas uma moradia dá tanto trabalho, com o jardim e a piscina.»

Para lá da cerca vivem agora outros vizinhos, jovens. E Malin lembra-se dos tempos em que brincava com uma bola de futebol no relvado da casa, nas tardes longas de verão, com o pai a chamar-lhe a atenção, aos gritos, para não acertar com a bola nas macieiras nem nos arbustos das amoras silvestres, enquanto a mãe ficava deitada na rede, a beber o seu vinho branco gelado e a olhar em frente, no vazio, em vez de olhar para ela, e sempre com a expressão de quem preferia estar noutra qualquer.

O inverno.

Bonecos de neve, noites e dias de uma escuridão que parecia não ter mais fim, as faces rosadas pelo frio e as disputas com Ida, a miúda vizinha, em quem um dia bateu a ponto de lhe fazer deitar sangue pelo nariz. E como se arrependeu depois do seu gesto.

O silêncio da mãe e do pai. Como se insinuavam à volta dela como serpentes e Malin com aquela dor na barriga, sempre com a sensação de que havia alguma coisa de errado e que devia a todo o custo ser mantido secreto.

O que foi que eu não vi? Por que motivo fui tão ríspida com o pai da última vez que ele telefonou e falei com ele?

Malin sente a falta deles naquele momento. Vê-os no apartamento de Tenerife que ela nunca visitou, a mãe de vestido florido, o pai de ténis, camisa e calções, a tomarem o pequeno-almoço na varanda e a falar dos vizinhos, dos vizinhos e do tempo, mas nunca da filha ou da neta, Tove.

Por que razão já não se interessam por Tove?

Apenas o amor obrigatório, de conveniência. A menor ternura possível. «Ela também é vossa!», é o que Malin gostaria de gritar. «Vossa.»

Malin respira fundo o ar quente do verão, sente os anos e todas as recordações inalcançáveis tomarem conta do seu corpo, a transformarem-se naquilo que ela é hoje. Fica de cócoras, a pensar.

O que é que eu não consigo ver?

A neve transforma-se em água.

Sobe ao terraço, olha pela janela da cozinha e, apesar do vidro, consegue ouvir o som de pingos de água a cair de uma torneira.

A cozinha é nova, os armários brancos do Ikea, modelo Faktum, brilham na luminosidade relativamente fraca. A sala de jantar é à esquerda, uma mesa quase igual à que eles tinham antes, madeira de pinho pintada de branco e cadeiras de espaldar alto, incómodas.

A torneira que pinga. A água. Sempre a água.

Piscinas cheias de cloro, os lagos de veraneio. Raparigas a trabalhar na época de verão e os seus movimentos aparentemente desorientados.

Qual é o significado da água?, pensa Malin. Queres fazer alguma ligação entre limpeza e água, é isso?

Malin afasta-se da casa com passadas rápidas, não tão rápidas como desejaria. Já está atrasada.

– O que é que tens contra mim, Zacharias?

Karin Johannison acelera e Zeke olha para a saia dela, branca, de algodão, que destaca bem a forma das suas coxas. Levanta os olhos e vê os seus cabelos compridos, finos e loiros, que enquadram as maçãs do rosto salientes.

– Eu não tenho nada contra ti, Karin – diz Zeke.

– Trabalhamos tantas vezes juntos – diz Karin. – Seria mais simples se nos entendêssemos.

Agora, Zeke olha em frente, fica em silêncio, apreciando a paisagem, as árvores do outro lado da ciclovia. Pergunta a si mesmo por que razão, instintivamente, pensa tão mal de Karin. Será por ela ter muito dinheiro? Do seu estilo seguro que advém do facto de ter nascido em berço de ouro? Será por causa da sua descontração em todas as situações? Ou será que há alguma razão do foro íntimo para a sua antipatia? Mulheres. Será que ele tem um problema por ela ser mulher? E ainda por cima tão atraente? Uma mulher que não se enquadra na imagem que uma perita em análises criminais deve ter?

Mas isso é apenas um preconceito meu, pensa Zeke. Por fim, chega a uma conclusão. Reconhece o que sempre soube, desde o primeiro momento em que a viu. Uma atração inacessível cria distanciamento. Se eu não te puder ter, posso, em contrapartida, fazer com que te sintas mal, com que te sintas menos apreciada, embora isso seja exatamente o contrário do que eu gostaria de fazer.

– Não sei – diz Zeke.

– Não sabes o quê?

– A razão de eu ser desagradável contigo. Mas isso agora acabou.

Karin não diz nada. No entanto, após um momento, desvia os olhos da estrada e olha para ele, um olhar cheio de reconhecimento e caloroso, talvez mesmo de desejo.

A agente da polícia, Aronsson, põe o dossiê em cima da mesa de Malin e esta e Zeke ouvem atentamente o que ela tem para lhes dizer.

– Fiz uma pesquisa alargada ao passado de Sture Folkman, tal como me pediu.

O rosto de Aronsson é suave, mas os dentes, ligeiramente protuberantes, fazem-na menos atraente do que poderia ser.

– Ele veio da Finlândia como «órfão de guerra». Ao que parece, viu toda a sua família morrer queimada na península de Karelsk. Foi parar a casa de uns camponeses, no norte, perto de Ängelholm, onde fez a instrução primária.

Aronsson recupera o fôlego, antes de prosseguir:

– Em mil novecentos e oitenta divorciou-se da segunda mulher, de quem teve duas filhas. Uma delas suicidou-se em mil novecentos e oitenta e cinco. A investigação foi bem conduzida na época, vê-se pelos relatórios. Encontraram-na enforcada. Aparentemente tinha já estado internada diversas vezes em hospitais psiquiátricos.

Mãos frias e brancas por cima do cobertor. Para com isso, papá, não quero, sou tua filha.

Cala-te, cala-te...

Malin afasta a imagem da sua mente. Certos homens deviam ser castrados ou linchados em público.

– A outra filha parece que foi viver para a Austrália, não é? Foi o que Folkman disse.

Aronsson abana a cabeça.

– Ela vive aqui. Mora há alguns anos na rua Vasastan.

– Mais alguma informação sobre ela?

– Chama-se Vera e tem quarenta e dois anos. Não temos mais informações sobre ela.

\*

Uma breve reunião improvisada para avaliar a situação.

São quase seis horas da tarde. Estão todos cansados do calor, de muitos dias de trabalho intensivo, e Malin quer voltar para casa e para Tove.

Sven Sjöman está diante da secretária de Malin, há uma atividade serena na sala. Karim Akbar já foi para casa. Disse que estava com enxaqueca. Nunca antes se queixara de tal, pensa Malin.

– Quer dizer que Theresa Eckeved foi assassinada, provavelmente, em sua casa?

A voz de Sven Sjöman, menos cansada do que em reuniões anteriores.

– Isso ainda não sabemos. Mas foi lá que alguém a atacou. Pode ter sido levada para outro lugar, antes de ser enterrada na praia – diz Malin. – O

criminoso também pode ter alguma ligação à casa. Se bem que nada foi confirmado pelo pai. E o álibi dos pais é intocável.

– Mais alguma novidade?

– Vera Folkman. O pai disse-nos que ela morava na Austrália, mas ela tem uma morada em Linköping. Vamos verificar amanhã.

– Ótimo – diz Sven Sjöman. – Na verdade, são essas pequenas discrepâncias que precisam de ser investigadas para se avançar num caso como este.

– Vera Folkman é apenas uma agulha no palheiro – diz Zeke.

Sven desvia o olhar para Waldemar Ekenberg e Per Sundsten que estão de pé, na outra ponta da mesa:

– E vocês?

– Estamos no último agressor sexual da lista – informa Per. – Depois, pensamos interrogar o círculo próximo de Suliman Hajif. Com ele, não conseguimos ir mais longe.

– Não podemos pedir ao procurador que o mantenha na prisão por mais algum tempo?

– Não me parece. Falei com ele há pouco e as provas que temos são muito fracas para prolongar a detenção.

E Sven Sjöman continua:

– É melhor deixá-lo sair e saber para onde vai e o que faz. E Louise Svensson? Alguma novidade?

– Estamos a seguir os passos dela. Mas ela limita-se a trabalhar na quinta – diz Malin. – Em contrapartida, tenho dúvidas quanto a Slavenca Visnic.

– Continuamos amanhã – diz Sven, mas quando olha para Malin franze as sobrancelhas.

– Mais alguma coisa, Malin?

– Não. É só uma ideia.

– Diz...

– Isto pode esperar – diz Malin.

Sven não insiste. Mas chama a atenção:

– Ainda não sabemos quem nos telefonou a respeito de Josefin Davidsson. E também ainda não encontramos a bicicleta dela.

Tove não atende o telefone nem o telemóvel, nem o fixo de casa.

Onde estará?

Malin ainda está sentada à secretária, sente a inquietação invadi-la. Já telefonou para casa de Markus e ele informou-a de que Tove tinha saído de lá duas horas antes. Tinham passado o dia a tomar banho no Tinnis.

Tove.

Eu disse-te para teres cuidado.

Malin levanta-se e dirige-se para o carro.

Malin sobe as escadas a correr, abre a porta do apartamento. Grita:

– Tove, Tove, estás em casa?

Silêncio.

O quarto em silêncio.

A cozinha vazia.

A sala de estar vazia.

A casa de banho vazia.

– Tove! Tove!

Malin abre a porta do seu quarto: «Tove, diz que estás deitada na minha cama.»

## CAPÍTULO 9

KARIM AKBAR TIRA O CAFÉ da cafeteira elétrica e olha em volta, na cozinha. A bancada e o lava-loiça, de aço inoxidável, foram especialmente encomendados e cobrem todo o espaço por baixo da parede de tijolos vitrificados que a sua mulher escolheu inspirando-se em revistas internacionais de decoração que costuma comprar na Presstop na praça Trädgårdstorg. Os armários também foram especialmente encomendados e pintados num tom de verde *British Racing Green*, a mesa e as cadeiras são de carvalho, compradas em Estocolmo, na Room.

Não está com enxaqueca.

Apenas a precisar de estar só.

Pensa no livro que gostaria de escrever, mas que, certamente, nunca vai chegar a sair da sua cabeça.

Nem ele mesmo acredita nas suas teses sobre integração.

O silêncio paira na casa em Lambohov.

Haverá algo mais silencioso do que uma casa de veraneio quando as pessoas que nela habitam estão noutros lugares?

Karim e a mulher discutem cada vez mais desde a última primavera. Discutem por tudo e por nada. E ele percebe que o filho se sente mal com essa situação. Fica tenso na companhia deles. Evita falar. Karim tem pena dele, mas não sabe o que fazer, nem pretende fazer seja o que for. Todo o esforço dispendido em manter uma máscara no trabalho e em todas as manifestações públicas, além da situação em casa, faz com que se sinta exausto.

Porque discutimos?

Karim inspira o cheiro da casa. Na semiobscuridade, os seus ângulos e recantos surgem-lhe agora de maneira diferente.

Ela não está satisfeita. Isso é claro. Acha que está tudo errado e que eu tenho tendência para ser autoritário. Serei? Não. Mas irrita-a, o que, por sua vez, me deixa irritado.

O rapaz está a formar-se. Não podemos prejudicá-lo.

E Karim pensa no seu pai, quando o encontrou pendurado, sem vida, no apartamento em Nacksta, numa manhã de domingo de um verão quase tão quente como este.

Eu tinha doze anos.

Aprendi, então, o que significa desespero.

Por vezes, talvez vá longe de mais, pensa Waldemar Ekenberg ao regar as rosas plantadas nas traseiras da sua casa, em Mjölby.

A mulher está na cozinha, a preparar a salada para um grelhado, à noite: lombo de porco em vinha-d'alhos desde a manhã, garrafa de vinho aberta na hora. Lá em casa, nada de comida pré-cozinhada, vendida em caixas. Isso nem pensar.

Ou vou mesmo longe de mais?

Os colegas já me denunciaram. Mas não houve consequências. É que o meu desempenho é melhor do que o dos outros. E no caso atual? Com um diabo à solta como esse, ninguém se importa se alguém apanha umas bordoadas, desde que não fique ferido.

É assim que as pessoas agem.

Às vezes, fica-se amarrado pelas circunstâncias. Está sempre a acontecer. Resta aceitar a situação, tal como acontece com as vítimas.

Ela lá dentro, na cozinha, quer ter filhos.

Para mim, isso não é tão importante, pensa Waldemar. E Deus sabe que eles bem tentaram. Tubos de ensaio aqui e ali, masturbação para dentro de vidros em retretes escuras com uma revista pornográfica nas mãos.

Até que ela fez quarenta e cinco anos e o assunto morreu. Partilham esse destino com muitos outros casais.

E, agora, aqui estou eu, no jardim. O céu está a escurecer. As estrelas aparecem em longínquas galáxias. A vida na Terra fecha-se em si mesma. Mas a única coisa que posso dizer, com toda a sinceridade, é que continuo a amar a mulher que está lá dentro.

Per Sundsten está diante de um quiosque de salsichas em Borensberg. O quiosque foi construído na década de 1950 e é o protótipo de um quiosque sueco, com a sua sala de espera para passageiros de autocarros. Per encomenda um *Snitsare* com queijo para levar consigo para o canal de Göta

e comê-lo com calma, a ver os barcos passar antes de continuar o caminho para o seu apartamento em Motala.

As vantagens da vida de solteiro.

Faço o que quero do meu tempo. Ninguém me diz o que devo fazer.

– Aqui está!

O imigrante, dono do quiosque, estende-lhe o *Snitsare*, o queijo ainda a escorrer pela carne.

Ele senta-se num dos bancos, ao lado do canal.

Um homem e uma mulher, mais ou menos da sua idade, passam num barco de velas azuis. Bebem vinho e acenam-lhe. Ele bebe um gole do seu refrigerante *Pucko* e retribui o aceno.

Ekenberg é louco.

Mas, ao mesmo tempo, é uma segurança tê-lo ao nosso lado. Ele sabe como fazer as coisas. Por mim, acho que ficaria melhor a trabalhar na unidade contra crimes ambientais, em Estocolmo.

Motala. Não muito diferente de Kalmar, onde nasceu e cresceu. Uma antiga área industrial, atualmente cheia de drogas e de problemas, sob o manto idílico de uma pequena cidade do interior. Mas de modo algum uma cidade para um homem de trinta anos morar.

No caso que agora estão a investigar, não consegue descobrir nada de substancial. As pistas cruzam-se umas nas outras, mas ele tem a sensação de que apenas está a acompanhar o caso, como se na realidade não tivesse mais nada que fazer.

Fors. É impetuosa, quase maníaca, chega a meter um pouco de medo. Às vezes, até ela parece ter medo de si mesma. Mas se alguém pode resolver o caso é ela.

Per dá mais uma dentada na carne do seu *Snitsare*.

Passa mais um barco.

Um homem ao leme. Parece aborrecido, sozinho, pensa Per Sundsten.

Zeke mete na boca um bom pedaço de solha. A mulher olha para ele e baixa os olhos para a mesa da cozinha e, intencionalmente, para os folhetos de publicidade de diversos lugares para passar férias: Sunny Beach, Creta, Costa Dourada. Sonhos embalados como sonhos.

– Agora, não consigo sequer pensar nisso. Em viajar.

Ela senta-se na sua frente, aponta para Sunny Beach.

– Aqui, parece que é barato. O que achas?

– Não ouviste o que eu disse?

De repente, a cozinha parece ter ficado infinitamente pequena, os armários de pinho parecem querer inclinar-se sobre mim, pensa Zeke. A pressão é grande. Ele gostaria de poder voar para o jardim, mas ela não está disposta a largá-lo da mão.

– O Lennart e a Siv estiveram em Creta, no ano passado. Disseram que foi muito bom. E é fácil arranjar passagens nesta época do ano. Há muitos voos para lá. Ou Espanha, o que achas?

Ela abre um dos folhetos.

– Faz uma reserva. Mas se não conseguirmos solucionar o caso que estamos agora a investigar, não vou poder viajar.

– O que achas de Rimini?

Ele olha de frente para a mãe de Martin, a sua mulher. Quem és tu? E Zeke pensa na investigação, no calor, na luz, na poeira e nas pernas de Karin Johannison, no carro, por baixo do tecido branco da saia. Tudo isso cria um novo distanciamento, transforma-o num estranho dentro da sua própria casa.

Karin Johannison está nua junto da piscina, no grande terraço da sua casa, a maior de Ramshäll. Os arbustos altos em volta do jardim impedem a visão de quem está do lado de fora. A noite cheira a enxofre e a resina.

Kalle, diante do televisor na sala de estar.

Está a ver no TCM um daqueles filmes antigos que adora, uma comédia de Frank Capra.

Mandaram construir a piscina na primavera passada. Há muito que esperavam construí-la.

Também têm quem os ajude a tratar da piscina, através de um vizinho. É uma mulher que só faz isso, no bairro. Chega sempre quando eles não estão em casa. Limpa tudo, deita na água as quantidades certas de cloro, mas Karin nunca chegou a encontrar-se com ela. Kalle disse que ela é competente, embora seja uma mulher de poucas palavras. E só aceita receber o dinheiro sem fatura.

*Whatever*, que fazer?

Karin pensa no que Martinsson lhe disse no carro.

Pensa nele.

Quase dez anos mais velho. Sempre pensou se ele teria alguma coisa contra ela, mas confiou sempre nele. Agora, porém, a situação ficou esclarecida. A maneira como ele olhou para mim. Eu podia ter parado ali mesmo, para fazer com ele aquilo que muitas pessoas fazem na berma das estradas.

Um verão longo, quente e louco.

Está muito calor mesmo, à minha volta.

E dentro de mim.

Está na hora de voar, pensa Karin, e salta, por impulso das pernas, flutua por um curto momento no espaço, e cai na superfície tranquila da piscina. O corpo desce nas águas refrescantes e fica por algum tempo a deslizar no silêncio do fundo.

Malin enfia-se na cama, ao lado de Tove.

Tove estava a dormir, ainda cansada da viagem. Malin acordou-a, repreendeu-a. E ela justificou-se:

– O telemóvel está com a bateria descarregada. Fui só comer um gelado com a Júlia ao Bosses Glassbar e depois fomos ver se encontrávamos alguns amigos em Stora Torget. Mamã, tem calma.

E Tove adormece de novo. Malin também se sente cansada. Vai à cozinha e bebe meio copo de tequila. Tem a impressão de que se aproximam da verdade e que em breve tudo terá acabado.

Depois, volta para o quarto, para junto de Tove, despe-se e enfia-se por baixo do lençol, sentindo no corpo a pele quente da filha e as leves vibrações das batidas do seu coração, motivos suficientes para continuar a luta e a viver.

# CAPÍTULO 10

O QUE VAMOS FAZER com todas estas pessoas? As que não sabem como pôr ordem nos seus desejos, as que ferem outras por causa das suas próprias feridas?

Uma grande prisão na província de Norrland.

Castração química.

Castração.

Vigilância eletrônica.

É de manhã cedo e Per Sundsten não consegue pôr em ordem os seus pensamentos, ao seguir com Waldemar Ekenberg atrás de um recém-acordado Arto Sovalaski, no corredor da sua *stuga* vermelha, num dos extremos de Linghem, uma cidade-dormitório a leste de Linköping. Já tinham passado por um jardim bem cuidado, embora queimado pela seca como toda a vegetação em volta. Viam-se groselheiras espinhosas ladeando o caminho de brita que levava à entrada da casa.

– Já sei porque é que vocês aqui estão. E ainda por cima num sábado. Nunca têm folgas?

– Não, mas pelo menos evitámos a reunião de hoje de manhã – diz Per Sundsten. Arto Sovalaski arrasta-se como o homem mais cansado do mundo, com o seu rosto a refletir noitadas de muita bebida e de muito fumo, sem a sombra de um sonho para o futuro.

A casa está impregnada de cheiro a suor.

– Na realidade, devíamos estar de férias – continua Per – mas Linköping foi assolada por uma série de crimes.

Arto Sovalaski, o último de uma lista de conhecidos agressores sexuais na sua área de investigação.

Veste uma *T-shirt* amarela e manchada, com uma retroescavadora desenhada ao nível do peito.

– Você trabalha?

A pergunta é de Waldemar Ekenberg, ao entrarem na sala de estar. Arto Sovalaski deixa-se cair em cima de um sofá de riscas amarelas e castanhas,

o único móvel da sala. Pelo chão de madeira, garrafas e cinzeiros espalhados.

– Não. Estou na pré-reforma.

Não devem querer ter nada contigo, por lá, pensa Per. Quatro violações em quatro meses, há mais de dez anos, em diferentes cidades: Växsjö, Karlstad, Örebro e aqui, em Linköping. Desde então, mais nada.

– Portanto, deve saber porque estamos aqui?

– Sim, não é a primeira vez. Sempre que há um crime sexual, aparecem os chuis. Mas podem pôr-se a andar. Eu estava fora quando tudo aconteceu. Estava em Öland, com uns amigalhaços. Podem telefonar-lhes.

Waldemar aproxima-se dele.

Outra vez não, pensa Per.

Mas Waldemar, desta vez, controla-se.

– Pode dar-nos os números dos seus amigos?

– Claro.

Dez minutos mais tarde, estão de volta ao carro e a caminho da cidade. O álibi de Arto Sovalaski confirmado por um finlandês bêbado, no outro lado do estreito de Kalmar.

– Com isto, completámos a investigação – diz Waldemar Ekenberg. – Agora vamos voltar para o departamento e dar mais uma sacudidela ao Suliman, antes de o soltarmos.

– Eles soltaram-no ontem à noite – diz Per Sundsten.

– Assim, sem mais nem menos...

Foi uma boa manhã de sono. Nada de levantar cedo.

Uma autoconcessão feita nessa manhã de sábado, mas às nove horas Malin desce, ao encontro de Zeke.

Era o segundo sábado desde o início da investigação. Passara pouco mais de uma semana, mas é como se tivessem sido anos a lutar contra aquela praga.

O calor continua. Talvez mais intenso, cada vez pior.

A fachada da igreja tremula no ar, de tal modo que Malin nem consegue divisar a inscrição sobre o pórtico.

Zeke, onde estás? Ele telefonou há dez minutos, acabava de passar por Berga, portanto já devia estar aqui.

Tove continua a dormir no apartamento.

Malin desce pela rua, olha para as montras da Galeria St. Lars, vê os quadros coloridos de Madeleine Pyk e Lasse Åberg. A arte não é o seu forte, mas aquilo que está pendurado nas paredes em St. Lars dá-lhe náuseas.

Vera Folkman. A que ponto está destruída?

Quebrada, produtos quebrados. Devem ser devolvidos.

Como aquele casal de americanos que adotou uma menina ucraniana que mais tarde veio a revelar um grande atraso no seu desenvolvimento. Parece que devolveram a menina por encomenda postal e que ela morreu de frio no porão do avião, a dez mil metros de altitude.

Uma buzina. Zeke.

Momentos depois, Malin está sentada no ambiente mais fresco do carro com ar condicionado. Recupera o fôlego e não nota a presença de uma carrinha branca, estacionada no cimo da rua Ågata.

Tove espreguiça-se ainda na cama, na cama da mãe, continua a ser maravilhoso dormir ali de vez em quando.

Vai encontrar-se com Markus mais tarde. É hoje que vai dizer-lhe que acabou, que continua a gostar dele, mas que já não está apaixonada por ele e que podem continuar a ser amigos.

Mas ele não vai aceitar.

Por fim, Tove levanta-se da cama.

Apenas pela luz que entra no quarto pelas frestas das persianas, sabe que o dia vai ser o mais quente desde que voltou de Bali.

\*

Tocam à campainha da porta do apartamento de Vera Folkman na rua Sturegatan. Mora no segundo andar, mas ninguém responde. De fora, o apartamento já dá uma estranha impressão de abandono.

– *Gone, baby, gone* – diz Zeke. – Merda, que calor, parece ficar mais quente a cada segundo que passa.

Quanto mais tempo ficam diante da porta do apartamento, mais sentem o mau cheiro que vem lá de dentro.

– Cheira a excrementos de animais – diz Zeke.

– Talvez ela tenha gatos lá dentro.

– De qualquer forma, cheira muito mal.

– Talvez esteja na Austrália – diz Malin, virando as costas e começando a descer as escadas. – Talvez tenha deixado o gato lá dentro.

– Na Austrália, certamente, está uma temperatura mais amena do que aqui, mesmo em Alice Springs – completa Zeke.

– Julgava que era o lugar mais quente do mundo.

– Errado. Linköping é o lugar mais quente do mundo.

Tove pedala montada na sua bicicleta.

A *T-shirt* cor-de-rosa ajusta-se perfeitamente ao seu corpo.

Através dos óculos de sol, o mundo parece sonolento e amarelado.

Pedala e passa diante do Tinnis, depois sobe a encosta para Ramshäll, contorna o hospital e desce na direção do Hotel Ekoxen. Tem a estranha sensação de que alguém a segue, que alguém a observa. Mas continua a pedalar, o mais depressa que pode, pensando que deve ser o nervosismo, antes da conversa que vai ter com Markus, que a torna paranoica.

Tove já sentira aquela impressão quando fora buscar a bicicleta à arrecadação.

Olha em volta, ninguém suspeito, nada de diferente, apenas menos gente do que o habitual, por causa do calor. A cidade está muito vazia.

Sobe o declive na direção do hotel, vira a cabeça: aquela não é a mesma carrinha que viu estacionada perto do apartamento? à saída de casa? e que passou por ela quando saiu de casa do Markus?

Fica com medo.

E para no hotel.

Abre o portão de madeira do parque municipal.

Foi aqui que eles encontraram uma das raparigas.

Mas, de qualquer maneira, lá dentro o carro não poderá segui-la.

Uma figura escura ao volante. Quem?

A filha dela anda muito depressa na bicicleta. Não posso baixar a guarda. Vou apanhá-la como apanhei as outras. Ela não me pode ver. Parou no portão de entrada para o parque. Abriu-o e entrou, mas parece estar com medo.

Mas eu não sou uma pessoa de quem se deva ter medo.

Mas ela agora desapareceu.

Atravessa rapidamente o parque. Já me viu, com certeza. Vou passar adiante, baixar o boné sobre os olhos. O tempo, o meu tempo, o nosso tempo está a chegar. As minhas mãos seguram firmemente o volante.

É hora?

O Tinnis está em frente. Pode ser o lugar.

Será que devo telefonar à minha mãe?

Não.

O carro seguiu em frente, não parou, e a pessoa com o boné, lá dentro, já vai longe.

Estou apenas confusa.

Deve haver mais de uma centena de carrinhas brancas em Linköping.

O parque está quase vazio. E Tove volta para o portão do parque perto do hotel.

Não há carrinha branca à vista.

Tove segue diretamente para a casa de Markus, decidida, consciente do que quer fazer, como a mãe, pensa.

# CAPÍTULO 11

Zeke está à sombra de um guarda-sol amarelo, já meio desconjuntado, no snack bar do Tinnis. Acaba de tirar a película aderente de uma sanduíche de carne picada. Malin quer dar um mergulho durante a hora do almoço. Primeiro, ele protesta. Não tinha mais nada em que pensar, senão em nadar?

Mas ela insiste.

Diz que não aguenta ir para o ginásio da Judiciária com aquele calor.

O sol permanece descoberto num céu sem nuvens.

As árvores fazem sombra do outro lado do lago artificial, a piscina coberta está abandonada, e as piscinas ao ar livre estão vazias para serem limpas.

Zeke prefere não tomar banho.

Muita gente. Gente de mais, principalmente à hora do almoço.

As águas do lago artificial também não parecem limpas, por muito cloro que tenham colocado lá dentro. Ao chegar, passam por uma mulher que vai a sair. Está vestida de branco e tem uma mala preta numa das mãos e um recipiente cheio de tubos de ensaio na outra. Deve ser alguém com a missão de testar a qualidade da água.

Para mim, tanto faz, pensa Zeke, dando uma dentada na sanduíche. Mesmo que ela seja a maior perita do mundo em higiene, não sou eu que vou tomar banho aqui.

Malin não se importa.

Está de fato de banho vermelho e pronta para se atirar à água.

A água com cloro envolve-lhe o corpo numa frescura agradável.

Malin dá longas braçadas, sente o cloro limpar-lhe a pele. O ar limpa os pulmões, o esforço faz bem, chegar aos limites dói, mas se não doer, também não resulta. As bolas vermelhas das cordas de separação transformam-se numa linha única, à medida que ela aumenta o ritmo das braçadas.

A sua respiração é rápida, os músculos explodem, mas ela luta, braçada a braçada, e aproxima-se mais uma vez da margem, faltam uns trinta metros.

Chega.

Segura o corpo com a mão na borda, está ofegante, olha para Zeke que continua sentado debaixo do seu guarda-sol amarelo.

Malin sobe para a borda da piscina, fica sentada, os pés ainda na água, respira fundo, sente-se limpa e purificada, como se o suor e a poeira tivessem desaparecido para sempre, como se ela entrasse numa nova fase da sua vida. Uma fase melhor. É como se tivesse renascido. A superfície da água reflete mil tons de azul, fortes e claros, que ela absorve.

A piscina em casa da família Eckeved.

A praia fluvial.

O lago de Glyttinge.

Sofia Fredén que tinha trabalhado no Tinnis no ano anterior.

Josefin Davidsson que tinha um trabalho temporário, no verão, no Glyttinge, mais ou menos na mesma altura em que também houve problemas com a água.

As gotas são como um caminho, a pureza como um mantra.

A violência como um rosário.

Zeke levanta-se quando ela se aproxima da mesa.

– Podes emprestar-me o teu telemóvel? Preciso de fazer uma chamada, imediatamente.

Zeke tira o aparelho do bolso, os seus movimentos são lentos por causa do calor. Algumas crianças com boias fazem um grande alarido, não se atrevem a saltar para a água, chamam pelos pais para ganhar coragem e segurança, querem saber se não há perigo.

Três toques, antes da resposta.

– Sigvard Eckeved.

– Olá, aqui é Malin Fors. Esqueci-me de lhe perguntar uma coisa. Vocês têm alguém para limpar a piscina? Disse-me que tinha ido aí alguém por causa da piscina. Quem foi?

– Está a falar da mulher que veio cá a casa?

– Sim.

Zeke fixa-a, na expectativa. Ela passa a mão livre pelos cabelos. A resposta demora.

– Sim, de facto costuma vir aqui uma mulher na primavera, para calibrar o sistema de limpeza. O seu telefone tocou e acabei por não lhe falar nisso. Depois, achei que não era importante. Afinal, vocês estão à procura de um homem, não é?

– Uma mulher? Foi o que disse?

– Sim.

– Como é que ela se chama?

– Elisabeth.

– E o apelido?

– Não faço ideia. Devo dizer que lhe pagava por baixo da mesa. Na primeira vez, dei o meu número de telefone a um vizinho e foi ela que telefonou depois. Mais tarde, foi sempre ela que telefonou, a saber se precisávamos dos seus serviços. Nunca cheguei a ter o telefone dela. Funciona assim, também, com a mulher da limpeza, uma polaca que vem aqui. Mas, como disse, em relação à piscina, fui eu que fiz a última limpeza.

– Okay, muito obrigada. Tem o telefone do seu vizinho?

Silêncio.

– Infelizmente, ele morreu de ataque cardíaco, há um ano.

– E a mulher dele, poderá ter esse número de telefone?

– Ele vivia sozinho. Mas o meu novo vizinho pode ter continuado a contratar os serviços dessa mulher. Talvez ele tenha o número.

Sigvard desaparece da linha, mas volta um minuto mais tarde e dá um número que Malin memoriza.

– Muito obrigada.

– O que significa tudo isto?

– Não sei – diz Malin. – Vamos ver.

Assim que desliga, vira-se para Zeke.

– Ainda te lembras do nome da filha de Sture Folkman, a que se suicidou?

– A Aronsson nunca mencionou o nome dela durante a nossa reunião – diz Zeke. – Mas lembro-me de ter lido no relatório que ela se chamava Elisabeth. Fixei o nome porque era também o da minha primeira namorada.

Malin vira as costas e dirige-se a passos rápidos para o vestiário. No caminho, tenta verificar se o número de telefone recém-obtido ainda continua na sua cabeça.

Continua, sim.

Como uma imagem. Como se o número fosse um cartaz de néon num prédio velho de Los Angeles.

Markus está triste.

Não chora, mas Tove pode vê-lo a dobrar-se sobre si mesmo, os seus ombros a descair e o olhar a ficar nervoso. Estão sentados à mesa da cozinha, com a luz do sol a refletir-se no aço inoxidável do frigorífico, de modo que ela foi obrigada a fechar um pouco os olhos. Tinham acabado de comer sanduíches e de beber leite e falado do que iriam fazer durante o resto das férias. Markus tinha previsto que as passariam juntos, talvez na casa de campo dos pais, até que Tove, por fim, consegue dizer as palavras que quer. E, nessa altura, as palavras não saem no tom que deseja:

– Gostava que nos separássemos.

Como uma chicotada. Demasiado rápido.

As palavras são brutais, com toda a sua evidente simplicidade. E Markus é apanhado de surpresa.

– O que disseste?

– Quero...

– Mas eu julgava que...

– Prefiro ter a minha liberdade, e já não sinto a mesma coisa, já não é como ao princípio... É melhor continuarmos como amigos.

As palavras a saírem-lhe rápidas da boca, como se estivessem a queimá-la lá dentro.

– Quero concentrar-me nos estudos.

Markus não diz nada.

É como se deixasse as palavras assentarem, primeiro. Como se o seu significado penetrasse lentamente no seu consciente. Mas o que há para dizer?

– Eu senti a tua falta durante todo o tempo que estiveste em Bali.

– Mas eu não senti a tua falta.

Com aquelas palavras, a tristeza dele transforma-se em fúria. Levanta-se e grita-lhe:

– Não poderias ter dito isso antes de partir? Que querias acabar? E eu, aqui, o verão todo à tua espera, nem sequer fui a uma única festa!

– Não grites comigo!

– Estou na minha casa e posso gritar tanto quanto eu quiser.

Tove levanta-se, corre para a entrada, enfia as sandálias e abre a porta.

Ele chama-a.

– Volta, a minha intenção não era ficar zangado.

Mas Tove sente-se vinte anos mais velha, adulta, ao ouvir o desespero na voz dele.

Mas, mesmo assim, resolve ir-se embora.

Ainda ouve a porta bater ao fechar-se.

E também a sua própria respiração. A adrenalina a espalhar-se no seu corpo a ponto de lhe provocar vertigens.

DEIXA-A IR EMBORA DE BICICLETA. DEIXA-A IR.

ENCONTREI A TUA MÃE HÁ POUCO, NO TINNIS.

TU ÉS PARA ELA UMA PREOCUPAÇÃO CONSTANTE.

VEM PARA MINHA CASA, VEM.

DEIXA QUE EU TE TRANSFORME NUM ANJO.

A INOCÊNCIA RENASCIDA.

ELA A SAIR DE CASA ZANGADA, A CORRER. BATEU COM A PORTA. NÃO OLHOU NA MINHA DIREÇÃO NEM VIU O CARRO ESTACIONADO MAIS ACIMA, NA RUA ÍNGREME.

CALMA, TENS DE TE ACALMAR. EM BREVE, NUNCA MAIS PRECISARÁS DE FICAR ZANGADA.

\*

*A morte espreita, lá fora.*

*Cuidado, Tove, muito cuidado. Não queiras ser uma de nós.*

*Nós chamamos-te em coro, mas as nossas vozes de anjos não chegam aos teus ouvidos.*

*Para, para.*

*Ouve o que te dizemos.*

*Para.*

*Estás surda, não ouves, as nossas vozes não passam de vibrações no teu ouvido.*

*Em vez de parares, continuas a pedalar. Indignada, continuas a pedalar rumo à tragédia.*

*Diretamente para o fogo, para o círculo mais profundo.*

*Quem te poderá ainda salvar?*

*Nós não!*

*A tua mãe?*

*Tudo vai depender daquele que te tiver mais amor!*

## CAPÍTULO 12

– A ÁGUA, ZEKE, este caso está relacionado com a água.

Malin fala depressa a caminho do carro no parque de estacionamento e explica a sua teoria: todas as raparigas estavam perto de locais onde se podia tomar banho e há o facto de todas elas terem sido lavadas com um frenesi maníaco, até o cheiro era o mesmo, o *Klorin* de Josefin e Theresa e o cheiro a cloro das piscinas.

Malin sente-se quase febril. A realidade, o ar, os prédios, os carros, o calor, o céu, tudo à sua volta parece querer voar, estilhaçar-se, mas consegue controlar-se.

– Queres dizer com isso que temos de procurar uma pessoa que limpa piscinas? – Zeke mostra-se cético.

– Sim. Alguém que trata da limpeza de piscinas.

– Alguém em particular?

– Precisamos de andar depressa, Zeke.

Zeke enche o peito de ar.

– Vamos começar por onde? Aqui?

– Porque não?

Enquanto voltavam à piscina, Malin telefona para o número que Sigvard Eckeved lhe dera, mas o vizinho não tinha contratado ninguém para limpar a piscina. «Faço eu mesmo a limpeza.»

E agora estão os dois sentados numa sala quente forrada de azulejos amarelos, ao lado da cafetaria, a falar com o administrador do Tinnis, Sten Karlsson, um pacote de músculos, calções de nadador salvador e uma camisa vermelha com o emblema do balneário: um leão-marinho com uma bola no focinho.

Diante deles, a secretária coberta de papéis.

– Para dizer a verdade, a papelada não é o meu forte – diz Sten Karlsson, com ar desolado. O que querem saber?

– Queremos saber o nome de quem se ocupa da limpeza das piscinas.

– São os nossos nadadores salvadores e os técnicos enviados por uma empresa. Os nadadores salvadores limpam com cestos de rede e com aspiradores de fundo. Os técnicos verificam o resto.

– Todos os nadadores salvadores são funcionários da empresa? – pergunta Malin sem esconder a impaciência quando não consegue obter a resposta que deseja.

– Sim.

– Algum deles trata da desinfecção das piscinas?

– Não. Esse serviço é feito por uma empresa contratada.

– Então, foi a mulher que eu vi? – diz Zeke. – Ela estava aqui há cerca de uma hora, não estava?

– Sim, eles mandam-nos uma mulher que controla as condições bacteriológicas da água.

– Quem é ela? – pergunta Malin bruscamente.

– Chama-se Elisabeth. Não sei o apelido dela. Quanto ao nome da empresa, só um momento...

Elisabeth. Será que essa Elisabeth é Vera Folkman, que trabalha com o nome da irmã que morreu? Mas se é ela, na realidade, o que quer isso dizer? Se é Vera Folkman, até que ponto pode estar marcada pelas experiências que viveu?

Sten Karlsson procura entre os papéis espalhados na secretária.

– Esperem. Está aqui.

Pega numa fatura. Linköpings Vattentekniska AB, uma sociedade anónima. Malin tira-lhe a fatura da mão.

Lê a morada e o número do telefone.

– Sabe onde é que ela tencionava ir a seguir? – pergunta Malin.

– Não faço a menor ideia. Ela é sempre muito reservada.

Sten Karlsson aponta para a fatura.

– Ela deixa as faturas aqui sem dizer nada, a não ser que pretenda receber em dinheiro. Mas uma coisa posso dizer: ela sabe do ofício. Desde que vem aqui, há dois anos, a água está sempre ótima.

\*

Malin e Zeke estão lado a lado diante do escritório de Sten Karlsson. O papel onde escreveram o nome da empresa, a morada e o número de

telefone está na mão de Malin.

– Johannelundstigen, dezassete – diz Zeke. – Nunca ouvi falar de Johannelundstigen.

Malin lê o número de telefone: 013 17 02 66.

Marca o número.

Uma voz, no gravador: «O número que marcou não está disponível de momento...»

– Merda – suspira Malin.

– Telefona para as informações – diz Zeke. – Pergunta-lhes.

Ela liga 118 118!

A voz alegre da telefonista deixa Malin irritada.

«O número 013 17 02 66 não está atribuído.»

– Mas Johannelundstigen, em Linköping, nem sequer existe. Quer que a ligue à Direcção Geral de Impostos?

Depois de um longo tempo de espera, por fim atende uma pessoa que informa que, por lei, o departamento de finanças está encerrado aos sábados, no mês de julho. A seguir, mais um tempo de espera para a transferência da ligação e uma nova voz feminina atende, formal e burocraticamente, como era de esperar. Zeke continua ao lado, a bater com os pés no chão e com o suor a escorrer da testa.

– Disse Linköpings Vatterntekniska AB, número de registo nove, oito, sete, seis, oito, nove?

– Exatamente.

– Lamento, mas não existe nenhuma empresa com esse nome e esse número de registo.

Malin desliga.

Sente a pressão do calor no peito, o coração a bater com mais força. Por quanto tempo uma pessoa pode manter uma falsa empresa a funcionar? Um ano, dois, três? Talvez mais tempo, dependendo da maneira como gere os seus negócios. Mas quem sabe há quanto tempo essa mulher está a trabalhar na cidade? Terá estado realmente na Austrália, como Sture Folkman disse?

– Alguém tem muito a esconder – diz Malin. E, ao seu lado, Zeke sorri, com uma expressão de confiança no rosto.

Seguem os dois para o Glyttingebad.

O quiosque de Slavenca Visnic parece vazio e fechado para sempre. No estacionamento, o cheiro a fumo dos incêndios na floresta ainda continua forte, os ventos sopram de nordeste, trazem o cheiro diretamente para o balneário, partícula por partícula.

Hakan Droumani, de cinquenta e cinco anos, oriundo do Sul da Europa é o diretor do balneário. Mal pode conter a satisfação pela forma como lhe corre o negócio num verão como aquele. Convida Malin e Zeke para tomar café na pequena cafetaria do balneário.

Perguntas e respostas rápidas.

– Sim, chama-se Elisabeth. Apelido? Não faço ideia. Se eu sei alguma coisa sobre ela? Não. A empresa onde trabalha chama-se Vattenteknik, em Linköping AB, ou qualquer coisa do género. Pago em dinheiro vivo, sempre em dinheiro vivo, para mim não há problema, claro, não há número de conta na fatura, mas as contas das empresas custam dinheiro e ela, certamente, quer poupar...

– Nunca teve necessidade de lhe telefonar? Por exemplo, em junho, quando houve problemas com a água da piscina?

– Foi ela que me telefonou. As autoridades de saúde pública deram a notícia ao jornal antes mesmo de me informarem. De resto, nunca precisei de lhe telefonar.

Malin liga mais uma vez para as informações e para as finanças:

– Não existe... Lamento...

– O que fazer?

Malin guarda o telemóvel no bolso, olha para Zeke com uma expressão interrogadora.

– Podemos voltar ao apartamento de Vera Folkman, para ver se a encontramos agora.

A voz de Zeke cheia de segurança. Adota as teorias de Malin, de como tudo se encaixa e os encaminha para uma solução, embora ainda falte a confirmação.

– Vamos lá... – diz Malin. – Vamos ver se Vera Folkman é mesmo essa famosa Elisabeth.

E entreolham-se, dois inspetores à caça no verão, ambos a sentir a proximidade da violência, como estão a ser atraídos para o seu núcleo, para o olho do furacão, para o centro do vulcão prestes a explodir.

Malin sente o estômago a contrair-se.

E não é de medo. Mas ainda não consegue convencer-se disso.

Zeke passa a mão pelos ombros de Malin.

– Calma, Malin – diz ele. Mas nem a voz de Zeke consegue ser suficientemente intensa para apaziguar as suas preocupações.

# CAPÍTULO 13

TOVE ADORA A BIBLIOTECA.

É um belo edifício moderno, reconstruído depois do incêndio do antigo numa noite fria de janeiro.

Gosta dos arcos por cima dos livros e o verde que invade a sala através de uma grande janela envidraçada, de frente para o parque do castelo, o Slottspark. Gosta do cheiro dos livros antigos, um certo cheiro a mofo, mas cheio de expectativas e de sonhos. É o perfume dos segredos, atraente, mas também perigoso.

Está sentada numa das poltronas pretas com vista para o parque, mais uma vez mergulhada na leitura de *O Grande Gatsby*, as festas e o amor entre Jay e Daisy, completamente diferente do seu caso com Markus, um namoro que nunca se transformou em amor. Ou será que o amor vem depois?

Será que me vou arrepender?

Já leu aquele livro pelo menos cinco vezes. Precocemente madura, foi o que escreveu a professora de literatura a respeito do seu exercício sobre o livro.

Podia ficar ali sentada horas e horas, a ver a manhã transformar-se em tarde e a tarde em noite. O tempo está bom lá fora, mas é-lhe indiferente.

Lá fora no parque, homens de cor, envergando fatos-macaco verdes, varrem os relvados, juntando as folhas das árvores que nesse ano caíram cedo.

Vira a página.

Lê um pouco mais, antes de ir para casa jantar.

\*

O dedo de Zeke na campainha da porta do apartamento de Vera Folkman na rua Sturegatan. O calor é muito intenso na escada. O vidro da janela da

escada parece curvar-se para o exterior, mas Malin tem a impressão de que as chamas sobem do chão a queimar-lhe as pernas.

Ninguém vem abrir a porta e eles permanecem do lado de fora. Há no ar um cheiro a podridão.

– Vamos arrombar a porta?

Malin pronuncia as palavras mais como um incentivo do que uma pergunta, não quer deixar espaço para dúvidas.

– Não podemos, Malin. Sabes muito bem.

– O que fazemos, então? Como é que podemos apanhá-la? Ela é como o nevoeiro, como o fumo, uma sombra.

– Acalma-te, Malin.

– Desculpa. É este calor que me deixa louca.

– Vamos voltar para o departamento. Ver o que se pode fazer. Convocar uma reunião.

– Okay. Vamos então.

Antes de entrar no *Volvo*, Malin telefona a Tove. Quer saber o que ela está a fazer, certificar-se de que está bem.

Um vidoeiro espalha a sua sombra sobre o carro onde Zeke se estica para ligar o ar condicionado por baixo do retrovisor.

Tove atende logo ao primeiro toque.

– Mamã, estou na biblioteca, a ler. Tiveste sorte por eu me ter esquecido de desligar o telemóvel. Aqui dentro não se pode ter o aparelho ligado. Mas acho que não perturbei ninguém.

– Julguei que estavas em casa do Markus.

– Rompi hoje com o Markus, mamã.

Não me contaste nada, pensa Malin, embora já o esperasse. Porque não falaste comigo, Tove? Tem vontade de lhe ralhar, mas contém-se, com medo da resposta.

Malin já esperava aquela rutura, mas não tão cedo.

No entanto, talvez essas coisas aconteçam assim, de repente, como uma revelação.

– Mamã, ainda estás aí? Eu disse que rompi hoje com o Markus.

– Ele ficou triste?

– Sim, ficou.

– Foi difícil?

- Não sei. Mas depois senti-me bem.
- Hoje à noite, em casa, voltamos a falar sobre isso, está bem, Tove?

Há tantos livros, pensa Tove ao percorrer as prateleiras à procura de um para levar para casa emprestado, e tão pouco tempo para os ler.

Acaba por retirar um livro da prateleira, de um autor norte-americano que fala de um internato para miúdos ricos.

Tove leu uma crítica numa revista. Aparentemente, é bom. Dez minutos depois, sai da biblioteca com o livro debaixo do braço.

Comer? Não estou com fome e a mãe não vai estar em casa. Não tem graça nenhuma comer sozinha.

Os homens da limpeza já não estão no parque e a sombra, debaixo das árvores, junto do estacionamento e do caminho para o castelo parece convidativa.

Vou deitar-me naquela sombra a ler, pensa Tove. Não tenho mais nada para fazer.

ESTÁS A APROXIMAR-TE DE MIM.

SERÁ QUE VOU TER A SORTE DE TE VER DEITADA NO RELVADO POR BAIXO DO CARVALHO, AO MEU ALCANCE?

ESTÁS A TRAZER A BICICLETA NA MINHA DIREÇÃO.

SE TE DEITARES ALI, APENAS A CINCO METROS DE DISTÂNCIA, POSSO APANHAR-TE SEM NINGUÉM DAR POR ISSO.

Tove encosta a bicicleta a uma árvore, olha na direção do estacionamento, mas não nota a presença da carrinha, escondida atrás de uns arbustos.

Tira a toalha de banho do saco, estende-a na relva, deita-se de lado, abre o livro e começa a ler.

Ao fundo, os ruídos da cidade. A sirene de uma ambulância. Os carros e o som contínuo de um coro de centenas de aparelhos de ar condicionado. Fragmentos de vozes humanas. Uma porta de correr que se abre.

Em breve, os ruídos da cidade são abafados pelo ritmo das palavras na sua cabeça.

ESTÁ NA HORA DE ME APROXIMAR.

NINGUÉM ME VÊ. ESTAMOS NO INÍCIO DA TARDE, E NO ENTANTO ESTAMOS AQUI SOZINHAS. É EU VOU TER-TE.

NÃO HÁ NINGUÉM NO CASTELO NEM NO EDIFÍCIO DA ADMINISTRAÇÃO NEM NO PARQUE.

O CAMINHO QUE LEVA À BIBLIOTECA TAMBÉM ESTÁ DESERTO. CHEGOU A HORA DE RENASCERES. VOU LEVAR-TE PARA CASA DELE, PARA O DESFECHO FINAL.

ELES VÃO DIZER QUE SOU LOUCA. TALVEZ ESTEJA FORA DE MIM, MAS TENHO DE O FAZER.

LEVAR-TE PARA O NADA.

DEBAIXO DOS MEUS PÉS, O ASFALTO DO ESTACIONAMENTO CEDE LUGAR À RELVA DO PARQUE. JÁ ESTOU PERTO, JÁ PARTILHO CONTIGO A SOMBRA DA ÁRVORE. O ÉTER NA MINHA MÃO, ENSOPADO NUM PANO. A MINHA FARDA BRANCA ESTÁ IMACULADA E TU NEM ME OUVES CHEGAR. AJOELHO-ME AO LADO DA TUA TOALHA DE BANHO E PRESSIONO O PANO COM ÉTER NO TEU NARIZ.

Que é isto?

Um cheiro acre e penetrante, qualquer coisa húmida e ardente no nariz. Tove quer virar-se, mas o corpo não lhe obedece. Porque não obedece? Pelo canto dos olhos, vê uma figura branca, sente o peso dos braços de alguém e o mundo começa a desmoronar-se.

Estou sonolenta, tão sonolenta, mas não quero dormir, não aqui nem agora. Sou arrastada pela relva, depois por um piso mais duro que deve ser asfalto e depois perco os sentidos, o mundo transforma-se num sonho, antes de ficar tudo escuro e glacial.

O céu estremece.

E como num sonho encantado, cheio de brancura, estende a mão para uma membrana transparente, sente a membrana começar a tremer antes de retirar a mão, entrega-se, sonha com um mundo que só existe nos seus piores pesadelos.

# CAPÍTULO 14

HÁ FOGO POR TODO O LADO.

O fogo salta da copa de uma árvore para outra, ruge quando transforma em cinzas tudo o que encontra pelo caminho.

O verão está quente. Mas o inferno das chamas é ainda mais quente. Lentamente, o fogo espalha-se e desce na direção do lago Hultsjö. Janne e os seus colegas correm de costas voltadas para o lago, as mangueiras forçam a passagem pela vegetação, ziguezagueiam por entre os arbustos ainda verdejantes, em direção ao lago de onde os geradores sugam a água através de bombas potentes.

A noite passada, Janne dormiu no carro dos bombeiros, no espaço vazio onde antes estavam as mangueiras. A noite à sua volta estalava e ressoava com estrondo. O cheiro de fumo, de animais e insetos carbonizados, de terra coberta de cinzas era sufocante.

As chamas, como um muro abrasador, estão a cem metros de distância, à sua frente. Aproximam-se cada vez com maior rapidez. As pessoas contra o fogo, o fogo contra as pessoas.

Janne está encharcado em suor, quer tirar a roupa do corpo, fugir do calor, mergulhar no lago.

O fogo é um monstro.

E eles combatem-no apontando os jatos de água ao coração do monstro.

Reunião da tarde.

Karim Akbar pigarreia. Com um olhar vazio, observa a sala de reuniões, os grãos de poeira que revolteiam no ar.

Malin acaba de expor a sua teoria sobre Vera Folkman e invoca a sua empresa fantasma. Depois acrescenta que não sabem como encontrá-la.

– Temos de arranjar um mandado de busca para entrar no apartamento dela – diz Sven Sjöman, do seu lugar, ao lado de Zeke. As persianas foram levantadas, o parque infantil em frente da janela está deserto, as creches

continuam fechadas durante o verão. – Alguém tem alguma ideia de como encontrar essa mulher?

– Nem sequer sabemos se essa Elisabeth é Vera Folkman – diz Karim.

– Podemos admitir que é – afirma Malin.

– Podemos emitir um comunicado para procurarem uma carrinha branca – diz Zeke. – Mas há muitas na cidade.

– Também podemos investigar se há outras empresas registadas com nomes semelhantes – comenta Malin.

– Mais alguma ideia? – pergunta Sven Sjöman. – Ainda não temos motivos suficientes para entrar no apartamento dela, e tu sabes isso, Malin, mesmo considerando que o mau cheiro que vem lá de dentro pode indiciar maus tratos a animais.

Mas tudo bate certo, Sven, pensa Malin, as vozes das investigações dizem-nos isso, não é? E, além disso, há aquele ditado: «É o desejo que mata.»

Waldemar Ekenberg e Per Sundsten, calados.

Calam-se como só os polícias podem fazê-lo quando estão a farejar a verdade.

– Ouvimos os seis últimos agressores sexuais esta manhã. Sem resultado – diz Per.

– Também sem resultado foi a vigilância a Suliman Hajif e Louise Svensson. Assim como a Slavenca Visnic, que não fez mais nada do que ocupar-se dos seus quiosques, ainda que a tivéssemos perdido de vista esta manhã.

– Mas ela também tem uma carrinha branca – diz Per. – Portanto, em teoria, Slavenca Visnic também pode ser essa Elisabeth.

– Nós verificámos o interior da carrinha dela na floresta – diz Malin. – E não tinha nada lá dentro que pudesse ser relacionado com limpeza de piscinas. E o diretor do balneário de Glyttinge também a teria reconhecido, uma vez que ela tem lá um quiosque.

– Investiga isso, para não descartarmos nenhuma hipótese – diz Sven, dirigindo-se a Per Sundsten.

Ouve-se, então, a voz de Waldemar, cheia de ceticismo:

– Vocês pensam mesmo que uma mulher podia fazer isso? Vibrador para cá, vibrador para lá, não será totalmente contrário à natureza feminina?

– Preconceitos – diz Malin. – Não faltam casos na História de mulheres que cometeram crimes e agressões sexuais. E, na maioria dos casos, elas próprias foram abusadas, como é o caso de Vera Folkman.

– E de Slavenca Visnic – acrescenta Per.

– Acho que devemos dar mais um apertão a Suliman Hajif – diz Waldemar, mas ninguém tem vontade de comentar a sua sugestão.

Malin deixa de os ouvir. Pensa em como poderá entrar em contacto com Vera Folkman. Pensa em coincidências, em como as piscinas e todas as outras ligações podem ser apenas fruto do acaso. E que Vera Folkman talvez não seja Elisabeth. Ou será mesmo?

O desejo de se dissolver para renascer como outra pessoa.

– Vamos lá, de novo – diz Karim. – Ninguém tem ideia de como encontrar Vera Folkman?

Onde é que estás agora?, pensa Malin.

Onde é que eu estou?

Porque está tão escuro e o que está a pressionar os meus olhos? Dói-me a cabeça e tenho vontade de vomitar, mas isso ainda não é o pior. Há algo muito pior, mas o que é? Ainda respiro, pensa Tove, e isto é um sonho. Lembra-se da sombra por baixo da árvore, o papel do livro nos dedos, mas que espécie de sonho é este? Markus, és tu? Sente que respira, sente o cheiro de um produto de limpeza e tenta levantar-se, mas as pernas estão paralisadas.

Tenta apoiar-se nos braços, mas também não obedecem. Mamã, mamã, onde estás? Isto não pode ser verdade, eu ainda não morri. Será este o meu túmulo, mamã? Tove tenta gritar, mas não consegue fazer sair nenhum som dos seus lábios.

Um pano na boca.

Para que é que eu teria um pano na boca, se já estivesse morta?

Ou se estivesse a sonhar?

Malin olha em redor na grande sala cheia de secretárias.

São seis horas e pouco.

Como é que esta tarde se passou tão depressa?

Passou o tempo a escrever relatórios.

Todas as provas foram analisadas. Nada.

Esperam por uma chamada a assinalar um veículo. Nada.

A vigilância ao apartamento de Vera Folkman não deu qualquer resultado, a mulher permanece um fantasma. O mesmo acontece com Slavenca Visnic, que parece ter-se evaporado, não apareceu nos seus quiosques e o carro em que foi para os incêndios também não foi visto.

Entretanto, uma boa notícia. Andersson, do departamento técnico, telefonou. O Facebook deu informações, confirmando que a Lovelygirl era mesmo Louise Svensson, tinham conseguido encontrar o seu endereço eletrónico.

Malin fala com Janne ao telefone.

Foi ele que telefonou. Conta que tiveram de recuar para lá do lago Hultsjö, que um dos geradores fora consumido pelo fogo, assim como uma cabana de caçadores onde estavam alguns malucos que por pouco não foram cercados pelo fogo na tentativa de a salvar.

A cabana dos irmãos Murvall. O caso Bengt Andersson.

– Estou tão cansado, Malin.

– Vai para casa e dorme.

– Não posso.

– Não podes, porquê?

– Precisam de mim, aqui. E depois, não sei, estou ansioso, não consigo parar quieto.

– Eu também.

A eterna agitação de Janne.

Hultsjö. Foi lá que ela teve de desvendar outro caso, no inverno passado. Foi lá que o Mal surgiu no caminho de Maria Murvall.

O mesmo ódio?

Não.

Ou, quem sabe?

Quando apanharmos Vera Folkman, vamos ter de verificar o seu ADN para o compararmos com o do violador de Maria Murvall. E Slavenca Visnic? Já pedi a Karin para tomar conta do assunto.

No ecrã do computador são já seis horas e cinquenta e dois minutos.

Malin telefona para casa, espera que Tove responda.

Mas não.

Telemóvel.

Cinco toques, depois a gravação.

Começa a inquietar-se, o que não é de estranhar, pensa Malin, enquanto desliga rapidamente o computador e abandona o departamento.

# CAPÍTULO 15

VERA FOLKMAN, MOTALA, KLOCKRIKE, 1977-1985

QUANDO FICA MUITO FRIO no quarto e ouço as tábuas do chão estalar, tento pensar no verão em vez de pensar no monstro.

Num desses verões em que eu e a Elisabeth andávamos de bicicleta ao longo do canal e um vento suave soprava nos nossos cabelos finos e claros. Ainda vejo o seu vestido branco de algodão colar-se ao corpo, afagar a sua pele cada vez mais, a cada pedalada. É a minha irmã mais velha e eu tento acompanhá-la, mas para ela não há competição. Para e espera por mim. A luz do sol passa pelas folhas do carvalho da margem do canal onde as árvores são muito antigas. E lá está ela, com a sua bicicleta vermelha, à espera, a sorrir para mim.

Pedalei depressa demais? Não era minha intenção. Vai à frente. Eu vou atrás de ti. Não precisas de te voltar. Estarei sempre aqui, atenta para que nada te aconteça.

Eu tenho doze anos. Ela, catorze.

Uma vez chegadas ao lago Vättern tomamos banho nuas, sem o mínimo pudor, em praias onde só estamos as duas. O verão lava a dor dos nossos corpos.

Ali, onde ele não pode alcançar-nos.

Partilhamos o segredo das trevas, ela e eu.

Ele vem até nós com a mesma frequência, para uma e para outra, e eu quero gritar e ela quer gritar, mas ele põe os seus longos dedos brancos nos nossos lábios, passa-os depois para baixo e nós deixamos que aconteça, caso contrário, não sabemos para onde ir.

A casa é dele e nós dependemos dele.

E dói muito. Quero gritar, mas, em vez de gritar, choro. E, depois, ouço-a a ela, a chorar, durante horas, até que a luz do dia começa a voltar e as

paredes cor-de-rosa dos nossos quartos voltam a tomar forma. E a dor fica bem dentro de nós.

Uma aranha tece a sua teia por cima da janela à luz do luar. As suas pernas são brancas. No jardim, os coelhos continuam a raspar o chão das suas coelheiras.

Nunca conseguiremos parar de nos lavarmos.

O sabonete também não é suficiente. Encontramos o detergente debaixo do lava-loiça, na cozinha, e na garagem encontramos garrafas azuis com um líquido leitoso que cheira como o hálito dele. O líquido queima-nos, fere-nos, mas, de certa maneira, faz bem, ajuda a estragar o que ele quer de nós. Como se a dor nunca fosse suficiente. Mas ele é forte e os seus dedos tão frios, toda a sua figura é feita de determinação.

A nossa mãe prefere não ver. Porque prefere não ver? E no entanto, ela sabe.

Ele é o nosso pai. Nós somos suas filhas. Ele chega durante a noite e, nessa altura, não há saída, o único caminho a seguir é para o interior de nós.

Mas o verão é maravilhoso.

Cabelos ao vento ao longo do canal. Nós fingimos que não dói, quando nos sentamos no selim da bicicleta. Mas temo-nos uma à outra: o nosso amor recíproco talvez possa impedi-lo de nos tocar, talvez possa vencê-lo.

Por fim, a nossa mãe abre os olhos.

Leva-nos para casa da avó, um apartamento de duas divisões em Borensberg. E as duas discutem, gritam, e eu tenho medo que ele venha atrás de nós. Mas não veio. E passa muito tempo até eu compreender que, de qualquer maneira, ele vai sempre fazer parte de nós.

Vivemos apertadas num apartamento, um quarto e uma sala, em Klockrike, para onde nos mudámos.

Eu tinha treze anos quando fomos ao médico, um encontro sem palavras onde ninguém nos pediu uma explicação, apetrechos metálicos, frios, dentro de mim e, então, vi expressões de repugnância e de compaixão, mas também de receio e de desprezo nos olhares deles.

A reencarnação do monstro deve ser extraída.

E eu sou a prova viva de como é doloroso viver, sentir uma dor que poucos querem ou ousam olhar de frente.

A minha irmã não disse nada.

Festeja os quinze e os dezasseis anos sem bolo de aniversário e ficamos escondidas por detrás das árvores como se toda a gente soubesse, como se não houvesse consolação possível. Os verões passam, sem cor e sem vento. E nos dias mais quentes ficamos deitadas ao lado uma da outra. Ela não diz nada, nem sequer responde quando lhe pergunto se quer dar uma volta de bicicleta.

O hospital. Está sentada na cama, a um canto. Já veio parar aqui várias vezes.

Chamo-a. Voltou da escola antes de mim. E eu chamo-a, grito o seu nome ao chegar a casa.

Elisabeth, grito eu à entrada, mas ela não responde.

A sala de estar está vazia. E eu quero sair dali, ir para a rua, correr, andar de bicicleta, voar para um mundo diferente deste horrível apartamento em que nos limitamos a sobreviver.

Mas ela não.

A casa de banho cheira a mofo, os azulejos brancos começam a soltar-se, mas os ganchos no teto que seguram a corda da roupa, por cima da banheira, são suficientemente fortes para aguentar o seu peso.

A corda branca está enrolada com duas voltas no seu pescoço, a sua cara está azul como o inverno, e os seus olhos azuis, os meus olhos azuis, estão como se quisessem sair das órbitas. Os seus cabelos loiros descem pelo seu corpo nu e inacreditavelmente limpo, os pés suspensos, imóveis.

Há pequenas feridas nos seus pulsos e nas suas tíbias, como se se tivesse arrependido e tentado soltar-se.

Urina amarela no fundo da banheira e não a água do duche. Nesse momento, senti falta da água. Queria que ela jorrasse, cheia de vida.

Avancei e agarrei o teu corpo, minha querida irmã. Sonhei que eu e tu voltaríamos a esperar uma pela outra, a partilhar de novo os segredos das trevas. Mas tu estavas muda e fria e pus-me a gemer.

Agarrei o teu corpo, minha irmã, abracei-o fortemente e senti o nosso amor perdido.

Já não sentes medo, pois não, irmãzinha?, perguntei.

Mas ela não respondeu.

Já não havia inocência naquele momento.

E eu prometi-lhe, prometi a mim mesma, um dia fazer justiça por tudo o que tinha acontecido.

Para que o mundo e o nosso amor pudessem renascer.

# CAPÍTULO 16

LOUISE «LOLLO» SVENSSON,  
QUINTA DE SKOGALUND, JUNHO DE 2007

FOSTE TU QUE O DEIXASTE ENTRAR, PAI.

Se não nos tivesses abandonado, a mim e à mãe, ele nunca teria entrado na nossa casa, na minha vida, nos meus lençóis, no meu corpo.

Ele queria que eu lhe chamasse papá, aquele maldito Folkman.

Aparecia durante a noite.

As tábuas do chão rangiam quando ele aparecia.

E dizia: «Louise, só quero tocar-te um pouco lá em baixo, toca-me também, sente como eu estou», e em seguida aproximava-se, as suas mãos eram frias, todo ele era frio e duro, a cheirar a vodca barata.

Às vezes, nas noites em que as tábuas não rangiam, eu pensava em ti, pai, como desapareceste e nos trocaste por aquela mulher de que a mãe nos tinha falado e que tinha duas filhas que adotaste.

Esquece-o, dizia a mãe.

Já não existimos para ele.

E eu odiava-te nas noites em que Folkman aparecia.

E em todas as noites. Ainda te odeio agora.

E, no entanto, a única coisa com que sonhava era um dia ver um carro, de um prateado brilhante, parar diante da nossa casa, ver-te sair do carro, abraçares-me e dizer: «Vou levar-te comigo, a partir de agora vai ficar tudo bem, és a minha filha e eu vou amar-te como todo o pai deve fazer.»

Mas nunca chegaste.

Quando era mais velha, fui algumas vezes de carro até Nässjö, onde vocês moravam. E fiquei sentada no carro diante da tua casa, a ver quem entrava e quem saía, cheguei mesmo a ver as filhas da tua nova mulher, que

eram já adultas, como eu. Quando vos vi todos juntos, soube a que ponto as amavas, um amor que, na realidade, devia pertencer-me.

O meu amor.

Tu nunca reparaste no meu carro.

Nem mesmo quando eu te seguia.

Mas deves ter adivinhado que era eu que te telefonava, que fazia aquelas chamadas, que era eu que estava no outro lado da linha.

O que poderia eu dizer, pai?

Porque, embora eu te visse, tu eras para mim apenas um perfume, uma imagem e uma voz que faziam parte da minha infância.

Um dia, foste pescar, como costumavas fazer.

Tinhas envelhecido.

Estacionei o carro um pouco mais longe e caminhei pelo pontão, aproximei-me de ti.

Nesse momento, eu era a criança, a rapariga e a mulher, tudo ao mesmo tempo.

Era um dia de outono, frio mas ensolarado, e tu viste-me aproximar e reconheceste-me logo. Começaste a gritar:

– Desaparece, não quero saber de ti, desaparece, deixa-me pescar sossegado.

Se uma pessoa pode morrer mais de uma vez, eu morri, naquele momento, quando caminhava no pontão.

– Eu não quero ser visto contigo, desaparece!

Um dos remos ainda estava em cima do pontão, comprido e duro, com uma lâmina de metal na ponta.

Sabes quem deixaste entrar na nossa vida?, queria eu perguntar-lhe. Vim à procura do teu amor, queria eu dizer-lhe.

«Desaparece», gritaste tu.

O remo.

Quando leram o testamento, constatou-se que deixavas tudo à tua nova mulher e às tuas filhas adotivas. Só tive direito a cinco mil trezentas e vinte coroas.

# CAPÍTULO 17

– TOVE, TOVE, TOVE, TOVE, TOVE, TOVE!

Malin procura por todo o apartamento, corre, anda, passa por todas as divisões da casa, mas Tove não está lá, nem na sua cama nem na cama da mãe. Nem no roupeiro, nem nos armários da cozinha. Com os diabos, como é que ela poderia entrar nos armários da cozinha?

Meu Deus, que calor.

– Tove!

Não entres em pânico, agora, Malin Fors, nada de pânico.

Malin senta-se numa das cadeiras da cozinha, sente o suor formar-se no couro cabeludo. E insiste:

Pensa, pensa, pensa.

Não deve estar com o Markus. Mas, ainda assim, liga-lhe.

Pega no telemóvel, marca o número, é Hasse que atende.

Aparentemente, ainda não sabe que eles romperam.

– Não, Malin, Tove não está aqui. Desapareceu?

Sem tempo para conversas.

– Hasse, o meu outro telefone está a tocar. Vou ter de desligar.

Os amigos?

Quem é que está na cidade? Com quem é que ela comeu um gelado? Julia? Telefonar à Julia.

Malin corre para o quarto, liga o computador de Tove, procura Julia Markander na lista.

– Olá, Julia. É Malin, a mãe da Tove. Ela está aí, contigo? Não? Sabes onde pode estar?

Filippa e Elise.

Estão de férias.

No computador o relógio marca 19h37.

A esta hora, ela já devia estar em casa ou ter telefonado.

Que inferno!

Nada de pânico, agora, Fors. E, de repente, o seu quarto parece-lhe velho e gasto, o papel das paredes amareleceu nos últimos seis meses, os cortinados parecem pirosos e antiquados, com os seus motivos em lilás e amarelo, as paredes estão nuas, sem fotografias, e os beirados das janelas sem plantas fazem o quarto parecer estéril.

Há quartos de hospital com mais encanto.

É melhor concentrar-me.

Janne. Será que ela foi para casa de Janne? Mas ele não está lá, está nos incêndios.

Ou estará para chegar a qualquer momento? Foi ao cinema.

Mas devia telefonar. Tove é muito responsável e sabe que eu ficaria preocupada sem notícias, tendo em conta o que se está a passar na cidade.

Sente-se muito inquieta. Pode ter acontecido o pior.

Nunca devemos mostrar a cara nas conferências de imprensa. Quem sabe o que se pode passar pela cabeça desses loucos?

Telefona a Janne.

Três toques antes de ele atender.

– Aqui Janne. Malin?

– É a Tove. Acho que ela desapareceu.

Pelo tom da sua voz, ele percebe que o caso é sério.

– Estou a caminho – diz Janne. – O fogo pode continuar sem mim, por algum tempo.

Malin deixa-se cair no sofá da sala de estar. Esfrega os olhos, pensa:

«Como é que uma coisa destas pôde acontecer?»

QUANTO É QUE TU PESAS, MEU ANJO ESTIVAL?

QUARENTA E CINCO QUILOS? NÃO MAIS.

ENROLEI-TE NUM TAPETE NO CARRO, PEGUEI EM TI AO OMBRO E TROUXE-TE PARA AQUI, PARA ONDE NOS ENCONTRAMOS AGORA.

NÃO ESTOU COM PRESSA.

ESTÁS A DORMIR EM CIMA DE UM ESTRADO DE MADEIRA, MAS É SEMPRE DIFÍCIL SABER QUAL A QUANTIDADE NECESSÁRIA DE ÉTER. PARA AQUELA QUE SE CHAMA JOSEFIN, USEI UM PRODUTO DIFERENTE, UM QUE DESAPARECE DO CORPO SEM DEIXAR VESTÍGIOS. É QUANDO ELA ESTAVA DEITADA NO ESTRADO, ESFREGUEI-A BEM COM *KLORIN*, MAS NÃO COM MUITA FORÇA, PARA NÃO A FERIR.

APANHEI-A NA FLORESTA, NA RYDSKOGEN, QUANDO VOLTAVA PARA CASA DE BICICLETA.

NUNCA CHEGARAM A ENCONTRAR A BICICLETA.

FIZ-LHE SINAL PARA PARAR. E ELA PAROU. FICOU COM MEDO QUANDO VIU A MÁSCARA NA MINHA CARA. AINDA RESISTIU, MAS ADORMECI-A RAPIDAMENTE.

AS MARCAS NOS BRAÇOS FUI EU QUE AS FIZ COM UMA TESOURA QUE RECEBI DE PRESENTE AOS DEZ ANOS. DEPOIS LAVEI-A, LIMPEI-A E ESFREGUEI-A. CHEIRAVA A *KLORIN*. É CLARO QUE PODIA LIMPÁ-LA AINDA MAIS, USANDO OS PRODUTOS DE LIMPEZA PARA AS PISCINAS, MAS ESSES SÃO FACILMENTE DETETÁVEIS. DEPOIS DESPI-ME E COLOQUEI EM MIM AQUELA COISA AZUL, FIZ DANÇAR AS UNHAS DE COELHO, TRANSFORMEI OS MEUS DEDOS EM PERNAS BRANCAS DE ARANHA. ELA ACORDOU E VIU A MINHA MÁSCARA. GRITOU, MAS ESTAVA AMARRADA.

PRESA.

EXATAMENTE COMO TU, MEU PEQUENO ANJO ESTIVAL.

E, DEPOIS, USEI AQUELA COISA AZUL.

PARA DENTRO E PARA FORA. ELA PARECEU DESAPARECER E EU GRITEI-LHE QUE FICASSE. PARA TU PODERES VIR, MINHA IRMÃ QUERIDA, ERA PRECISO QUE ELA FICASSE. MAS VI LOGO QUE NÃO VALIA A PENA.

ELA NÃO ERA, NUNCA SERIA COMO TU.

AQUELA PEQUENA PUTA JAMAIS CHEGARIA SEQUER AOS TEUS PÉS. ALÉM DISSO, TALVEZ ALI FOSSE O LUGAR ERRADO.

DEI-LHE UM SEDATIVO E LEVEI-A PARA OUTRO LADO.

ELA ESTAVA A SANGRAR POR CAUSA DAQUELA COISA AZUL. LEVEI-A PARA O TINNERBÄCKEN, DE ONDE DEVE TER FUJIDO, DEPOIS, PARA O PARQUE. ELA NÃO ME VIU E PÔDE CONTINUAR A VIVER PORQUE NUNCA PODERIA TRANSFORMAR-SE EM TI.

MAS ESTA QUE ESTÁ AGORA DEITADA NO ESTRADO, ENTRE AS GAIOLAS DOS COELHOS E AS CAIXAS DE CARTÃO COM AS PERNAS DE ARANHA, ESSA PODE TRANSFORMAR-SE EM TI, TEM EM SI A CAPACIDADE DO AMOR RENASCIDO.

SEI AGORA, EXATAMENTE, COMO TUDO DEVE ACONTECER.

*Mas... E nós?*

*Porque nos mataste?*

*Não a mates, deixa-a viver. Ela não poderá flutuar como nós, ainda não. Tem compaixão, deixa que a torrente de lava ardente da violência recue e permaneça subterrânea. Essa corrente já foi longe de mais, tens de reconhecer. Mostra o teu rosto e as pessoas vão compreender o que a falta de amor te fez. Quem encontra um monstro em vez do amor não pode tornar-se humano.*

Janne já na entrada do apartamento, suado e com fuligem no rosto, calças de algodão brancas e camiseta amarela, com as palavras «Kuta Beach».

Caem nos braços um do outro, a tentar, sem sucesso, libertar-se juntos da inquietação.

– Telefonaste para a polícia? – pergunta Janne. Sorriem, mas logo em seguida calam-se, o medo e a preocupação são sufocantes. – Telefona agora, lança uma operação de busca.

Malin telefona para o departamento, pede para ligarem ao comandante de plantão, Löving, e explica-lhe a situação. Ele diz:

– Vamos procurá-la imediatamente, podes contar com todo o nosso empenhamento.

Zeke. Devia telefonar-lhe. Liga-lhe e ele atende. Respira fundo, Malin sabe que ele adivinhou. Esperemos que não seja demasiado tarde.

– Vou já, Malin, e vou telefonar também para os outros.

– Que outros?

– Sundsten e Eckenberg. Sjöman. Karim.

– Mas onde vamos procurar?

– Por toda a parte, Malin. Por toda a parte. Vou começar pelo apartamento da Vera Folkman.

– É ela.

– Sim, é muito provável. Vou pedir a todos que venham armados. – Eu levo a minha arma.

– Vem – diz Malin a Janne depois de tirar a pistola do armário, no quarto. O coldre escondido por baixo de um casaco leve de algodão branco.

– Que horas são?

– Nove e um quarto.

– Ela já devia estar em casa, se tivesse ido à sessão das sete.

– Não achas que um de nós devia ficar aqui, para o caso de ela chegar?

– Bem pensado, Janne, mas não – diz Malin. – Ela é a nossa filha, temos de ficar juntos.

Depois, Malin deixa um bilhete no chão da entrada.

«TOVE, TELEFONA!

*Mamã e papá.»*

# CAPÍTULO 18

ALGUÉM SE APROXIMA.

Estou acordada. A minha cabeça quase explode. Dói-me tanto que nem sei como estou acordada. Onde é que estou?

Estou deitada numa coisa dura e não me posso mexer. O que é que está a arranhar as minhas costas? E o cheiro? Cheira mal, aqui. E não estou em casa. Onde está o meu livro? Adormeci debaixo da árvore?

Dói-me o corpo todo.

Tove tenta levantar os braços, mas estão presos.

Um rosto sem rosto aproxima-se dela. Grita, mas sente que tem um trapo na boca.

Mais próximo.

Tenta soltar-se. Esperneia.

Mamã.

Papá.

Depois, uma coisa fria no nariz e o sono volta. Um sono milagroso. Quero sair daqui.

A casa, situada perto do bairro Malmslätt, num recanto solitário, perto da floresta, está em obras. A fachada de madeira, pintada de amarelo, vai ser substituída por uma nova. Malin olha para os carros de Janne, um, dois, três, quatro sucatas, só Deus sabe de que marcas.

É o *hobby* de Janne.

Restaurar e depois vender.

E com isso fazer um dinheiro extra.

O problema está no facto de ele nunca vender nenhum dos carros. Na oficina e na garagem estão quatro carros americanos em perfeito estado de uso. Mas ele não os usa, não os mostra a ninguém, são dele.

Ela nunca chegou a perceber aquela mania dos carros.

Achava que era o máximo da falta de sofisticação.

Coisa de maluco. E Malin só há pouco mais de um ano percebeu a incompreensão da mãe diante de tudo o que era desagradável, deselegante, que aparecia na sua casa. Como ela, sem saber, herdou da mãe o gosto e como isso influenciou o seu relacionamento com o único homem no mundo que verdadeiramente amou.

Moraram juntos naquela casa.

Antes da tragédia.

Antes do divórcio. Antes da Bósnia e de todos os outros lugares estranhos onde Janne esteve.

Fica com a casa, Janne.

Nós já não estaremos aqui quando voltares.

E agora estavam de novo juntos.

Janne abre a porta de entrada e ficam os dois a gritar no escuro: Tove, Tove. Mas os seus gritos não são muito convincentes.

Janne acende a luz. Vão de divisão em divisão, à procura da filha, mas ela não está em lugar nenhum.

– O que vamos fazer agora?

É Janne que faz a pergunta, perto da bancada da cozinha, com um copo de água na mão.

– Vamos circular por aí.

– Não devíamos ficar em casa para a receber quando ela chegar?

– Acreditas nisso, Janne? Fico louca só de esperar. Vamos circular. Procurá-la. Nos parques, em qualquer lugar.

– Ela não poderá ter ido a qualquer outro lugar?

– Tove, não. Sabes isso tão bem como eu, Janne.

A lâmpada da cozinha pisca, hesita, antes de rebentar e apagar-se.

Ficam os dois em silêncio, por momentos, em frente um do outro, no escuro.

– Que raio – diz Janne, antes de a abraçar com força.

Zeke está no carro, na Sturegatan, perto do apartamento de Vera Folkman.

Escuro como um ninho de morcegos, lá em cima.

Ele já ali esteve antes. Tocou a campainha.

Como um túmulo.

E o cheiro.

Cheiro de cadáveres, agora ainda mais acentuado.

Afinal, estou aqui parado a fazer o quê? Lá em cima pode estar a pista que nos faça avançar. Pode ser até que Tove esteja lá.

Malin, vou fazer isto por ti.

E, então, Zeke sai do carro, atravessa a rua e entra no prédio.

O mau cheiro que sai do apartamento é insuportável.

Algo está morto lá dentro.

Uma imagem na mente de Zeke: um ventre cortado, as tripas a sair, deslizando para fora, e o cheiro que exala do corpo.

Posso justificar a medida por motivos sanitários.

Nesse momento, acende-se a luz da escada, uma respiração profunda, alguém que carrega algo pesado está a subir.

Estás a chegar?, pensa Zeke, que se esconde um andar acima e se encosta contra uma parede fria de pedra, ouve a sua própria respiração, o seu coração a bater cada vez mais depressa.

Janne e Malin passam pela biblioteca. O edifício parece um fantasma sombrio no meio do parque do castelo, o Slottspark.

Era aqui que Tove estava quando falei com ela pela última vez, pensa Malin.

– É esta a biblioteca a que Tove vem com frequência.

Janne não reage, olha para cima, para o parque, mas não repara na bicicleta de Tove, debaixo da árvore.

– Vamos para Skäggetorp – diz Malin.

O apartamento de Slavenca Visnic está vazio.

– Quem mora aqui? – pergunta Janne.

– Uma mulher que está ligada ao caso.

Malin conta-lhe a história de Vera Folkman ao voltarem de Skäggetorp e confessa que tem a sensação de que o pior já aconteceu ou está prestes a acontecer.

O olhar de Janne é de pânico.

Desta vez, é a si próprio que tem de salvar. Nem mais nem menos. Parece cansado, a sofrer por causa da filha e do calor. À luz do candeeiro da rua, nota-se que tem no rosto ainda manchas de fuligem, todo o seu ser está abatido pela falta de sono.

– Tu precisas de dormir – diz Malin.

– Como é que posso ir dormir, agora?

- Posso deixar-te em casa.
- Não, Malin. Vamos em frente.

A pessoa que sobe a escada, carregada, para diante da porta do apartamento de Vera Folkman. Recupera o fôlego, tenta voltar a respirar normalmente.

Zeke já tem a pistola na mão, gira o dispositivo de segurança. Desce a escada. A respiração ruidosa da pessoa no andar de baixo não a deixa ouvir os seus passos.

Espero? Ou avanço?

A escada está mergulhada na penumbra.

Barulho de chaves.

Zeke desce os dois últimos degraus, pressiona o botão vermelho da luz da escada e está agora diante da porta bem iluminada do apartamento de Vera Folkman.

A pistola apontada em frente:

– Polícia! Não se mexa! Quietos. De joelhos.

O homem parece assustado. Ao seu lado, uma caixa de cartão com o logótipo da Sony e a imagem de um televisor de ecrã plano.

Porra, pensa Zeke, baixando a arma.

O parque municipal está deserto. Cruzam-se com um carro-patrulha ao sair do parque.

Acabam de telefonar para casa de Malin.

Ninguém atende.

Entram na rua Hamngatan, passam pelo McDonald's. Malin pergunta se ele não está com fome.

– Era incapaz de engolir fosse o que fosse – responde Janne.

As suas pestanas descaem, está quase a dormir. Quantas horas terá dormido por noite? Duas, três...

– Disseste que ela trabalha na limpeza de piscinas, não é?

– Sim. Apesar das dúvidas, julgamos que sim – responde Malin.

– Então, deve ter comprado os produtos químicos em qualquer lado, não é verdade?

– E daí?

– Esses produtos estão à venda nas lojas de tintas. Certamente, já alguma loja lhe vendeu os produtos, para um endereço que vocês desconhecem, não é? Para a empresa dela?

Estão agora a passar pela rua St. Lars.

Malin olha para cima, para o seu apartamento. Ainda tudo às escuras.

Zeke ajuda o homem a levar o televisor até ao quarto andar, onde ele mora. O suor escorre-lhe da testa.

O homem, um reformado de nome Lennart Thörnkvist, nunca viu a sua vizinha e comenta o mau cheiro:

– Cheira a morte.

Zeke volta para a porta de Vera Folkman. Olha para o relógio.

Faltam apenas alguns minutos para a meia-noite.

Toma balanço, mete o pé na porta, mas esta não se move nem um milímetro.

Pega novamente na pistola. Aponta para a fechadura e dispara num barulho ensurdecedor.

Mas Zeke vai em frente, empurra a porta. O mau cheiro é simplesmente intolerável.

Um interruptor. Luz.

Um corredor vazio. O som de garras a raspar na cozinha e na única sala do apartamento.

Zeke entra e vai até à cozinha de pistola em riste e vê três gaiolas com coelhos, umas em cima das outras, animais vivos atrás das grades.

Na sala.

Nas paredes.

Uma visão que Zacharias Martinsson jamais irá esquecer.

# CAPÍTULO 19

DOMINGO, 25 DE JULHO

VOU MATAR-TE. VAIS TER DE RENASCER. NA MALETA, ESTÁ A COISA AZUL, AS MÁSCARAS, AS UNHAS DOS COELHOS, AS MINHAS PERNAS DE ARANHA BRANCAS, TODAS AS COISAS DE QUE PRECISO E QUE SÃO MINHAS.

INCENSO E FLORES PINTADAS. UM SACRIFÍCIO NO MEU TEMPLO.

COMO É QUE ISTO COMEÇOU? FOI SEMPRE ASSIM. A GRANDE MISSÃO DA MINHA VIDA. PRIMEIRO, FUGI. PARA O OUTRO LADO DO MUNDO, O INTERIOR QUEIMADO DA AUSTRÁLIA, AS PRAIAS DE BALI. TRATAVA DAS PISCINAS DOS RICOS.

MAS NÃO SE PODE FUGIR DA FALTA DE AMOR.

POR ISSO, UM DIA, ESTAVA EU A CONDUZIR A MINHA CARRINHA BRANCA PELA CIDADE, AO LONGO DA RUA HAMNGATAN, E, AO MEU LADO, PAROU UM TÁXI. NA VERDADE, FOI APENAS HÁ ALGUMAS SEMANAS. E LÁ ESTAVA ELE, O MEU PAI, NO ASSENTO DA FRENTE. VELHO, MAS OS OLHOS E OS DEDOS AINDA ERAM OS MESMOS CONTRA O VIDRO DA JANELA DO CARRO. CERTAMENTE ESTAVA A CAMINHO DO HOSPITAL, PARA FAZER ALGUM EXAME DE ROTINA.

E QUANDO O VI, SOUBE.

O SABER E A INOCÊNCIA CONVERGIRAM E PERCORRERAM-ME TODO O CORPO. FUI OBRIGADA A COMEÇAR. ASSIM, DE REPENTE. SÓ ASSIM AS COISAS QUE NOS PODEM DOMINAR, NOS DOMINAM.

FIZ, ENTÃO, UM PRIMEIRO TESTE.

PROCUREI A LUZ NA OBSCURIDADE.

TU DORMES DE NOVO, MEU ANJO ESTIVAL.

ESTÁS LÁ NO FUNDO, BEM LÁ NO FUNDO DO ESCURO DOS SONHOS.

ESTÁS PENDURADA NA CASA DE BANHO, IRMÃ.

FUI EU QUE TE ENCONTREI, QUE TE SACUDI, QUE CHOREI POR CIMA DO TEU CORPO.

SOU EU QUE VOU COLOCAR TUDO, DE NOVO, NOS EIXOS.

DEPOIS, VAMOS ANDAR DE BICICLETA, AS DUAS. VAMOS TOMAR BANHO NA PRAIA, NUAS, NUM LUGAR QUE NINGUÉM MAIS CONHECE.

Coelhos, esventrados pregados nas paredes, as unhas arrancadas, o sangue a escorrer das patas em pequenas linhas vermelhas, alguns animais ainda vivos, os seus pequenos pulmões, ainda a respirar, para cima e para baixo, freneticamente, a gemer. Outros, já pendurados há muito tempo, os corpos já putrefactos, caídos, decompostos, pelo chão de tábuas de pinho.

Uma cama a um canto, luvas cirúrgicas brancas já usadas, um estrado no meio do chão e uma fila de latas de produtos químicos junto das paredes, latas de tinta que devem ter sido usadas para pintar as flores nas paredes. Manchas de sangue no chão, bisturis ensanguentados e um cheiro pestilento que dá vertigens e náuseas. Zeke baixa a arma e dirige-se para a janela, que dá para um jardim interior, abrindo-a de par em par. Respira fundo.

Depois, já um pouco refeito, vira-se para dentro.

Porra.

Parece um quadro de Francis Bacon.

Mas nada de Vera Folkman. Nem de Tove.

Janne adormece enquanto ela está ao telefone com Zeke. Malin vê-o lutar contra o sono, repara como ele ainda tenta manter-se acordado naquele curto período de tempo entre a rotunda de Abisko e a rua Sturegatan, mas o sono acaba por vencê-lo.

Adormece no carro, com a cabeça apoiada contra o vidro.

Estás a sonhar com quê, Janne?

Com o tempo em que ainda éramos jovens?

Com o momento em que Tove nasceu?

Somos uma família. Por que razão nunca percebemos isso?

Mas, em vez de sermos uma família, cada um foi para o seu lado. Embora continuássemos próximos.

Estão agora na escada, em frente do apartamento, a beber o café que Per Sundsten comprou no posto de gasolina de Stångebro. Karin Johannison já está dentro do apartamento, a recolher amostras.

Sven Sjöman respira fundo, pesadamente, o seu rosto está marcado pelo cansaço. Per Sundsten e Waldemar Eckenberg permanecem em silêncio, à

espera, também eles sonolentos. Karim Akbar está um pouco afastado, a coçar a cabeça.

Já são três horas da madrugada.

Em breve a luz da manhã irá tocar os telhados de Linköping e sussurrar: «Chegou um novo dia, acordem e saiam para a rua, para o calor.

Zeke está cansado, mas ainda assim atento. Explica pela terceira vez:

– Entrei. Cheirava tão mal que suspeitei logo que havia algum tipo de atividade criminosa no apartamento.

– Não há problema, Zeke – diz Sven Sjöman, mais uma vez.

– Agora, só precisamos de encontrar Vera Folkman – diz Per Sundsten. Mas nenhum dos agentes ali reunidos quis comentar o que a frase implicava: temos de encontrar Vera Folkman, porque assim vamos encontrar Tove. Tove, a única filha da nossa colega Malin.

– Alguma ideia?

Malin abana a cabeça, não como resposta, mas para afastar a sonolência. Olha para os outros, vê como estão todos também a precisar de descanso. Nenhum deles está em condições de raciocinar com clareza, correm o risco de deixar passar em branco pontos importantes, talvez seja mesmo tarde de mais.

– Quem quiser pode ir dormir um pouco – diz Sven. – Nesta altura não estamos a ser muito eficazes.

– Nenhuma reação. Bebem lentamente o café. Sentem o tempo a escorrer-lhes entre os dedos.

– Que inferno! – diz Malin.

Sven passa-lhe o braço pelos ombros:

– Vamos conseguir, Malin. Vamos conseguir.

Nesse momento, Karin sai do apartamento, segurando numa das mãos uma das latas de um produto químico e apontando com a outra para o rótulo.

– Esta lata e várias outras foram entregues aqui por uma empresa que vende tintas, a Torssons Färg, na rua Tanneforsvägen. Talvez devêssemos falar com eles, não? Talvez saibam alguma coisa?

Estou a sonhar, agora.

Procissões de pessoas, vestidas de cores garridas, com oferendas nas mãos, estão a caminho de um templo construído para honrar os mortos. O

incenso queimado invade a atmosfera. As pessoas cantam e os seus cânticos estão cheios de luz.

Sonho contigo, mamã.

Sonho que vais estar aqui quando eu acordar.

Que tu e o papá vão estar aqui.

Agora, estou a percorrer um campo, depois uma floresta. Sinto que há qualquer coisa que tu ainda não me disseste, mamã, qualquer coisa que tens de me dizer.

A sala que vi a última vez que acordei, vejo-a agora nos meus sonhos. Não é uma sala bonita. Um estore, paredes de cimento cobertas de flores e de medo. Agora percorro mais uma vez a floresta, uma floresta em chamas, e as flores correm no meu encaço. Querem cortar-me em pedaços, mamã, e eu quero acordar, mas há qualquer coisa que me prende ao sonho, um cheiro forte que me faz voltar a sonhar, mamã.

O número privado do proprietário da loja de tintas vem na lista, segundo as informações da companhia.

Às vezes, temos sorte, pensa Malin.

Os colegas olham para ela, todos se concentram nela e naquela chamada.

Uma voz ensonada, rouca, atende:

– Sim, Palle Torsson!

– Aqui, Malin Fors, da Polícia de Linköping.

– Quer repetir, por favor?

Malin repete o seu nome.

– Arrombaram a loja?

– Não, queremos apenas algumas informações sobre uma das vossas clientes. Linköpings Vattentekniska. Vocês entregaram-lhe material na Sturegatan.

Do outro lado, a sonolência desaparece da voz.

– A mulher das piscinas – diz Palle Torsson. – Ela não fala muito, mas paga bem, sempre em dinheiro.

– Sabe alguma coisa sobre ela? Já entregaram material em algum outro sítio, além da Sturegatan?

– Que eu saiba, não. Mais tarde, posso confirmar no computador, amanhã de manhã.

– Amanhã, não. Agora! – diz Malin. – Encontramo-nos à porta da loja, temos de verificar isso imediatamente.

Janne acorda ao chegarem à loja.

O relógio no painel do carro indica três horas e vinte. A luz do dia já começa a romper. A suspeita noturna de que o tempo iria refrescar desaparece. Já devem estar trinta graus fora do carro.

– Onde é que estamos? – pergunta Janne.

– Espera aqui – diz Malin.

– Não espero nada.

A loja de tintas está instalada num edifício de dois pisos, vendas no rés-do-chão e armazém, com uma rampa para cargas e descargas, no primeiro andar. A maior parte dos clientes deve ser empresas, pensa Malin.

Nenhum sinal de Palle Torsson, o proprietário.

– Vamos enfrentar isto juntos, tu e eu – diz Janne. Malin olha para ele e conta-lhe como chegaram ali, depois de terem encontrado o nome da loja no apartamento de Vera Folkman.

– Está a chegar – diz Janne, quando ela acaba de contar o que se passou. Malin vê um *Toyota SUV* entrar no pátio e um homem baixo e forte, de bermudas e com uma camisa azul-clara sair do carro.

Malin e Janne saem do *Volvo*, acompanhados por Zeke, que se lhes juntou, e aproximam-se do homem que deve ser Palle Torsson. Malin estende-lhe a mão e ele aperta-a, mas com uma expressão claramente irritada.

– Posso perguntar o que se passa?

As suas faces redondas tremem de cólera.

– Claro que sim – diz Zeke. – Estamos à procura de um assassino sobre o qual já deve ter lido nos jornais. E agora uma pista trouxe-nos aqui.

– Como assim?

– O seu computador – diz Malin. – Temos de o analisar.

\*

DEITEI-TE SOBRE O ESTRADO, JÁ ESTÁS AÍ DEITADA HÁ BASTANTE TEMPO, A MINHA CARRINHA BRANCA ESTÁ LÁ FORA. VAMOS SAIR AGORA PARA O PARAÍSO NA TERRA.

ACREDITAS EM DEUS, NOSSO PAI?

SERÁ QUE SÓ HÁ UM PAI PARA CADA SER HUMANO?

PODEMOS TER CONFIANÇA NO PAI?

ELA ESTÁ LIMPA E PURA, AGORA. JÁ A ESFREGUEI TODA, ESTÁ PURIFICADA, PURA DE NOVO.

SERÁ QUE ESTÁS MAIS PESADA, AGORA? JÁ VOU SABER. VOU LEVAR-TE ÀS COSTAS.

O ecrã do computador brilha agora diante dos olhos de Malin.

Ela, Zeke e Janne olham sobre os ombros de Palle Torsson, agora mais compreensivo. Está a clicar no programa de vendas.

– Vamos ver – diz Palle Torsson. – Vera Folkman, Linköping Vattentekniska, Sturegatan 17. Pelo que vejo, não há outra morada para entregas.

– Algum outro número? – pergunta Zeke.

– Não, lamento.

– Tente Elisabeth Folkman – insiste Malin.

Palle Torsson volta a clicar no computador.

– Nada.

– Procure só Elisabeth.

– Bingo – diz Palle Torsson, em voz baixa. – Uma Elisabeth Folkedotter fez uma encomenda para entrega na Linköpings Poolrengöring, uma morada em Tornby, na rua Fabriksvägen 11, um lugar com muitos armazéns.

Antes mesmo de Palle Torsson acabar de falar, já Malin, Zeke e Janne estão a caminho da porta.

Linköpings Poolrengöring.

Não há nenhuma empresa registada com esse nome.

Segundos. Minutos. Horas.

Quanto tempo temos?

Ou já vamos tarde de mais?

Tove. Eu não quero ser uma morta-viva, pensa Malin, ao correr para o carro.

## CAPÍTULO 20

VAIS FICAR AÍ DEITADA, ESTÁ BEM?

JÁ ESTAMOS A CHEGAR AO FIM. NÃO FIQUES PREOCUPADA. NÃO FALTA MUITO.

THERESA.

VI-A NA PISCINA DO JARDIM. ERA IGUALZINHA A TI, MINHA IRMÃ. SENTI, ENTÃO, QUE PODIA ACONTECER.

FUI ATRÁS DELA. TOQUEI À CAMPAINHA, DISSE QUE IA VERIFICAR A QUALIDADE DA ÁGUA NA PISCINA. DEPOIS, ACONTECEU O QUE ACONTECEU. ELA ESQUIVAVA-SE E EU AGARRAVA-A. GRITAVA, MAS NINGUÉM A OUVIA. E ENTÃO BATI-LHE COM A MALETA DE METAL NA CABEÇA E ELA DESMAIOU.

TROUXE-A ENTÃO PARA O ARMAZÉM. FIZ UMAS INCISÕES COM O BISTURI, COM TODO O CUIDADO, ABRI AS FERIDAS, CAUTELOSAMENTE, FICARAM BONITAS, QUIS FAZÊ-LO BEM. DEPOIS, LAVEI-A COM *KLORIN*. E, ENTÃO, ELA ACORDOU, THERESA, E EU NÃO ESTAVA COM A MÁSCARA. OLHOU FIXAMENTE PARA MIM, O QUE NÃO DEVIA FAZER, NÃO DEVIA VER-ME, PORQUE PARA ELA SE TRANSFORMAR ERA PRECISO QUE COMEÇASSE POR NÃO ME RECONHECER, NÃO É VERDADE?

DE QUALQUER FORMA, ENFIEI AQUELA COISA AZUL DENTRO DELA. E JÁ TINHA AS MINHAS PERNAS BRANCAS DE ARANHA PARA ME AJUDAR, FINAS, MUITO FINAS, E PENSEI: VOU ABRAÇAR-TE. E, ENTÃO, SEGUREI COM AS MÃOS O PESCOÇO DELA, MAS A TRANSFORMAÇÃO NÃO SE DEU. NÃO ERAS TU.

EMBRULHEI-A NUM PLÁSTICO E ENTERREI-A NUM CANTO ISOLADO DA PRAIA. TALVEZ O SEU CORPO PURIFICADO, SEM MÁCULA, PUDESSE TRANSFORMAR-SE EM TI, DEBAIXO DA TERRA, MINHA IRMÃ.

MAS O CRETINO DO CÃO ENCONTROU-A, ANTES QUE ISSO ACONTECESSE.

MEU DEUS, COMO EU SINTO A TUA FALTA.

MINHA QUERIDA IRMÃ.

VOU ESTAR CONTIGO.

TU VAIS ESTAR COMIGO.

ESTÁS MORTA.

VAIS RENASCER.

\*

Todos os carros para Tornby.

Janne está ao lado de Malin. É uma intervenção da polícia, mas ela não pode mandá-lo embora. Também nenhum dos seus colegas pensou nisso.

Janne. Por tudo o que nós não fizemos antes, vamos partilhar isto.

A rotunda de Berg.

O sol ilumina os telhados de Skäggetorp com os seus raios fortes, acabados de nascer. As casas brancas agora mais bonitas, na sua abandonada quietude.

Descem a rua.

Cento e trinta, cento e quarenta quilómetros à hora.

Zeke segue atrás deles. Mas Malin não consegue ver mais nenhum carro.

Somos os primeiros a chegar. Janne respira fundo, mas não diz nada. A adrenalina deve estar a sacudi-lo, tanto como a mim. Mas ele está mais habituado. Quem sabe quantas vezes conviveu com a morte nas suas missões no estrangeiro? Talvez também nos incêndios perto de Hultsjö? Ou noutros incêndios?

Entram num desvio para a área de Tornby. Passam pelos armazéns de todas as grandes empresas: Ikea, Ikano, ASKO, Willys, e continuam na direção da zona industrial.

Viram novamente e entram na Fabriksvägen. O número onze é um armazém de um andar, de tijolos vermelhos, com cerca de trinta metros de largura, com quatro entradas ao longo de uma plataforma de carga e descarga.

Param, saltam do carro, correm.

Qual a entrada certa?

Correm de porta em porta, escutam, procuram os nomes das empresas nas portas, mas nenhuma delas está identificada.

Vem um som de um dos armazéns. Um arranhar, sincopado.

As sirenes aproximam-se.

Uma porta de ferro descida, fechada a cadeado. Malin agacha-se diante do cadeado, tenta abri-lo, mas as suas mãos estão a tremer.

– Espera – grita Zeke que avança de arma em punho. – Sai daí! – Pressiona a arma contra o cadeado e dispara.

Uma explosão, foi um tiro, pensa Tove, e também um barulho surdo. Onde é que estou? A minha cabeça explode e o meu corpo está imobilizado, mas ainda existe.

Estou paralisada?

Não me posso mexer.

Mamã, és tu? Estás a chegar? Papá? Para me salvarem deste pesadelo.

Alguém se aproxima de mim, novamente.

Um raio de luz. É uma porta que se abre? Vou ser salva, agora?

Malin, Janne e Zeke pegam na porta por baixo e levantam-na. Não há mais portas. As sirenes estão agora ainda mais próximas, são desligadas. Malin consegue ouvir os colegas a gritar, vozes de comando. São as vozes de Eckenberg e de Sven Sjöman? De Karim?

A porta está toda levantada.

Janne segura-a em cima e Malin entra no armazém de arma em punho, vê um estrado vazio, as latas, a *T-shirt* cor-de-rosa de Tove no chão, rasgada, um livro, os óculos de sol, além das gaiolas com os coelhos, ao longo das paredes latas de tinta, uma caixa com luvas brancas de cirurgia, produtos químicos em prateleiras por toda a parte, garrafas vazias de *Klorin*, bisturis, uma torneira a pingar água. O chão de cimento está coberto de manchas de sangue ressequido, há pedaços de carne putrefacta e malcheirosa, todo o lugar evidencia o cheiro horrível a tortura e a morte.

Merda, pensa Malin, puta de merda!

Ela já esteve aqui.

Ao seu lado, Janne cai de joelhos, apanha os farrapos de tecido que um dia tinham sido a *T-shirt* de Tove e estende-lhos:

– Fui eu que lha comprei.

– Merda – grita Malin, antes de cair para o chão, a chorar, cansada, desesperada. Janne baixa-se, abraça-a, respirando juntos, a prepararem-se para um mal maior.

Em volta, polícias uniformizados, Sven e Karim, que falam com Zeke. O carro de Waldemar acaba de chegar. Falta apenas Per Sundsten, que talvez tenha adormecido algures ou então foi para casa, em Motala. Quem sabe?

Malin levanta-se. Janne está atrás dela.

As portas dos outros armazéns estão abertas, sem nada dentro que lhes pudesse interessar.

– Chegámos tarde de mais – diz Sven. – E o que é que vamos fazer agora, carago?

UM TIRO.

FOI COM CERTEZA UM CAÇADOR FURTIVO. ALGUÉM ANDA A CAÇAR ILEGALMENTE NA FLORESTA, ANTES DA ÉPOCA.

MAS TAMBÉM PODE TER A VER CONTIGO, MEU ANJO ESTIVAL.

TU ACORDASTE.

DEIXÁMOS OS INCÊNDIOS PARA TRÁS E EU FIZ COM QUE ADORMECESSES DE NOVO.

AGORA ESTÁS A DORMIR TRANQUILA, NA CARRINHA BRANCA, ATÉ CHEGARMOS AO DERRADEIRO LUGAR.

NÃO FICA MUITO LONGE, PROMETO.

E NÃO PRECISAS DE TER MEDO. VAIS MORRER, MAS APENAS POR UM CURTO PERÍODO. DEPOIS, VAIS SER O MELHOR DE TODOS OS SERES HUMANOS.

*Malin, Malin!*

*Estamos a gritar em coro, eu e a Sofia.*

*Pensa!*

*Pensa!*

*Não ouças o que os outros dizem.*

*Ainda estás a tempo de a salvar.*

*Ainda há tempo para evitar que ela fique como nós.*

*Pensa bem e faz com que nós tenhamos menos medo, salva a Tove e dá-nos de presente a nossa paz.*

*Deixa-nos descansar em paz, Malin.*

*Tu sabes para onde ela está a ser levada, para onde Vera Folkman se dirige.*

*Elas estão a caminho do derradeiro lugar, chegarão lá em breve, a carrinha branca aproxima-se cada vez mais.*

# CAPÍTULO 21

AGORA, TENS DE FICAR ACORDADA.

VOU AMARRAR-TE E VAIS PODER VER O QUE EU VOU FAZER, SE VIRES O QUE VAI ACONTECER, CERTAMENTE VOLTARÁS, NADA MAIS HÁ A RECEAR, NÃO É? MINHA AMADA IRMÃ.

ESTACIONO O CARRO EM FRENTE DA CASA DO MONSTRO.

ELE DEVE ESTAR A DORMIR.

CHEIRA A VERÃO AQUI FORA. É UMA BELA MANHÃ DE VERÃO, O DIA EM QUE UM SONHO VAI COMEÇAR, MINHA QUERIDA IRMÃZINHA, MEU PEQUENO ANJO ESTIVAL.

ABRO AS PORTAS TRASEIRAS DO CARRO.

ESTÁS A TREMER, NÃO ACORDES DEPRESSA DE MAIS. AGORA PODES VER-ME A CARA, JÁ NÃO TEM QUALQUER IMPORTÂNCIA. EM BREVE VAIS DEIXAR DE EXISTIR.

Tove pisca os olhos.

A luz voltou. Ainda estarei viva? Acho que sim, porque sinto dores no corpo todo. Alguém puxa por mim, mas não me faz doer, só sinto o calor, um calor muito grande quando o sol me atinge. Casas em volta.

Casas velhas, de betão cinzento, plantas amareladas, casas da década de 1950 que não reconheço e que vejo de baixo para cima.

Tenho de correr.

Fugir daqui.

Mas por muito que tente, o corpo não me obedece.

Mamã!

Agora, de novo aquela cara, mas desta vez com contornos, as formas redondas de uma mulher.

Mas ela muda de ideias.

Levanta-me de novo e volto a ficar no escuro.

\*

TOCO A CAMPAINHA. OUTRA VEZ. OUTRA VEZ AINDA.

ESPERO, ESPERO MUITO TEMPO, ATÉ QUE TU ABRES, OLHAS PARA MIM, TENTAS FECHAR A PORTA NOVAMENTE, MAS EU AGORA SOU MAIS FORTE E, ALÉM DISSO, PUS O PÉ NA ABERTURA DA PORTA. EMPURRO A PORTA E EMPURRO O TEU CORPO PARA DENTRO DO APARTAMENTO E PARA CIMA DO SOFÁ, AMARRO-TE OS BRAÇOS E OS DEDOS BRANCOS E FRIOS DE ARANHA. ATIRO UM COBERTOR PARA CIMA DE TI. AGORA, ESTÁS VELHO, MAS A MALDADE NOS TEUS OLHOS NÃO DESAPARECEU, PAI.

ESPERA.

VOU BUSCÁ-LA AGORA.

TIRÁ-LA DO CARRO.

ELA TEM DE VER-TE MORRER.

OS TEUS OLHOS ESTÃO ARREGALADOS DE TERROR. É COMO SE AS TUAS PESTANAS PERDESSEM A CAPACIDADE DE PISCAR. TODO O APARTAMENTO CHEIRA A ÁLCOOL E A MIJO. ESTÁS VELHO E MALCHEIROSO, SUJO. MAS LIMPEZA É COMIGO.

ESPERA AQUI.

ELA ESTÁ PESADA QUANDO A PONHO ÀS COSTAS. TAMBÉM TIVE DE LHE PÔR NOVAMENTE A MORDAÇA NA BOCA, PARA QUE NÃO GRITASSE E ACORDASSE TODO O BAIRRO.

NINGUÉM ME VÊ.

FECHO A PORTA.

Há quanto tempo estou aqui parada?, pensa Malin. Tempo de mais.

O corpo é apenas uma acumulação dos sentimentos mais diversos: preocupação, raiva, cansaço, resignação, desespero, fúria e calor. Um cérebro sobreaquecido não é o ideal para refletir em caso de urgência.

O asfalto ferve debaixo dos sapatos de couro.

Malin já não é capaz de procurar uma sombra e às quatro e meia da tarde o sol é ainda impiedoso.

Janne e Zeke estão à sombra, encostados a uma das paredes do armazém, um ao lado do outro. E Malin vê que estão a poupar forças para o próximo ato.

O último ato?

Sven Sjöman agacha-se junto dela.

– Malin, tens alguma ideia? – pergunta.

O hálito dele ainda cheira a café.

*As vozes, Malin, ouve o que as vozes dizem.*

*É o desejo que mata.*

Nesse momento, Malin endireita as costas. De repente, uma corrente forte passa por todo o seu corpo. Corre, grita por Janne e Zeke:

– Venham, eu sei onde ela está!

Sven afasta-se para a deixar passar na direção do carro.

– Venham imediatamente, rápido, mexam-se!

À volta deles, todos os agentes estão petrificados como se a sua voz desesperada tivesse gelado o tempo para lhes oferecer um instante de eternidade.

Sven grita-lhes:

– Para onde vão, Malin?

Mas ela não responde, não quer que eles a acompanhem, quase um exército que pode detonar alguma ação idiota, se é que já não é tarde de mais. Também não quer que Sven telefone para os colegas de Finspång, todos meio atrasados, quem sabe do que seriam capazes?

Não.

Agora, sou eu, somos nós, contra ti.

Eu sei onde estás, Vera Folkman. E sei porque fazes o que fazes.

É uma loucura lamentável, a tua loucura. Achas que podes fazer a tua irmã renascer? Fazer renascer o amor entre as duas? É uma loucura bonita, a tua loucura. Mas a minha missão é acabar com ela.

É também a missão de Janne.

E de Zeke.

Mas, em primeiro lugar, a nossa missão, minha e de Janne. Temos uma filha. Temos de defender a vida dela.

Malin está no assento traseiro do carro. Janne, encostado ao seu ombro. Ajudam-se um ao outro a ficar acordados. Falam sobre a paisagem por onde passam, para que Zeke não adormeça ao volante.

– O lago Roxen parece convidativo à luz da manhã.

– O Mosteiro de Vreta Kloster é bonito.

– Agora, vamos parar aquela mulher maldita.

Malin começou a viagem por explicar que Vera Folkman, com toda a certeza, levou Tove para casa do seu pai, Sture Folkman, para acabar lá uma

dança de morte que já durou tempo de mais, afetando um verão que ninguém na região irá esquecer.

Cento e cinquenta quilómetros à hora quando passam pelo campo de golfe de Vreta Kloster, depois de atravessarem uma Ljungsbro quase deserta àquela hora.

Passam ainda pelos incêndios, pelos carros encostados e por camiões de bombeiros cansados, rostos afogueados e cheios de fuligem, dentro das suas cabinas, olhares de resignação, como se o fogo e o calor fossem superiores às suas forças, como se estivessem prestes a capitular diante das chamas e a deixar que o fogo acabasse de vez com todas as florestas e transformasse a província de Östergötland numa terra de ninguém.

– Estás com saudades? – pergunta Malin a Janne, mas ele não responde.

PAPEL DE PAREDE COR DE VINHO, CHÃO DE MADEIRA QUE RANGE.

JÁ O IMOBILIZEI. EM BREVE, ESTARÁS AQUI.

COLOQUEI TUDO NOS SEUS DEVIDOS LUGARES, MANA.

ASSIM, VAIS PODER RENASCER NUMA BRANCURA BRILHANTE E TOTAL.

ESTOU NO MEU LUGAR, O DERRADEIRO LUGAR.

# CAPÍTULO 22

(NO DERRADEIRO LUGAR)

EU, STURE FOLKMAN, tinha dezassete anos quando, pela primeira vez, cedi aos meus desejos.

Em Ängelholm, perto da fábrica, havia um quiosque onde ela – ela tinha onze ou doze anos – costumava ir comprar cigarros para a mãe.

Estava calor, nesse dia, e o vestido branco dela mal lhe tapava as coxas.

Ela seguiu por um caminho ao longo do quiosque por detrás da área da fábrica onde as azáleas, as mais bonitas que já vi, estavam em flor.

Eu segui-a.

Deitei-a ao chão.

Ela ainda nem tinha pelos entre as pernas. E soube, então, que aquela seria para mim a primeira de uma longa série. Vi nos seus olhos cheios de medo que, no fundo, ela gostou, exatamente como todas as minhas meninas gostaram, embora algumas acabassem por ter grilos na cabeça. Eu atraía-as mostrando-lhes coelhos. As meninas adoram coelhinhos.

O vestido branco ficou manchado de sangue.

Eu sussurrava-lhe ao ouvido enquanto a segurava pelo pescoço.

Não vais dizer nada a ninguém, menina, senão o diabo vem-te buscar.

A vergonha é mais forte do que o amor. Ao longo dos anos, a vergonha tem sido a minha melhor aliada. Foi mais simples e mais agradável quando tive as minhas meninas dentro de casa. Deus sabe como eu ficava excitado só de ouvir o ranger dos meus passos no chão, a caminho dos seus quartos.

Elas estavam sempre à espera. Deitadas, com os olhos abertos à minha espera e dos meus longos dedos ágeis.

Fui sempre cuidadoso. Levantava as cobertas de cima dos seus corpos e acariciava as suas peles jovens, brancas, quase transparentes.

Que fossem do meu próprio sangue não tinha a menor importância. Dei o meu amor a todas as rapariguinhas que cruzaram o meu caminho.

ESTÁS ACORDADA AGORA, MINHA RAPARIGUINHA, MEU ANJO ESTIVAL.  
ESTAMOS AQUI, NO DERRADEIRO LUGAR. É VAIS VER O QUE EU VOU FAZER PRIMEIRO.

PREGUEI QUATRO PREGOS GRANDES NO CHÃO DE MADEIRA E PRENDI-TE A ELES. DEVES OLHAR SEMPRE NA MINHA DIREÇÃO.

SENTO-ME AO LADO DO MEU PAI NO SOFÁ.

ESTOU COM A MÁSCARA, DE MODO QUE A MINHA CARA NÃO TENHA CONTORNOS, COLOQUEI AS MINHAS PERNAS BRANCAS DE ARANHA, PUS O COLAR COM AS UNHAS DE COELHO E COM ELAS ARRANHO A CARA DELE. ARRANHO, ARRANHO, E ELE GRITA, O VELHO, MAS, NA REALIDADE, JÁ NÃO HÁ MUITA VIDA NELE.

TU VIRAS A CABEÇA, OLHAS PARA O LADO.

OLHA PARA AQUI, SUA PUTA!

É TU OLHAS.

A mulher está nua e voltou a pôr a máscara.

Apesar da dor de cabeça, Tove pode ver a cena, claramente. Compreende que está num apartamento malcheiroso, sabe Deus onde, e que uma mulher nua está sentada ao lado de um homem que ela tem intenção de torturar. Porquê? Não quero saber.

E ela grita-me, diz que devo olhar, mas eu não quero olhar, não quero ver o que ela está a fazer, a arranhar o rosto do homem, repetidamente. E ele grita.

A mulher levanta-se.

As suas luvas brancas e finas reluzem à luz fraca do ambiente.

Eu não consigo levantar-me.

Cheira a *Klorin*, um líquido de limpeza que a mamã costuma usar para tirar as manchas dos ténis.

Mamã, papá, onde estão?

Ouçó-a noutra divisão, ouçó as gavetas a serem puxadas, ela está à procura de alguma coisa. E o homem tenta gritar, mas ela pôs-lhe uma mordalha na boca, tal como a mim.

Nenhum de nós consegue levantar-se.

Nenhum de nós consegue fugir.

A FACA.

A VELHA FACA DE COZINHA. ELISABETH E EU IMAGINÁVAMOS MUITAS VEZES ENFIAR-LHA NO CORPO. AINDA A TEM, A FACA VELHA E PESADA DE CABO DE BAQUELITE.

TIRO-A DA GAVETA DO ARMÁRIO.

SEGURO-A PELO CABO. FOI UMA PENA O QUE SE PASSOU COM SOFIA FREDÉN. EU TINHA-A VISTO NO ANO PASSADO, QUANDO ELA TRABALHAVA NA CAFETARIA DO TINNIS. REPAREI QUE ELA SE MOVIMENTAVA EXATAMENTE COMO TU, ELISABETH. E, ENTÃO, PENSEI QUE SE FIZESSE TUDO RAPIDAMENTE E ALI MESMO, O CHOQUE PERMITIR-ME-IA ATINGIR O MEU OBJETIVO, COMO UMA EXPLOSÃO OU UMA REAÇÃO QUÍMICA FULMINANTE. ARRANHEI-A E RASGUEI-A COM AS PATAS DE COELHO, O QUE FIZ PELA PRIMEIRA VEZ, MAS NÃO SERVIU DE NADA. OS COELHOS SÃO APENAS ANIMAIS, O SEU AMOR NÃO VALE NADA.

LIMPEI-A ALI MESMO. TRABALHEI DEPRESSA.

MAS ASSIM QUE LHE APERTEI O PESCOÇO, A CABEÇA DELA TOMBOU PARA O LADO.

MORREU, ANTES DE TU VOLTARES, ELISABETH.

MAS, MINHA QUERIDA IRMÃ, DEVES SABER QUE EU NUNCA DUVIDEI. E HOJE, SEI O QUE FAZER.

ESPERA UM POUCO. BASTA OLHARES DE ONDE ESTÁS.

DEPOIS, VEM PARA MIM, COM TODO O AMOR. SABES BEM COMO EU SINTO A TUA FALTA.

Ela está com uma faca na mão.

Tove vê os reflexos do aço e ouve-a gritar mais uma vez «OLHA BEM PARA AQUI!» E ela senta-se ao lado do homem no sofá que Tove acha que é seu pai.

Levanta a faca. Grita.

ISTO NÃO É UMA FACA! É *AQUILO!*

Depois, enfia a faca no peito e no ventre do homem, uma, duas, várias vezes, e os seus olhos ficam brancos e todo o corpo estremece. O sangue começa a jorrar e ela continua com os mesmos movimentos, enfiando a faca

no corpo do homem. O sangue sai aos borbotões, mancha-lhe a camisola castanha e as calças cinzentas.

O homem parou de sacudir o corpo.

E eu estou morta de medo.

Agora, ela pega na mão do homem e, com a faca, corta e esquarteja. E os dedos caem no chão, um a um.

Tanto sangue, mamã, tanto sangue.

A mão está agora em cima do sofá, sem os dedos.

Acho que ela acabou.

Vira-se para mim, mamã.

Eu tento soltar-me, esperneio, grito, choro.

Mas nada acontece.

Se estás a caminho, mamã, por favor, vem depressa.

## CAPÍTULO 23

FINSPÅNG.

Já são seis horas e um quarto da manhã e as ruas da área industrial continuam desertas. Zeke, meio adormecido, contorna uma rotunda e quase atropela um homem que anda a distribuir jornais, esse, felizmente, bem acordado.

– Vira aqui – grita Malin na mesma altura em que o seu telemóvel volta a tocar. Sabe que é outra vez Sven Sjöman. Já tentou ligar dez vezes, também os chamou por rádio, mas este trabalho vamos fazê-lo sozinhos.

– Para.

E Zeke trava o carro, de repente. Abrem as portas e saltam para fora do carro. Malin corre na direção do prédio onde Sture Folkman tem o apartamento. Abre o casaco e tira do coldre a arma de serviço. Zeke segue no seu encaço, também com a arma na mão. Janne segue na sombra dos dois, baixa-se como se esperasse fogo inimigo das janelas do prédio.

Sobem cautelosamente pelas escadas, encostados às paredes.

Malin coloca o ouvido na porta, faz um sinal a pedir silêncio, escuta o que se passa dentro do apartamento.

Gemidos.

Uma voz de mulher que diz «vamos lá, vamos lá».

O que se passa?

Ela pôs uma coisa azul à cintura e rasgou-me as calças e as cuecas com uma faca. E agora estou nua.

Não acredito no que está a acontecer. Digam-me que não é verdade.

Os dedos em volta do meu corpo, em círculos, como lesmas, como crias de cobras sem olhos.

Tento fechar os olhos e chorar, mas ela abre-me constantemente as pálpebras, como se quisesse que eu visse tudo. E a minha pele arde-me como se ela a tivesse esfregado com um líquido abrasivo.

Ainda de pé, sacode agora um colar de patas de coelho.

«Estás a ver os dedos?»

O seu rosto está coberto por uma máscara, as mãos calçam luvas brancas de plástico e o sangue do homem no sofá escorre agora na minha direção. Cheira mal, a vísceras e a ferro, e eu não quero que ela me toque. Tirem daqui este sangue.

O que está ela a fazer agora?

Está a falar.

«O que será melhor? A Coisa azul ou as patas de aranha?»

Uma voz curiosa, de expectativa. Olha para o teto como se procurasse uma resposta.

ESTÁ NA HORA.

VOU MATAR-TE E, DEPOIS, RENASCERÁS.

OS DEDOS, AGORA, DESAPARECERAM.

VOU PÔR TUDO EM ORDEM.

VAMOS LÁ, NÃO TENHAS MEDO.

VOU COMEÇAR POR EXTRAIR DE TI A VIDA E DEPOIS VOU ENCHER-TE COM A COISA. DEPOIS, TENS DE OLHAR PARA ELE UMA ÚLTIMA VEZ, PARA ELE, PARA TI PRÓPRIA, PARA O MUNDO QUE SE ABRE PARA NÓS.

JUNTAS, VAMOS PERCORRER OS CAMPOS COMO DOIS ANJOS ESTIVAIS QUE SE AMAM.

*Malin!*

*Não hesites mais.*

*Entra!*

*Ainda não é tarde de mais para a Tove, como foi para nós. A verdade está atrás dessa porta.*

*O que se passa atrás dessa porta é horrível, mas tu vais conseguir, porque as nossas vidas dependem disso.*

*Faz com que tudo isto acabe.*

*Dá aos nossos pais o alívio de poderem dar um nome e um rosto ao Mal. Abre a porta, Malin.*

*Depressa.*

AS MINHAS MÃOS NO TEU PESCOÇO.

PARA DE RESISTIR.

NÃO VAI LEVAR MUITO TEMPO. PERCEBO QUE SINTAS MEDO, QUE SINTAS DOR, MAS TU VAIS REGRESSAR.  
A TUA PELE ESTÁ QUENTE, QUASE A QUEIMAR E APERTO AINDA MAIS.  
DESISTE, ACEITA, VAMOS LÁ, VAMOS LÁ.

Eles hesitam. Sussurram.

– Como vamos fazer?

– Entramos...

– Mas...

Nada de mas, não há alternativa. Malin dá um passo para trás, toma balanço, arromba a porta com um pontapé e entra. E vê, quatro metros adiante, um animal humano ensanguentado debruçado sobre um corpo branco, deitado no chão. Dedos humanos por todo o lado, as mãos do animal em volta do pescoço, do corpo. É Tove que está deitada no chão. Malin grita:

– Para, deixa-a.

Aponta a pistola ao animal que começa a mexer-se, olha-a a direito nos olhos e depois volta-se para Tove. E mantém a pistola apontada, bem na sua frente.

És mesmo tu, Tove?

Ela está a olhar-me nos olhos. E eu desmaio, desapareço, fica tudo branco. Fico como que a flutuar. Mamã, és tu que estás a gritar? Papá, és tu que eu estou a ouvir?

OS TEUS OLHOS. TU DESAPARECES DENTRO DELES E ALGO DE NOVO VAI SURGIR.

SÃO OS TEUS OLHOS, IRMÃZINHA, ÉS TU QUE ESTÁS DE VOLTA. VEJO ISSO NOS TEUS OLHOS E SINTO UM AMOR INFINITO.

A COISA NEM É PRECISA.

ABRAÇO-TE, IRMÃ, E DEPOIS EXPLUDO NUM FOGO-DE-ARTIFÍCIO.

Malin aperta o gatilho.

Não há tempo para lutar e arriscar-se a perder.

Malin puxa o gatilho várias vezes.

Zeke, outras tantas.

Muitas vezes. O cheiro a sangue mistura-se ao da pólvora, e Janne grita:

– Tove, Tove! Parem de disparar! – Janne corre pela sala, escorrega no sangue, desequilibra-se, dá um pontapé e afasta o corpo sem vida que caiu sobre Tove. E leva dois dedos à carótida de Tove para sentir a pulsação. – Não! – grita Janne. Depois pressiona a boca contra a de Tove para lhe insuflar ar nos pulmões.

Malin e Zeke estão ao lado dele, nada mais podem fazer.

O cadáver retalhado jaz no sofá, as mãos são apenas tocos ensanguentados, o rosto branco, exangue, o cadáver nu da mulher ao lado de Tove, perfurado por mais de dez balas, o sangue a sair às golfadas por cima do colar de patas cortadas. E, então, a voz de Janne:

– Não fiquem aí parados, soltem-na!

E sem pensar, Malin agarra numa faca grande de cabo escuro e solta Tove do chão, cortando as cordas uma a uma, com Zeke atrás a praguejar:

– É o crime mais diabólico que já vi na vida!

E Janne continua a insuflar ar novo em Tove, conta, pressiona, insufla, conta, pressiona, insufla... Ao lado, Malin afaga a testa da filha e suplica:

– Minha querida, minha querida, minha filha, minha querida, não deixes que isso aconteça...

Mas nada parece ajudar.

Janne, porém, continua a respirar para dentro da filha.

Sem vida.

Tove. Onde estás?

– Volta, Tove – sussurra Malin ao seu ouvido.

\*

Estou aqui, mamã, vejo-te, mas não sei como acordar.

Vejo duas raparigas a flutuar em volta do meu corpo e as suas bocas mexem-se, a dizer palavras que não consigo ouvir, mas sei que elas querem que eu volte.

Voltar para onde?

Segue as vozes, dizem elas.

Malin e Janne estão sentados ao lado de Tove.

Ela respira, já os consegue ver, está consciente.

Abraçam-se os três, como se prometessem que aquele abraço nunca irá acabar.

Zeke puxa as persianas para cima.

O derradeiro lugar está agora cheio de luminosidade.

Aquele que souber ouvir, poderá escutar o canto dos anjos estivais. Uma canção sem palavras, um canto que os homens há muito esqueceram e não esperam voltar a ouvir.

Mas essa canção existe. Existe, pelo menos, para aqueles três seres humanos, de joelhos, abraçados, no meio do derradeiro lugar.

# EPÍLOGO

NOS ARREDORES DE LINKÖPING, SEGUNDA-FEIRA, 16 DE  
AGOSTO

*ESTAMOS JUNTAS. É assim que deve ser.*

*Somos jovens, eternamente jovens, os anjos estivais de Linköping. E já esquecemos todos os horrores.*

*As nossas mães e pais continuam tristes, mas agora sabem o que aconteceu. E não há ninguém a quem culpar.*

*As coisas são o que são. Nós, nós temo-nos uma à outra.*

*Partilhamos tudo.*

*Exatamente como previsto.*

ESTAMOS JUNTAS, AGORA, ELISABETH.

E PODEMOS VÊ-LO SOFRER, SOFRER CONTINUAMENTE, LÁ NO SÍTIO ONDE ESTÁ.

PODEMOS AJUDÁ-LO?

NÃO.

EM VEZ DISSO, FLUTUAMOS AO LONGO DO CANAL DE GOTA, DEIXAMOS O VENTO BRINCAR COM OS NOSSOS CABELOS E FINGIMOS QUE TOMAMOS BANHO E NOS DIVERTIMOS, COMO IRMÃS, TU E EU.

PARA SEMPRE.

Malin está sentada numa cadeira de balouço nas traseiras da casa de Janne. Está a vê-los, a ele e a Tove, a varrer do jardim as folhas que caíram das árvores muito cedo, este ano. Os andaimes à volta da casa já foram retirados.

Está um dia agradável, cerca de vinte graus à sombra, uma luminosidade suave, e nas florestas os incêndios estão, finalmente, sob controlo.

Karin Johannison comparou todos os vestígios de ADN com os do caso Maria Murvall, mas sem qualquer resultado positivo.

O Mal, com diferentes encarnações.

Porque é que aconteceu precisamente agora? Porque é que Vera Folkman passou dos limites neste verão escaldante?

Malin não chega a nenhuma conclusão. Acordada, durante a noite, pensa: a história chegou ao fim, a crosta do vulcão explodiu, e o Mal soltou-se, numa torrente de lava, cansada de estar presa e silenciosa numa escuridão latente.

Malin telefona a Josefin Davidsson que lhe diz que se sente mais calma depois da hipnose.

Continuam sem saber quem telefonou para a polícia, ninguém se manifestou.

Malin encontra-se com Slavenca Visnic na cidade. Slavenca conta-lhe que tinha vendido os quiosques e vai voltar para Sarajevo.

– Chegou a hora – diz ela.

O apartamento de Malin perto da Igreja de St. Lars foi alugado, durante o outono e o inverno, a um estudante. Os pertences de Malin e de Tove continuam dentro de caixas na sala de estar de Janne.

Tove e Malin passeiam pelo jardim cuja relva, depois de uma forte chuvada, voltou a ficar verdejante.

As flores multicores ousam aparecer de novo, confiam que o calor exagerado já passou. As pétalas vibram com a brisa a confirmar que tudo regressou à normalidade.

Tove e Janne. Vocês pertencem-me, pensa Malin. Pertencemos uns aos outros. Devemos ficar juntos.

Devemos aprender a viver com este presente.